

Rua
Eusébio da S. Ferreira
R.3.018



APRESENTAÇÃO

Futebol em Moçambique: arte e memória

Gustavo Cerqueira Guimarães; Elídio Nhamona,
Nuno Domingos | 3-8

DOSSIÊ

Estádio da Machava: 50 anos de uma triangulação entre Moçambique, Brasil e Portugal

Marílio Wane | 9-23

Pequenos objetos, grandes debates: a construção de representações sobre Pelé nos selos postais moçambicanos

Diano Albernaz Massarani | 24-54

O desporto nas artes moçambicanas: uma abordagem sumária

Elídio Nhamona | 55-78

Mia Couto e o futebol: um olhar para Moçambique

Elcio Loureiro Cornelsen | 79-102

O canto do Moçambola: Campeonato Moçambicano de Futebol, campo fértil para investigações

Gustavo Cerqueira Guimarães | 103-123

Um regresso à história do futebol na capital de Moçambique durante o período colonial

Nuno Domingos | 124-140

PARALELAS

Futebol e identidade na Argélia: a história da seleção da Frente de Libertação Nacional (1958-62)

Renato Machado Saldanha, Verônica Toledo de
Carvalho | 141-153

**À sombra das crônicas imortais: futebol,
literatura e filosofia**

Bernardo Sansevero | 154-177

**A locução esportiva na TV, o infotainment e o
uso dos bordões: os casos de Silvio Luiz e
Rômulo Mendonça**

Renata de Paula dos Santos, Zeca Marques | 178-200

**Spectator Violence in Stadiums: Why do the
Hooligans Fight? An Essay in Honor of Eric Dunning**

Bernardo Borges Buarque de Hollanda | 201-221

TRADUÇÃO & EDIÇÃO

Duas canções de futebol em Moçambique

Elídio Nhamona | 222-229

ENTREVISTA

**Futebol de mulheres na Alemanha
Entrevista com Ana Kazz**

Elcio Loureiro Cornelsen | 230-238

POÉTICA

**Pelé, Moçambique e a densidade simbólica dos
selos postais**

Diano Albernaz Massarani | 239-249

Mutola

Paulina Chiziane | 250-254

Universidade Federal de Minas Gerais

Reitora: Prof.^a Sandra Regina Goulart Almeida
Vice-Reitor: Prof. Alessandro Fernandes Moreira

Faculdade de Letras da UFMG

Diretora: Prof.^a Sueli Maria Coelho
Vice-Diretor: Prof. Georg Otte

Ministério das Relações Exteriores/ Embaixada do Brasil em Maputo – colaboração
Chefe do Setor Educacional e Cultural: Luis Gustavo Buttes
Leitor Brasileiro: Gustavo Cerqueira Guimarães

FuLiA/UFMG – revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes

EDITORES

Elcio Loureiro Cornelsen
Gustavo Cerqueira Guimarães

EDITORES DE SEÇÃO

Dossiê – O FUTEBOL EM MOÇAMBIQUE: ARTE E MEMÓRIA
Gustavo Cerqueira Guimarães (Univ. Eduardo Mondlane)
Elídio Nhamona (Universidade Eduardo Mondlane)
Nuno Domingos (Universidade de Lisboa)

Entrevista, Tradução & Edição e Poética
Gustavo Cerqueira Guimarães

Paralelas
Raphael Rajão Ribeiro

CONSELHO EDITORIAL

Aldo Italo Panfichi, PUC, Peru
Aline Alves Arruda, CEFET/MG
Álvaro do Cabo, UFRJ
Andréa Casa Nova Maia, UFRJ
Andréa Sirihal Werkema, UERJ
André Alexandre Guimarães Couto, CEFET/RJ
André Mendes Capraro, UFPR
Arlei Damo, UFRGS
Bernardo Borges Buarque de Hollanda, FGV/RJ-SP
Christina Gontijo Fornaciari, UFV/MG
Cleber Dias, UFMG
Edônio Alves Nascimento, UFPB
Euclides de Freitas Couto, UFSJ
Fabiana Campos Baptista, UniBH
Fábio Franzini, UNIFESP
Flávio de Campos, USP
Francisco Ângelo Brinati, UFSJ
Francisco Pinheiro, Univ. de Coimbra, Portugal
José Carlos Marques, UNESP
José Geraldo Vinci de Moraes, USP
Leda Maria da Costa, UERJ
Leonardo Turchi Pacheco, UNIFAL/MG
Luciane Correa Ferreira, UFMG
Ludmilla Zago Andrade, UFMG
Luis Maffei, UFF/RJ
Luiz Carlos Ribeiro, UFPR
Marcelino Rodrigues da Silva, UFMG
Marcel Vejmelka, Univ. de Mainz, Alemanha
Mauricio Murad, UERJ/Universo

Pablo Alabarces, UBA, Argentina
Pedro Henrique Trindade Kalil Auad, UFAL
Plínio Ferreira Guimarães, IFES
Rafael Fortes Soares, UFRJ
Ricardo José Rosa Gualda, UFAL
Rodrigo Caldeira Bagni Moura, UFRJ
Sérgio Settani Giglio, UNICAMP
Silvana Viodre Goellner, UFRGS
Silvio Ricardo da Silva, UFMG
Tatiana Pequeno, UFF
Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa, UFMG
Vera Lúcia de Carvalho Casa Nova, UFMG
Victor Andrade de Melo, UFRJ
Wilberth Clayton Ferreira Salgueiro, UFES
Yvonne Hendrich, Univ. de Mainz, Alemanha

PARECERISTAS AD HOC

Elcio Cornelsen, UFMG
Elídio Nhamona, UEM/Moçambique
Everaldo de Oliveira Andrade, USP
Fausto Amaro Montanha, UERJ
Heloisa Baldy dos Reis, UNICAMP
Leandro Olegário, ESPM/RS
Luis Maffei, UFF
Matheus Serva Pereira, Univ. de Lisboa
Nuno Domingos, Univ. de Lisboa
Odilon Roble, UNICAMP
Pedro Silva Marra, UFES
Priscilla Dorella, UFV
Teresa Manjate, UEM/Moçambique

COORD. EDITORIAL, EDITORAÇÃO ELETRÔNICA, PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS E DIAGRAMAÇÃO

Gustavo Cerqueira Guimarães

PROJETO GRÁFICO

PeDRa LeTRa

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA EM REDES SOCIAIS

Erilma Desireé
Verônica Toledo

IMAGEM (Favicon do portal)

Pablo Lobato (Brasil)
Um a zero #2, 2012

IMAGEM DA CAPA

Marílio Wane (Moçambique)
Rua Eusébio, 2020



Futebol em Moçambique: arte e memória

Football in Mozambique: Art and Memory

A possibilidade de juntar um conjunto de artigos sobre a história e a atualidade do futebol moçambicano é por diversas razões oportuna. Por um lado, a história do futebol moçambicano é muito rica. Dos subúrbios da capital, Maputo, vieram alguns dos maiores talentos do futebol mundial no século XX; acima de todos eles, Eusébio da Silva Ferreira. Esses talentos, que nasceram do ambiente competitivo e criativo dos bairros periféricos da então Lourenço Marques, passaram a barreira da discriminação racial imposta pelo colonizador e seguiram para os grandes clubes da metrópole portuguesa, chegando mesmo à seleção nacional. Eles fazem parte de uma história global, marcada pelo tempo dos impérios. Nessa altura, como em tantas outras, o futebol, resgatado às paixões mais autênticas do povo torcedor pelos poderes, foi usurpado por estratégias políticas e diplomáticas. Em troca, porém, esses pode-

res tiveram de aceitar que os pobres jogadores mestiços e negros fossem elevados pela cultura popular ao estatuto de heróis nacionais, algo que contrariava as suas pulsões classistas e racistas.

Fundo o colonialismo em Moçambique, o futebol local não deixou de viver as alegrias e os desânimos que definiram o período da independência, até aos dias de hoje. A guerra civil e as constantes crises económicas dificultaram o desenvolvimento dos clubes e das competições. O crescimento das grandes cidades reduziu o espaço para os craques de pelada exibirem o seu valor. A carência económica extrema, a má nutrição e as doenças ceifaram ou debilitaram carreiras promissoras. E ainda assim o futebol não deixou de estar presente no quotidiano de Moçambique, tanto nas maiores cidades, como nos mais pequenos lugares. Os moçambicanos acompanham o mundo do futebol, esse espaço de cidadania global, e são agora adeptos globais informados, que seguem com detaile, e muitas vezes com mediação tecnológica, os maiores campeonatos do planeta, mantendo um especial interesse pelo futebol português e pelos seus clubes, não tivessem sido

estas das raras instituições do tempo colonial onde, apesar das discriminações, os moçambicanos puderam ver o seu talento reconhecido.

Pelo jogo jogado, o interesse também perdura. O campeonato moçambicano continua, competitivo, e os seus clubes e a seleção jogam ao mais alto nível com as melhores equipas do continente, embora ainda longe de grandes conquistas. Nos bairros suburbanos, se o espaço para jogar rareia, não faltam jogadores. Este entusiasmo é patente nas disputas em campeonatos informais – masculinos e femininos – com os organizados no “campinho” do famoso bairro da Mafalala. Aí se revela como o futebol continua a ser um elemento presente na vida de todos os dias, em Maputo, nas cidades moçambicanas e por toda a África.

A seção **Dossiê – FUTEBOL EM MOÇAMBIQUE: ARTE E MEMÓRIA** nos apresenta três pares de textos que conversam entre si mais de perto. Os dois primeiros abordam os tempos da inauguração do Estádio da Machava e de Pelé. Os artigos seguintes privilegiam a relação do jogo com a literatura moçambicana, um deles de modo panorâmico e o outro focado

em um autor. Os dois últimos procuram refletir de que modo a história do futebol em Moçambique constitui uma experiência social performativa e estética útil para questionar o futebol contemporâneo.

Abrimos o dossiê com “Estádio da Machava: 50 anos de uma triangulação entre Moçambique, Brasil e Portugal” do moçambicano Marílio Wane, doutorando na Universidade Nova de Lisboa, e pesquisador, desde 2007, do Instituto de Investigação Sociocultural do Ministério da Cultura de Moçambique. Seu ensaio aborda um fato histórico esportivo de grande relevância para Moçambique, Portugal e Brasil: os 50 anos da inauguração do Estádio da Machava em 2018. Wane nos relembra que a primeira partida foi entre as grandes seleções portuguesa e brasileira, mas pouca atenção foi dada a essa efeméride. Assim, na tentativa de compreender as razões disso, a reflexão aborda os condicionamentos políticos e ideológicos da produção da memória nos diferentes países “e procura entrever os pontos comuns de diálogo existentes nas diferentes construções discursivas das identidades nacionais, suas rupturas, continuidades, convergências e contradições”.

O artigo “Pequenos objetos, grandes debates: a construção de representações sobre Pelé nos selos postais moçambicanos”, de Diano Massarani, doutor em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense, em Niterói/RJ, foca nas representações sobre Pelé nos selos postais emitidos por Moçambique e coloca um ponto de confluência entre dois tópicos que têm suscitado crescente interesse de pesquisadores: a construção da imagem de Pelé, processo que recebe maior atenção por estudos no Brasil desde o início do século XXI, e o potencial simbólico dos selos postais, materiais que ao longo do mesmo período passaram a ser tratados mais amplamente como fonte de evidências por historiadores, geógrafos, sociólogos e antropólogos. Assim, sugere-se que os selos postais de Moçambique atuam nos dilemas e conflitos que marcam a imagem do “rei do futebol”.

Elídio Nhamona, professor de literatura da FLCS/UEM, em Maputo, escreveu “O desporto nas artes moçambicanas: uma abordagem sumária”. Neste artigo o pesquisador apresenta um panorama e empreende uma breve análise de algumas obras artísticas moçambicanas, especialmente literárias,

que abordam o tema do desporto ao longo do século XX. O autor demonstra “como essa atividade cultural foi usada para criticar os sistemas vigentes e discutir os meios para o estabelecimento de uma sociedade livre, fraterna e igualitária”.

“Mia Couto e o futebol: um olhar para Moçambique”, de Elcio Cornelsen, professor titular da FALE/UFMG, onde fundou o Núcleo de Estudos sobre Futebol Linguagem e Artes (FULIA), em 2010, também privilegia a literatura, mas diferentemente do artigo anterior, a atenção recai em Mia Couto. A análise privilegia três narrativas sobre futebol, pelas quais o autor procura construir uma imagem da nação a partir do jogo de futebol, evidenciando “mazelas existentes na sociedade moçambicana na contemporaneidade”.

Já o relato de pesquisa “O canto do Moçambola: Campeonato Moçambicano de Futebol, campo fértil para investigações”, de Gustavo Cerqueira, integrante do Núcleo FULIA há dez anos e, atualmente, leitor na FLCS/UEM, contextualiza a investigação sobre cânticos de futebol em Moçambique, expõe como se deu sua aproximação da torcida do Costa do Sol, durante o campeonato nacional de 2019, e

apresenta a história do Campeonato Moçambicano de Futebol. O texto, de apelo também ensaístico, revela bastidores dessa etnografia demonstrando ao mesmo tempo essa competição como um potente palco de investigações no campo da linguagem, das artes e da memória.

Para fechar o dossier, Nuno Domingos, da Universidade de Lisboa, um dos principais especialistas sobre o assunto, em “Um regresso à história do futebol na capital de Moçambique durante o período colonial”, retorna a um conjunto de três questões sobre a história desse esporte em Lourenço Marques durante o período colonial, aprofundando algumas dimensões de seu próprio trabalho, a saber: a relação do jogo da bola com a estratificação social e a formação de identidades sociais nas cidades; a questão da masculinidade em contexto urbano e as transformações das estruturas de poder moçambicanas; o debate sobre a modernidade colonial, expressa originalmente pelo jogo, e que tem no confronto entre a oralidade e a escrita um laboratório profícuo.

A seção **Paralelas**, dedicada a artigos variados, traz ainda a temática africana em “Futebol e identidade na Argélia: a

história da seleção da Frente de Libertação Nacional (1958-1962)”, de Renato Saldanha e Verônica Toledo, ambos doutorandos em Estudos do Lazer na UFMG. Esse artigo destaca a participação do futebol na construção da identidade argelina ao resgatar a trajetória da seleção formada pela Frente de Libertação Nacional e sua participação na luta pela independência do país. A análise afasta a tese simplista do futebol como ferramenta ideológica de alienação e manipulação.

Em seguida, “À sombra das crônicas imortais: futebol, literatura e filosofia”, de Bernardo Sansevero, doutor em Filosofia pela PUC-Rio, traz as crônicas de Nelson Rodrigues sobre futebol para um lugar de destaque com a defesa de sua “imortalidade”, contrariando uma visão comum que as enxerga como um mero apêndice da consagrada obra rodrigueana. O texto é embasado na estética de Kant, para quem o belo é algo que dá muito a pensar, sempre suscitando novas reflexões, uma vez que nenhuma explicação consegue abarcar por completo a forma bela e a rica matéria da obra de arte.

Zeca Marques e Renata dos Santos, pesquisadores da área de comunicação da Unesp, de Bauru/SP, colaboraram com

o artigo “A locução esportiva na TV, o infotainment e o uso dos bordões: os casos de Silvio Luiz e Rômulo Mendonça” cuja análise recai na trajetória desses narradores esportivos, através do rádio e da TV, que se notabilizaram pelo uso de bordões para descrever o que acontece em campo e em quadra. Por meio de uma pesquisa exploratória, de revisão bibliográfica, o artigo analisa como esses narradores recorrem ao humor e às referências externas ao campo do futebol para descrever ao público os detalhes da partida. Para tanto, os autores recorrem ao conceito de infotainment.

O ensaio *“Spectator Violence in Stadiums: Why do the Hooligans Fight? An Essay in Honor of Eric Dunning”* (“Violência torcedora nos estádios: por que os hooligans brigam? Um ensaio em homenagem a Eric Dunning”), de Bernardo Buarque, pesquisador da Escola de Ciências Sociais da FGV, revisita a obra da Escola de Leicester, com destaque à figura proeminente de Eric Dunning, discípulo de Norbert Elias e sistematizador das ideias do sociólogo alemão na Inglaterra, líder no processo de constituição de uma sociologia dos esportes modernos naquele país. Sugere-se que a posição de Dunning

na condição de aprendiz de Elias logo se nivela e converte-se em profícua parceria. Destaca-se o fenômeno do hooliganismo, para o qual Eric Dunning e sua equipe dedicaram boa parte dos esforços analíticos de interpretação.

A seção **Tradução & Edição** traz “Duas canções de futebol em Moçambique”, de Elídio Nhamona. Uma das letras, “Prefiro ir ao futebol”, de Alexandre Langa, embora possua o título em português, foi composta em xichangana. E a outra, “Matateu”, de Gonzana, o texto é em xirhonga, ambas línguas africanas de origem bantu. Elídio, no papel de tradutor, apresenta as letras originais e suas versões em português.

Na seção **Entrevista**, o pesquisador Elcio Cornelsen conversa com Ana Kazz, jornalista, atleta e mestra em desenvolvimento desportivo sobre o futebol de mulheres na Alemanha. Avalia o interesse do público alemão pelo futebol de mulheres, apresenta similaridades na história e no desenvolvimento da modalidade em comparação com o Brasil, nos conta também sobre sua vivência como torcedora nas arquibancadas, e nos fala sobre a relação da mídia e do marketing com o futebol de mulheres na atualidade.

Por fim, a seção **Poética** que além de publicar trabalhos artísticos autorais em diálogo com a temática do dossiê, também publica breves ensaios de pesquisadores que destacam a relação do futebol com as artes (literatura, teatro, performance, fotografia, cinema, teledramaturgia, pintura, música etc.). Nesta edição, Diano Massarani, em “Pelé nos selos postais moçambicanos”, apresenta, em detalhes, oito selos de Moçambique que representam o Rei, o maior atleta do século passado. E, para fechar, a editora Nandyala gentilmente nos cedeu os direitos de reprodução da narrativa “Mutola”, de Paulina Chiziane, escritora de grande destaque no cenário da literatura contemporânea de Língua Portuguesa. Essa narrativa, seguida de uma ilustração de nosso colaborador Igor Silva, tensiona com destreza as relações de gênero no futebol a partir da história de Maria Lurdes Mutola, medalhista olímpica e mundial dos 800 metros, considerada a maior atleta moçambicana de todos os tempos, que começou sua vida esportiva praticando o futebol – “Obrigada Mutola, águia dos deuses!”.

Kanimambo! Boa leitura.

Maputo e Lisboa, 29 de março de 2022.

Gustavo Cerqueira Guimarães

Universidade Eduardo Mondlane
Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Maputo/Moçambique

Elídio Nhamona

Universidade Eduardo Mondlane
Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Maputo/Moçambique

Nuno Domingos

Universidade de Lisboa,
Instituto de Ciências Sociais, Lisboa/Portugal

Estádio da Machava: 50 anos de uma triangulação entre Moçambique, Brasil e Portugal

Machava Stadium: 50 Years of a Triangulation between Mozambique, Brazil and Portugal

Marílio Wane

Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal
Doutorando em Ciências Musicais, UNL
marilio.mz@gmail.com

RESUMO: Este ensaio aborda a notória baixa repercussão midiática de um fato histórico de grande relevância no debate público para os três países diretamente envolvidos: Moçambique, Portugal e Brasil. Trata-se da partida de futebol entre as seleções nacionais de Portugal e Brasil, disputada a 30 de junho de 1968 e que completou 50 anos em 2018, durante a Copa do Mundo da Rússia. Na tentativa de compreender as razões do desconhecimento generalizado em relação ao fato nos diferentes países, a reflexão aqui apresentada aborda os condicionalismos políticos e ideológicos da produção da memória nos diferentes contextos em questão. Para além das particularidades observáveis sobre o tema em cada um dos países, este ensaio procura entrever os pontos comuns de diálogo existentes nas diferentes construções discursivas das identidades nacionais, suas rupturas, continuidades, convergências e contradições.

PALAVRAS-CHAVE: Colonialismo; Memória coletiva; Patrimônio cultural.

ABSTRACT: This essay discusses the notoriously low mediatic repercussion of an historic event of great relevance on the public debate within the three countries directly involved: Mozambique, Portugal and Brazil. It is a football match between the Portuguese and Brazilian national teams, held on June 30th of 1968, which has celebrated 50 years in 2018, during the Russia FIFA World Cup. As an attempt to understand the reasons for the widespread unawareness of this fact in the three different countries, the present reflection approaches political and ideological conditionings on the production of collective memory in those various contexts. Besides the evident specificities about this issue in each of the countries, this essay seeks to glimpse some common point of dialogue on the discursive constructions of its national identities, its ruptures, continuities, convergences and contradictions.

KEYWORDS: Colonialism; Collective Memory; Cultural Heritage.

INTRODUÇÃO: O CAMPO

Ano de Copa do Mundo é um período que o assunto “futebol” domina as conversas entre as pessoas em geral, amigos e familiares, bem como parte importante do debate público a nível global. Entre comentários sobre jogadores, equipes e jogos, a competição é também um momento de celebração da memória do próprio esporte, cujos feitos do passado são trazidos ao presente para melhor contextualizar os jogos ou simplesmente para alimentar o interesse do público. Entretanto, no meio disso tudo, a passagem de um fato histórico da maior importância parece não ter sido devidamente registrada por aqueles que tratam da memória coletiva nos três países envolvidos.

No dia 30 de junho de 1968, foi inaugurado o Estádio da Machava, aquele que durante décadas, foi o principal palco do futebol moçambicano,¹ tendo abrigado os principais clássicos, bem como os jogos da seleção nacional. Muito além disso, o Estádio da Machava é considerado oficialmente como um “local histórico” pelo fato de, sete anos mais tarde, a 25 de Junho de 1975, ter sido o local escolhido para a proclamação da independência nacional. Diante de uma multidão exultante e esperançosa por novos tempos, Samora Machel, o primeiro presidente do país, declarou a “independência total e completa” e a sua “constituição em República Popular de Moçambique”. Ou seja, falamos aqui de uma nação simbolicamente “nascida” em um campo de futebol.

Voltando ao ano de 1968, o Estádio da Machava foi originalmente batizado como “Estádio Salazar”, em homenagem a António de Oliveira Salazar, Primeiro-Ministro de Portugal e líder do Estado Novo, o regime fascista que praticamente se confunde com o próprio colonialismo português no século XX. De tal forma que a inauguração do estádio revestiu-se de todas as honras dignas de uma cerimónia oficial de Estado, tornando-se, inevitavelmente, num ato de propaganda política do regime. De fato, na altura, o projeto da construção foi concebido para ser o maior empreendimento esportivo do governo português nas colónias; para além do campo de futebol, uma pista de atletismo e outras infra-estruturas para a prática de outras modalidades estavam contempladas e foram entregues.

¹ Atualmente, este posto é ocupado pelo Estádio Nacional do Zimpeto, inaugurado em 2011, por ocasião dos XI Jogos Africanos.



Selo comemorativo alusivo à inauguração do “Estádio Salazar”, a 30 de junho de 1968, nos arredores da então cidade de Lourenço Marques, atualmente Maputo.

O JOGO

Para celebrar o evento, a cereja do bolo foi nada mais nada menos que um jogo amistoso entre as seleções nacionais de Portugal² e do Brasil. Para se ter uma ideia da dimensão desta partida, basta dizer que tratava-se de um confronto entre aquelas que são consideradas algumas das mais importantes formações dos dois lados. Do lado português, estava a seleção que alcançou, até hoje, o resultado mais expressivo da história do futebol nacional: o terceiro lugar na Copa do Mundo de 1966, realizada na Inglaterra. E do lado brasileiro, falamos da base da equipe que, dois anos mais tarde, veio a conquistar a Copa do Mundo de 1970, disputada no México. Contando com jogadores como Pelé, Tostão, Rivellino, Jairzinho, Gérson e outros, é por muitos considerada como a melhor formação de sempre do Brasil e uma das melhores de todos os tempos.

² Para todos efeitos, naquele contexto e de acordo com a lógica e o discurso colonial, Moçambique fazia parte de Portugal, como uma “província ultramarina”.

Sobre a seleção portuguesa, é incontornável referenciar dois de seus principais jogadores: Eusébio Ferreira da Silva e Mário Esteves Coluna. Ambos dispensam apresentações, entretanto, para efeitos do tema tratado aqui, o fato de serem naturais de Moçambique é particularmente significativo, tendo em vista o carácter propagandístico do evento. Infelizmente e por razões que vale a pena investigar, Eusébio, a estrela maior “portuguesa”, não pôde disputar a partida, desfalcando consideravelmente a sua equipe por conta de uma operação de retirada de meniscos no joelho. E como que para equilibrar, do lado brasileiro também teve a sua baixa: ninguém menos que Pelé, a estrela maior do grupo, que não participou porque disputava jogos amistosos pelo Santos, o seu clube no Brasil.

Neste que foi o primeiro jogo das duas seleções no continente africano, o facto é que o jogo terminou em 2 a 0 a favor dos brasileiros, cujos tentos foram anotados por Rivellino e Jairzinho. Ambos eram também considerados como alguns dos melhores jogadores daquela equipe e de seus clubes no Brasil, Corinthians e Botafogo, respetivamente. De maneira quase fortuita, dois dos principais jogadores da equipe vencedora – Rivellino e Tostão – fizeram, cada um à sua maneira, referências à partida que, como veremos a seguir, é pouco conhecida do público do futebol de uma maneira geral.

Rivellino falou sobre o jogo num comentário casual durante um programa televisivo,³ no qual discorria sobre o “elástico”, o drible que era a marca registrada de seu talento como jogador. Entre outros aspectos, orgulhava-se de tê-lo aplicado em verdadeiros “monstros sagrados” do futebol, como o Mário Coluna e o alemão Franz Beckenbauer. Por sua vez, Tostão refere-se ao jogo em *Tempos vividos, sonhados e perdidos: um olhar sobre o futebol*, livro de memórias publicado em 2016, em que reflete sobre questões atuais através da sua longa e marcante experiência como futebolista. Nas suas palavras:

Nessa ocasião, fizemos um amistoso contra Portugal em Lourenço Marques (atual Maputo), capital de Moçambique que na época, era colónia portuguesa. Quando chegamos ao aeroporto, havia uma enorme multidão e todos gritavam: ‘Pelé! Pelé!’. Imaginei que não sabiam que Pelé não estava presente. No hotel e nos treinos foi a mesma coisa. Quando chegamos ao estádio para o jogo, a multidão era muito maior. Continuavam gritando por

³ Foi durante o programa “Resenha Espn”, exibido no canal brasileiro ESPN Brasil.

Pelé, e pensei que todos entrariam para ver o jogo. Quando começou a partida, olhei em volta, e o estádio estava quase vazio. Aí, comprehendi que o ingresso era muito caro e que só os portugueses mais ricos assistiram a partida. Os africanos não viram o jogo nem Pelé.⁴



A seleção brasileira durante a Copa de 1970, com a famosa linha de frente entre os jogadores agachados, da esquerda para a direita: Jairzinho, Rivellino, Tostão, Pelé e Paulo César.

Fonte: Acervo CBF.

A MEMÓRIA

Apesar de toda a densidade simbólica contida neste jogo histórico entre Portugal e Brasil em Moçambique, o mesmo é amplamente desconhecido de boa parte do público (de futebol ou não) nos três países envolvidos. É certo que talvez deva-se à ausência de Eusébio e Pelé, que eram duas das grandes estrelas do futebol mundial na altura e que, certamente, dariam maior visibilidade à partida. Entretanto, para além deles, outra grande ausência se fez sentir: a do próprio homenageado.

⁴ TOSTÃO. *Sonhos vividos, sonhados e perdidos*, p. 39-40. Este depoimento contrasta com relatos publicados pela imprensa brasileira da época, especialmente no *Jornal dos Sports*, do Rio de Janeiro, que davam conta de um público significativo no jogo.

Contrariando a expectativa inicial de acordo com a programação do evento, Salazar não compareceu à cerimónia de inauguração devido a um outro compromisso oficial.⁵ Aliás, deve-se registrar aqui o curiosíssimo fato de, em mais de quatro décadas de governo, Salazar praticamente nunca ter saído de Portugal, naquele que pode ser considerado um retrato mais do que caricato do provincianismo de uma mentalidade fascista.

Como se costuma dizer, a memória constitui-se não apenas daquilo que se é lembrado, mas também daquilo que se é esquecido, de modo a se construir uma determinada interpretação dos eventos históricos, gerando uma narrativa. Em outras palavras, estes eventos são lembrados ou esquecidos de acordo com a conveniência, que pode ser ditada por interesses de certos grupos sociais, pelo momento histórico ou pela dinâmica própria da vida social. Mesmo pessoas que viveram ou testemunharam uma determinada situação podem ser literalmente traídas pela narrativa petrificada de um memória construída ou idealizada. Neste caso, por exemplo, é comum ouvir de pessoas de idade avançada que viveram na Lourenço Marques de então, que Eusébio e Pelé jogaram a partida. Quando sabemos que, objetivamente, não se fizeram presentes.

Para melhor compreender a dimensão deste jogo-cerimônia oficial, faz-se necessário um breve recuo ao contexto político e histórico, que pode dizer muito sobre a nuvem de esquecimento que paira sobre o tema. A década de 1960 marca uma viragem crítica na dinâmica do colonialismo português, motivado sobretudo pelas lutas de libertação nos territórios sob seu domínio em África e na Ásia. Na verdade, tais movimentos ecoavam um processo maior de descolonização a nível global, impulsionado pelas primeiras independências nos dois continentes já a partir da década de 1950. De modo que Portugal passa a sofrer forte pressão internacional devido ao anacronismo da sua política imperialista somada às graves violações de direitos humanos correlacionadas.

Como resposta, num primeiro momento, o regime salazarista apostou numa propaganda política assimilacionista, em que tentava convencer a comunidade

⁵ Embora convidados, também não compareceram ao evento o Presidente da República, Almirante Américo Tomás, o Ministro do Ultramar, Silva Cunha e o então Governador-Geral de Moçambique, Baltazar Rebelo de Sousa.

internacional da inexistência de uma situação “colonial”. Para tal, lançou mão do luso-tropicalismo,⁶ uma teoria criada pelo sociólogo brasileiro Gilberto Freyre,⁷ como a ideologia oficial, cientificamente legitimada.⁸ De forma sucinta, esta corrente de pensamento afirmava uma especificidade inata dos portugueses na sua relação com as populações e territórios dos trópicos sob seu domínio, que resultaria numa convivência harmoniosa, onde todos sentiam-se “portugueses”. Entretanto, o avanço das lutas de libertação no continente africano obrigaram o regime a soluções mais repressivas, notadamente a partir da segunda metade da década de 1960. Em Moçambique, assim como em outras então colónias, assistiu-se à intensificação da perseguição política, com prisões, torturas e assassinatos dos “subversivos”, ou “terroristas”, tal como alardeava a terminologia do discurso colonial.

O ano de 1968 é particularmente crítico, tanto a nível mundial como local. É o ano do famoso “Maio de 68” na França, em que a juventude da chamada “contra-cultura” questiona valores morais tidos como pilares da civilização ocidental. No mesmo passo do processo de descolonização em curso no continente africano, a resistência anti-colonial em Moçambique dá um importante passo com a realização do II Congresso da Frelimo, no mês de julho de 1968, em território moçambicano, no qual o movimento organiza-se ainda mais e define melhor as suas estratégias de luta. E ainda neste ano, no mês de setembro, o próprio Salazar, no poder desde 1926, cessa funções como chefe do governo português, após quatro décadas de mandato ditatorial.

Enfim, é com este pano de fundo que, a 30 de junho de 1968, inaugura-se o atual Estádio da Machava, agraciado com a honraria de receber duas equipes míticas

⁶ CASTELO. *O modo português de estar no mundo: o luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa*, p. 96-7.

⁷ No debate académico brasileiro, a Gilberto Freyre é atribuída também a criação do “mito da democracia racial”, uma espécie de ideologia racista que contribui para a manutenção do establishment através da negação da existência de preconceito e da discriminação racial no país.

⁸ Durante a década de 1950, Freyre foi convidado pelo governo português a viajar pelas então colónias e pela Metrópole para difundir a sua teoria em palestras, relatos e publicações. Sobre a sua passagem pela Ilha de Moçambique (antiga capital do então território colonial), em janeiro de 1952, afirmou: “Aqui encontro um ambiente ideal para quem procura sentir e não apenas compreender a presença ou a estabilidade lusitana no Ultramar” (FREYRE. *Aventura e Rotina: sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação*, p. 408); “Sob o domínio português, tornou-se uma das mais vigorosas, complexas e harmônicas microcivilizações regionais dentro do complexo lusotropical de cultura humana.” (p. 411); “Aqui (...) se encontra o ambiente superideal, com condições quase de laboratório sociológico e etnológico, para o estudo dos processos portugueses de interpenetração de culturas paralelo ao de miscigenação (p. 412).

do futebol mundial. Todos estes aspectos tornam particularmente intrigante o alto grau de desconhecimento (ou “esquecimento”) sobre o evento na memória colectiva, mesmo tomando-se em conta as ilustres ausências. É interessante refletir sobre o tema a partir das três perspectivas aí envolvidas: a portuguesa, a brasileira e a moçambicana. Em todos os casos, fica-se com a impressão de tratar-se de um tema incómodo, sobre o qual há diversas razões para não trazê-lo à tona. Podemos constatar esse dado, salvo engano, a partir da ausência quase que completa de referências à passagem dos 50 anos da partida na imprensa dos três países.

Por que, então, o esquecimento? Ou ainda mais precisamente, por que o silenciamento acerca de um episódio tão rico e revelador das nuances e complexidades históricas dos três países? Mais do que pretender encontrar respostas objetivas (algo que exigiria um trabalho aprofundado de pesquisa histórica e jornalística), refletir a respeito contribui para a elucidação de dados importantes que não só ajudam a reconstruir o passado como também contribuem para o debate de temas contemporâneos.⁹

PORUGAL: A “METRÓPOLE”

Do ponto de vista do país responsável pela organização do evento, tem-se a impressão que a rememoração de um ato de propaganda colonial é, em si, algo incómodo, dada a carga negativa intrinsecamente associada. Tanto mais curioso é o facto de que no dia 30 de junho de 2018, ou seja, no dia em que completaram-se os 50 anos da efeméride, a seleção portuguesa atuou pela Copa do Mundo,¹⁰ o que seria um prato cheio a ser explorado pela cobertura midiática, que costuma aproveitar ocasiões como estas para tal. Embora não haja elementos suficientemente consistentes para explicar tal silêncio, importa apontar a existência de um tabu em relação ao legado colonial na opinião pública portuguesa contemporânea. Especialmente, no que tange à questão do racismo estrutural, social e culturalmente herdado a partir das relações históricas com os povos outrora sob seu domínio colonial.

⁹ À época, Eusébio e Mário Coluna viveram situações e questionamentos sobre a sua identidade semelhantes às que vivem atualmente muitos jogadores das seleções europeias que têm origens e/ou nasceram nas ex-colónias africanas e asiáticas.

¹⁰ Derrota para a seleção do Uruguai por 2 a 0.

No Museu do Futebol Clube do Porto, encontra-se exposta a flâmula alusiva aos jogos disputados entre o Futebol Clube do Porto e o antigo Desportivo de Lourenço Marques pelas meias-finais da Taça de Portugal de 1958, a 25 de maio e

1º de junho de 1958. Essa flâmula que dá conta da realização de dois jogos entre o clube anfitrião e o antigo Grupo Desportivo de Lourenço Marques (atual Grupo Desportivo de Maputo), disputados em 1958,¹¹ portanto, dez anos antes da inauguração do então Estádio Salazar. Foram jogos válidos pelas semifinais da Taça de Portugal daquele ano, em que foram convidadas equipes das antigas colónias para participar da fase final da competição.¹² Ações como essa visavam materializar a ideia de que as colónias eram parte integrante de uma mesma nação, justamente a ideia de continuidade ou comunidade espiritual em relação à antiga Metrópole, conforme pregava a ideologia luso-tropicalista.



Imagen: arquivo pessoal/Marílio Wane.

para disputarem a Taça de Portugal sugere um precedente da instrumentalização do futebol para propósitos políticos, isto claro, sem deixar de lado o interesse puramente desportivo da iniciativa. Todo o investimento e logística implicados no evento dão a dimensão da importância atribuída a realizações desta natureza no contexto colonial. Seria interessante proceder a uma análise dos relatos da imprensa da época, nas colónias e na Metrópole, no sentido de perceber em que medida o engajamento produzido pelo espetáculo contribuiu ou não para o efeito, de acordo com as distintas repercussões.

O convite feito às equipes africanas

¹¹ Desportivo LM 2 a 6 FC Porto, a 25 de maio de 1958; FC Porto 9 a 1 Desportivo LM, a 1º junho de 1958.

¹² No mesmo contexto, o Ferroviário de Huíla, de Angola, também foi convidado a participar da fase final da competição.

BRASIL: O CONVIDADO

No caso do Brasil, o silêncio sobre o episódio traz outro conjunto de questões delicadas. Para já, é no mínimo notório que num país que produz um alto volume de informação sobre futebol não se mencione um fato histórico relevante sobre aquela que é considerada a sua melhor formação, a que encarna o ideal do jogo caracteristicamente “brasileiro”. Ainda nos dias de hoje, imagens das conquistas das Copas do Mundo de 1958, 1962, 1970 e as mais recentes, 1994 e 2002, são repetidas à exaustão durante a programação televisiva. Entretanto, mesmo um brasileiro médio conchedor do futebol nacional não tem gravadas na sua memória as imagens da Copa do Mundo de 1966, disputada na mesma época, entre duas conquistas importantes. Aqui, estamos diante de dois fenómenos importantes no processo de construção da memória coletiva: a repetição constante – para exaltar os feitos positivos – e a seletividade – para “esquecer” o que não interessa lembrar.

Bastante notório deste caráter seletivo é o fato irônico de a seleção brasileira ter sido eliminada da Copa de Mundo de 1966 justamente pela equipe portuguesa, pelo placar de 3 a 1, sendo dois dos tentos anotados por Eusébio. Basicamente, eram as bases das mesmas equipes que se enfrentariam dois anos depois, na então Lourenço Marques. Tal como já referido anteriormente, a equipe brasileira que foi a campo neste jogo era, fundamentalmente, a mesma que se sagraria campeã mundial dois anos depois, no México.

Se no ano de 2018, não houve por parte da imprensa brasileira nenhuma referência digna de nota ao jogo, o mesmo não se pode dizer de aquando da sua realização efetiva. A partir de crônicas publicadas no célebre *Jornal dos Sports*,¹³ o pesquisador brasileiro Elcio Cornelsen procedeu a uma análise da polifonia produzida por tais textos, através dos quais é possível entrever aspectos do contexto político da época.¹⁴ Tais aspectos caracterizam-se por visões ideológicas refletidas no comentário futebolístico, que tornam-se relevantes devido ao grande alcance deste jornal e o seu peso na formação da opinião pública de então. Para além do

¹³ Fundado em 1931 e editado na então capital, Rio de Janeiro, foi durante décadas o principal jornal dedicado exclusivamente ao noticiário esportivo no Brasil, tendo criado um estilo próprio, que veio a influenciar o jornalismo esportivo em todo o país.

¹⁴ CORNELSEN. “Tudo em família com a Paz do Senhor” – certa vez no Estádio Salazar, p. 137.

clima de revanche associado a esta partida (pela própria linha editorial do jornal), Cornelsen aponta para o caráter nacionalista/ufanista nos textos dos colunistas Nelson Rodrigues¹⁵ e Jocelyn Brasil e um notório tom “conciliatório” e “fraternal” (que remete à ideologia luso-tropicalista) no texto de Zé de São Januário. Portanto, trata-se de uma partida em relação à qual há um conjunto de ingredientes de grande relevância histórica: alto nível técnico, rivalidade, logística complexa e o seu inexorável caráter político.

Há ainda outros dados relevantes, pois trata-se da primeira apresentação da seleção brasileira de futebol no continente africano, onde encontram-se as raízes históricas e culturais de cerca de metade da população do país¹⁶ e, significativamente, da maioria dos seus jogadores mais talentosos historicamente. Aqui, coloca-se a questão deste fato não merecer destaque ou registo na construção narrativa futebolística nacional veiculada de forma repetitiva pelos meios de comunicação locais. Com o “aggravante” de o evento ter ocorrido em Moçambique, país com o qual compartilha laços históricos e culturais. Ainda que a título de especulação, este aspecto do silenciamento encaixa-se num quadro mais geral de distanciamento simbólico do Brasil em relação à África contemporânea,¹⁷ operado pelo sistema de ensino e, mais uma vez, pela grande imprensa local.

Do ponto de vista político, o Brasil vivia os primeiros anos de uma ditadura militar, iniciada em 1964 e que enquadrava-se no contexto de um processo mais abrangente e contemporâneo na América Latina. Este dado coloca a questão do significado simbólico e político da participação da seleção brasileira no evento. Para além da excelência amplamente reconhecida no mundo do futebol – o que por si só seria um enorme atrativo para a inauguração do Estádio Salazar – o Brasil era tido como o modelo ideal de sucesso no âmbito da teoria luso-tropicalista. Neste sentido, a presença da equipe canarinha contribuiria para ratificar o discurso da

¹⁵ RODRIGUES. *O melhor futebol do mundo*, p. 4. Neste texto, denota-se um traço marcante do célebre escritor carioca: a crítica ao que chamava de “complexo de vira-lata”, que seria um sentimento de inferioridade dos brasileiros diante das nações mais desenvolvidas do mundo. Em grande medida, este posicionamento confunde-se com um nacionalismo exacerbado, como contraponto.

¹⁶ GOMES; MARLI. *As cores da desigualdade*, p. 14-9. Em pesquisa recente, as autoras demonstram a persistência de más condições de vida em que vive este vasto segmento da população brasileira, como herança do racismo estrutural engendrado pelo sistema escravocrata.

¹⁷ CORNELSEN. “Tudo em família com a Paz do Senhor” – certa vez no Estádio Salazar, p. 136.

propaganda colonial portuguesa, aliada à admiração natural que a população já nutria pelos seus jogadores.¹⁸

Já em relação ao aspecto prático, de certa forma, a participação brasileira poderia sugerir alguma simpatia ou afinidade com o regime colonial português. Nada surpreendente para um regime igualmente autoritário. Muito provavelmente, reside aí uma das possíveis razões fundamentais para o silenciamento brasileiro sobre o caso: não ficaria bem deixar registada para a história uma provável instrumentalização da seleção nacional para apoio a um regime colonial. Algo, que diga-se de passagem, não seria de todo estranho, uma vez que o sucesso da equipe foi explicitamente usado pelo regime militar para estimular o patriotismo, especialmente depois da conquista da Copa do Mundo de 1970.¹⁹ Está aí uma hipótese mais do que plausível para que não hajam muitas referências ao histórico confronto com a seleção portuguesa.

Moçambique: o anfitrião

No caso moçambicano, o silenciamento em torno deste jogo é particularmente grave por se tratar da inauguração do local em que, sete anos depois, foi proclamada a independência nacional. Ou seja, em um local histórico da mais alta relevância, oficialmente reconhecido. Numa primeira tentativa de explicação, temos o significado colonialista do evento em si, que é a própria antítese do simbolismo do que ocorreu sete anos depois no mesmo local. Em outras palavras, a independência veio justamente para suplantar as práticas e os valores socioculturais relacionados com a dominação colonial sobre os moçambicanos. Entretanto, apesar das possíveis “razões de Estado”, a realidade do facto histórico permanece e é inexorável.

Há um contexto mais geral, neste caso, que envolve o silenciamento sistemático de diversos acontecimentos e situações ocorridos no tempo colonial, no âmbito da construção da narrativa histórica de uma nação independente, a partir de 1975. Daquilo que se pode depreender da historiografia oficial moçambicana, a

¹⁸ Como exemplo disso, há aqui mais uma singela ironia relacionada com Eusébio: quando criança, destacou-se numa equipe de futebol das zonas suburbanas de Lourenço Marques conhecida como os “Brasileiros da Mafalala”.

¹⁹ PELÉ. Direção: Ben Nicholas, David Tryhorn. Brasil, 2021 (108 min), son. col.

chamada Luta Armada de Libertação Nacional²⁰ surge como um verdadeiro mito fundador do país, culminando com a Independência, o “glorioso 25 de Junho”. Sobretudo na primeira década após a conquista da autodeterminação, durante a vigência do regime socialista, a ideologia oficial tratou de consolidar tal narrativa por meio dos discursos públicos, do sistema de ensino, dos meios de comunicação de massa, enfim, por meio da propaganda. De tal forma que muitos acontecimentos do período colonial que não se encaixavam na lógica um tanto maniqueísta do discurso oficial foram relegados ao segundo plano ou ao puro e simples esquecimento.

E, sensivelmente, ainda nos dias de hoje, há muitos fatos sobre os quais não há interesse em se trazer à tona, seja pelo seu carácter naturalmente delicado, seja por uma opção ideológica feita num determinado contexto e que ainda reverbera na atualidade. Enfim, seja pelo lapso provocado por acúmulos e sobreposições de silenciamentos que levam a esquecimentos, seja por inércia, ou pela ação do tempo, o dado concreto é que a efeméride completou 50 anos de passagem sem que fosse devidamente assinalada por quem de direito e de ofício. E mesmo que ainda tivesse sido assinalado, um facto desta envergadura deveria constar da memória coletiva moçambicana, futebolística ou não, independente da celebração da data em si. O Estádio da Machava é um património histórico e cultural de Moçambique, cujo surgimento vale a pena ser conhecido na íntegra, se nem tanto pela pompa e circunstância daqueles que o ergueram, que seja pela arte dos que abriram os seus caminhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio resulta de uma aproximação exploratória sobre o tema, sendo uma das razões a própria escassez de registros sobre o evento em si. O artigo de Elcio Cornelsen anteriormente citado é um dos poucos trabalhos acadêmicos contemporâneos existentes, tendo servido, de certa forma, como uma caixa de ressonância para algumas ideias aqui desenvolvidas. Neste sentido, espera-se que seja uma contribuição para futuros trabalhos acadêmicos – e não só – sobre o tema,

²⁰ Refere-se ao período de dez anos do confronto armado entre o governo português e a Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique), bem como todo o processo de mobilização política interna e externa, que culminaram com a independência, em 1975.

não apenas o jogo de futebol em si, mas as temáticas mais abrangentes que o envolvem. Há, por exemplo, todo um campo de estudos aberto acerca do uso do esporte como ferramenta de propaganda colonial portuguesa, que não se restringiu apenas ao futebol; os Jogos Luso-Brasileiros, realizados também na década de 1960, apresentam-se como um bom exemplo deste fenómeno e, certamente, merecem ser mais e melhor estudados.



Eusébio, ausente no jogo, mas eternizado na rua suburbana do Bairro da Mafalala, que o viu crescer. Arquivo Pessoal/Marílio Wane. [Capa da revista *FuLiA/UFMG*, v. 6, n. 2, 2021]

E a nível de abrangência maior, a reflexão sobre as diversas dinâmicas em torno de uma partida específica de futebol – tal como se pretendeu neste ensaio – permite entrever um objeto de estudo de ainda maior envergadura, merecedor do mais alto grau de profundidade analítica. Trata-se do jogo de relações políticas triangulares que envolve cada um dos espaços pertinentes. Desde o aspecto logístico ao ideológico, todo o conjunto de diligências necessárias para a realização do jogo revelam os mecanismos através dos quais se dava tal “triangulação” (conforme o título do ensaio) e, sobretudo, os significados pretendidos como resultados de tal ação. Concretamente, o aumento da produção acadêmica acerca desta temática permite ampliar o conhecimento sobre um variado leque de debates, tais como: a construção da identidade portuguesa através do discurso colonial-imperialista; o

lugar do Brasil nesse mesmo discurso, bem como a sua participação efetiva; e a dimensão do legado colonial no patrimônio cultural moçambicano. Longe de constituírem um exercício de saudosismo, uma sociologia do esporte sobre este contexto possui imenso potencial de contribuir para o debate de questões sociais que estão na ordem do dia nas três pontas do “triângulo”.

* * *

REFERÊNCIAS

- A SELEÇÃO BRASILEIRA durante a Copa de 1970. Disponível em: <https://bit.ly/2Yd16AJ>. Acesso em 26 set. 2021.
- CASTELO, Cláudia. **O modo português de estar no mundo:** o luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961). Porto: Edições Afrontamento, 1998.
- CORNELSEN, Elcio Loureiro. “Tudo em família com a Paz do Senhor” – certa vez, no Estádio Salazar. **FuLiA/UFMG**, Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, 126-138, jan.-abr., 2018.
- FREYRE, Gilberto. **Aventura e rotina:** sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1980.
- GOMES, Irene; MARLI, Mônica. As cores da desigualdade. **Retratos a Revista do IBGE**. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Rio de Janeiro, n. 11, p. 14-9, maio 2018.
- PELÉ. Direção: Ben Nicholas, David Tryhorn. Brasil, 2021, 108 min., son. col.
- RODRIGUES, Nelson. O melhor futebol do mundo. **Jornal dos Sports**. N. 12.247, Rio de Janeiro, p. 4.
- SELO COMEMORATIVO alusivo à inauguração do “Estádio Salazar”, a 30 de junho de 1968. Blogue Houses of Maputo. Disponível em: <https://bit.ly/2ZZzBv8>.
- TOSTÃO. **Tempos vividos, sonhados e perdidos**. São Paulo: Cia das Letras, 2016.

* * *

Recebido para publicação em: 22 mar. 2021.
Aprovado em: 17 out. 2021.

Pequenos objetos, grandes debates: a construção de representações sobre Pelé nos selos postais moçambicanos

Tiny Objects, Great Discussions: The Construction of Representations on Pelé through Mozambican Postage Stamps

Diano Albernaz Massarani

Doutor em Antropologia, UFF, Niterói/RJ
diano_am@yahoo.com.br

RESUMO: Ao objetivar estudar as representações sobre Pelé através dos selos postais emitidos por Moçambique, o presente artigo se coloca como um ponto de confluência entre dois tópicos que têm suscitado crescente interesse nos pesquisadores: a construção da imagem de Pelé, processo que recebe maior atenção por estudos no Brasil desde o início do século XXI, e o potencial simbólico dos selos postais, materiais que ao longo do mesmo período passaram a ser tratados mais amplamente como fonte de evidências por historiadores, geógrafos, sociólogos e antropólogos. Entre outros, ao sugerir que os selos postais de Moçambique atuam nos dilemas e conflitos que marcam a imagem de Pelé, as análises aqui realizadas permitem contestar a perspectiva de que os selos que não apresentariam relação aparente com a história nacional, o patrimônio cultural, a população local, e os interesses políticos do Estado emissor seriam simbolicamente vazios e comunicativamente frágeis.

PALAVRAS-CHAVE: Pelé; Selos postais; Moçambique; Representação.

ABSTRACT: Aiming to study the representations on Pelé through postage stamps from Mozambique, this paper appears as a confluence point between two topics that have aroused growing interest in researches: the construction of the image of Pelé – a process that receives more attention by Brazilian studies since the beginning of this century – and the symbolic potential of the postage stamps – materials that over the same period began to be treated more widely as a source of evidence by historians, geographers, sociologists, and anthropologists. By suggesting that Mozambican postage stamps act on the dilemmas and conflicts that mark Pelé's image, the analysis allows the contesting of the vision that the stamps that would not have an apparent relationship with the national history, the cultural heritage, the local people, and the political interests of the issuing State would be symbolically empty and communicatively fragile.

KEYWORDS: Pelé; Postage Stamps; Mozambique; Representation.

INTRODUÇÃO

Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, não é somente o futebolista mais comumente eleito por enquetes de todas as ordens como o melhor que já existiu. A utilização do advérbio “somente” na frase anterior parece até inapropriada, tantas e tamanhas são as láureas futebolísticas de Pelé, mas se faz necessária diante da extração, para além do universo esportivo, que sua imagem tem vivenciado. Pelé foi condecorado Cavaleiro-Comendador pela Ordem do Império Britânico e Comendador pela Ordem do Rio Branco, é pai de um filho condenado à prisão por ligação com tráfico de drogas e não compareceu ao velório de uma filha reconhecida apenas após decisão judicial, foi nomeado Embaixador da Boa Vontade da UNESCO e Embaixador da ONU para a Ecologia e Meio Ambiente, inspirou crônicas de Nelson Rodrigues e livro de Mário Filho, cantou em dueto com Elis Regina e foi cantado por Jorge Ben, ouviu Romário declarar que “Pelé calado é um poeta” e a sentença se tornar um instrumento para retrucar muitas de suas opiniões, estrelou filme com Sylvester Stallone e novela com Regina Duarte, foi pintado por Andy Warhol e esculpido ao lado do Imperador chinês Wu, foi agraciado pela organização judaica B'nai B'rith com a medalha nacional de direitos humanos e tem sido acusado por diversas correntes de movimentos civis por se mostrar omissivo diante de discussões raciais, é nome de rua em Montevidéu e de estádio em Teerã, protagonizou enredo da Escola de Samba Caprichosos de Pilares e história em quadrinhos criada por Maurício de Souza, foi escolhido Ministro Extraordinário dos Esportes e virou nome de lei federal, pediu ajuda para as crianças pobres após marcar o milésimo gol de sua carreira e viu uma empresa com o seu nome ser acusada de se apropriar indevidamente de recursos destinados a um evento para a infância carente organizado pela UNICEF, foi premiado Cidadão Global pelo Fórum Econômico Mundial e tem sido escolhido por décadas como garoto propaganda de produtos que vão de café a pilha, foi namorado da Xuxa, foi nomeado Embaixador Honorário da Copa do Mundo de 2014 sediada pelo Brasil e algumas de suas declarações o tornaram alvo de protestos que ocuparam diversas cidades do país durante a realização daquele evento.

Concordando com a afirmação de Luiz Henrique de Toledo de que “Pelé venciou ou experimentou quase todas as dimensões do social”,¹ esse longo parágrafo introdutório aponta para alguns traços fundamentais dos processos envolvidos na construção da imagem de Pelé. Primeiro, percebe-se que tão conhecidas quanto as glórias de Pelé são as situações polêmicas que não raramente nascem de seu intenso trânsito social, situações estas que o tornam exposto a críticas as mais diversas e catalisam a produção de representações divergentes – às vezes conflitantes – sobre sua pessoa. Além do mais, a imagem de Pelé seria marcada por tamanha densidade e multiplicidade simbólica que acabaria, em certos contextos, se entrelaçando a processos envolvidos com a construção da identidade nacional. Ainda para Toledo, “Pelé ocupa uma posição simbolicamente relevante no imaginário brasileiro e, por isso mesmo, muitas vezes protagoniza jogos de representações sobre o próprio Brasil que o colocam como um sinalizador de alguns dos projectos mais acalentados da nação”.² Inclusive, é neste sentido que o turbilhão de representações oriundo da circulação social de Pelé tem começado a receber maior atenção por parte de pesquisadores interessados em questões relacionadas à construção da identidade brasileira, resultando em estudos com focos diferentes em termos de período da trajetória de Pelé a ser esmiuçado, de caráter da questão a ser discutida, e de materiais a serem analisados.

Massarani, interessado nos primeiros anos de Pelé como futebolista e nos processos que o levaram a ser exaltado como um Rei encarregado de satisfazer as esperanças dos brasileiros, examina textos da revista *A Gazeta Esportiva Ilustrada* nas décadas de 1950 e 1960;³ Melo aborda os comentários que foram motivados pelo lançamento do filme *Rei Pelé*, de Carlos Hugo Christensen, no ano de 1963, e os relaciona às particularidades culturais que envolvem a identidade brasileira;⁴ Florenzano explora o contexto da despedida de Pelé da seleção brasileira em 1971, trazendo à tona, através de materiais jornalísticos, as tentativas de dirigentes esportivos e políticos de demover o jogador da ideia, as negativas do jogador aos

¹ TOLEDO. Pelé: os mil corpos de um rei, p. 149.

² TOLEDO. Pelé: os mil corpos de um rei, p. 149.

³ MASSARANI. De revelação a Rei: representações sobre Pelé na revista *A Gazeta Esportiva Ilustrada* nas décadas de 1950 e 60.

⁴ MELO. Garrincha x Pelé: futebol, cinema, literatura e a construção da identidade nacional.

apelos, e as repercussões de um caso intimamente envolvido com a significação de Pelé como símbolo nacional;⁵ Silva inclui peças publicitárias protagonizadas por Pelé, autobiografias e visitações à exposição “Pelé: a arte do Rei” em seu corpo de pesquisa, buscando compreender a perenidade da imagem de Pelé e os discursos raciais e nacionais que a atravessam.⁶

A bibliografia supracitada indica que este século tem presenciado um enriquecimento dos debates voltados para contextos em que a imagem de Pelé surge atrelada à construção da identidade brasileira. Entretanto, como também sinaliza o parágrafo introdutório, a imagem de Pelé apresenta um alcance que não se limita às fronteiras do Brasil, posto que nem sua circulação se restringe a esferas da sociedade brasileira, nem as representações sobre sua pessoa se resumem àquelas veiculadas por materiais nacionais. Ocorre que se os conteúdos produzidos por agentes brasileiros têm sido cada vez mais buscados por pesquisadores interessados na trajetória de Pelé, não se verifica um crescimento de interesse semelhante direcionado para as representações colocadas em circulação por produtos com origem em outros países. É esse espaço ainda pouco explorado que o presente artigo pretende adentrar.

Ao se debruçar sobre as representações de Pelé comunicadas pelos selos postais emitidos por Moçambique, este artigo inclui entre seus objetivos a discussão das contribuições que materiais de origem não brasileira podem oferecer aos estudos dedicados à construção da imagem de Pelé. Concomitantemente, o artigo também busca se somar às pesquisas que desde o início do século XXI têm discutido com maior profundidade o potencial simbólico dos selos postais e a utilização destes materiais como fonte de evidências por historiadores, geógrafos, sociólogos e antropólogos.

A princípio, a escolha por direcionar o olhar para as emissões postais que representam Pelé se justifica pelo grande volume de material em circulação e pela produção praticamente ininterrupta de novos itens ao longo dos últimos 50 anos. Neste cenário, Moçambique ocupa um lugar de destaque, tendo produzido itens

⁵ FLORENZANO. A cerimônia do adeus: “a nação traída” (I parte).

⁶ SILVA. *Pelé e o complexo de vira-latas: discursos sobre raça e modernidade no Brasil*.

relacionados a Pelé em pelo menos seis oportunidades só neste século.⁷ Os objetivos deste artigo, todavia, exigem que a opção pelos selos postais recebam justificativas com maior embasamento teórico, tarefa à qual se dedica a próxima seção, que se volta para questões como o aumento do número de pesquisas que tratam os selos como fontes de evidências, as características que fazem dos selos potentes comunicadores, os assuntos que tem a primazia na elaboração dos selos, e, por fim, as peculiaridades que envolvem a produção, circulação e significação dos selos neste século, quando a função destes objetos como comprovantes do pagamento de taxas se mostra drasticamente reduzida devido à intensa perda de espaço das trocas de correspondências intermediadas pelos serviços postais para a comunicação via e-mail, telefone celular e redes sociais virtuais.

PARTE I

Ultrapassando uma perspectiva estritamente utilitária, Reid pontua que os selos postais – desde o primeiro a ser produzido, na Grã-Bretanha, em 1840, estampando a Rainha Victoria –, mais do que meros comprovantes de pagamento de taxas, surgem como portadores de conteúdos simbólicos: “The stamps of almost any country can yield significant information for the historian in search of symbolic messages”.⁸ Por essas e outras, o autor simultaneamente criticava o que via como um menosprezo por parte dos historiadores, no sentido de acionar os selos apenas como ilustrações de argumentos já elaborados com base em documentos escritos,⁹ e sugeria que a década de 1980 se apresentava como um terreno fértil para as pesquisas com estes materiais.¹⁰

⁷ O uso da expressão “pelo menos” enfatiza que não se tem a pretensão de ostentar um conhecimento completo acerca dos selos postais que fazem referência a Pelé. Muito porque, conforme será aprofundado ao longo do artigo, diversos selos relacionados a Pelé foram emitidos em comemoração a eventos que não se limitam a sua trajetória pessoal, de modo que uma simples busca pelo termo “Pelé” em catálogos filatélicos não dará conta de todos os itens que o representam. Apenas a título de ilustração, Pelé se faz presente em pelos menos duas emissões que celebram momentos da trajetória de Nelson Mandela.

⁸ REID. *The symbolism of postage stamps: a source of historians*, p. 229.

⁹ REID. *The symbolism of postage stamps*, p. 223.

¹⁰ REID. *The symbolism of postage stamps*, p. 224.

Entretanto, nota-se a existência de uma gama de estudos recentes assegurando que os pesquisadores seguiam negligenciando,¹¹ omitindo,¹² ignorando,¹³ recusando¹⁴ e até ridicularizando¹⁵ as evidências oferecidas pelos selos. Em 2010, críticas e sugestões como as de Reid¹⁶ ainda ressoavam nas elaborações de Hoyo:

Stamps will no appear in academic texts; if they do, their role will probably be more of a casual image than as a real part of the argumentation. However, we should be more careful when not noticing postage stamps; perhaps, they not only accompany messages and texts but are messages on themselves.¹⁷

De certa maneira, o último parágrafo faz lembrar a famosa metáfora do copo meio cheio ou meio vazio de líquido para definir o cenário dos estudos com selos postais. Enxergar o copo meio vazio seria reproduzir o discurso de que os selos seguem sendo abandonados pelas pesquisas acadêmicas, como garantem dezenas de artigos publicados ao longo dos últimos anos. Por outro lado, enxergar o copo meio cheio seria justamente destacar que dezenas de artigos foram produzidos recentemente discutindo o potencial comunicativo dos selos. Dentre os trabalhos dessa ordem, observa-se uma significativa atenção direcionada para as evidências oferecidas pelos selos que permitiriam analisar os interesses dos emissores das mensagens veiculadas, no caso os representantes do Estado, haja vista que cada governo incumbe determinados agentes da tarefa de tomar decisões referentes a tema, design, valor, tiragem, data de lançamento, distribuição e outras particularidades referentes aos selos postais.¹⁸

Afirmar que o Estado controla as emissões postais não significa dizer que a produção dos selos se apresente isolada de influências externas. Pelo contrário, trabalhos dedicados à questão asseguram que a participação de agentes não associados ao Estado é intensa a ponto de tornar necessário problematizar as etapas de

¹¹ SCHWARZENBACH. Portraits of the Nation: Imagery on Belgian Postage Stamps, 1914-1945, p. 95.

¹² JONES. Heroes of the Nation? The Celebration of Scientists on the Postage Stamps of Great Britain, France and West Germany, p. 403.

¹³ ADEDZE. Commemorating the Chief: The Politics of Postage Stamps in West Africa, p. 68.

¹⁴ DEANS; DOBSON. East Asian postage stamps as socio-political artefacts, p. 3.

¹⁵ RAENTO; BRUNN. Visualizing Finland: postage stamps as political messengers, p. 146.

¹⁶ REID. The symbolism of postage stamps.

¹⁷ HOYO. Posting Nationalism: Postage Stamps as Carriers of Nationalist Messages, p. 67-8.

¹⁸ COVINGTON; BRUNN. Celebrating a Nation's Heritage on Music Stamps: Constructing an International Community, p. 125; HOYO. 2010, p. 72.

elaboração dos selos. Um desses trabalhos é desenvolvido por Dobson, que, comparando a produção de selos japoneses e britânicos no século XXI, argumenta que processos dessa ordem envolvem etapas com duas faces interligadas: uma formal e outra informal.¹⁹ A face formal seria decretada por documentos oficiais elaborados pelas instituições governamentais, enquanto a face informal estaria relacionada com a influência exercida por agentes de outras esferas. Quanto à influência de agentes não governamentais, Adedze traz que, em se tratando de emissões ligadas à Copa do Mundo, a FIFA possuiria influência junto às instituições postais de alguns países africanos.²⁰

Ressalvas feitas sobre a complexidade que não permite enxergar as mensagens veiculadas pelos selos como reflexos puros dos interesses do Estado emissor, ainda assim as instituições governamentais possuem participação decisiva o suficiente a ponto de os temas, designs, cores, imagens e valores dos selos se erguerem como frutíferas fontes de evidências para se estudar tais interesses. É neste sentido, inclusive, que Covington e Brunn propõem os selos como “*Windows of the State*”:

Postage stamps in truth are ‘windows’ of the state as through its stamp issues the state can decide ‘what it wants to show to others about itself’. [...] Even a cursory investigation into the stamps issued by any state reveals evidence of what the state’s political leaders in any given period wished to promote about the state to its own citizens and those in bordering or distant countries.²¹

Neste ponto, se abre uma questão cujo conteúdo aparece sintetizado na seguinte indagação: “Since stamps are an official document of the state and the government alone is authorized to issue them, the question we would like to raise is why do countries use stamps as miniaturized platforms for transmitting messages?”.²² Uma alternativa para abordar tal questão se encontra no debate das características singulares que os selos apresentam quando comparados a outros produtos de caráter oficial.

A primeira observação a ser realizada acerca das características dos selos é que esses objetos circulam, enquanto outros produtos oficiais, como monumentos

¹⁹ DOBSON. The Stamp of Approval: Decision-Making Processes and Policies in Japan and the UK, p. 57.

²⁰ ADEDZE. Visualizing the Game: The Iconography of Football on African Postage Stamps, p. 296.

²¹ COVINGTON; BRUNN. Celebrating A Nation’s Heritage on Music Stamps, p. 125.

²² LIMOR; MEKELBERG. The Smallest Ideological and Political Battlefield: Depicting Borders on Postage Stamps – The Case of Israel, p. 906.

e praças públicas, são fixos e dependentes de visitações para a comunicação de mensagens.²³ Ademais, o poder de circulação dos selos seria reforçado tanto pela penetração dentro das fronteiras nacionais dos sistemas postais²⁴ como pela possibilidade de as mensagens veiculadas ultrapassarem estas fronteiras via correspondências internacionais.²⁵ Como produtos que alcançam audiências no interior e no exterior das fronteiras do Estado emissor, os selos se destacariam até de outros produtos oficiais de intensa circulação nacional, como são as moedas e as cédulas monetárias.²⁶ Além disso, a criação de selos se apresentaria mais diversificada do que a de determinados produtos oficiais como as bandeiras e hinos, que sofreriam mudanças em episódios raros na história de um país, e os itens monetários, que seriam modificados majoritariamente por questões técnicas.²⁷ Para Child: “Almost every conceivable theme and image has appeared in some manner on a postage stamp, and the variety of forms, styles, and themes seems open-ended”.²⁸

Quanto à versatilidade, cabe realçar as diferenças entre os selos classificados como ordinários (tiragem ilimitada e prazos de comercialização indefinidos, sendo os mais utilizados cotidianamente pelos serviços postais) e como comemorativos (tiragem limitada, prazo de comercialização definido e o explícito objetivo de celebrar temas desejados pelo Estado).²⁹ Acrescenta-se que os selos são comumente emitidos em séries que podem ultrapassar uma dezena de unidades diferentes.³⁰

Isto posto, retoma-se com mais embasamento a questão sobre os objetivos que levam os governos a controlar as etapas de produção de selos, entre elas a criação dos conteúdos a serem vinculados. Tão ramificada é a questão que se torna inviável explorá-la aqui em sua íntegra, mas é de confiança que seus pontos-chave são abordados quando se discute a utilização dos selos visando a construção de

²³ RAENTO; BRUNN. Visualizing Finland, p. 146.

²⁴ HOYO. Fresh Views on the Old Past: The Postage Stamps of the Mexican Bicentennial, p. 21.

²⁵ SCHWARZENBACH. Portraits of the Nation, p. 95.

²⁶ BRUNN. Stamps as Iconography: Celebrating the Independence of New European and Central Asian States, p. 316.

²⁷ MALONEY. “One of the Best Advertising Mediums the Country Can Have:” Postage Stamps and National Identity in Canada, New Zealand and Australia, p. 34.

²⁸ CHILD. The Politics and Semiotics of the Smallest Icon of Popular Culture: Latin American Postage Stamps, p. 110.

²⁹ JONES. Heroes of the Nation?, p. 404.

³⁰ KEVANE. Official Representations of the Nation: Comparing the Postage Stamps of Sudan and Burkina Faso, p. 79.

comunidades nacionais, a comunicação de mensagens geopolíticas e a obtenção de receitas financeiras.

São frequentes ao redor do mundo, independente da classificação quanto ao nível de desenvolvimento econômico e à forma de regime do país, a celebração de façanhas nacionais através dos selos. Inclusive, a relevância nacional invariavelmente aparece como um dos critérios formais estabelecidos pelas próprias instituições encarregadas das emissões postais, como colocam em relevo Frewer³¹ e Hoyo³² ao lidarem, respectivamente, com os contextos japonês e mexicano no início deste século.

Compreender a atuação dos selos em processos de construção de comunidades nacionais parte da ideia de que a identificação nacional envolve – para além de leis, documentos e limites territoriais decretados pelo Estado – o compartilhamento de representações que são comunicadas através de práticas e produtos culturais, entre os quais, propõe-se aqui, se incluiriam os selos. O Estado não é o único produtor de símbolos nacionais, porém os recursos massivos, a organização institucional e a penetração dentro das fronteiras que demarcam sua soberania tornam os produtos oficiais potentes comunicadores de nacionalismo.³³ Argumentos neste sentido são elaborados por Wallach sobre o Mandato Britânico da Palestina na década de 1920.³⁴ Para o autor, visando a criação de um território nacional judeu na Palestina, agentes investiram na criação de selos com interesses que, para além do utilitarismo, envolviam a construção simbólica da nação em uma região marcada por instabilidade geopolítica:

[...] during the upheaval caused by the collapse of the Ottoman empire and by British occupation, symbolic objects played a constitutive role in nation-building: they were employed not to shape the “content” of national identity within already existing nation-states, but rather to produce the very framework of nationhood.³⁵

Uma medida com o intuito de incentivar a identificação nacional se encontra na tentativa de alimentar, em cada cidadão, o sentimento de que a nação é uma comunidade cujos limites coincidem com os limites físicos do território sob a auto-

³¹ FREWER. Japanese Postage Stamps as Social Agents: Some Anthropological Perspectives, p. 9.

³² HOYO. Fresh Views on the Old Past, p. 30.

³³ KEVANE. Official Representations of the Nation, p. 91.

³⁴ WALLACH. Creating a Country through Currency and Stamps: State Symbols and Nation-Building in British-Ruled Palestine.

³⁵ WALLACH. Creating a Country through Currency and Stamps, p. 129.

ridade do Estado. É neste sentido que, segundo Clausen, durante o contexto de ocupação germânica da Dinamarca, entre 1940 e 1945, a produção dos selos foi cuidadosamente executada para evitar o favorecimento de uma região em detrimento de outra.³⁶ Isso pois, naquele cenário, o Estado dinamarquês teria o interesse em estimular a inclusão dos cidadãos em torno de uma mesma comunidade simbólica, e não de dividi-los: “The stamps needed to carry a common national identity; it needed to be an all-country stamp”.³⁷

Entre as estratégias para se preencher os selos com mensagens nacionalistas se destaca a celebração de elementos do patrimônio nacional³⁸ como mapas e bandeiras, heróis e episódios históricos, espécies da fauna e flora, paisagens naturais e monumentos. Sobre temas relacionados à música, Covington e Brunn afirmam: “[...] stamps portraying leading composers, individual or groups of artists, bars of familiar music (such as national anthems), indigenous instruments and commemorations of festival events and holidays are meant to visibly promote and celebrate nationalism”.³⁹ Já Cusack, definindo os selos como *little transmitters of nationalism*,⁴⁰ argumenta que governos portugueses, desde o século XIX, têm produzido selos exaltando figuras das chamadas Grandes Descobertas com o intuito de avivar a identificação com a nação.⁴¹

Sobrevém que, conforme discutido, os selos se destacam de grande parte dos produtos oficiais por sua circulação atravessar as fronteiras nacionais, ampliando o potencial comunicativo destes objetos para além das mensagens que visam estimular o sentimento de identificação nacional. Na concisa afirmação de Raento: “Crossing national boundaries adds to the stamps’ semiotic power”.⁴² Aprofundando a argumentação, Raento sugere que a circulação aquém e além-fronteiras – somada ao caráter oficial e às propriedades visuais – tornam os selos potenciais comunicadores de geopolítica.⁴³ Em particular, a autora afirma o papel dos selos na criação do que chamou de fronteiras

³⁶ CLAUSEN. “The Postage Stamps Needs to be an All-Country Stamp...” – Danish Postage Stamps and National Identity, 1940-45.

³⁷ CLAUSEN. “The Postage Stamps needs to be an All-Country Stamp...”, p. 17.

³⁸ COVINGTON; BRUNN. Celebrating a Nation’s Heritage on Music Stamps, p. 126.

³⁹ COVINGTON; BRUNN. Celebrating a Nation’s Heritage on Music Stamps, p. 128.

⁴⁰ CUSACK. Tiny Transmitters of Nationalist and Colonial Ideology: The Postage Stamps of Portugal and Its Empire, p. 597.

⁴¹ CUSACK. Tiny Transmitters of Nationalist and Colonial Ideology, p. 602.

⁴² RAENTO. Communicating Geopolitics through Postage Stamps: The Case of Finland, p. 602.

⁴³ RAENTO. Communicating Geopolitics through Postage Stamps, p. 602.

materiais e conceituais de uma nação⁴⁴ e acrescenta: “Stamps ‘create an imagined geography of the world’ and place one’s country within that framework”.⁴⁵

Em termos geopolíticos, uma questão encarada como prioritária envolve as disputas e negociações pela legitimação da soberania de um Estado com relação a uma determinada região. A esse respeito, Child lista uma dezena de casos na América Latina em que os selos teriam impactado relações entre Estados envolvendo a demarcação de limites territoriais,⁴⁶ o que se daria através da comunicação de mensagens que iam desde a exaltação de símbolos militares nos momentos em que o caráter bélico dos conflitos se tornou mais acentuado até a comemoração da assinatura de tratados de paz que teriam resolvido as disputas.⁴⁷ Por sua vez, Limor e Mekelberg argumentam que representantes do Estado de Israel têm buscado estender a soberania para áreas localizadas além de suas fronteiras territoriais que recebem reconhecimento internacional.⁴⁸ Para tal, as estratégias neste sentido envolveriam desde a anexação e ocupação de territórios até a emissão de selos que, representando eventos históricos, mapas e paisagens, atuariam na construção de novas fronteiras: “Postage stamps are not only used for intra-state communication but also distributed throughout the world as well and thus can carry an international ‘boundaries message’, which reinforces a geopolitical reality”.⁴⁹

O discutido até aqui sugere que a construção de comunidades de sentimento integradas por símbolos nacionais e a comunicação de mensagens geopolíticas se encontram entre os principais interesses dos Estados quando realizam investimentos nos selos postais. Entretanto, é necessário levar a discussão adiante, pois entende-se que lacunas apareceriam caso a discussão ignorasse os interesses econômicos envolvidos.

O surgimento de inovações tecnológicas como telefone, fax, rádio, televisão e internet tem causado impacto os mais diferentes nas formas de comunicação e, certamente, a transmissão de mensagens através dos selos não passou incólume. Em se tratando dos efeitos mais recentes, é perceptível que a comunicação via e-

⁴⁴ RAENTO. Communicating Geopolitics through Postage Stamps, p. 603.

⁴⁵ RAENTO. Communicating Geopolitics through Postage Stamps, p. 625.

⁴⁶ CHILD. The Politics and Semiotics of the Smallest Icon of Popular Culture, p. 127.

⁴⁷ CHILD. The Politics and Semiotics of the Smallest Icon of Popular Culture, p. 131-2.

⁴⁸ LIMOR; MEKELBERG. The Smallest Ideological and Political Battlefield, p. 906.

⁴⁹ LIMOR; MEKELBERG. The Smallest Ideological and Political Battlefield, p. 924-5.

mail, telefone celular e redes sociais virtuais gradualmente tem ocupado fatia considerável do espaço antes protagonizado pelas trocas de correspondências intermediadas pelos serviços postais. Essa queda da demanda dos serviços postais levou a uma diminuição considerável da necessidade de usar selos como comprovantes do pagamento das taxas. Porém, ainda que tal contexto sugira um arrefecimento do controle das etapas de produção dos selos postais por parte do Estado, esta hipótese tem sido rechaçada por pesquisas que concluem que agentes governamentais ao redor do mundo seguem atentos para que os temas e designs dos selos convirjam com seus respectivos interesses.⁵⁰

Sobre a África do Sul, em particular, Hammett acrescenta que desde 1994 se verifica um aumento na produção de selos quando comparado às décadas anteriores, e argumenta que a compreensão do quadro sul-africano passaria por enxergar que os selos, para além do potencial para reforçar narrativas criadas pelo Estado, também seriam considerados fontes de renda para os cofres públicos na medida em que são procurados como objetos colecionáveis.⁵¹ Embora Hammett defina o quadro sul-africano como intrigante,⁵² não se pode dizer que seja único. Números pesquisados por Child⁵³ e Van der Grijp⁵⁴ sobre a emissão anual de selos ao redor do mundo indicam que a primeira década do século XXI experimentou um crescimento no ritmo de produção. Além do mais, estudos de emissões originadas em locais como o Japão,⁵⁵ os países latino-americanos,⁵⁶ as ex-colônias portuguesas na África,⁵⁷ a França, a Inglaterra e a antiga Alemanha Ocidental⁵⁸ apontam que não seria uma característica exclusiva deste século o envolvimento de motivações financeiras na produção de selos. Sendo assim, parece pertinente aprofundar o de-

⁵⁰ DEANS. Isolation, Identity and Taiwanese Stamps as Vehicles for Regime Legitimation. HOYO. 2012. LIMOR; MEKELBERG. The Smallest Ideological and Political Battlefield. HAMMET. Envisaging the Nation: The Philatelic Iconography of Transforming South African National Narratives, p. 531.

⁵¹ HAMMET. Envisaging the Nation, p. 531.

⁵² HAMMET. Envisaging the Nation, p. 531.

⁵³ CHILD. The Politics and Semiotics of the Smallest Icon of Popular Culture.

⁵⁴ VAN DER GRIJP. Reconsidering the Smallest of Artifacts: On the Origins of Philatelic Collecting.

⁵⁵ FREWER. Japanese Postage Stamps as Social Agents, p. 6.

⁵⁶ CHILD. The Politics and Semiotics of the Smallest Icon of Popular Culture, p. 125.

⁵⁷ CUSACK. Tiny Transmitters of Nationalist and Colonial Ideology, p. 592.

⁵⁸ JONES. Heroes of the Nation?, p. 11.

bate sobre o interesse dos Estados emissores em obter receitas através da comercialização de selos para colecionadores.

Lembrando que os primeiros selos entraram em circulação em 1840 na Inglaterra, tão cedo quanto 1842 já era possível encontrar registros de pessoas interessadas em colecioná-los, de modo que não seria exagero interpretar a gênese da filatelia como contemporânea ao próprio surgimento dos selos.⁵⁹ Para Van der Grijp, o considerado período clássico da filatelia teria durado até a virada do século XIX (algumas publicações demarcam a década de 1870), e seria assim classificado por ser visto como uma época em que os selos não eram produzidos em quantidades além da necessária para cumprir as funções postais.⁶⁰ Outro marco na história da filatelia, segundo Jones, teve início nos anos 1940, quando o desenvolvimento de novas técnicas de impressão possibilitou a ampliação da variedade de design dos selos, impulsionando a produção dos chamados selos comemorativos.⁶¹ Com isso, a coleção temática teria começado a se estabelecer como um dos principais ramos da filatelia, se consolidando na década de 1970, conforme Frewer.⁶² Há pouco, em 2018, um documento produzido pela *Royal Philatelic Society London* garantia que a filatelia contava com uma base globalmente estabelecida formada por colecionadores, revendedores e organizações.

Com o título de *The Future of Philately as seen in 2018*, o documento – assinado por um conjunto de filatelistas que se autointitula “W4 group” – aponta para um cenário de mudanças. Por um lado, a rotinização do uso da internet estaria permitindo aos filatelistas acessar, de casa, catálogos, artigos, documentos, livros, revistas especializadas, exposições, fóruns de debates, palestras e sites para aquisição de materiais em quantidade e diversidade nunca disponível. Por outro lado, a atividade estaria sofrendo com o desaparecimento de espaços como lojas filatélicas, clubes sociais e feiras, além da rarefação de selos que tenham cumprido a função postal. Quanto à escassez de selos que tenham circulado fixados a correspondências, o documento insiste que o século XXI tem sido marcado por uma elevada taxa de emissão de selos postais – “The number of stamps issued each year contin-

⁵⁹ ALMEIDA; VASQUEZ. *Selos Postais do Brasil*, p. 23-4.

⁶⁰ VAN DER GRIJP. Reconsidering the Smallest of Artifacts, p. 89.

⁶¹ JONES. *Heroes of the Nation?*, p. 404.

⁶² FREWER. *Japanese Postage Stamps as Social Agents*, p. 16.

nues to grow” –,⁶³ mas indaga em tom crítico: “There are still 200 countries issuing stamps – 9000 new stamps are issued every year. What proportion of these are ever used for postage?”.⁶⁴

Essa pergunta condensa um dos principais pontos de tensão da filatelia neste século: a existência de um volume enorme de selos, que cresce ano após ano, mas cuja maior proporção acabaria depreciada por supostamente não ter sido produzida para o cumprimento de funções postais. Mesmo que não seja uma prática recente – Jonsson⁶⁵ e Adedze⁶⁶ a identificam há décadas na Coreia do Norte e na Libéria, respectivamente –, seria cada vez mais comum encontrar selos que sequer chegam às agências postais do país de origem, tendo sido enviados diretamente para o mercado internacional, suscitando julgamentos como os de Hoyo: “However, these late cases perhaps should not be named postage stamps properly, as they do not have any real postage use”.⁶⁷ Uma nova camada de complexidade é adicionada pelos argumentos de que quando a obtenção de lucro assumiu protagonismo, as etapas de seleção dos temas e de design dos selos passaram a ser majoritariamente guiadas pelos gostos dos filatelistas.⁶⁸ Entre os temas apreciados pelos filatelistas estariam animais domésticos, espécies selvagens, exploração espacial, meios de transporte, personagens da Disney e as chamadas celebridades. No que se refere às celebridades, a pergunta título de um artigo escrito por Slemrod é emblemática: “Why Is Elvis on Burkina Faso Postage Stamps?”.⁶⁹

Para Slemrod, um selo emitido por Burkina Faso retratando Elvis Presley simbolizaria uma atividade cada vez mais recorrente, que seria um país que os índices geográficos e econômicos classificam como pequeno e pobre produzir selos que supostamente não apresentam nenhuma relação com sua história e população.⁷⁰ A discussão é adensada com a criação de conceitos como *stamp pandering*, para designar a prática de emitir selos direcionados imediatamente para ao mer-

⁶³ W4. The Future of Philately as seen in 2018, p. 13.

⁶⁴ W4. The Future of Philately as seen in 2018, p. 14.

⁶⁵ JONSSON. The Two Koreas' Societies Reflected in Stamps.

⁶⁶ ADEDZE. Visualizing the Game.

⁶⁷ HOYO. Posting Nationalism, p. 73.

⁶⁸ KEVANE. Official Representations of the Nation, p. 79.

⁶⁹ SLEMROD. Why Is Elvis on Burkina Faso Postage Stamps? Cross-Country Evidence on the Commercialization of State Sovereignty, p. 683.

⁷⁰ SLEMROD. Why Is Elvis on Burkina Faso Postage Stamps?, p. 683.

cado, *stamp panderer*, para classificar países adeptos dessa atividade comercial, e *pandering subjects*, para definir os temas dos selos que aparentemente não apresentariam nenhuma ligação com o patrimônio cultural do país emissor.⁷¹ Os conceitos elaborados pelo autor sugerem que o espaço decisivo ocupado pelos interesses comerciais na etapa de seleção dos temas teria feito com que os selos produzidos visando o mercado filatélico passassem a refletir o gosto dos colecionadores, e não necessariamente valores caros aos representantes do Estado emissor. Diante desse panorama, parece nascer um receio de que os selos estariam perdendo potencial simbólico e comunicativo.

Quanto a isso, segundo Jones, os selos relacionados à temática da ciência foram acionados como veículos de expressão de nacionalismo pelos governos de Grã-Bretanha, França e Alemanha Ocidental entre os anos de 1951 e 1990, mas o crescimento do interesse comercial por parte das instituições responsáveis pelas emissões e do poder de influência dos filatelistas estariam causando uma redução do potencial comunicativo dos selos: “Thus the message content of commemorative stamps is being reduced, although the desire to project a national image was still dominant in the three countries through most of the period studied”.⁷² Na mesma linha, Jonsson afirma que, por volta da década de 1960, na Coreia do Norte, a obtenção de lucro através do mercado filatélico sobrepôs o uso postal como combustível para a produção de selos, gerando mensagens transmitidas que não apresentariam relação significativa com a nação, como seriam aquelas exaltando personalidades internacionais famosas.⁷³ Daí a conclusão de que o período examinado se caracterizaria por um enfraquecimento do potencial dos selos norte-coreanos para comunicar mensagens políticas:

The tendency for North Korea is that stamps originally reflected political and economic developments but that the picture since the 1960s has become more varied. It seems, albeit with fluctuations, that the political considerations behind stamps have become somewhat weaker and the commercial ones stronger. Nevertheless, North Korean stamps do tell a great deal about its society, in particular politics.⁷⁴

⁷¹ SLEMROD. Why Is Elvis on Burkina Faso Postage Stamps?.

⁷² JONES. Heroes of the Nation?, p. 415.

⁷³ JONSSON. The Two Koreas' Societies Reflected in Stamps, p. 90.

⁷⁴ JONSSON. The Two Koreas' Societies Reflected in Stamps, p. 93.

Percebe-se um tom comum nas citações acima de que os selos, por enquanto, ainda seriam capazes de comunicar mensagens de caráter nacional e político, embora esse potencial estivesse sendo esvaziado devido ao ganho de força dos interesses comerciais. De certa maneira, essa visão enxerga que as transformações sofridas pelos conteúdos veiculados pelos selos ameaçariam as próprias pesquisas acadêmicas no seguinte sentido. As últimas décadas experimentaram um crescimento das pesquisas que tomam as mensagens comunicadas pelos selos como fontes de evidências das estratégias e ideais dos representantes do Estado emissor. Contudo, a partir do momento em que as motivações comerciais passam a ser avaliadas como preponderantes – dir-se-ia absolutas – na seleção de temas e elaboração de designs, os selos perderiam potencial simbólico, pois as mensagens comunicadas não mais refletiriam os interesses do Estado.

Delimitadamente a propósito dos selos postais emitidos em comemoração às chamadas celebidades globais, argumenta-se que seria deveras reducionista deslegitimar estes objetos com justificativas absolutas de que seriam simbolicamente vazios ou comunicativamente fracos. Tencionando embasar este argumento, a próxima seção deste artigo investiga os selos postais emitidos por Moçambique neste século com referência a Pelé, seguramente, confia-se aqui, uma figura de alcance global.

PARTE II

Ao primeiro contato com selos relacionados a Pelé, salta aos olhos o volume de itens.⁷⁵ O volume e, acrescenta-se logo, a variedade de imagens veiculadas. Pelé é retratado⁷⁶ e pintado;⁷⁷ divide o espaço com animais,⁷⁸ torre Eiffel,⁷⁹ satélites,⁸⁰

⁷⁵ Não se tem aqui o intuito de classificar os selos postais relacionados a Pelé tal como os minuciosos catálogos apreciados pelos filatelistas. Contudo, todo selo citado será referenciado, cabendo, então, mais uma ressalva. Filatelicamente falando, o modo mais legítimo de se fazer referência a um selo se dá através de códigos estabelecidos por catálogos centenários como o britânico *Stanley Gibbons*, o francês *Yvert et Tellier*, o alemão *Michel* e o estadunidense *Scott*. Ocorre que tais obras não são de fácil acesso, muito menos gratuitas. Portanto, priorizando a acessibilidade em detrimento das normas filatélicas, utiliza-se referências de catálogos virtuais gratuitos.

⁷⁶ Serra Leoa, 1997: <https://bit.ly/3uhPkQg>.

⁷⁷ Nicarágua, 1978: <https://bit.ly/2SgUf5P>.

⁷⁸ Mali, 2000: <https://bit.ly/3nFKWrE>.

⁷⁹ Niger, 1998: <https://bit.ly/3egf1eF>.

⁸⁰ República Centro-Africana, 1996: <https://bit.ly/3gWjTHi>.

além de símbolos budistas⁸¹ e astecas;⁸² tem a expressão facial de fases que os censos etários classificariam como jovem,⁸³ adulto⁸⁴ e idoso;⁸⁵ surge vestindo o uniforme da seleção brasileira⁸⁶ e dos clubes Santos⁸⁷ e New York Cosmos;⁸⁸ aparece até de gravata;⁸⁹ se encontra em cenas características de um jogo de futebol,⁹⁰ saltando a comemorar gols,⁹¹ beijando troféus⁹² e como se fosse um busto.⁹³ Colocar a lupa sobre os selos de Pelé – não apenas literalmente, como fazem os filatelistas em busca de minúcias – abre um leque de possibilidades interpretativas que permitiria até aproximar um selo no qual o nome “Pelé” aparece legendando uma bola de futebol⁹⁴ da famosa frase proferida por Armando Nogueira que diz: “Se Pelé não tivesse nascido homem, teria nascido bola”.

Para além dos designs, um primeiro nível de aprofundamento na abordagem dos selos de Pelé leva a questões relativas ao país de origem e à data de emissão, como bem sabem os filatelistas, que frequentemente lidam com a pergunta “É de onde e de quando?” ao apresentar um item de sua coleção. Porém, informar origem e data de emissão, como tem sido feito aqui sem exceção, não é apenas um capricho filatélico. Atentar para tais dados permite descortinar duas características centrais da produção de selos de Pelé: globalidade – no sentido da origem difusa destes objetos, produtos de regiões como Caribe e Oriente Médio, África Ocidental e Micronésia, América Latina e Europa Meridional – e continuidade, visto que desde 1968 é raro haver períodos maiores que dois anos sem a emissão de um selo com alguma referência a Pelé.

Acerca da data de emissão, é necessário ter cuidado para não ser excessivamente rígido ao separar o acesso às mensagens de itens produzidos em épocas

⁸¹ Niger, 2001: <https://bit.ly/3aZdh7c>.

⁸² Reino do Iêmen, 1970: <https://bit.ly/33ahcd3>.

⁸³ Manama, 1968: <https://bit.ly/3e8AQfZ>.

⁸⁴ Malta, 2006: <https://bit.ly/3ebllib8>.

⁸⁵ Guiné-Bissau, 2015: <https://bit.ly/3e7waXD>.

⁸⁶ Gâmbia, 1994: <https://www.stampworld.com/stamps/Gambia/Postage-stamps/g1980//>.

⁸⁷ Guiné-Bissau, 2015: <https://bit.ly/3gSYDSL>.

⁸⁸ Palau, 1998: <https://www.stampworld.com/stamps/Palau/Postage-stamps/g1350//>.

⁸⁹ Niger, 2001: <https://www.stampworld.com/stamps/Niger/Postage-stamps/g1911//>.

⁹⁰ Paraguai, 1973: <https://www.stampworld.com/stamps/Paraguay/Postage-stamps/g2492//>.

⁹¹ São Vicente e Granadinas, 1997: <https://bit.ly/3nEoQWC>.

⁹² Granada Granadinas, 1989: <https://bit.ly/3nJroTA>.

⁹³ República do Congo, 1978: <https://bit.ly/3vCapoG>.

⁹⁴ Haiti, 1971: <https://www.stampworld.com/stamps/Haiti/Postage-stamps/g1162//>.

diferentes. De fato, o que se observa é justamente o contrário, ou seja, as mensagens transmitidas por selos relacionados a Pelé, independente do ano de emissão, transitam lado a lado por canais como catálogos, lojas, exposições, leilões, revistas, fóruns e palestras. Um exercício esclarecedor neste sentido consiste em visitar *websites* dedicados a vendas de selos ou a exposições filatélicas e procurar pelo termo “Pelé”, pois seguramente itens com as mais diferentes datas de emissão aparecerão listados conjuntamente.

Se Pelé tem se mostrado figura constante nos selos postais, muito se deve às emissões em comemoração à Copa do Mundo de futebol, posto que entre 1970 e 2006 Pelé esteve representado em pelo menos um selo alusivo à cada edição do torneio – e o voltaria a ser em 2014. Por sinal, a lembrança de que dentre as edições da Copa do Mundo mencionadas Pelé esteve presente apenas na de 1970 aponta para a intensidade com a qual Pelé participa de selos que celebram temáticas que ultrapassam os episódios de sua trajetória pessoal. Isto é, ainda que existam selos motivados por suas glórias – como a marcação do milésimo gol⁹⁵ e a conquista da Copa do Mundo de 1970⁹⁶ – e até mesmo por acontecimentos de sua vida aparentemente não ligados ao futebol – como a celebração de seus aniversários –,⁹⁷ a grande maioria de selos de Pelé faz parte de séries dedicadas a temas que não se limitam a episódios específicos de sua trajetória. Assim, à multiplicidade de designs, de origem e de data de emissão que caracteriza a produção de selos de Pelé adiciona-se uma nova dimensão: a multiplicidade temática.

Há de se mencionar ainda que o século XXI tem presenciado uma profusão de emissões postais que acabam por atualizar a dinâmica de representações sobre Pelé. A esse propósito, as emissões postais de Moçambique ocupam lugar de destaque ao evidenciarem, através de pelo menos seis séries de selos produzidas neste século, que as representações sobre Pelé catalisadas por seus feitos esportivos, longe de se encontrarem adormecidas no passado, ainda se fazem fortemente presentes na constituição de sua imagem. Diante da acentuada presença de Pelé em selos moçambicanos, ao menos duas questões se levantam. Quais as representações veicula-

⁹⁵ Brasil, 1969: <https://www.stampworld.com/stamps/Brazil/Postage-stamps/g1255//>.

⁹⁶ Camarões, 1970: <https://www.stampworld.com/stamps/Cameroun/Postage-stamps/g0622//>.

⁹⁷ Togo, 2020: <https://stamperija.eu/>.

das por estes objetos e o que revelam sobre a dinâmica de construção da imagem de Pelé? Os próximos parágrafos se dedicam a discutir essas questões, entendendo ser pertinente começar por aquele que talvez seja o maior dilema em torno da construção da imagem de Pelé, a saber: o acionamento da dicotomia Edson-Pelé.

Pelé ainda se encontrava no início de sua trajetória como jogador profissional, em 1961, quando, em parceria com Benedito Ruy Barbosa, produziu a autobiografia *Eu sou Pelé*. Na obra, ao afirmar estar “guardando para o Edson”⁹⁸ o dinheiro que recebe, e que só vai se casar quando for “apenas Edson Arantes do Nascimento”,⁹⁹ Pelé apresentava, ainda de forma incipiente, uma visão que viria a se tornar recorrente com o tempo. Segundo essa visão, sua pessoa se dividiria em duas partes independentes: Edson seria o homem comum passível de críticas, ao passo que Pelé estaria associado às incontáveis lâureas esportivas e, portanto, digno apenas de exaltações. Pelé se mostra tão apegado a essa dicotomia que costuma falar de si mesmo na terceira pessoa ao se referir a algum feito alcançado como futebolista – dando a entender que é o Edson quem está se referindo ao Pelé. Ademais, uma singularidade que não deve ser ignorada é a reproduzibilidade – em conversas formais e informais, textos jornalísticos e publicitários, narrativas biográficas e pesquisas acadêmicas – dessa dicotomia. Como sublinha Silva: “Edson x Pelé constituem as duas personas que foram imediatamente incorporadas pelo imaginário social brasileiro”.¹⁰⁰

O isolamento promovido pela dicotomia ganha contornos metafóricos na definição de Silva que aponta Edson e Pelé como as duas faces da moeda.¹⁰¹ Dessa metáfora, se entende que da mesma forma que não existe a possibilidade de visualizar simultaneamente, a olho nu, as duas faces de uma mesma moeda, tampouco existiria a possibilidade de as representações sobre o Edson serem produzidas e apreendidas ao mesmo tempo em que as representações sobre o Pelé. Quer dizer, ou Pelé é representado integralmente como Rei do futebol ou representado integralmente como homem comum, jamais existindo uma terceira via. Entretanto, alguns selos moçambicanos adotam perspectivas que apontam vias alternativas.

⁹⁸ NASCIMENTO. *Eu sou Pelé*, p.180.

⁹⁹ NASCIMENTO. *Eu sou Pelé*, p.184.

¹⁰⁰ SILVA. *Pelé e o complexo de vira-latas*, p. 198.

¹⁰¹ SILVA. *Pelé e o complexo de vira-latas*, p. 198.

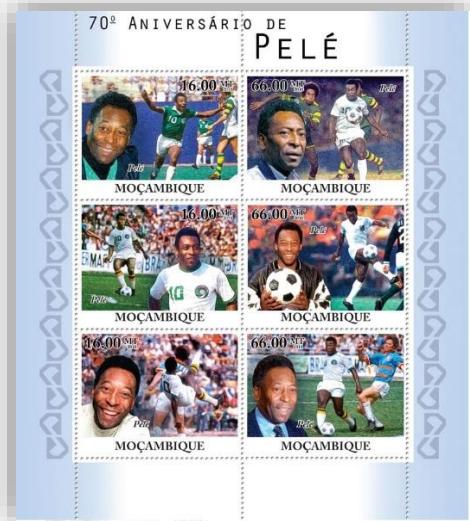


Figura 1.

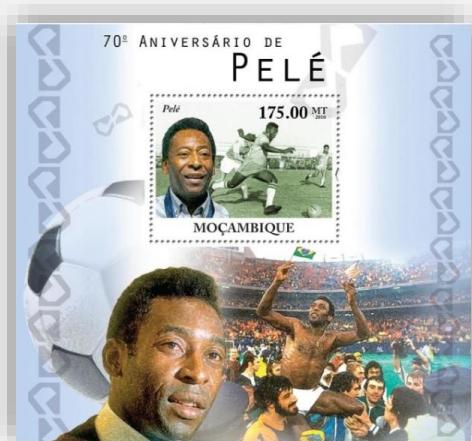


Figura 2.

Duas séries de selos paradigmáticas em se tratando de relativizar a dicotomia Edson-Pelé foram emitidas por ocasião de aniversários de Pelé. Em ordem cronológica, a primeira série foi emitida em 2010 para celebrar os 70 anos de Pelé, enquanto a segunda é datada de 2015, e, portanto, comemora o 75º aniversário. A série de 2010 é composta por seis selos (fig. 1) e um bloco com selo (fig. 2).¹⁰² A série de 2015 contém quatro selos (fig. 3) e um bloco com selo (fig. 4).¹⁰³

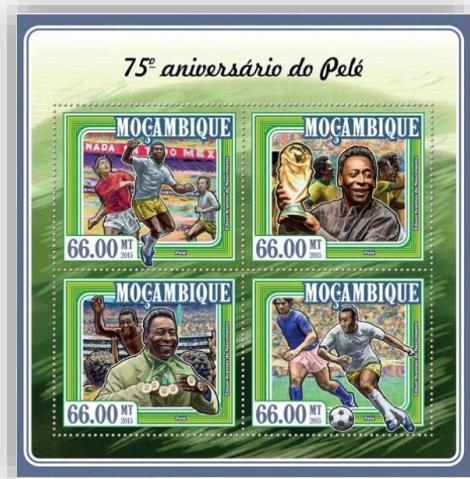


Figura 3.

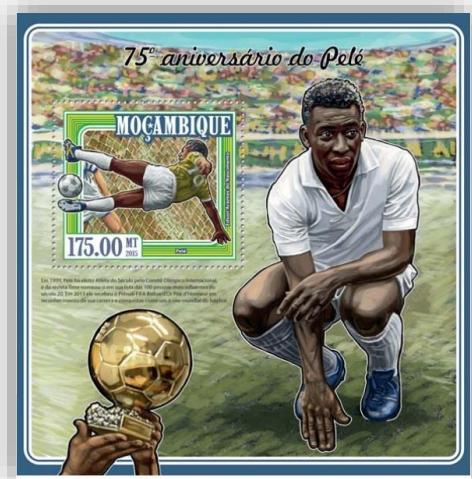


Figura 4.

¹⁰² Moçambique, 2010. <https://bit.ly/3t6WLbL>.

¹⁰³ Moçambique, 2015. <https://bit.ly/335umYL>.

A dicotomia Edson-Pelé se baseia em uma separação tão rígida quanto ao que caberia a cada termo da equação que, conforme sublinha Silva, Edson e Pelé seriam, no limite, tomados como se “fossem indivíduos completamente diferentes um do outro”.¹⁰⁴ Contudo, pode-se interpretar que tal rigidez não é reproduzida na emissão que comemora os 75 anos de Pelé. A princípio, essa afirmação se sustenta na observação de que todos os cinco selos indicados nas figuras 3 e 4 apresentam, acompanhando as imagens que contêm, duas legendas que atuam conjuntamente: “Pelé” e “Edson Arantes do Nascimento”.

No mesmo norte, nota-se que praticamente todos os selos da figura 1 apresentam Pelé em ação pelo clube estadunidense New York Cosmos – dominando, passando e chutando a bola; comemorando um gol; driblando; executando uma jogada de bicicleta – em conjunto com uma imagem que o retrata já aposentado dos gramados e trajando vestes como camisa social, terno e gravata. Conjunção semelhante é verificada na figura 2, com a diferença de que Pelé agora aparece em ação com o uniforme da seleção brasileira. E existem ainda conteúdos que sugerem o encontro das façanhas esportivas e da vida fora dos campos de Pelé ao trazerem imagens que o retratam vestindo uniforme de futebol em uma fase de sua trajetória que os censos classificariam como “terceira idade”. É o caso do selo presente em um bloco emitido por Moçambique, em 2001, com referência à edição da Copa do Mundo do ano seguinte e que apresenta um Pelé, já aposentado, com o uniforme do Santos (fig. 5).¹⁰⁵

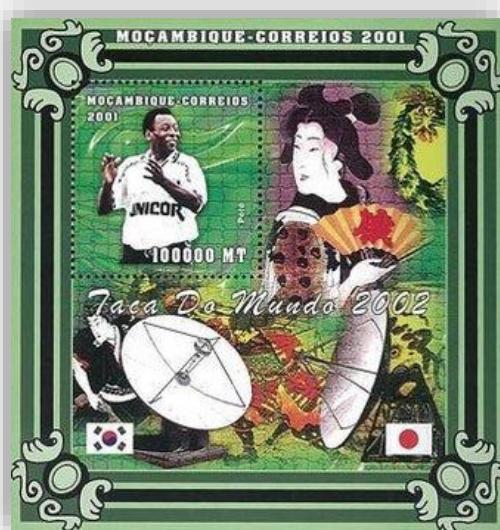


Figura 5.

¹⁰⁴ SILVA. *Pelé e o complexo de vira-latas*, p. 13.

¹⁰⁵ Moçambique, 2001: <https://bit.ly/335eJRn>.

O analisado até o momento sustenta que os selos moçambicanos não promovem nem a divisão entre “Pelé” e “Edson”, nem entre “Pelé de uniforme” e “Pelé do traje social”, nem entre “Pelé futebolista” e “Pelé da terceira idade”. Tal interpretação aponta para a existência de um encontro, e não um isolamento, entre representações que exaltam Pelé por seus feitos quando futebolista e aquelas que são resultado de suas ações em esferas que não propriamente a da prática esportiva. Decorre daí a compreensão de que a dicotomia Edson-Pelé não se apresenta como o único mecanismo acionado na dinâmica de representações que envolve a construção da imagem de Pelé.

Sobrevém que nem sempre o encontro entre as representações motivadas pelas façanhas futebolísticas de Pelé e aquelas que são frutos de sua atuação em outros domínios sociais são marcados pela consensualidade que marca os selos moçambicanos supra-analisados. Sequer seria imponderado sugerir que são numerosos os contextos em que se verifica uma coexistência entre representações divergentes sobre Pelé. A esse propósito, são notórias as reações a um discurso proferido por Pelé, em 2013, pedindo pelo fim das manifestações que ocorriam em diversas cidades do país. Embora Pelé, ao apresentar seu apelo, via TV Tribuna, afiliada da Rede Globo, tenha acionado a dicotomia – “quem está falando aqui não é o Pelé não, é o Edson, do tempo da CBD, é o torcedor brasileiro que está aqui”¹⁰⁶ – algumas reações ao pedido não compartilharam a divisão. Pouco após o discurso ter ido ao ar, diversos veículos midiáticos o reproduziram, não tardando para que Pelé se tornasse um alvo das próprias manifestações que pedia para serem esquecidas, como escreve a *Folha de S. Paulo*: “Na pequenina Três Corações, onde nasceu, a sua estátua na praça central foi amordaçada. Puseram-lhe um cartaz no pescoço com a inscrição ‘Pelé não me representa’”.¹⁰⁷

Poucos conteúdos relacionados a Pelé são tão marcados pela ambivalência quanto uma estátua, erigida na Praça Pelé, em homenagem, como diz uma placa, ao Rei Pelé, no qual Pelé surge trajando as cores da seleção brasileira, levantando a taça da Copa do Mundo, amordaçado e com um cartaz pendurado no pescoço escrito “Pelé não me representa”. Parece insustentável, neste contexto, sugerir um isolamento de representações que seja capaz de blindar a imagem de Pelé, visto que Pelé é representado como um Rei merecedor de uma estátua e de uma praça, um símbolo nacional e

¹⁰⁶ VAMOS esquecer toda essa confusão no Brasil e pensar na seleção, diz Pelé.

¹⁰⁷ CONTI. Dois heróis nacionais, p. E10.

um futebolista vitorioso, mas, no mesmo espaço, tempo e monumento, surge como alguém que não representa os brasileiros e que merece ser amordaçado.

Mais do que revelar a não consensualidade da dinâmica de representações sobre Pelé, conteúdos como a estátua amordaçada evidenciam um dos embates mais decisivos que atravessam a sua imagem no mínimo desde a década de 1970. Fala-se, aqui, do embate que abrange as representações de Pelé como um embaixador do Brasil – que elevaria o nome da nação por meio das façanhas futebolísticas¹⁰⁸ –, e as representações que afirmam Pelé como alguém que, por suas ideias políticas, não seria digno de falar em nome dos brasileiros. Entende-se que algumas emissões filatélicas moçambicanas atuam nos embates dessa ordem ao idealizarem Pelé como símbolo do Brasil na medida em que o representam envolto em cores nacionais.



Figura 6.

Conforme mencionado há pouco, muitos itens relacionados a Pelé fazem parte de séries produzidas por ocasião da Copa do Mundo. Em 2002, Moçambique emitiu uma série que continha, entre outros, um bloco com selo dedicado a relembrar o gol assinalado por Pelé com a seleção brasileira na final da Copa do Mundo de 1970, episódio classificado pela própria emissão como “Grandes Momentos do Passado” (fig. 6).¹⁰⁹

¹⁰⁸ MASSARANI. De revelação a Rei.

¹⁰⁹ Moçambique, 2002. <https://www.stampworld.com/stamps/Mozambique/Postage-stamps/g2244/>.

Outra série que traz Pelé vestindo as cores nacionais, embora não seja precisamente o uniforme da seleção brasileira, é de 2011 e foi intitulada “Ícones Desportivos do Século XX” (fig. 7).¹¹⁰ A série apresenta um total de sete selos que homenageiam, cada um, os esportistas Pelé, Michael Jordan, Ayrton Senna, Babe Ruth, Nadia Comaneci, Jim Thorpe e Muhammad Ali, além de imagens no bloco em referências a Arnold Palmer e Steffi Graf. É significativo que de todos os esportistas celebrados na série, apenas Pelé apareça associado às cores que representam sua nação, impulsionando a criação de representações que o significam como símbolo do Brasil.



Figura 7.

Pelé volta a vestir o uniforme da seleção brasileira no bloco integrante de uma série de 2014 emitida em memória de Eusébio, que falecera naquele ano (fig. 8).¹¹¹ Nascido em Moçambique, Eusébio é considerado um dos grandes futebolistas da história, tendo atuado pela seleção portuguesa entre as décadas de 1960 e 1970. É fundamental acrescentar que Pelé não aparece no bloco em movimentos futebolísticos, a competir com Eusébio, reconstruindo algum dos diversos encontros que ambos, futebolistas contemporâneos que eram, tiveram nos gramados. Pelé é ilustrado abraçando Eusébio, ativando representações que significam sua saudação como fonte de prestígio. Esse item em particular leva a discussão aqui em

¹¹⁰ Moçambique, 2011. <https://bit.ly/2Rgj1m7>.

¹¹¹ Moçambique, 2014. <https://bit.ly/3tbBLAs>.

curso para outro conflito que tem se mostrado decisivo na construção da imagem de Pelé e envolve o embate entre as representações que o exaltam como fonte de prestígio e aquelas que o depreciam como fonte de poluição. Conflitos dessa classe tornaram-se salientes nos episódios relacionados ao caso em que empresas com o nome de Pelé foram acusadas de desviar recursos que seriam destinados a um evento do UNICEF em prol de crianças carentes.

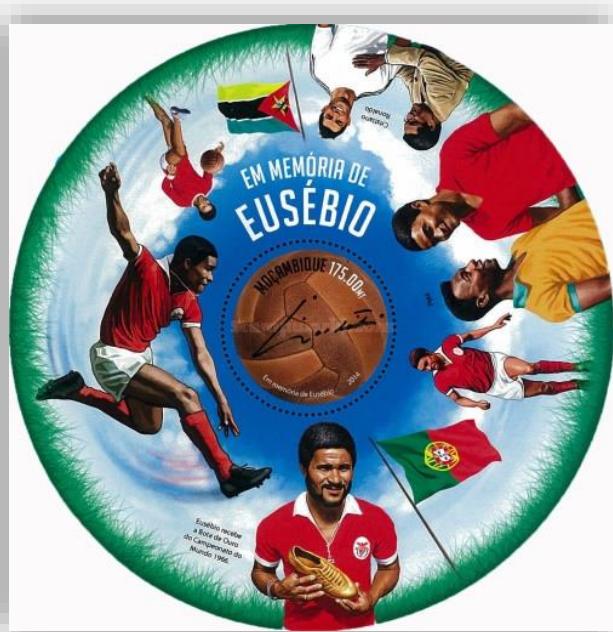


Figura 8.

O chamado “Caso Pelé-UNICEF” repercutiu com significativa intensidade durante mais de um mês nas páginas do jornal *Folha de S. Paulo*, gerando conteúdos em que as representações sobre Pelé como um empresário de má índole e capaz de decepcionar as crianças assumiram centralidade, ameaçando, segundo se lê, “abalar”, “arranhar”, “enlamear”, “estremecer”, “manchar” e “sujar” a imagem de Pelé.¹¹² De mais a mais, as representações de empresário corrupto postas em circulação no contexto do “Caso Pelé-UNICEF” ofereceram combustível para que Pelé fosse significado como uma figura poluidora, que marcas visando investir credibilidade em seus produtos e celebridades que zelavam pela própria imagem deveriam manter à distância.

¹¹² MASSARANI. Ser e/ou não ser: a construção de representações sobre Pelé na mídia impressa brasileira.

Ao que pese não seja o único contexto ao longo dos últimos anos que tem revelado a não consensualidade da construção da imagem de Pelé, o “Caso Pelé-UNICEF” é emblemático ao evidenciar que, em certos cenários, essa não consensualidade adquire os contornos de um conflito entre representações que o significam como fonte de poluição e de prestígio. À vista disso, propõe-se que a emissão filatélica moçambicana de 2014 que traz Pelé fraternalmente cumprimentando Eusébio no contexto de seu falecimento participa da dinâmica de representações sobre Pelé ao enfraquecer sua significação como fonte de poluição ao mesmo tempo em que fortalece sua idealização como fonte de prestígio.

Uma representação fortemente ligada à construção de Pelé como fonte de poluição é a de uma pessoa movida por interesses financeiros. Quanto a isso, pode-se afirmar com segurança que o “Caso Pelé-UNICEF” não foi o primeiro contexto no qual Pelé surgiu representado como ganancioso, conforme pontuam alguns estudos acerca dos episódios envolvendo a contratação de Pelé pelo New York Cosmos, ainda na década de 1970.¹¹³ Para ser mais exato, Pelé chegou ao Cosmos em 1975, quatro anos após ter declarado que não mais atuaria pela seleção brasileira. Segundo Silva, naquele contexto, a escolha de Pelé acabou suscitando avaliações de que estaria colocando os dólares à frente de questões que apareciam então significadas como de caráter nacional: “A ida de Pelé para atuar num país que aparentemente não tem tradição alguma no futebol não foi bem recebida no Brasil, particularmente porque esta transferência ocorreu em 1975, época em que a ditadura militar ainda vigorava, o que para muitos foi visto como “traição”.¹¹⁴

Por outro lado, a autora ressalta que “ao aceitar jogar nos EUA, Pelé transformou-se em um dos brasileiros mais conhecidos no mundo, posição esta que é mantida até os dias atuais”.¹¹⁵ Continuando, Silva conclui: “Pelé levou ao extremo a ideia de se tornar um indivíduo pleno, cosmopolita, e no exterior passou a ser visto dessa forma. Ele é o mais conhecido personagem do futebol que existe no mundo”.¹¹⁶

Acreditando que os conteúdos relacionados à passagem de Pelé pelo New York Cosmos se erguem como promissores para discutir o confronto entre as representa-

¹¹³ FLORENZANO. A cerimônia do adeus: a rebeldia de Pelé (III parte).

¹¹⁴ SILVA. *Pelé e o complexo de vira-latas*, p. 194.

¹¹⁵ SILVA. *Pelé e o complexo de vira-latas*, p. 196.

¹¹⁶ SILVA. *Pelé e o complexo de vira-latas*, p. 196.

ções que o acusam de ambicioso e aquelas que o exaltam como um indivíduo cosmopolita e reconhecido em todos os quatro cantos do mundo, permite-se voltar aos selos emitidos por Moçambique em comemoração ao 70º aniversário de Pelé (fig. 1).

Isso pois, ao relembrarem os lances de Pelé atuando pelo Cosmos como forma de homenageá-lo no momento de seu aniversário, entende-se que os referidos selos participam da dinâmica de representações sobre Pelé pois identificam a passagem pelos Estados Unidos como digna de exaltação, e não como um marco negativo de sua trajetória.

Pois bem, concordando com a afirmação de Toledo de que “se Pelé continua a ostentar, na concepção de milhões de admiradores dentro e fora do Brasil, o centro que cabe a um rei do futebol, está, todavia, longe da unanimidade como pessoa pública”,¹¹⁷ esta seção colocou em relevo alguns dilemas e embates em torno da imagem de Pelé. A respeito do que aparece como o principal dos dilemas, os selos moçambicanos permitem questionar a onipresença e onipotência da dicotomia Edson-Pelé, na medida em que revelam a existência de contextos que promovem o encontro de representações que a referida dicotomia separa quando trata “Edson” e “Pelé” como entes isolados. Além do mais, acredita-se não estar em terreno mordido quando se argumenta que os selos de Moçambique participamativamente da construção da imagem de Pelé ao comunicarem mensagens que, longe de serem inertes, atuam em conflitos que opõem as representações que exaltam Pelé como “símbolo nacional”, “fonte de prestígio” e “cosmopolita” àquelas que o depreciam como “indigno de falar em nome dos brasileiros”, “fonte de poluição” e “ganancioso”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que tange à investigação dos selos de Pelé emitidos por Moçambique, não restam dúvidas de que as questões ainda em aberto são numerosas e ramificadas. Questões que abrangem desde examinar a influência nas etapas de produção dos selos relacionados a Pelé dos agentes da empresa *Stamperija Ltd.*, representante autorizada pelo serviço postal de Moçambique e encarregada da distribuição de

¹¹⁷ TOLEDO. Pelé: os mil corpos de um rei, p. 150.

itens para o mercado mundial, até o estudo das ausências de Pelé em selos relacionados a temáticas em que se esperava que ele estivesse presente. Por exemplo: por que as emissões postais de Moçambique não celebraram os 80 anos de Pelé, em 2020, como fizeram em seus aniversários de 70 e 75 anos?

De certa maneira, chegar às considerações finais levantando questões, longe de ser contraditório, pode ser lido como um indicativo de que as discussões aqui elaboradas foram fiéis à proposta inicial, afinal um dos objetivos-chave do trabalho consistia em legitimar o potencial simbólico e comunicativo dos selos postais emitidos por Moçambique. Em outros termos, ao que pese as discussões aqui realizadas constituam apenas um delgado recorte do universo que há para se explorar em se tratando das evidências oferecidas tanto pela presença quanto pela ausência de Pelé nos conteúdos veiculados pelos selos postais, é de confiança que o desenvolvido oferece contribuições para essa exploração em duas frentes.

A primeira frente se aproxima dos estudos com selos e sugere que maior atenção poderia ser direcionada ao manancial de itens relacionados às chamadas celebreações globais. Conforme discutido a respeito das emissões com referência a Pelé, os selos postais alimentam e atualizam a dinâmica de representações sobre Pelé ao fornecer novos materiais acentuada e continuamente, ao manter em movimento perene mensagens veiculadas ao longo das últimas décadas, ao reforçar a multiplicidade por meio de itens que se diferenciam quanto à data de emissão, imagens e tema, e ao conferir globalidade através de produtos oriundos de todos os continentes.

Em particular, o argumento de que os selos postais de Moçambique analisados interferem nos dilemas e conflitos que marcam a imagem de Pelé permite contestar a perspectiva de que as emissões que não apresentariam relação aparente com a história nacional, o patrimônio cultural, a população local, e os interesses políticos do Estado emissor seriam simbolicamente vazios. Neste sentido, a segunda frente de contribuições conversa com os estudos dedicados à dinâmica de representações sobre Pelé ao propor que os selos postais se levantam como materiais promissores para o estudo de questões que atravessam a construção da imagem de Pelé – mas não se esgotam nela.

Sendo assim, com base nas análises e discussões aqui realizadas, o artigo sugere que, diante das mudanças recentes experimentadas pela filatelia, cabe aos

pesquisadores interessados nas evidências oferecidas pelos selos postais encontrar alternativas para explorar, em toda sua dimensão, o cada vez mais abundante acervo disponível, e não ignorar os conteúdos simbólicos veiculados por vultosa parcela desses materiais com justificativas elaboradas a priori.

* * *

REFERÊNCIAS

- ADEDZE, Agbenyega. Commemorating the Chief: The Politics of Postage Stamps in West Africa. **African Arts**, v. 37, n. 2, 2004 (Summer), p. 68-73.
- ADEDZE, Agbenyega. Visualizing the Game: The Iconography of Football on African Postage Stamps. **Soccer & Society**, v. 13, n. 2, 2012, p. 294-308.
- ALMEIDA, Cícero; VASQUEZ, Pedro. **Selos Postais do Brasil**. São Paulo: Metalivros, 2003.
- BRUNN, Stanley. Stamps as Iconography: Celebrating the Independence of New European and Central Asian States. **GeoJournal**, 52, 2000, p. 315-323.
- CHILD, JACK. The Politics and Semiotics of the Smallest Icon of Popular Culture: Latin American Postage Stamps. **Latin American Research Review**, 40, 1, 2005, p. 108-137.
- CLAUSEN, Janus. "The Postage Stamps Needs to be an All-Country Stamp..." – Danish Postage Stamps and National Identity, 1940-45. 2014. Disponível em: <https://s.si.edu/33bLyMc>. CONTI, Mário. Dois heróis nacionais. **Folha de S. Paulo**, n. 30.977, 24 jan. 2014, p. E10.
- COVINGTON, Kate; BRUNN, Stanley. Celebrating a Nation's Heritage on Music Stamps: Constructing an International Community. **GeoJournal**, n. 65, 2006, p. 125-135.
- CUSACK, Igor. Tiny Transmitters of Nationalist and Colonial Ideology: The Postage Stamps of Portugal and its Empire. **Nations and Nationalism**, 11 (4), 2005, p. 591-612.
- DEANS, Phil. Isolation, Identity and Taiwanese Stamps as Vehicles for Regime Legitimation. East Asian Postage Stamps as Socio-political Artefacts, **East Asia**, v. 22, n. 2, 2005, p. 8-30.
- DEANS, Phil; DOBSON, Hugo. East Asian Postage Stamps as Socio-political Artefacts, **East Asia**, v. 22, n. 2, 2005, p. 3-7.
- DOBSON, Hugo. The Stamp of Approval: Decision-Making Processes and Policies in Japan and the UK. **East Asia**, v. 22, n. 2, 2005, p. 56-76.

- FLORENZANO, José Paulo. A cerimônia do adeus: “a nação traída” (I parte). **Ludopédio**, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3aXG24h>.
- FLORENZANO, José Paulo. A cerimônia do adeus: a rebeldia de Pelé (III parte). **Ludopédio**, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3vFF44L>.
- FREWER, Douglas. Japanese Postage Stamps as Social Agents: Some Anthropological Perspectives. **Japan Forum**, 14:1, 2002, p. 1-19.
- HAMMETT, Daniel. Envisaging the Nation: The Philatelic Iconography of Transforming South African National Narratives. **Geopolitics**, v. 17, n. 3, 2012, p. 526-552.
- HOYO, Henio. Posting Nationalism: Postage Stamps as Carriers of Nationalist Messages. In: BURBICK, Joan; GLASS, William. **Beyond Imagined Uniqueness: Nationalisms in Contemporary Perspectives**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars, 2010, p. 67-92.
- HOYO, Henio. Fresh Views on the Old Past: The Postage Stamps of the Mexican Bicentennial. **Studies in Ethnicity and Nationalism**, 12 (1), 2012, p. 19-44.
- JONES, Robert. Heroes of the Nation? The Celebration of Scientists on the Postage Stamps of Great Britain, France and West Germany. **Journal of Contemporary History**, 36, 2001, p. 403-22.
- JONSSON, Gabriel. The Two Koreas' Societies Reflected in Stamps. **East Asia**, v. 22, n. 2, 2005, p. 77-95.
- KEVANE, Michael. Official Representations of the Nation: Comparing the Postage Stamps of Sudan and Burkina Faso. **African Studies Quarterly**, 10 (1), Spring, 2008, p. 71-94.
- LIMOR, Yehiel; MEKELBERG, David. The Smallest Ideological and Political Battlefield: Depicting Borders on Postage Stamps – The Case of Israel. **Nations and Nationalism**, v. 23, n. 4, 2017, p. 902-928.
- MALONEY, Michael. “One of the Best Advertising Mediums the Country Can Have:” Postage Stamps and National Identity in Canada, New Zealand and Australia. **Material Culture Review**, 77/78, 2013 (Spring/Fall), p. 21-38.
- MASSARANI, Diano. De revelação a Rei: representações sobre Pelé na revista *A Gazeta Esportiva Ilustrada* nas décadas de 1950 e 60. **Revista Esporte e Sociedade**, Niterói, n. 27, 2016.
- MASSARANI, Diano. **Ser e/ou não ser**: a construção de representações sobre Pelé na mídia impressa brasileira. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.
- MELO, Victor. Garrincha x Pelé: futebol, cinema, literatura e a construção da identidade nacional. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 20, n. 4, 2006, p. 281-295.
- NASCIMENTO, Edson. **Eu sou Pelé**. São Paulo: Francisco Alves, 1961.
- RAENTO, Pauliina. Communicating Geopolitics through Postage Stamps: The Case of Finland. **Geopolitics**, 11:4, 2007, p. 601-629.

- RAENTO, Pauliina; BRUNN, Stanley. Visualizing Finland: Postage Stamps as Political Messengers. **Geografiska Annaler Series B**, 87, 2, 2005, p. 145-163.
- REID, Donald. The Symbolism of Postage Stamps: A Source of Historians. **Journal of Contemporary History**, 19, 1984, p. 223-249.
- SCHWARZENBACH, Alexis. Portraits of the Nation: Imagery on Belgian Postage Stamps, 1914-1945. **Cahiers d'Histoire du Temps présent**, n. 3, 1997, p. 95-113.
- SILVA, Ana Paula. **Pelé e o complexo de vira-latas**: discursos sobre raça e modernidade no Brasil. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- SLEMROD, Joel. Why Is Elvis on Burkina Faso Postage Stamps? Cross-Country Evidence on the Commercialization of State Sovereignty. **Journal of Empirical Legal Studies**, v. 5, n. 4, 2008, p. 683-712.
- TOLEDO, Luiz Henrique. Pelé: os mil corpos de um rei. In: GARGANTA, J.; OLIVEIRA, J.; MURAD, M. (orgs.). **Futebol de muitas cores e sabores**: reflexões em torno do desporto mais popular do mundo. Porto: Editora Campo das Letras, 2004, p. 147-167.
- VAMOS esquecer toda essa confusão no Brasil e pensar na seleção, diz Pelé. Disponível em: <https://bit.ly/3uesrNs>. Acesso em: 12 ago. 2018.
- VAN DER GRIJP, Paul. Reconsidering the Smallest of Artifacts: On the Origins of Philatelic Collecting. **Material History Review**, 59, 2004 (Spring), p. 77-90.
- WALLACH, Yair. Creating a Country through Currency and Stamps: State Symbols and Nation-Building in British-Ruled Palestine. **Nations and Nationalism**, 17/1, 2011, p. 129-147.
- W4 Group. **The Future of Philately as seen in 2018**, 2018.

* * *

Recebido para publicação em: 15 fev. 2021.
Aprovado em: 12 abr. 2021.

O desporto nas artes moçambicanas: uma abordagem sumária

Sport in Mozambican Arts: A Summary Approach

Elídio Nhamona

Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, Moçambique
Doutor em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, USP
elidionhamona@yahoo.com.br

RESUMO: O presente artigo tem o objetivo de apresentar algumas obras que abordam o tema do desporto nas artes moçambicanas ao longo do século XX e analisar as diferentes perspetivas dos autores, demonstrando como essa atividade cultural foi usada para criticar os sistemas vigentes e discutir os meios para o estabelecimento de uma sociedade livre, fraterna e igualitária. Embora a literatura em seus diferentes géneros seja privilegiada, também apresentam-se algumas fotografias e uma breve série de cartuns a fim de mostrar a importância e o prestígio do desporto na sociedade colonial e pós-independência, com destaque para o futebol.

PALAVRAS-CHAVE: Representação do desporto; Artes; Moçambique; Desporto.

ABSTRACT: This article aims to present some works that address the theme of sport in Mozambican arts throughout the 20th century and to analyze the different perspectives the authors had on sport, demonstrating how this cultural activity was used to criticize the current systems and discuss the means for the establishment of a free, fraternal and equal society. Although literature in its different genres is privileged, we will also present some photographs and a brief series of cartoons in order to show the importance and prestige of sport in colonial and post-independence society, with an emphasis on football.

KEYWORDS: Representation in Sport; Arts; Mozambique; Sports.

Em todas as sociedades, nas mais antigas e nas modernas, encontramos diferentes tipos de jogos, recriações e brincadeiras. Se partirmos do princípio de que a sobrevivência de uma sociedade requer trabalho, por outro lado, seu equilíbrio físico, mental e espiritual requer o desenvolvimento de atividades lúdicas e metafísicas. As brincadeiras, os jogos e o desporto são práticas livres e emocionadas manifestas nas culturas em espaços e tempos específicos nos quais determinados indivíduos disputam um prémio por meio do cumprimento de “regras”, como bem nos ensina Johan Huizinga, em seu clássico *Homo ludens: o jogo como elemento de cultura* (2007).

O mesmo ocorre em Moçambique, que como território autónomo e unificado, resultou do processo colonial. Por isso, os desportos organizados de origem ocidental vieram com os colonos, sendo alguns deles agricultores, funcionários públicos e empregados de empresas privadas. O discurso de superioridade civilizacional dos colonizadores implicava a adoção não somente do modo de vida dos colonizados, mas igualmente dos seus desportos. Com desenvolvimento da indústria mineira na África do Sul por capitais ingleses e o consequente crescimento de Lourenço Marques como porto privilegiado para exportação e importação, de pessoas e bens, nos finais do século XIX, fez com que muitos desportos de origem inglesa, como o futebol e o ténis, passassem a ser praticados pela elite colonial e pelos nativos assimilados. Os jogos locais, embora subsistissem, se confinavam maioritariamente aos subúrbios e a zona rural, integrando um conjunto de práticas culturais chamadas “selvagens”. Gradualmente, os jogos dos colonizadores passaram a ser adotados, replicados e reelaborados pelos colonizados, como um mecanismo de aproximação e integração, bem como de rebeldia e contestação do sistema colonial, segundo Nuno Domingos (2012).

Depois do estabelecimento da Imprensa em 1854 na ilha de Moçambique, sede administrativa da província do país desde 1754, , tivemos uma crescente atividade associativa por parte dos funcionários de estado, das empresas e do comércio. O estabelecimento da imprensa possibilitou o surgimento de vários jornais, como a *Revista Africana*, a primeira revista literária de Moçambique, editada pelo poeta romântico José Pedro da Silva Campos de Oliveira (1854-1911).

Para além das atividades intelectuais ligadas às ideias do Iluminismo no jornalismo, essas associações se dedicavam à leitura, à dança e aos jogos, como as regatas, o bilhar, as damas, o gamão, o dominó e “outras diversões de *sport*”.¹

Em João Albasini (1876-1922), jornalista e director dos jornais nativistas *O Africano* e *O Brado Africano*, nas crónicas, editoriais e n’*O livro da dor*, o desporto somente é citado como elemento decorativo, usando-o para defender argumentos. No seu artigo “Anglo-mania”, publicado em 7 de abril de 1909 em *O Africano*, ao dissertar contra a hegemonia do capital inglês na colónia de Moçambique e defender o nacionalismo português, escreve que uma dessas tendências, entre outras modas de origem inglesa, é que “jogasse tennis”. Para além disso, refere-se usualmente a “banca de jogos”, ao “batoteiro”, ao boxe, as jogadas de xadrez (“xeque-mate”) e a brincadeira ou jogo infantil chamado de “cabra-cega”. Nas últimas crónicas do nativista em *O Brado Africano*, se autonomeia *sportsman* ou condena a atitude de um jornalista de *O Guardian*, que tem levantado reiteradamente questões raciais como se fosse um desportista (*sport*), qual prática necessária para a manutenção de um atleta (*sportsman*).

O livro da dor, publicado em 1925, mas escrito em 1917, é composto de cartas de amor. João Albasini escreve na terceira carta de 16 de maio de 1917, na tentativa de convencer a sua amada, Micaela Loforte, que seu amor era verdadeiro. Por isso, o autor afirma que mesmo o desporto (*sport*) não poderia derrotá-lo na luta pelo amor da sua vida. As citações de João Albasini sobre o desporto revelam a sua existência na cidade Lourenço Marques e na colónia de Moçambique.

José Albasini (1877-1935), numa crónica em *O Brado Africano* de 25 de agosto de 1934, escreve que na sua estadia em Magudo com os padres Lima e Mello, o régulo Ngubana e seus amigos Gil e Hobednão pôde falar com senhor Caruço, pois estava dormindo. E passo a citar o motivo: “tinha levado os seus ‘leões’ à vila de João Belo, a um desafio de *football*, mas à vista destes bichos, os outros jogadores tiveram tal susto, que não os deixaram jogar”.² Obviamente não se trata de leões literais, mas uma forma de tratar esses jogadores que pertenciam a uma equipa com símbolo de leão, talvez uma filial do Sporting de Portugal. Por

¹ SOPA. Campos Oliveira: *a voz inicial*, p. 35.

² ALBASINI. *O Brado Africano*, 25 ago. 1934, p. 2.

consequente, como explica Guido Convents, “desde os finais do século XIX, o divertimento ganha uma crescente importância na colónia, sobretudo nos centros urbanos. Quase todas as formas de desporto, sobretudo o futebol, são populares e mesmo corridas de touros são organizadas em Lourenço Marques”.³



Ricardo Chibanga (1942- 2019), o famoso toureiro negro moçambicano, em plena atuação. Fonte: <https://mtv-noticias.pt/>.

Em a *Imprensa de Moçambique*, Ilídio Rocha (2000) atesta, como outros pesquisadores, que

sobretudo em Lourenço Marques, a prática do desporto tem credenciais bem antigas, quiçá por influência inglesa, e que facilmente ficarão demonstradas pelos numerosos clubes desportivos que a cidade teve, e ainda tem desde a mais antiga Liga Naval Portuguesa, com estatutos aprovados em 1902, seguida historicamente pelo Sport Clube Português (1907), pelo Grémio Náutico (1913) e pelo Club de Golf (1918). Como se vê, são primeiro o remo e a vela e, depois o golfe, que de início mais atraíram a burguesia que praticava desportos na capital de Moçambique, isto, naturalmente, sem contar a caça, então já não um modo de vida mas

³ CONVENTS. Os Moçambicanos perante o cinema e o audiovisual: uma história político-cultural do Moçambique colonial até à república de Moçambique (1896-2010), p. 39. ALBASINI, João. Anglo-mania. *O Africano*, Lourenço Marques, ano 1, n. 6, p. 2, 22 maio 1909; ALBASINI, João. *O Africano*, Lourenço Marques, ano 1, n. 11, p. 1, 24 ago. 1909; ALBASINI, João. A cabra cega... *O Africano*, Lourenço Marques, ano ?, n. ?, p. ?, 13 dez. 1913; ALBASINI, João. A tal portaria... *O Brado Africano*, Lourenço Marques, ano ?, n. ?, p. ?, [data ilegível]; ALBASINI, João. Um vilão. *O Brado Africano*, Lourenço Marques, ano ?, n. ? p. ?, 21 jan. 1922; ALBASINI, João, *O livro da dor*, p. 43; ALBASINI, José, *O Brado Africano*, Lourenço Marques, n. 718, p. 225, ago. 1922.

um meio de diversão. E estas prioridades devem ter a ver, muito naturalmente, com a grande predominância, como já dissemos, de ingleses entre a população que a estas lides se podia dar.⁴

Rocha acrescenta que “a sempre frágil imprensa desportiva” iniciou com a *Semana Desportiva* em 7 de Outubro de 1922. O jornal tinha um “projecto muito ambicioso” no qual pretendia noticiar sobre “atletismo, box, ciclismo, esgrima, hipismo, luta, motociclismo, natação, remo, tiro, criket, lawn tenis, vela, caça, golf, pesca, etc.”. Aponta existir diversos jornais desportivos ao longo do período colonial, como o *Eco dos Sports* (1938-1956), o suplemento *Guardian Desportivo* do *The Lourenço Marques* (entre 1951- 1955), *Sol e Touros* (1952), *O Estádio* (1955), *Eco dos Sports* (1958), *O Stick* (1959), *Tenis de Mesa* (setembro de 1959-julho de 1960), *Safari* (1964-1965), *A equipe* (dezembro de 1966-janeiro de 1967), *Educação e Movimento* (1969-1975), *Educação e Movimento* (abril-junho de 1975) e o livro *Desporto para liberdade* (1975).



Equipa de futebol juvenil em Lourenço Marques, em 1926.
Fonte disponível em: www.delagoabay.wordpress.com.

⁴ ROCHA. *Imprensa de Moçambique*, 2000, p. 132-3.

Outro escritor da mesma época muito ligado ao desporto é Rui de Noronha (1909-1943). Foi jornalista, poeta e funcionário público, presidente da Assembleia Geral (1935) e presidente do Conselho Fiscal do Grupo Desportivo Vasco da Gama. Nos seus sonetos, charadas, quadras, vilancetes, editoriais e artigos em *O Brado Africano* não temos nenhuma referência ao desporto. Somente numa crónica intitulada “Franqueza”, publicada no dia 10 de novembro de 1934, escreve sobre um convite feito por “um grupo de *football* africano” para uma festa dançante à noite. Prossegue afirmado que “a dada altura da noite, o grupo apareceu e doze vinham descalços e oito de... botas de *football*. Eram transvaalianos que tinham vindo para jogar no dia seguinte”. Pode depreender desta citação que Rui de Noronha conhecia os jogadores de futebol e seus calçados. Por outro lado, visto que o futebol era muito desenvolvido na África do Sul, colónia inglesa, com fortes relações económicas e sociais com Moçambique, era comum naquele período que equipas de ambas colónias competissem.⁵



Na foto, tirada em 3 de dezembro de 1933, temos Rui de Noronha com seus 24 anos, o sexto em pé da direita para esquerda vestido a rigor para uma partida de futebol, supomos do Grupo Desportivo Vasco da Gama. Fonte: PATRAQUIM, *Índico*, p. 45.

⁵ DOMINGOS. *Futebol e colonização: corpo e cultura popular em Moçambique*, 2012.

Em *Itinerário* de julho de 1949, nesta importante revista de divulgação do modernismo em língua portuguesa em Moçambique, João Fonseca do Amaral (1928-1992) publica o poema “Evocação”, no qual interpela uma amiga com lembranças infantis de um passado partilhado, constando nessas lembranças vendedeiras de ruas, namoricos, moleques prestativos, amigos de diferentes raças, comidas e doces típicos, música nativa e internacional “e o negro coxo que jogava futebol”.⁶

Em *Clima*, livro de Orlando Mendes (1916-1990) de 1959, o futebol dos subúrbios da cidade é descrito no poema “Moleque mufana” e igualmente, de forma muito sucinta, no romance *Portagem* de 1966. O personagem principal do romance, João Xilim, depois de sair da sua terra natal, procura emprego na cidade. Neste lugar, ele convive com os membros de uma associação que usam o “campo de futebol do Invencível”, um “clube africano” para negros, onde promovem bailes de angariação de fundos. Em “Moleque mufana”, temos a trajetória de um adolescente citadino negro. Por meio do polissíndeto, é descrita exaustivamente a sua rotina de empregado doméstico, as horas de lazer no final de semana e os sonhos. Entre os lazeres, temos o cinema e o futebol, conforme o excerto:

[...] Nas tardes tão brancas
De novos domingos
Passear airoso
Pelas avenidas da cidade
Ir ao luna-parque
Gozar alegrias
Duma hora doída
Ou ver futebol
Com outros moleques [...].⁷

Em 1946, com auxílio dos missionários suíços, Eduardo Mondlane publica *Chitlango, filho de chefe*. A autobiografia foi originalmente publicada em francês, pois o Estado Novo já estava instalado desde 1926 e vivia-se na ditadura de António Oliveira Salazar. Com a assinatura da concordata entre o estado colonial português e a igreja católica, em 1940, e o Estatuto Missionário, em 1941, a situação das igrejas protestantes, em especial a Missão Suíça, complicou. Consequentemente, este livro somente foi editado em português pela Cadernos da

⁶ AMARAL. *Itinerário*, ano 9, p. 9, n. 91, jul. 1949.

⁷ MENDES. *Clima*, p. 46.

Tempo em 1990, apesar de ter tido versões em inglês, em 1950 e 1970, e em alemão, em 1950.

A personagem Chitlango narra sua trajetória até a conversão ao cristianismo. Então, temos duas sociedades descritas, a nativa e a colonial. Ao descrever a sociedade nativa, apresenta os jogos tradicionais entre os jovens pastores, como o nado no lago e a homa. O jogo entre um missionário e os jovens convertidos se dá naquilo que se chamavam grupos ou patrulhas (no singular *ntlawa* e no plural *mintlawa* em changana). Era um sistema de educação informal com objetivo de formar jovens em princípios selecionados do cristianismo, do escutismo e dos pastores de gado, como ilustra o excerto:

Canções e discursos não bastam. É preciso também o jogo ao ar livre, treino desportivo, o exercício dos músculos e do golpe de vista, a agilidade, temperada com qualquer coisa de violento que lembre a caça.

Moneri [missionário] arregaça as mangas, traz uma bola e faz de jovem Tsonga. Dividimo-nos em dois campos. Vai ver-se quem atira a bola com mais vigor e atinge o adversário em golpe directo. Eis o que apela ao instinto. Atira a bola com uma força inesperada, os da equipa apanham-na em voo. A bola de couro parece colar-se-lhes aos dedos, enquanto eu, um noviço, quando penso que a agarrei, fecho os braços no vazio. De cada vez é uma risada geral, franca e sem maldade, à qual não consigo deixar de me associar: lá se foi a minha vaidade de Chitlango!

É preciso continuar a fazer o que nos compete, saltar, evitar ser tocado. Os grandes, incluído o moneri, agacham-se, deitam-se no instante de perigo. Eu mantendo-me à parte, num dos cantos exteriores do terreno. Estou pouco à vontade, não quero achar-me na obrigação de atirar a bola a um branco, da mesma maneira que atiraria uma pedra a um cão. Que os outros se encarreguem disso. Subitamente, o moneri é tocado e declara-se vencido. Como pode ser isso? O mundo está às avessas. Um grande nunca deve abdicar.⁸

No excerto, os jovens divertem-se num jogo com o objetivo de estimular a união, o amor, a unidade, a entreajuda, a liderança, a cooperação, a disciplina e o segredo num sistema colonial repressivo. Este sentimento de grupo possibilitara que facilmente tivessem uma educação moral, associada ao canto, ao teatro, à alfabetização, entre outras atividades lúdicas e artísticas cruciais para formação de jovens cristãos equilibrados física e mentalmente. Diante de tal situação, Chitlango emociona-se e fica espantado com o grau de cumprimento das regras do jogo e a igualdade reinante entre os membros da equipa, em que até um missionário aceita

⁸ KHAMBANE; CLERC. *Chitlango, filho de chefe*, p. 159.

perder um jogo. Esses momentos estimulam que o protagonista da autobiografia se filie a equipa.

Henri-Alexandre Junod (1863-1934), missionário e antropólogo suíço, em *Os usos e costumes bantu*, resultantes das pesquisas feitas no sul de Moçambique entre 1889 e 1920, descreve os jogos das raparigas e dos adultos na sociedade “Tsonga”. Primeiramente, diz que estes povos têm muitos jogos e descreve alguns. Os jogos dos rapazes são *nguluve yida mimphovo*, *nsema*, *ndlopfa ndlopfana*, *homana*, *kutluva holwana*, *kifufununu*, *mbita ya vulomba yarhekarheka*, *xikulukwana xa kuka vuhumo*, *nkwama maku* e *xifufununu xa paripari*. Os jogos das raparigas enumerados são *vhule* e *vuhlolo emathakuzana*. E por fim, temos os jogos dos adultos, como os *nchuva* e *khuta*. Numa perspectiva idêntica, D. P. Marolen enumera 39 jogos e explica as regras em *Mitlangu ya vafana va vatsonga* de 1954, como *dema*, *nketu*, *rhonege* e *khadia*. O termo *mitlangu* pode ser traduzido como jogos ou brincadeiras, e pelas explicações podemos dizer que abarca os dois sentidos além de outros, como gracejo e troça.⁹

Em 1941, Jorge Dias (1907-1973), que era leitor de cultura portuguesa em Rostock e Margot Dias (1908-2001), pianista, se casam. Depois do casamento, ambos começam a interessar pela antropologia. Ao voltar a Portugal, Dias pesquisa a vida comunitária dos residentes de Vilarinho da Furna e de Rio de Omor e dirige, em 1947, o Centro de Estudos de Etnologia Peninsular no Porto. Em 1956, recebe o convite de Adriano Moreira, então director do Centro de Estudos Políticos e Sociais da Junta de Investigação do Ultramar, para pesquisar os povos macondes, integrando uma equipe que fazia parte da Missão de Estudos de Minorias Étnicas do Ultramar Português. Em 1957, vão para Moçambique e o resultado de suas pesquisas até 1957 é a monografia *Os macondes de Moçambique*, em quatro volumes, escrito por Jorge Dias, Manuel Viegas Guerreiro e Margot Dias. Nos interessa, sobretudo o quarto volume, intitulado “Sabedoria, língua, literatura e jogos”. Neste volume, escrito por Manuel Viegas Guerreiro, são descritos os pontos cardeais, o comportamento do público diante da audição de narrativas, diferentes tipos de contos, adivinhas, provérbios, cantos, bonecas (*nambecha*), brincadeiras,

⁹ JUNOD. *Usos e costumes Bantu*, p. 80-5, 166-9, 312-20; MAROLEN, 1954.

jogos (*mapudi, urungula, dindjalengwa, ntili* e *ngupite hapa*), jogos de destreza (*noda, chinatimali, chiputa, nchayo* e *chitanda*) e intelectuais (*nchayo, nditi* e *ndoma*).¹⁰

Em 1959, Rui Knopli (1932-1997) publica *Mangas verdes com sal*. E num poema, “O atleta”, nos dá a conhecer os esforços extenuantes do desportista que se esmera numa atividade física. Os exercícios são tão vigorosos que o atleta atinge os seus limites, expressos nas dores manifestas no corpo e nos olhos. Os exercícios, longe de serem prazerosos, fatigam o atleta. Apesar da teimosia, a fadiga leva-o ao fracasso diante de um público condescendente. O único ganho do desportista, naquele instante, é ter aprendido com o fracasso e ter a disposição de aprender com seus erros, tanto no desporto como na vida.¹¹

“SOU POPULAR COMO UM JOGADOR DE FUTEBOL”

O subtítulo é um verso do poema “Carta para a mãe dos meus filhos”, de José Craveirinha (1922-2003), publicado em *Karingana Ua Karingana* (1982).¹² No longo poema epistolar dirigido à sua esposa, aborda um passado de carências e sacrifícios partilhados, mas, no presente, a situação está melhor ao ponto de ter fartura, tempo para discutir ciências, artes e beldades. Por isso, se gaba de ser igualmente conhecido como os futebolistas. Esta passagem não é apenas uma menção fortuita na sua obra. Lembremos que José Craveirinha foi jornalista, atleta, treinador, adepto e dirigente desportivo. Como atleta, foi praticante de boxe, futebol e atletismo. Segundo Aurélio Rocha,

No desporto teve um papel destacado como atleta e dirigente, com créditos firmados no futebol e no atletismo, modalidade em que atingiu resultados promissores e também no boxe. Como jogador integrou a equipa do Grupo Desportivo João Albasini, da AFA-Associação de Futebol Africana, onde estavam filiados os clubes da elite nacional, na “cidade do caniço”, do Atlético e do Desportivo, da AFLM-Associação de Futebol de Lourenço Marques, composta por clubes da elite nacional, na “cidade de cimento”. Como dirigente associativo esteve ligado ao Grupo Desportivo Vasco da Gama, tendo sido ainda ferrenho activista da AFA, organizadora do futebol dos subúrbios de Lourenço Marques. Na década de 40 já era jogador do Grupo Desportivo de Lourenço Marques, a que

¹⁰ GUERREIRO. *Os macondes de Moçambique*, volume IV, 1964.

¹¹ KNOPFLI. *Mangas verdes com sal*, p. 104.

¹² CRAVEIRINHA. *Obra poética*, p. 178.

ficou definitivamente ligado, sendo à data da sua morte o sócio nº 2. [...] Após a independência, Craveirinha foi vice-presidente do Comité Olímpico Nacional. Acerca da sua ligação à literaturas e ao desporto, Craveirinha dizia amiúde que teve dois amores: o primeiro, que se tornou o principal, foi a literatura; o outro foi o desporto, designadamente o futebol, ao qual se manteve ligado mesmo depois de ter arrumado as botas.¹³

Longe de serem amores separados e invejosos, vamos encontrar nos seus poemas diversas referências ao desporto, nas múltiplas facetas nas quais atuou. Os textos literários e jornalísticos de Craveirinha pouco abordam aspectos ligados às suas atividades como dirigente ou treinador. Todavia, abundam outras particularidades anteriormente citadas. Como jornalista, seus textos mostram seu viés de reportar os acontecimentos para informar o público sobre os factos ocorridos. Por isso, recorre ao “relato”, à “reportagem”, à “televisão”, não somente para transmitir informações como jornalista, mas igualmente na condição de ouvinte, leitor ou telespectador. Daí a ambiguidade dos sentidos que os poemas apresentam, oscilando e misturando os pontos de vista.¹⁴

Outra faceta usual é do adepto, no qual expressa seu gosto em praticar, fruir, ver e ouvir o futebol, o atletismo, o ténis e a tauromaquia. Por isso, o eu poético descreve suas habilidades no futebol ou se identifica com os praticantes habilidosos e suas proezas requintadas. Por isso, temos a presença de nomes que se salientaram nessas modalidades, como Chibanga, Matateu, Joe Louis, Nelson Prudêncio, Pelé, Tommie Smith, Abede Bikila, Diego Maradona e Mário Coluna. No mesmo diapasão, temos as equipas, como o Sporting Clube Benfica e Sporting de Portugal. Como podemos constatar neste breve arrolamento de atletas estrelas e equipas, a admiração do autor não se restringe aos seus compatriotas, mas todos que sejam destros nos respectivos desportos. Essa perspectiva permite instaurar nos poemas uma fraternidade e irmandade ausente na sociedade na qual vive.¹⁵

Para o auxiliar nesta empreitada, Craveirinha convoca para este grupo outros companheiros que se destacaram no jogo político e artístico como Panço Vila, Rivera, Jorge Amado, Orlando Mendes e Emiliano Zapata. Tal irmandade moral é realçada por destacar que esses fazem parte de uma ampla frente de

¹³ ROCHA. Nota histórico-biográfica de José Craveirinha, p. 8-9.

¹⁴ CRAVEIRINHA. *Moçambique e outros poemas*, p. 140-1, 154.

¹⁵ CRAVEIRINHA. *O folclore e as suas tendências*, p. 61 e 63.

combate às desigualdades sociais. Por isso, Mário Coluna, jogador hábil, é descrito como escritor de “talentosos poemas e prosa” e Orlando Mendes, o escritor moçambicano, como “craque” do “Sport Lisboa e Benfica”. É como se cada um usasse suas habilidades numa mesma frente, suscetível de comutação de posições, para derrotar um inimigo comum: o mal-estar da humanidade.¹⁶

Além de admirar o desporto, Craveirinha o associa à questões sociais. Vejamos como exemplo o texto “Tenista sem ténis”. O título já aponta para a prática do desporto sem condições para o efeito. O praticante não tem nem calçado apropriado para a modalidade desportiva de elite, praticada pelos habitantes da “cidade de cimento”. As carências do atleta mostram que ele usa *mulala* (raiz com propriedades higienizantes) para escovar os dentes e vive espoliado numa cidade segregada. As classes sociais da sociedade colonial são descritas entre aqueles que usam sapatos e os que não usam, formando classes distintas manifestas nos tenistas.¹⁷

Em “Carta para Joe Louis nosso campeão para ser lida por Jorge Amado”, temos descrito o duelo entre Max Schmeling e Joe Louis, de 1936, em Nova Iorque, ano no qual o domínio nazista se iniciou na Alemanha. No primeiro duelo de 1936, Louis é nocauteado por Schmeling, provocando um mal-estar no poeta. Na revanche de 1938, Joe Louis derrota Schmeling, provocando uma incontida alegria e uma clara identificação com o boxeador negro. Nesse momento de euforia, por meio de um conjunto de substituições, mostra que essa vitória era uma derrota para o discurso fraudulento de uma superioridade da raça ariana propagado pelo partido Nazi. Essa reação vai ativar a vingança nos jogos de futebol locais em que era humilhado constantemente por um indivíduo opulento da elite, levando-o a querer repetir o feito de Louis. Tais feitos não só ficam em Moçambique, mas convida outros para que juntem a si na ação de vingança contra o domínio de uma minoria opulenta e exploradora. Tal convite não se restringe aos seus compatriotas, mas inclui Jorge Amado, porta-voz dos pobres e humilhados brasileiros. Neste poema, o discurso de Craveirinha vai se opor ao cotidiano de segregação racial e económica da cidade de Lourenço Marques, manifesto também

¹⁶ CRAVEIRINHA. *Vila Borghezi e outros poemas de viagem*, p. 239; CRAVEIRINHA, *O Plebescito*, p. 34.

¹⁷ CRAVEIRINHA. *Moçambique e outros poemas dispersos*, p. 84; DOMINGOS. *Futebol e colonização*, p. 17.

nas atividades desportivas. Por isso, o poema de 1952 foi censurado e somente publicado depois da independência.¹⁸

Outro poema significativo foi escrito depois da independência designado “Chora Micha chora”:

Na despedida
uma após outra lágrima
Micha com muita pena
chora de saudade a despedida
E choram os que perderam a festa.

E com o amiguinho Micha
do princípio ao fim a boicotar o boicote
até mil novecentos e oitenta e quatro
olimpicamente até Los Angeles
até Los Angeles com toda a força
camarada Micha.

Até Los Angeles
Camarada Micha.¹⁹

Neste o poema “Chora Micha chora” e outros como “Estádio Lenine” e “100 metros barreiras”, Craveirinha descreve suas experiências de viagens pelo mundo. Alguns destes poemas discorrem sobre o desporto e particularmente sobre os jogos olímpicos de Moscovo em 1980. No contexto da guerra fria, os jogos foram boicotados pelos Estados Unidos e outros países ocidentais em protesto contra a intervenção militar da União Soviética no Afeganistão. Um ponto alto desses jogos polémicos foi o seu encerramento, no qual se encenou o choro de Micha, nome da mascote dos jogos, por meio de mosaicos coloridos levantados em sincronia por pessoas treinadas para o efeito nas arquibancadas. Essas imagens foram transmitidas em directo para televisão, emocionando muitos telespectadores no mundo inteiro. Refletia, deste modo, a tristeza da mascote em razão das querelas políticas estarem a prejudicar os jogos olímpicos, ocasião que devia ser somente de competição desportiva, paz e fraternidade humana. Nota-se uma clara identificação com a mascote, ao chamar-lhe de camarada, membro da ampla frente dos esforços da esquerda. Apesar disso, o poema de Craveirinha aborda a cidade

¹⁸ DOMINGOS. *Futebol e colonização: corpo e cultura popular em Moçambique*, p. 114.

¹⁹ CRAVEIRINHA. *Vila Borghesi e outros poemas de viagem*, p. 201.

que iria receber os próximos jogos em 1984, a cidade estadunidense de Los Angeles, como parte do ritual que impregnam os jogos olímpicos.²⁰



Equipa do Atlético Nacional, Clube de Lourenço Marques, cerca de 1944 – clube desportivo e recreativo exclusivo de mestiços (mulatos). Podem ser reconhecidos; o primeiro à esquerda em baixo é o poeta José Craveirinha; o 6.º da esquerda em pé é Mário Wilson. O equipamento é semelhante ao do São Paulo Futebol Clube, do Brasil.

Fonte: Craveirinha, Moçambique, 2002, p. 76.

Em *O folclore moçambicano e as suas tendências*, uma compilação de artigos jornalísticos publicados em vários jornais entre 1955 e 1987 sobre o folclore, José Craveirinha aborda as diferentes manifestações daquilo que designa por folclore, como a música, as bebidas, as danças tradicionais e modernas e seus dançarinos, os cantares, os instrumentos, as brincadeiras, a culinária, o vestuário e a linguagem, particularmente o uso de termos específicos criados pelos nativos na sua interação com culturas estrangeiras. Em junho de 1970, escreve o jornalista, em *O cooperador de Moçambique* (1969-1974), que

o nativo moçambicano teve de recorrer ao seu poder de inventiva para preencher lacunas no seu vocabulário tecnológico, recreativo, desportivo, etc. [...] E assim que pandza o jogo violento, a entrada dura e tximba significa o acto de dois a[d]versários chutarem a bola fortemente

²⁰ HEAS. Esporte, 2012; CRAVEIRINHA. *Moçambique e outros poemas dispersos*, p. 192-7, 199 e 201.

ao mesmo tempo, e que em português é traduzível para amarrar a bola. O instante em que um jogador é driblado limpamente por outro é expresso irónicamente como tsonto! Quando o guarda-redes encaixa a bola com força passou a chamar-se catcha e quando a defesa se faz em dois tempos é capatcha:

E inventou-se, para substituir administrativamente o marcador de golo em português ou o brasileiro, o à golissa! Quanto à finta com o corpo e seu tocar na bola baptizou-se por psêtu.

O incitamento para chutar a baliza ou chutar o golo é feito em apelos de golissa! E pontapé nas canelas ou a chamada canelada intencional? O ronga chama-lhe quenha.

E se o futebolista entra de pé em riste no momento em que o adversário vai chutar e há falta chama-se bequetela, sendo de beca, que é «por» em português mas que não tem a mesma força do que bequetela, de que saiu o verbo bequetela: Bequetelei, bequetelou, bequetelámos, bequetelaste, bequetelaram.²¹

Noutro artigo publicado em 7 de julho de 1970, em *O Brado Africano*, Craveirinha historia o surgimento do associativismo nativo, listando os fundadores do Grémio Africano de Lourenço Marques, a fundação do jornal *O Africano* e criação do “seu mais representativo clube desportivo, denominado Vasco da Gama” com objectivo de “pugnar juntos em busca da glória atlética” nos “campos de desporto”. Neste período, enumera um conjunto de equipas dos subúrbios, nomeadamente o “G. D. João Albasini, o Nova Aliança, o Mahifil Isslamo, o Atlético Maometano, o Munhuanense ‘Azar’, o Inhambanense, o Zambeziano, o S. José, o Gazense, Beira-Mar e o Luso”. No mesmo artigo, descreve alguns “jogos nacionais de tradição” como *homana, xibakela, fenete* e *k’kati*.²²

Por conseguinte, nos poemas e artigos de Craveirinha, o desporto não é uma atividade isolada, autónoma, dissociado do social. Ela está ligada à sociedade, mas realçando seus aspetos sublimes e iníquos. Por isso, geralmente ao falar dos desportos e seus jogadores, aponta para a sociedade cheia de desigualdade e injusta. Muitos desses jogadores são talentosos, mas nem todos tinham meios para jogar, pois a muito custo saíram da pobreza. E, esse grupo talentoso é minúsculo e a pobreza assola a maioria da humanidade. Em José Craveirinha, temos a descrição de jogadores talentosos, dos lugares e das equipes, além de sua mediatização e dos diferentes tipos de jogos nas suas múltiplas vertentes. Mas a temática dos seus poemas está sempre associada ao seu tempo e à sua situação, constando sempre

²¹ CRAVEIRINHA. *O folclore moçambicano e as suas tendências*, p. 234-5.

²² CRAVEIRINHA. *O folclore moçambicano e as suas tendências*, p. 262-3, 277-80.

inquietações da época e projetando dias livres e melhores. É uma poesia com juízo crítico apurado e que olha para os males do mundo e do desporto, não somente para constatar sua existência, mas instigar a mudança.²³

A MALTA E O FUTEBOL

Composto de sete contos, *Nós matámos o cão tinhoso* de Luís Bernardo Honwana, foi publicado em 1964. E aborda o tema do jogo no primeiro conto que dá título ao livro. A personagem central não são os meninos, muito menos o jogo, mas cão tinhoso. Os eventos que levam a morte do cão são contados por um narrador, um menino pensativo sobre suas ações e seus amigos. Esse narrador astuto e testemunha ocular nos seduz com sua descrição e narração inocente, nos revelando personagens, eventos e tensões de seu mundo.

A personagem principal, o cão, é descrita com características que remetem aos humanos, resultante de uma mistura de particularidades do branco, do negro e do amarelo na sua situação mais vil de decadência física. Esse cão detestado, é um exilado social, sendo rejeitado por outros cães e pelos humanos, exceptuando a Isaura. É um cão doente, ossudo, desdentado e com dificuldade de locomoção.

O coletivo canicida é composto por doze meninos provenientes dos diversos estratos da sociedade colonial, destacando que estes refletem sua inteireza com suas contradições e exclusões. Pelos nomes e ações correspondem a tipos sociais e raciais da sociedade colonial. Elas são crianças de origem portuguesa, india, chinesa, nativa e os resultantes das misturas locais, os mulatos. O Quim é o prepotente, arrogante, racista, mentiroso, impulsivo, mas néscio. Em contraste, temos Ginho, inteligente, pensativo, observador e cauteloso, com todas as características de ser um assimilado.

O narrador descreve o Clube de uma vila numa tarde de sábado, quando os mais respeitáveis moradores a frequentavam. Para além do jogo de futebol dos meninos, os mais velhos jogavam cartas. Esses jogadores de “sueca” são destacados funcionários públicos da administração colonial; os meninos do futebol, muitos deles são seus filhos ou conhecidos. Esses miúdos são alunos de uma escola local e

²³ DOMINGOS. *Futebol e colonização: corpo e cultura popular em Moçambique*, 2012.

decidem apostar dinheiro num jogo de futebol amador. Mas Ginho, personagem central e narrador da história, é excluído.

Houve um dia que a malta quis fazer um desafio a sério e não me deixou jogar. O Gulamo nem me deixou jogar à baliza. [...] Ficamos todos a ver uma avançada do grupo do Quim. O Faruk, que era a ponta direita deles, foi com a bola até ao canto, depois de ter batido o Norotamo em corrida, e de lá centrou. O Quim passou por nós a correr para a baliza, mas o Gulamo só dizia: "Larga-me". O Quim meteu o golo com uma cabeçada. O Gulamo foi logo a correr: "Este golo não valeu porque este tipo estava a agarrar-me". O Quim e os outros não quiseram saber: "Isso é que vale, está a ouvir?"²⁴

Estamos diante de um narrador sagaz, que por meio dos seus raciocínios nos faz compreender a teia de relações entre os jogadores. O seu foco fixa-se na trama do jogo, ao relatar os eventos como um locutor. O relato é primoroso, no qual usa termos específicos do futebol para nos revelar a sequência dos eventos e seus protagonistas. Todavia, esse foco mostra que estamos numa sociedade colonial onde a cultura do dinheiro estava enraizada. Essa cultura dominante exclui uma maioria dominada dos benefícios, onde a importância de ganhar a qualquer custo é fundamental. Em um momento importante da narrativa, Ginho recebe a informação da intenção do administrador de matar o cão tinhoso e tenta informar aos seus amigos. Mas estes estão mais entretidos com o jogo, uns como jogadores e outros como torcedores. Excluído do jogo futebol, quase em protesto, Ginho retira-se do Clube.²⁵

Quando publicado em 1964, *Nós matamos o cão tinhoso* provocou muita polémica, ao coincidir com o início da luta armada, culminando com a prisão do autor acusado de atividades subversivas contra o estado colonial. A percepção de Luís Honwana sobre o desporto, se encontra igualmente no livro de memórias de seu pai, Raúl Honwana, ao escrever que

²⁴ HONWANA. *Nós matamos o cão tinhoso*, p. 18-9.

²⁵ Sobre as transformações económicas em Moçambique e em África, eis alguma bibliografia: Walter Rodney. *Como a Europa subdesenvolveu a África*. Lisboa: Seara Nova, 1975; Eduardo Mondlane. *Lutar por Moçambique*. 2.ed. Lisboa: Edições Sá da Costa, 1976. Marc Wuyts. Economia Política do colonialismo em Moçambique. *Estudos moçambicanos* (1), 1980, p. 9-12; Henri Alexandre Junod. *Usos e costumes bantus*. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique, 1996; Carlos Siliya. *Ensaio sobre cultura em Moçambique*. Maputo: Cegraf, 1996; José Feliciano. *Antropologia económica dos Thonga do sul de Moçambique*. Maputo: AHM, 1998; José Negrão. *Cem anos de economia da família rural Africana*. Maputo: Promédia, 2001; João Mosca. *Economia de Moçambique: século XX*. Lisboa: Instituto Piaget, 2005; Aurélio Rocha. *Moçambique: história e cultura*. Maputo: Alcance editores, 2006; Elikia M'Bokolo. *África negra: história e civilizações*. Tomo II. Salvador: EDUFBA; Casa das Áfricas, 2011.

no início da década de 50 havia na Moamba uma associação recreativa, o Clube da Moamba. O administrador, que era o Soares de Lima, resolveu motivar as pessoas para a construção da sede do clube. Os pedidos de contribuição em dinheiro foram estendidos aos comerciantes indianos e aos criadores e agricultores pretos. No final, porém, quando se terminou a construção da sede, os pretos não podiam lá entrar. O único sítio onde havia mistura das raças, no Clube da Moamba, era o campo de futebol. Mas, salvo raras exceções constituídas por jogadores pretos, mulatos e indianos considerados indispensáveis, a mistura não era no sentido de haver equipas com elementos de várias raças, mas apenas no sentido de as equipas de brancos tolerarem, de vez em quando, jogar contra uma equipa de não brancos. [...] Assim constituímos o nosso grupo de futebol, pois esta modalidade era a principal actividade do nosso grupo. Para além da rapaziada negra, que era a maioria, jogavam também alguns rapazes mistos e outros indianos. Para realizar o primeiro treino, solicitamos ao administrador autorização para usar o campo do Clube da Moamba, mas ele recusou-nos esse "privilegio". Assim treinámos num campo improvisado, em frente à Escola de Artes e Ofícios. O nosso primeiro desafio foi contra um clube de Ressano Garcia, intitulado "Amor de África", e o segundo desafio realizou-se em Manguluane, contra o grupo da pedreira que lá existia.²⁶

Raúl Honwana, nas suas *Memórias* conta que foi dirigente do Clube da Moamba. Seu filho Luís Honwana, narra num de seus contos, uma partida de futebol e a sueca. Em ambos, os jogos manifestam as divisões e tensões de uma sociedade. Na plural sociedade colonial, as divisões eram baseadas na raça, em que brancos, negros, chineses, mulatos são tratados de forma desigual e injusta. Para além da desigualdade racial, temos a política e económica manifesta na exclusão do Ginho do futebol e a sua não audição por ser considerado um interlocutor não válido de se escutar naquele momento. Ginho está na condição típica do assimilado, aquele que quer participar da sociedade colonial com plenos direitos, mas essa participação é negada. Similarmente, Raúl Honwana é convidado a contribuir nos sacrifícios, mas são negados os direitos de usufruto do campo para treino, agora lugar dos privilegiados. A discriminação não é somente social, mas espacial, ou melhor visto que estamos diante de um sistema, em todos seus aspectos constitutivos.

²⁶ HONWANA. *Memórias*, p. 96-7.



A equipa All Stars de futebol da Frelimo durante a luta armada na década 1960.
Destacam-se alguns nacionalistas como Sebastião Mabote, Alberto Chipande, Joaquim Chissano, Eduardo Mondlane, Samora Machel e Urias Simango.

Disponível em: www.delagoabayword.wordpress.com.

Tais situações, tanto com Ginho como Raúl Honwana, são típicas dos assimilados, uma classe intermediária na sociedade colonial que vive constantemente em situações dilemáticas. A sua condição intervalar faz com que oscilem entre uma maioria dominada e uma minoria dominante. Por isso, com estes problemas identitários, temos indivíduos contraditórios e hesitantes, imersos em crises existenciais. No conto que descrevemos anteriormente, a situação se resolve com o assassinato do cão, já na história de Moçambique com a luta armada e posterior independência nacional, em 1975.

Em *Os africanos em Lourenço Marques*, Rita-Ferreira caracteriza as atividades desportivas autóctones que vivem na capital de Moçambique nos seguintes termos:

Se há domínio em que o africano se tem distinguido é o do desporto. Basta citar a projecção mundial atingida pelos dois famosos astros do futebol Matateu e Eusébio ambos oriundos do sul de Moçambique e que iniciaram a sua carreira nos campos de Lourenço Marques. Aos olhos dos africanos representam o valor de símbolos, contribuindo decisivamente para tornar crescentemente popular a modalidade desportiva que os tornou famosos. É também a actividade em que a integração social do africano assume aspectos mais naturais e satisfatórios. Todavia, o número de africanos que fazem parte dos 22 grupos desportivos e recreativos existentes no

Distrito de Lourenço Marques ainda é diminuto: dos 9503 sócios existentes em 1965 apenas 290 eram de raça negra. Este número assume, no entanto maior significação se acrescentarmos que eram apenas 497 os associados africanos dos 48 grupos existentes em todo Moçambique.²⁷

O pesquisador afirma que apesar destes constrangimentos, muitos deles ligados a dificuldades de sobrevivência, é contagiente a animação dos nativos diante dos relatos de futebol feitos nas línguas bantu e o gosto pelos amantes do futebol.

Em 1993, Sérgio Zimba publica *Riso pela paz*, que por meio de desenhos ou imagens verossímeis em preto e branco satiriza o comportamento humano, muitas vezes acompanhados de balões explicativos com falas ou pensamentos das personagens escritas em português e changana. Logo na introdução do livro de cartuns, em comemoração da assinatura dos acordos de paz em Roma em 1992, temos o subtítulo “Humor no desporto”, com duas caricaturas sobre corrupção: um dirigente barrigudo paga um árbitro para beneficiar sua equipe e um guarda-redes facilita descaradamente o golo ao seu adversário depois de negociações. Aponta igualmente para a falta de meios, onde os jogadores estão com roupas rotas e calçados furados.



Imagen: *Riso pela paz*, de Sérgio Zimba, p. 8-9.

²⁷ Rita-Ferreira 1967-1968, *Os africanos em Lourenço Marques*, p. 416-7.

Na verdade, é criticado todo o sistema desportivo – as infraestruturas desportivas, os dirigentes, o público, os treinadores, os craques, as derrotas e as vitórias – associados a diversos desportos – atletismo, natação, basquete e futebol, e inventando outras práticas desportivas em função das especificidades culturais, como “trepacoque” e “caça-mola”.

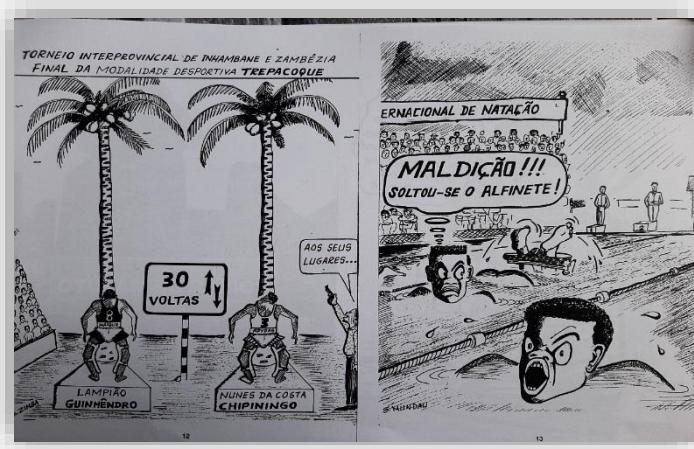


Imagen: *Riso pela paz*, de Sérgio Zimba, p. 12-3.

O “trepacoque” seria um desporto que consiste em subir no coqueiro. As províncias representadas, Inhambane e Zambézia, são as que possuem os maiores palmares de Moçambique e os atletas, retratados de forma estereotipada, possuem nomes das duas etnias minoritárias, mas muito conhecidas dessas regiões, os tonga e chuabo. Por outro lado, a ordenação actancial dos cartuns possuem categorias narrativas que dialogam com os contos bantu. Tanto nos cartuns como nos contos podemos, pelo seu desenlace, tirar ilações didático-moralizantes.²⁸

CONCLUSÃO

O ser humano não vive somente para o trabalho, mas também precisa para divertir-se. Por isso, todas as comunidades, sociedades ou civilizações possuem jogos, gracejos e brincadeiras que as entretêm. O lúdico humano espelha a

²⁸ ZIMBA. *Riso pela paz*, Maputo, Edição do autor, 1993, p. 9, 12. O cartunista publicou *Lágrimas de Riso* (1995), *Mafenha* (1999), *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (2005), *Ri amor* (2006), *Lei de Família* (2006), *Introdução do Metical da nova Família* (2007), *As camisinhas* (2011) e *Mafenza* (2012) segunda edição, nos quais o desporto é tema recorrente.

estrutura social e as regras que orientam as comunidades. Neste artigo, procuramos descrever um conjunto de textos produzidos nas artes moçambicanas, sobretudo na literatura, onde se manifestasse o tema do desporto.

Constatamos que antes da instalação violenta do sistema colonial, os povos bantu de Moçambique tinham diversas atividades lúdicas, de lazer e de descontração. Deste modo, os jogos e brincadeiras eram parte importante da vida social e eram praticados, sobretudo, depois do trabalho, à noite, em períodos festivos ou secos.

O abrupto estabelecimento do sistema colonial e o surgimento de uma elite assimilada, resultaram no aumento da prática de jogos estrangeiros como o futebol, o gamão, o ténis, o xadrez e o boliche. Por isso, estes jogos passaram a ser referidos pelos jornais nativistas como *O Africano* e *O Brado Africano*, dirigidos pelos irmãos João e José Albasini. Neste grupo, podemos incluir, embora em épocas e com percepções diferentes, os escritores Rui de Noronha, João Fonseca do Amaral, Orlando Mendes, Rui Knofli, Luís Honwana e José Craveirinha.

O poeta da Mafalala destaca-se entre os escritores como aquele em que o tema do desporto, em especial do futebol, se manifesta de forma abundante, possibilitando uma estreita conexão entre a sua experiência vivenciada como desportista, tanto como dirigente como atleta, e seus escritos, literários e ensaísticos. Neste conjunto, podemos incluir duas autobiografias, de Eduardo Mondlane e Raúl Honwana, que retratam igualmente os desportos como fenómeno e como organização social.

Os jogos e as brincadeiras foram igualmente descritos pelos pesquisadores das sociedades nativas como Henri-Alexandre Junod, Manuel Viegas Guerreiro e António Rita-Ferreira. Junod descreveu os jogos da sociedade tsonga antes da ocupação efetiva. Manuel Viegas Guerreiro disserta sobre jogos entre os macondes na zona rural do norte de Moçambique e Rita Ferreira sobre os jogos quando o sistema colonial estava no seu auge nos subúrbios de Lourenço Marques. Por último, nos cingimos ao cartunista Sérgio Zimba que descreve os desportos em seus aspectos risíveis.

Concluímos que o desporto é abordado de múltiplas pontos de vista nas artes moçambicanas, tais percepções refletem a pluralidade de pontos de vistas

manifesto nos jornais, nos poemas, contos, autobiografias e pesquisas antropológicas. Por conseguinte, a abordagem varia, sendo para alguns uma referência episódica, noutras, retratados no detalhe. Na maioria dos escritores, o desporto é usado para denunciar as desigualdades socioeconómicas e sonhar por uma sociedade melhor.

Todavia, o artigo descreveu de forma parcial os múltiplos aspectos de algumas artes. Estamos conscientes que se trata de um rico filão para pesquisa, em diversos domínios das ciências humanas. Arriscamos a dizer que mais pode ser constatado nas língua e nas literaturas orais e escritas, seja nas línguas bantu ou em português. Muita pesquisa pode ainda ser feita na pintura, na música ligeira e popular, no cinema, no cartum, nos jogos tradicionais e outras artes em Moçambique.

* * *

REFERÊNCIAS

- ALBASINI, João. **O livro da dor**. Lourenço Marques: Tipografia popular, 1925.
- CONVENTS, Guido. **Os Moçambicanos perante o cinema e o audiovisual: uma história político-cultural do Moçambique colonial até à república de Moçambique (1896-2010)**. Maputo: Ébano Multimédia, 2011.
- CRAVEIRINHA, José. **O folclore moçambicano e as suas tendências**. Maputo: Alcance Editores, 2009.
- CRAVEIRINHA, José. **Vila Borghesi e outros poemas de viagem**. Maputo: JC Editores, 2012.
- CRAVEIRINHA, José. **Moçambique e outros poemas dispersos**. Maputo: Alcance Editores, 2018.
- CRAVEIRINHA, José. **O Plebescito**. Maputo: Alcance Editores, 2020.
- CRAVEIRINHA, José. **Obra poética**. Maputo: Imprensa Universitária, 2002.
- CRAVEIRINHA, João. **Moçambique: Feitiços, cobras e lagartos**. Maputo: Texto Editora, 2002.
- DOMINGOS, Nuno. **Futebol e colonização: corpo e cultura popular em Moçambique**. Lisboa: Imprensa de ciências Sociais, 2012.
- GUERREIRO, Manuel. **Os macondes de Moçambique**: sabedoria, língua, literatura e jogos. Volume IV. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1964.

- HEAS, Stéphane. Esporte. In: MARZANO, Michela. (Org.). **Dicionário do corpo**. São Paulo: Layola; Centro Universitário São Camilo, 2012, p. 405-10.
- HONWANA, Luís. **Nós matámos o cão tinhoso**. Porto: Afrontamento, 1988.
- HONWANA, Raúl. **Memórias**. Rio Tinto: Asa, 1989.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento de cultura. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- JUNOD, Henri-Alexandre. **Usos e costumes dos Bantu**. Maputo: AHM, 1996.
- KHAMBANE, Chitlango; CLERC André-Daniel. **Chitlango, filho de chefe**. Maputo: Cadernos da Tempo, 1990.
- KNOPFLI, Rui. **Mangas verdes com sal**. Lourenço Marques: Minerva Central, 1972.
- MAROLEN, D. P. **Mitlangu ya vafana vavatsonga**. Cleveland: The Central Mission Press, 1954.
- MENDES, Orlando. **Clima**. Coimbra: Atlântida, 1959.
- MENDES, Orlando. **Portagem**. Maputo: INLD, 1981.
- PATRAQUIM, Luís. Rui de Noronha: Poeta do ser e do tempo. **Índico**, n. 47, p. 45-9, 2009.
- RITA-FERREIRA, António. **Os africanos de Lourenço Marques**. Lourenço Marques: Instituto Investigação Científica de Moçambique, 1967-1968.
- ROCHA, Ilídio. **Imprensa de Moçambique**: história e catálogo (1854-1975). Lisboa: Livros do Brasil, 2000.
- ROCHA, Aurélio. Nota histórico-biográfica de José Craveirinha. In: CRAVEIRINHA, José. **O Plebescito**. Maputo: Alcance Editores, 2020, p. 5-14.
- SOPA, António (Coord.). **Campos Oliveira**: a voz inicial. Maputo: Kulungwana, 2020.
- ZIMBA, Sérgio. **Riso pela paz**. Maputo, Edição do autor, 1993.

* * *

Recebido para publicação em: 14 dez. 2020.
Aprovado em: 02 maio 2021.

Mia Couto e o futebol: um olhar para Moçambique

Mia Couto and the Football: A Look at Mozambique

Elcio Loureiro Cornelsen

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Doutor em Germanística, Freie Universität Berlin
emcor@uol.com.br

RESUMO: Este artigo propõe uma análise de contos e crônicas de futebol, escritos e publicados pelo escritor moçambicano Mia Couto. Em tais textos, Mia Couto procura construir uma imagem da sociedade de seu país, evidenciada a partir de uma de suas manifestações culturais mais intensas, materializada na paixão pelo futebol. Embora a história do futebol em Moçambique remonte ao período do colonialismo português, mesmo a partir da Independência do país, o esporte bretão se faz presente com toda a sua força. Assim, a partir do futebol enquanto tema, Mia Couto evidencia, literariamente, mazelas existentes na sociedade moçambicana na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Mia Couto; Literatura e futebol; Contos de futebol; Crônicas de futebol; Moçambique.

ABSTRACT: This article proposes an analysis on football tales and chronicles, written and published by Mozambican writer Mia Couto. In such texts, Mia Couto seeks to build an image of his country's society, evidenced from one of her most intense cultural manifestations, materialized in its passion for football. Although the history of football in Mozambique goes back to the period of Portuguese colonialism, even after the country's independence, football is present as its full strength. Thus, based on football as a theme, Mia Couto shows, literarily, the questions that exist in Mozambican society today.

KEYWORDS: Mia Couto; Literature and Football; Football Tales; Football Chronicles; Mozambique.

A Gilmar Mascarenhas, *In memoriam*

INTRODUÇÃO: MIA COUTO E O FUTEBOL

O escritor moçambicano Mia Couto (António Emílio Leite Couto) é um dos maiores expoentes da literatura de língua portuguesa na contemporaneidade, reconhecido em seu país e no exterior como um dos intelectuais mais atuantes do mundo lusófono, e vencedor do renomado Prêmio Camões, em 2013. Biólogo de formação, em entrevista concedida à *Revista Fórum*, em 2015, Mia Couto utiliza a metáfora do organismo humano para poder pensar a perenidade das fronteiras:

Acho que a nossa reação contra o medo é ver a fronteira como uma linha de defesa, enquanto a vida faz fronteiras que são vivas. As fronteiras de nossas células se fecham, mas também são permeáveis e fazem trocas permanentemente com o que é diferente. O fora e o dentro fazem parte de uma transação que constrói a vida. No nosso caso, o que se está a tentar erguer é, dentro da muralha da identidade, só ter espaço para aquilo que é igual, aquilo que é visto como essência. Esse é o grande perigo.¹

Nossa contribuição visa, justamente, a pensarmos sobre a presença do futebol na obra de Mia Couto como um modo de olhar para a cultura e a sociedade moçambicana. Para isso, tomaremos por base uma entrevista, uma crônica e dois contos publicados pelo escritor, em que o tema do futebol se faz presente, pensado dentro de processos de transculturação e de transformação para além das fronteiras geopolíticas do mundo de língua portuguesa. Para isso, orientar-nos-emos pela noção de transculturação, conforme proposta pelo sociólogo Octavio Ianni, baseado em Bronislaw Malinowski, “um processo transitivo de uma cultura a outra”:

[...] Uma formação imprecisa e indecisa, evidente e presente, na qual se expressam instituições e ideais, modos de ser, agir, sentir, pensar e imaginar próprios de um horizonte mundial. Sem prejuízo de tudo o que pode ser local, tribal, nacional e regional, também se desenvolvem os desafios e os horizontes que se produzem com a transculturação que corre pelo mundo. [...].²

¹ D'ÂNGELO; FUHRMANN. “O outro também está dentro de nós”, afirma o escritor Mia Couto, s/p.

² IANNI. Globalização e transculturação, p. 158.

Numa de suas crônicas, intitulada “Fintado por um verso”, Mia Couto revela o caráter memorialista como pensa a própria infância em sua relação com o futebol: “No meu bairro, o futebol era a grande celebração. Preparava-mos para esse momento, como os crentes se vestem para o dia santo. Aquele domingo era um tempo infinito. E o campo, aberto num descampado da Muchatazina, era um estádio maior que o mundo”.³ Espaço e tempo, aqui, ganham proporções que superam seus limites: o bairro, o campo, o descampado, o estádio e o mundo em um tempo infinito que se quer eterno domingo.

A seguir, a título de contextualização, faremos uma breve apresentação do futebol em Moçambique, para, então, adentrarmos em questões de interpretação dos textos que formam o corpus de análise deste breve estudo.

O FUTEBOL EM MOÇAMBIQUE: UMA CONTEXTUALIZAÇÃO

No estudo intitulado “Desporto, sociedade e construções identitárias em Moçambique: uma abordagem perspectiva” (2013), Aurélio Rocha aponta para o significado simbólico do futebol no contexto da proclamação de Independência do país como elemento de representação da moçambicanidade:

Um dos muitos eventos importantes que se assinalou a independência do país foi, naturalmente, um jogo de futebol, realizado no estádio de Pemba, na província nortenha de Cabo Delgado, a 26 de junho de 1975, que opôs a primeira seleção moçambicana à sua congênere da Tanzânia, que Moçambique venceu por 3 a 2. Ao mesmo tempo que a seleção de Moçambique se afirmava, a nível internacional, como a representação de um país independente, também se perspectivava, por vias das múltiplas manifestações desportivas organizadas, um futuro promissor para todo o desporto moçambicano.⁴

Para além do próprio futebol, Aurélio Rocha nos chama à atenção para o fato de que, nos primeiros anos pós-Independência, o governo moçambicano incentivou a formação de organizações esportivas representativas: “Até 1980 estavam instituídas e em funcionamento as federações de futebol (1977),

³ COUTO. *Fintado por um verso*, p. 12.

⁴ ROCHA. *Desporto, sociedade e construções identitárias em Moçambique*, p. 215.

basquetebol (1978), natação (1978), voleibol (1979) e atletismo (1980)".⁵ Aliás, caberia, aqui, destaque especial ao atletismo moçambicano e à Maria de Lurdes Mutola, a "Dama de Ouro", em sua carreira vencedora ao longo de duas décadas, Medalha de Ouro dos 800 metros rasos nos Jogos Olímpicos de Sydney, em 2000 e detentora do recorde mundial dos 1.000 metros em pista coberta e em pista aberta. E é interessante, também, que o futebol, desde cedo, esteve no horizonte de Mutola, conforme relata o jornalista Renato António Caldeira: "Tudo aconteceu de forma rápida na vida de Mutola. Após a proibição, aos 15 anos, de jogar futebol oficial masculino, pois 'desgraçava os rapazes', foi lançada pela mão do nosso poeta-amor José Craveirinha no atletismo local".⁶ Mais tarde, após encerrar a carreira no atletismo, Maria Mutola "regressou a um velho amor: o futebol. Agora joga na equipa do Germiston Luso África da liga sul-africana, com muito sucesso, utilizando o seu prodigioso pé esquerdo, a velocidade e a resistência para se destacar".⁷

Desse modo, é inegável o papel de socialização do futebol em Moçambique, sobretudo nos subúrbios das áreas urbanas. Originalmente, segundo o sociólogo Nuno Domingos, o futebol foi uma – talvez, desde o início, a principal – das modalidades esportivas que integraram a política colonial portuguesa:

[...] Nos territórios que completavam o edifício colonial português, as colônias africanas de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, as possessões indianas (Goa, Damão e Diu) e ainda Macau e Timor-Leste, os jogos desportivos modernos acompanharam o fenômeno colonial. [...].⁸

Para fundamentar sua argumentação sobre o papel do futebol na política colonial portuguesa em Moçambique, em relação a outras práticas esportivas, Nuno Domingos indica que, das 157 agremiações existentes no país em 1967, "112 tinham como modalidade principal o futebol, o que assinalava a sensível futebolização colonial".⁹

Portanto, o predomínio do futebol como modalidade esportiva, em Moçambique, possui suas origens no período do colonialismo português, como

⁵ ROCHA. Desporto, sociedade e construções identitárias em Moçambique, p. 221.

⁶ CALDEIRA. *Maria de Lurdes Mutola*, p. 3.

⁷ CALDEIRA. *Maria de Lurdes Mutola*, p. 21.

⁸ DOMINGOS. O campo de desportivização imperial português, p. 81-2.

⁹ DOMINGOS. O campo de desportivização imperial português, p. 82.

bem aponta Nuno Domingos, um dos principais estudiosos do assunto, autor da obra *Futebol e colonialismo: corpo e cultura popular em Moçambique* (2012). Nos dias atuais, essa relação com Portugal ainda se faz sentir muito presente pelo interesse que o futebol luso desperta nas ex-colônias africanas, incluindo Moçambique: “O Benfica, o Porto e o Sporting são os grandes embaixadores desta relação de proximidade, os suportes de uma memória antiga transmitida geracionalmente, que todos os dias se reproduz, demonstrando uma vitalidade que não deixa de surpreender”.¹⁰ E o sociólogo assevera: “Neste sentido, parece que, mais do que ter sobrevivido à experiência colonial, o futebol português se configura como um universo autónomo de significados que sobrevive com facilidade sem uma remissão constante para o passado”.¹¹

Sendo assim, tal interesse pelo futebol português, que se mantém por décadas em Moçambique, pode ser concretamente apreendido no próprio cotidiano da capital, Maputo, seja pelo fato de ser comum ver moçambicanos trajando camisas dos três grandes clubes portugueses em dias de jogos, seja pela busca de informações em jornais esportivos portugueses, sobretudo o jornal lisboeta *A Bola*, o principal jornal esportivo em língua portuguesa em termos de alcance e abrangência de leitores, que possui também uma edição para a África lusófona.

Desse modo, como autênticos torcedores apaixonados por seus clubes, os moçambicanos “possuem um conhecimento profundo sobre a vida das principais equipas portuguesas. Acompanham os resultados, a carreira dos jogadores, e opinam, com uma competência elevada, sobre a forma desportiva das equipas, o seu tipo de jogo, as vantagens e inconsistências de jogadores e treinadores”.¹²

Sem dúvida, como ressalta Nuno Domingos, há uma questão que ultrapassa essa relação das ex-colônias portuguesas com o futebol da ex-metrópole: o fato de o futebol ter se tornado, no continente africano, um significativo índice de identidade e de representatividade:

Como ficou mais uma vez comprovado aquando da realização do campeonato do Mundo na Alemanha [em 2006], o futebol é uma poderosa forma de afirmação africana no mundo, um momento em que o

¹⁰ DOMINGOS. O futebol português em Moçambique como memória social, p. 3.

¹¹ DOMINGOS. O futebol português em Moçambique como memória social, p. 3.

¹² DOMINGOS. O futebol português em Moçambique como memória social, p. 4.

continente pode competir em igualdade com os países mais poderosos, nomeadamente com as nações do continente colonizador, a Europa.¹³

Portanto, a força da presença do futebol português nas ex-colônias demonstra que a transculturação se torna uma via de mão dupla que ultrapassa fronteiras, para além dos laços coloniais do passado, uma vez que o interesse pelo futebol se torna também um modo de se construir relações identitárias e de representatividade. Segundo Nuno Domingos, seria algo que resultaria do “encontro colonial” que levaria à construção de uma “memória social incorporada” enquanto “parte importante da cultura popular urbana das cidades como Maputo ou Luanda”:

O papel do futebol português no âmbito das “memórias coloniais” está para além de uma simples rememoração de acontecimentos recuados, cuja importância é relembrada cerimonialmente. Matéria de uma memória actuante, é um património presente, apropriado, adaptado, ajustado aos quotidiano locais.¹⁴

Torna-se fundamental, também, ressaltar que, no caso específico do futebol moçambicano, a influência colonial foi marcante. Já nas primeiras décadas do século XX, clubes portugueses fundaram filiais em Moçambique, sendo que o Sport Lisboa e Benfica teriasido o pioneiros ao fundar, em Lourenço Marques, nome da capital Maputo durante o período colonial, em 01 de julho de 1916, o Sport Lisboa e Beira. Entretanto, a principal representação do Benfica seria fundada em 31 de maio de 1921, em Lourenço Marques: o Clube Desportivo. Naquela época, outro clube lisboeta, o Sporting Clube de Portugal, também marcou sua presença em Moçambique ao fundar, em 03 de maio de 1920, o Sporting Club de Lourenço Marques.¹⁵

Todavia, dentro da política colonial portuguesa, a discriminação racial também se faria presente no âmbito do futebol, o que levaria a “uma popularização segregada” do futebol.¹⁶ As filiais dos clubes portugueses, bem como o Clube Ferroviário, um dos principais do país, fundado pela empresa colonial portuguesa Caminhos-de-Ferro em 13 de outubro de 1924, vincularam-se à Associação de Futebol

¹³ DOMINGOS. O futebol português em Moçambique como memória social, p. 4.

¹⁴ DOMINGOS. O futebol português em Moçambique como memória social, p. 4.

¹⁵ DOMINGOS. O futebol português em Moçambique como memória social, p. 4-5.

¹⁶ DOMINGOS. Desporto moderno e situações coloniais: o caso do futebol em Lourenço Marques, p. 220.

de Lourenço Marques (AFLM), que fora criada em 14 de maio de 1932, e que, através da administração colonial, era vinculada à Federação Portuguesa de Futebol.¹⁷

Por sua vez, a própria topografia da então capital, Lourenço Marques, representaria a divisão entre os clubes vinculados à administração colonial, situados na Baixa, e os clubes africanos que foram fundados, ainda na década de 1920, nos subúrbios da capital. Estes, sem acesso à AFLM, em 1934, reuniram-se na Associação de Futebol Africana (AFA), o que gerou, portanto, duas competições distintas.¹⁸ Não obstante tal fato, segundo Nuno Domingos, gradativamente, essa divisão racial entre clubes brancos da baixa e clubes do subúrbio negro apresentou certa perenidade, à medida que alguns jogadores, considerados culturalmente “assimilados”, tinham acesso aos dois campeonatos. Todavia, até os anos 1950, quando esse quadro se alterou significativamente, foram poucos os jogadores vinculados à AFA que se transferiram para a AFLM.¹⁹ Isso se alterou com o aumento do interesse de clubes portugueses por jogadores das colônias africanas. O caso mais emblemático teria sido o do famoso jogador Mário Coluna, que iniciou sua carreira jogando pelo clube João Albasini, vinculado à AFA, transferiu-se para o Clube Desportivo, vinculado à AFLM. Aliás, em 1954, Coluna se transferiria do Desportivo para o Benfica de Lisboa.²⁰

Sem dúvida, o interesse da população de Moçambique pelas equipes portuguesas ganhou um impulso significativo com a transferência de jogadores negros e mestiços para equipes metropolitanas, como ocorreu com Mário Wilson, para o Sporting em 1949, Matateu, para o Belenenses em 1951, Naldo e Coluna, ambos para o Benfica em 1954, e o principal deles, Eusébio, para o Benfica em 1960, portanto, não mais se limitando ao interesse dos colonos brancos e de integrantes da elite negra e mestiça no país.²¹ Da mesma forma, intensificaram-se as excursões de equipes portuguesas às colônias africanas, e as transmissões de rádio também colaboraram para uma difusão ainda maior das competições em Portugal, em que jogadores oriundos das colônias cada vez mais se destacavam.

¹⁷ DOMINGOS. O futebol português em Moçambique como memória social, p. 5.

¹⁸ DOMINGOS. O futebol português em Moçambique como memória social, p. 5.

¹⁹ DOMINGOS. O futebol português em Moçambique como memória social, p. 5.

²⁰ DOMINGOS. O futebol português em Moçambique como memória social, p. 12.

²¹ DOMINGOS. Desporto moderno e situações coloniais, p. 237.

Ponto alto foi a excursão do Benfica em julho de 1962 a Moçambique e Angola, após ter conquistado a Taça dos Campeões da Europa pela segunda vez.²²

Não obstante esse quadro, após a vitória na Guerra de Independência, em “25 de Junho de 1975”,²³ o novo regime político tomou medidas que visavam a reduzir a influência do futebol da ex-metrópole sobre o cenário esportivo moçambicano. Uma dessas medidas determinou que os principais clubes mudassem seus nomes. O Sporting de Lourenço Marques passou a se chamar Maxaquene, enquanto o Benfica de Lourenço Marques foi alterado para Costa do Sol, e a própria capital teria seu nome mudado para Maputo. Outra medida foi restringir a transferência de jogadores moçambicanos para o exterior, que seria revogada em 1987.²⁴

Todavia, conforme aponta Nuno Domingos, no período pós-Independência, embora tais medidas tenham sido levadas a cabo, a popularidade dos clubes portugueses não diminuiu: “A ‘memória social’ sobreviveu ao corte radical de alguns laços, à alteração de nomes, à quebra da circulação dos jogadores”.²⁵ E duas transmissões televisivas semanais garantem aos moçambicanos a possibilidade de acompanhar as competições futebolísticas de Portugal.

Por sua vez, há um ponto muito importante ressaltado por Nuno Domingos ao criticar a tese de que, nesse interesse de moçambicanos pelo futebol português refletir-se-ia uma nostalgia em relação ao passado colonial. Ao contrário, segundo o sociólogo, tratar-se-ia de algo que não, necessariamente, estivesse associado, nostagicamente, ao passado colonial:

Se recordarmos que a herança educativa e cultural portuguesa em Moçambique foi caracterizada pela ineficácia e pelo desinteresse do poder colonial em democratizar a cultura, a língua e a educação é relevante que o futebol, à margem das políticas oficiais, continue a ser matéria de produção de laços entre Portugal e os países de língua oficial portuguesa. O futebol, traduzindo-se numa linguagem corporal identificada, servido por regras simples e partilhadas por todas as classes sociais, afirma-se como uma ‘linguagem franca’, cujos conteúdos, em Moçambique, remetem para uma mundividência portuguesa. Estes conteúdos servem, porém, a vida social moçambicana, os seus gestos e

²² DOMINGOS. O futebol português em Moçambique como memória social, p. 6.

²³ VISENTINI. As revoluções africanas, p. 91.

²⁴ DOMINGOS. O futebol português em Moçambique como memória social, p. 7.

²⁵ DOMINGOS. O futebol português em Moçambique como memória social, p. 7.

interacções quotidianos, razão pela qual participam de uma «memória social» solidificada, cujo significado é grandemente autónomo do passado colonial.²⁶

Portanto, por praticamente 100 anos, o futebol desenvolveu-se em Moçambique, a ponto de se tornar um esporte popular com o qual os moçambicanos se identificam. Independente de questões políticas, o futebol passou a fazer parte do lazer das camadas urbanas periféricas, seja na prática, seja na assistência. Nesse sentido, Nuno Domingos destaca o papel do futebol praticado em bairros de Lourenço Marques, para além de seu uso político pela administração colonial:

[...] Espaços primordiais de performance, os jogos de bairro estiveram na base do surgimento de uma narrativa do futebol local, constituída por relatos de gestos e movimentos extraordinários, pela celebração de heróis desportivos e pelo desenvolvimento de um estilo de jogo, cujo padrão, traduzido nos corpos e nos movimentos dos jogadores, dialogava com as condições de existência definidas pelo processo histórico colonial. [...].²⁷

A seguir, daremos início a análise dos textos que formam o corpus do presente estudo, tendo em mente a contextualização do futebol em Moçambique, apresentada nesta seção.

MIA COUTO E O FUTEBOL EM DOIS CONTOS DE *O FIO DAS MISSANGAS*

O livro *O fio das missangas* (2004), uma coletânea composta por vinte e nove contos, contém dois contos que abordam a temática do futebol: “O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial” e “A carta de Ronaldinho”. Ambos foram estudados por Elizabeth da Silva Mendonça. Para a pesquisadora, Mia Couto propõe um projeto literário que “tenta escrever a moçambicanidade, ou seja, uma identidade para seu povo”,²⁸ no qual o futebol também desempenharia um papel significativo.

Ambos os contos se relacionam com o Mundial de 2002, disputado na Coreia e no Japão, e também com a seleção brasileira, que se tornaria campeã ao vencer a seleção da Alemanha, na partida final, em 30 de junho de 2002, pelo

²⁶ DOMINGOS. O futebol português em Moçambique como memória social, p. 9-10.

²⁷ DOMINGOS. Desporto moderno e situações coloniais, p. 225.

²⁸ MENDONÇA. O espetáculo da Copa do Mundo de 2002 em dois contos de Mia Couto, p. 1.

placar de 2 a 0. Por assim dizer, Mia Couto se vale do fascínio exercido pelos mundiais de futebol como eventos midiáticos e espetacularizados por excelência para apresentar, segundo Mendonça,²⁹ “uma feroz crítica social”. Assim, aparentemente, o futebol seria meio para que, através da ficção, o escritor moçambicano pudesse apresentar, de maneira crítica, mazelas sociais de seu país, propondo, assim, “uma saída onírica para uma realidade em que quase tudo é privado aos personagens do conto, menos o direito de se imaginarem nos gramados do Mundial de 2002”.³⁰

O conto “O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial”, como o próprio título já permite antever, tem por personagem principal e narrador um mendigo, morador de rua, que, após ser espancado por policiais, busca atendimento em um hospital e conversa com o “doutor”, um interlocutor sem voz. O mendigo havia sido destratado quando assistia a um jogo do Mundial pela TV, exibido em um aparelho televisor que estava exposto na vitrine da loja de um shopping. Assim, o passeio público diante da loja de televisores torna-se a sala de estar de Sexta-Feira e de outros mendigos, fascinados pelo futebol. O passeio público afigura-se a Sexta-Feira como um espaço em que ele pode se sentir pertencente ao grupo de mendigos, numa espécie de “comunidade imaginada”,³¹ como diria Benedict Anderson: “É ali no passeio que assisto futebol, ali alcanço ilusão de ter familiares. O passeio é um corredor da enfermaria. Todos nós, os indigentes ali alinhados, ganhamos um tecto nesse momento. Um tecto que nos cobre neste e outros continentes”.³² Aliás, segundo Mendonça, o cenário construído no conto coloca Sexta-Feira e os outros mendigos diante de dois fatores que geram ilusão: o consumo e a mídia televisiva: “O mendigo encontra-se em frente a dois templos de ilusão, um está localizado dentro do outro: a televisão dentro do shopping”.³³

Entretanto, o jogo da bola, aos olhos de Sexta-Feira, permite reflexões sobre o jogo da vida: enquanto um lance faltoso e o contorcionismo, muitas vezes

²⁹ MENDONÇA. O espetáculo da Copa do Mundo de 2002 em dois contos de Mia Couto, p. 1.

³⁰ MENDONÇA. O espetáculo da Copa do Mundo de 2002 em dois contos de Mia Couto, p. 1.

³¹ ANDERSON. *Comunidades imaginadas*, p. 32.

³² COUTO. O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial, p. 82.

³³ MENDONÇA. O espetáculo da Copa do Mundo de 2002 em dois contos de Mia Couto, p. 3.

simulado, do jogador de futebol recebem toda a atenção, suas dores e chagas cotidianas são invisíveis à sociedade:

[...] O que me inveja não são esses jovens, esses fintabolistas, todos cheios de vigor. O que eu invejo, doutor, é quando o jogador cai no chão e se enrola e rebola a exibir bem alto as suas queixas. A dor dele faz parar o mundo. Um mundo cheio de dores verdadeiras pára perante a dor falsa de um futebolista. As minhas mágoas que são tantas e tão verdadeiras e nenhum árbitro manda parar a vida para me atender, reboladinho que estou por dentro, rasteirado que fui pelos outros. Se a vida fosse um relvado, quantos penalties eu já tinha marcado contra o destino?³⁴

Por sua vez, as imagens do Mundial pela TV permitem ao mendigo dar asas a sua imaginação: “Quem disse que a televisão não fabrica as actuais magias?”.³⁵ Transportando a si, aos mendigos do passeio e ao doutor para o Mundial – numa autêntica transculturação para além das fronteiras do real e do imaginário –, Sexta-Feira imagina o mundo do futebol como reverso de sua dura realidade nas ruas da cidade:

O que eu vi num adocicar de visão foi isto, sem mais nem menos: eu e os mendigos de sexta-feira estamos no mundial, formamos equipa com fardamento brilhoso. E o doutor é o treinador. E jogamos, neste momento preciso. Eu sou o extremo esquerdo e vou dominando o esférico, que é um modo de dominar o mundo. Por trás, os aplausos da multidão. De repente, sofro carga do defesa contrário. Jogo perigoso, reclamam as vozes aos milhares. Sim, um cartão amarelo, brada o doutor. Porém, o defesa continua a agressão, cresce o protesto da multidão. Isso, senhor árbitro, cartão vermelho! Boa decisão! Haja no jogo a justiça que nos falta na Vida.³⁶

Todavia, esse quadro imaginado por Sexta-Feira sofre um profundo revés, em que a aparente justiça se esvai e devolve a personagem à dura realidade:

Afinal, o vermelho é do cartão ou será do próprio sangue? Não há dúvida: necessito assistência, lesionado sem fingimento. Suspendessem o jogo, expulsassem o agressor das quatro linhas. Surpresa minha – o próprio árbitro é quem me passa a agredir. Nesse momento, me assalta a sensação de um despertar como se eu saísse da televisão para o passeio. Ainda vejo a matraca do polícia descendo sobre a minha cabeça. Então, as luzes do estádio se apagam.³⁷

³⁴ COUTO. O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial, p. 82.

³⁵ COUTO. O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial, p. 84.

³⁶ COUTO. O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial, p. 84.

³⁷ COUTO. O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial, p. 84.

Não são bem “luzes do estádio” que se apagam, mas sim a imaginação em sua mente, frente à agressão à qual Sexta-Feira é submetido pelos agentes do Estado. Em sua interpretação, Mendonça considera que o “apagar das luzes” possa aludir à própria morte de Sexta-Feira: “O conto deixa, em seu desfecho, conforme exposto no trecho anteriormente citado, a interrogação sobre a possível morte do mendigo pela ação violenta da polícia. Tal morte poderia significar o fim do sonho ou da própria vida física”.³⁸

Em estado de indigência, o narrador-protagonista sente-se vivo quando procura uma das instituições do Estado, o hospital público, que deveria reparar-lhe os danos físicos causados por outra instituição, a polícia. E mesmo que o tratamento que lhe é dispensado no hospital deixe a desejar, Sexta-Feira considera que, só de estar ali, ele sairia de seu estado de indigência: “Mal atendido, quase sempre. Mas nessa infinita fila de espera, me vem a ilusão de me vizinhar do mundo”.³⁹

Por fim, um dos aspectos que nossa interpretação desse conto difere da interpretação proposta por Mendonça diz respeito ao futebol e sua popularidade em Moçambique: “O jogo de futebol trazido pelo colonizador europeu para Moçambique como uma condição civilizatória pode ser lido, no conto, como uma forma de o mendigo tentar integrar-se na sociedade ‘civilizada’, para a qual ele não existe”.⁴⁰ Ainda nesse sentido: “O jogo televisionado pode ser interpretado como um elemento entorpecedor e desviante do indivíduo da sua realidade cotidiana, aqui denunciado pela voz do mendigo que embarca nesse universo de sonhos virtuais”.⁴¹

Por um lado, mesmo que o futebol tenha chegado a Moçambique associado a empreendimentos civilizatórios colonialistas, conforme apresentado por Nuno Domingos, pelo menos desde a década de 1950, a história do futebol moçambicano demonstra que ele se tornou um esporte popular no país, que ainda possui laços com a antiga metrópole pela paixão que muitos torcedores nutrem pelos principais clubes portugueses, como apresentado anteriormente, paixão esta sedimentada também pelo êxito de jogadores moçambicanos, entre eles, Eusébio, Coluna e

³⁸ MENDONÇA. O espetáculo da Copa do Mundo de 2002 em dois contos de Mia Couto, p. 6.

³⁹ COUTO. O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial, p. 81.

⁴⁰ MENDONÇA. O espetáculo da Copa do Mundo de 2002 em dois contos de Mia Couto, p. 4.

⁴¹ MENDONÇA. O espetáculo da Copa do Mundo de 2002 em dois contos de Mia Couto, p. 4-5.

Matateu. Além disso, conforme argumenta a antropóloga Bea Vidacs em relação ao contexto africano, “[o]s usos ideológicos do esporte também podem ser observados além do contexto colonial. Governos pós-coloniais utilizaram o esporte tanto para o controle social como para promoção de sentimentos”.⁴²

Por outro lado, falar do futebol como “um elemento entorpecedor e desviante” nos parece uma retomada do já desgastado argumento do futebol como “ópio do povo”. Como nos lembra o antropólogo Roberto DaMatta, o futebol não tem em si um significado imanente e pode, desta forma, sofrer transformações em seu sentido, de acordo com os modos com que uma dada sociedade dele se apropria: o futebol é aquilo o que dele fazemos, pois, “como todas as atividades humanas, não teria uma essência que seria cheia ou vazia de consequências, mas dependeria da relação que estabelece com seus receptores num dado momento e numa dada sociedade”.⁴³ Portanto, o futebol é aquilo o que dele fazemos, não sendo, em essência, alienante.

Passemos, agora, à interpretação do segundo conto, “A carta de Ronaldinho”.⁴⁴ De certo modo, esse conto estabelece uma relação com o conto “O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial”. Para além do fato de terem sido publicados na mesma coletânea – *O fio das missangas* – e de se associarem ao Mundial de 2002 – aqui, o protagonista se chama Filipão Timóteo, numa alusão a Felipão (Luiz Felipe Scolari), treinador brasileiro que liderou a seleção pentacampeã e se tornaria o treinador da seleção portuguesa na Copa Europa de 2004, e que teve em sua equipe uma das estrelas do Mundial, Ronaldinho Gaúcho, craque que atuava no Barcelona –, ambos possuem a imaginação como um fator preponderante, e em ambos a televisão possui o seu poder – o aparelho televisor na loja localizada no Dubai Shopping; o aparelho televisor imaginário que Filipão Timóteo risca com carvão em forma de tela de TV na parede do bar da Munhava.⁴⁵

Se Sexta-Feira, ao assistir às imagens do Mundial através da TV, juntamente com seus irmãos de infortúnio, se imaginava jogando o torneiro, no conto “A carta

⁴² VIDACS. O esporte e os estudos africanos, p. 48.

⁴³ DaMATTAA. Os milagres do futebol, p. 88-9.

⁴⁴ COUTO. A carta de Ronaldinho, p. 99-102.

⁴⁵ COUTO. A carta de Ronaldinho, p. 100.

de Ronaldinho”, a imaginação de Filipão Timóteo vai além, imagina e transforma em imagem o próprio aparelho:

As pessoas sabiam: não havia televisor. O bar era pobre e, para além do balcão, não sobrava apetrecho. O que havia na parede era um desenho de um ecrã rabiscado a carvão. Filipão desenhara o televisor com detalhe de engenheiro. E ali estavam compostos com perfeição os botões, a antena, os fios. Pobre não festeja por causa da alegria. A alegria é que se instala, convidada, e faz a festa ter casa e causa.⁴⁶

Como Mendonça bem aponta, os protagonistas “acabam se tornando participantes ativos desse mundo onírico, para o qual escapam, fugindo de uma realidade de solidão e miséria”.⁴⁷ Mais uma vez, o jogo de futebol aparece como metáfora para o jogo da vida: enquanto Sexta-Feira percebe a lesão de um jogador de futebol como um elo com suas lesões e a dos demais mendigos, Filipão Timóteo, idoso aposentado, encara a vida como o próprio jogo, que pode ser prolongada:

Uns aprendem a andar. Outros aprendem a cair. Conforme o chão de um é feito para o futuro e o de outro é rabiscado para sobrevivência. Filipão Timóteo pisava ou era pisado pelo chão? O mundo do velho já semelhava a um relvado de futebol: ali ele fintava o tempo, esticando a partida com a vida para período de compensação.⁴⁸

Entretanto, aos olhos de outros moradores da Munhava, bairro da Beira, cidade natal de Mia Couto, o velho Filipão Timóteo estava senil, imaginando-se treinador de futebol, comemorando “goooooos” aos gritos e convidando os transeuntes a entrarem no bar e a desfrutarem das imagens do jogo que iria começar, através do aparelho imaginário desenhado na parede:

Depois, já deitadas as instruções, o velho vinha à porta da taberna e gritava para o exterior:

— *Já começou!*

E se adentrava para assistir a mais um desses jogos que só ele testemunhava na sua imaginação.⁴⁹

Por fim, seus filhos vieram buscá-lo, para levá-lo para outra cidade. Todavia, Filipão se recusa a ir, apegado a seu bar, aos jogos do Mundial vistos através do

⁴⁶ COUTO. A carta de Ronaldinho, p. 100.

⁴⁷ MENDONÇA. O espetáculo da Copa do Mundo de 2002 em dois contos de Mia Couto, p. 6.

⁴⁸ COUTO. A carta de Ronaldinho, p. 100.

⁴⁹ COUTO. A carta de Ronaldinho, p. 100. (grifo no original).

televisor imaginário riscado na parede, e à sua atividade de treinador. Assim, os filhos bolam uma estratégia para iludir o pai, que vivia no mundo da fantasia, a não resistir e a seguirem com eles:

[...] Um dia, o filho mais novo trouxe uma carta. Era um papel sério, com carimbo e redigido em máquina.

— *O que é isso?*

— *Isso é para o senhor, meu pai.*

— *Não sabe que eu não leio letras?*

O filho ajustou os óculos e leu em voz alta. Era uma convocatória da Federação Nacional de Futebol. Congratulando-o pelo seu contributo para o desporto e pelos galardões alcançados pela selecção. Chamavam-no para ir para a capital. Para descansar junto da família.

— *Essa carta é falsa!*

— *Como falsa?! Tem carimbo, tem assinatura, tem tudo.*⁵⁰

Todavia, para surpresa do filho mais novo – e também do leitor, Filipão Timóteo contrapõe a suposta carta da federação moçambicana a outra, recebida de um ilustre jogador brasileiro:

— *Veja esta outra carta!*

E o pai estendeu um envelope ao filho. Tinha selo do Brasil e estava assim endereçada: Senhor Filipão Timóteo, Bar da Munhava. Assim, sem emenda nem gatafunho. Em baixo, a assinatura bem desenhada: Ronaldinho Gaúcho. O moço foi saindo, sem fôlego para palavra. A voz do pai o fez parar.⁵¹

Assim, Filipão Timóteo desmascara a falsidade da carta trazida pelo filho mais novo, apresentando a suposta carta de Ronaldinho Gaúcho. Ao propor uma lógica interpretativa dessa passagem do conto, Mendonça não associa a autoria da carta de Ronaldinho ao próprio idoso, mas sim a alguém que, no intuito de caçoar dele, a teria escrito e lhe enviado:

Podemos compreender que a carta fora dada ao velho por alguém que desejava troçar de sua insanidade, mas ele, de maneira astuta, consegue usá-la para continuar na sua vida imaginária, dado que sua ida com os filhos para a capital representaria, talvez, a sua internação em um hospício e, até mesmo, a morte provocada pela solidão.⁵²

⁵⁰ COUTO. A carta de Ronaldinho, p. 101. (grifos no original).

⁵¹ COUTO. A carta de Ronaldinho, p. 101.

⁵² MENDONÇA. O espetáculo da Copa do Mundo de 2002 em dois contos de Mia Couto, p. 9.

Todavia, não obstante todo o mundo fantasioso em que Filipão vive enredado, parece que temos uma falsidade respondendo à outra. Isso, aliás, soa plausível, se considerarmos a epígrafe do conto: “O problema não é ser mentira. É ser mentira desqualificada’ (Provérbio da Munhava)”.⁵³ Como bem ressalta Mendonça, a mentira do filho de Filipão seria uma “mentira desqualificada”: “Preocupados com o olhar dos outros, conforme explicita o diálogo extraído do conto: [...] a mentira que inventam acaba sendo desqualificada. Dessa forma, o provérbio é retomado: [...]”.⁵⁴ Mas, de acordo com nossa interpretação, cabe destacar também que, na sabedoria da Munhava, mais vale uma mentira bem construída, do que uma desmascarada. Assim, toda a fantasia de Filipão, ao final, surge como uma grande mentira, porém, legítima. Para si, viver na fantasia é sobreviver. E o protagonista não se faz de rogado ao proferir as seguintes frases ao final do conto:

— *E já agora, meu filho...*
 — *Sim? -* o filho perguntou, sem se virar.
 — *Você pode-me trazer lá da cidade um pauzinho de giz que é para eu desenhar um televisor novinho?*⁵⁵

Sendo assim, ao final, ocorre o triunfo do pai sobre o filho, o triunfo da sabedoria da Munhava, o triunfo da fantasia de ser Filipão Timóteo, que deseja “desenhar um televisor novinho”.

MIA COUTO, UMA CRÔNICA DE FUTEBOL E UMA ENTREVISTA SOBRE O BRASIL

Nesta seção, versaremos sobre uma crônica de futebol, de Mia Couto, “O dia em que fuzilaram o guarda-redes de minha equipa”, publicada no livro *Cronicando* (1991), e sobre uma entrevista concedida pelo escritor moçambicano à revista *Época* em abril de 2014: “Mia Couto: o Brasil nos enganou”.

Iniciemos pela crônica “O dia em que fuzilaram o guarda-redes de minha equipa”. De início, numa distinção entre um “nós” e “os outros”, Mia Couto se recorda da infância passada na cidade da Beira, onde nascera em 05 de julho de

⁵³ COUTO. A carta de Ronaldinho, p. 99.

⁵⁴ MENDONÇA. O espetáculo da Copa do Mundo de 2002 em dois contos de Mia Couto, p. 10.

⁵⁵ COUTO. A carta de Ronaldinho, p. 102. (grifos no original).

1955: “Nós éramos os do muro, sentadiços. Os outros corriam os futebóis, dispensavam suores”.⁵⁶ Ao invés de jogarem futebol como os demais meninos, os “do muro” preferiam jogar “matraquilhos”, nome dado em Moçambique ao futebol de mesa conhecido no Brasil, entre outras designações, como “pebolim” ou “totó”:

Nosso futebol era ali, na mesa de matraquilhos do Bar Viriato. A mesa de jogo dormia fora do bar, ao dispor do luar que tombava no pátio. Era tão pesada que nenhum ladrão punha nela sua cobiça. Os roubadores daqueles tempos tinham dedos tremedosos, eram gente de pequeno empreendimento.⁵⁷

Por sua vez, as disputas na mesa de matraquilhos já despertavam no jovem Mia as fantasias do grande futebol: “Naquele pátio do Bairro Matacuane ficava o estádio do nosso encantamento. Era ali que vibravam as nossas multidões quando a pequena bola de madeira escorrecaía no buraco da baliza”.⁵⁸

Entretanto, não obstante representar um espaço de integração entre os garotos, o Bar Viriato era frequentado também por soldados, revelando o contexto da guerra de Independência:

Mas nós, sem idade e com as raças todas à mistura, só podíamos frequentar o imaginário relvado no intervalo dos outros. A mesa de matraquilhos era nossa só quase às vezes. No resto, pertencia aos tropas, soldados que abundavam por aqueles lados. O Viriato ficava na fronteira dos mundos, subúrbio dos subúrbios.⁵⁹

Tempos difíceis, de poucos recursos, Mia Couto e seu amigo Nandito tinham de conseguir dinheiro para poderem comprar as fichas e jogar matraquilhos:

Mas a brincadeira dos matraquilhos custava cada vez mais preço. A moeda roubávamos lá em casa descarteirando eu de meu pai e Nandito não se sabe de onde. A moedinha abria o momento mágico. A gente metia na ranhura e a máquina expedia suas nove bolinhas, já tão gastas que coxeavam em cada volta de seus épicos percursos.⁶⁰

Cabe ressaltar que essa fascinação provém de uma das três propriedades do ser humano, apontadas por Johan Huizinga: a do raciocínio (o *Homo Sapiens*), a da

⁵⁶ COUTO. O dia em que fuzilaram o guarda-redes da minha equipa, p. 47.

⁵⁷ COUTO. O dia em que fuzilaram o guarda-redes da minha equipa, p. 47.

⁵⁸ COUTO. O dia em que fuzilaram o guarda-redes da minha equipa, p. 47.

⁵⁹ COUTO. O dia em que fuzilaram o guarda-redes da minha equipa, p. 47-8.

⁶⁰ COUTO. O dia em que fuzilaram o guarda-redes da minha equipa, p. 48.

engenhosidade prática (o *Homo Faber*), e a da ludicidade (o *Homo Ludens*).⁶¹ O jogo em geral seria a concretização da ludicidade na sociedade. Podemos encontrar, por exemplo, jogos que simulam outros jogos, ou seja, são seus simulacros. Como uma das modalidades esportivas mais difundidas no planeta, ao longo do século XX, o futebol inspirou uma série de jogos enquanto simulacros, os quais continham especificidades materiais e regras próprias.⁶² O matraquilhos é um desses simulacros.

Todavia, o inusitado na crônica de Mia Couto ainda estava por vir:

Foi quando se deram os casos chamados para esta estória. Primeiro acharam graça: apareceu um dos bonequinhos pintado de preto. O avançado do centro da minha equipa tinha mudado de raça, da noite para a madrugada. Os soldados portugueses, quando chegaram, fizeram riso e alcunharam o novo matraquilho de Eusébio.

Depois, apareceram mais três avançados, subitamente transcoloridos. Ainda encontraram piada, anedotaram. Distribuíram mais nomes: Coluna, Vicente, Matateu. Só o dono do bar é que ventilou ameaças: se descubro o sacana do pintor, ai de quem!⁶³

Assim, a mesa de matraquilhos, de certo modo, com seus bonequinhos expressando os colonizadores, foi se transculturando por intervenção desconhecida. E, como numa via de mão dupla, os soldados portugueses lhes foram atribuindo os nomes dos grandes craques moçambicanos das décadas de 1950 e 1960, que envergariam também a camisa da seleção de Portugal. Porém, as transformações na mesa de matraquilhos não parariam por aí:

Um dia a mesa amanheceu com todos os jogadores de raça negra. No bar Viriato, bem luso de seu nome e propriedade, figuravam os matraquilhos mais africanos do mundo. Eu e Nandito apresentámo-nos bem cedinho, madrugada recém-estreada. Não tocávamos no jogo, ficamos espectadores. Olhávamos as gotinhas de cacimbo, rebrilhando nas botas dos bonequinhos.⁶⁴

Dessa forma, a representatividade de uma África negra chegava à mesa de matraquilhos, antes branca da colonização. Porém, ao contrário do modo como os soldados portugueses reagiram, inicialmente, ao verem alguns bonequinhos

⁶¹ HUIZINGA. *Homo Ludens*, p. 3.

⁶² CORNELSEN. O futebol e seus simulacros no reino da ludicidade – Subbuteo, s/p.

⁶³ COUTO. O dia em que fuzilaram o guarda-redes da minha equipa, p. 48.

⁶⁴ COUTO. O dia em que fuzilaram o guarda-redes da minha equipa, p. 48-9.

pintados de preto, associando-os aos jogadores moçambicanos que haviam se transferido para clubes portugueses, como o Benfica, e que também envergavam a camisa da seleção de Portugal, com a nova conformação da mesa, com todos os bonequinhos pintados de preto, a reação foi totalmente outra:

Até que surgiram os tropas, barulhosos, donos, chegaram-se aos matraquilhos e trocaram suas admirações. Dessa vez, ninguém riu. Ao inverso, havia uma raiva partilhada que multicrescia. De repente, um dos soldados se deu de berrar salivando raivas. Os outros tentavam de acalmar-lhe as fúrias. Mas nada, o homem se atestara de ódios. Súbito, retirou do cinto uma pistola e em volta fechou-se o silêncio, solene.⁶⁵

Assim, o contexto da guerra – da “Guerra Colonial”, na perspectiva portuguesa, fora transposto para a mesa de matraquilhos. Esquecidos os ídolos moçambicanos do futebol, um dos soldados reagiu com raiva e violência:

Viriato, era o *saloon*. E aquele soldado acenando a pistola era o Clint Eastwood, o Rambo dos tempos. Quem sabe foi por causa desse estado de maravilhação que o Nandito não ouviu gritarem quando o soldado louco apontou sobre o guarda-redes da minha equipa. O tiro soou e o pequeno boneco esvoou, salpicando estilhaços, mais súbitos que o sangue.⁶⁶

Ao final da crônica, permanece a lembrança do ocorrido: “Ainda hoje aquele tiro continua ressoando em minha vida, junto com esse outro grito que, por engano e um relâmpago, me pareceu sair do bonequinho alvejado”.⁶⁷ Se, por um lado, o futebol surge na crônica como sendo um fator integrativo que pode colaborar para o respeito à diferença, por outro, a intolerância e a beligerância em tempos de guerra e de colonização acabam falando mais alto.

Por fim, como último texto a se analisar neste breve estudo, em entrevista concedida a Luís Antônio Giron e publicada na revista *Época* em 25 de abril de 2014, menos de dois meses antes do início da Copa do Mundo disputada no Brasil, Mia Couto falou, entre outros assuntos, sobre futebol e carnaval, dois patrimônios culturais brasileiros. Uma das questões formuladas ao escritor pelo jornalista foi a seguinte: “O Brasil foi um modelo para os países luso-africanos. Ele continua a ser

⁶⁵ COUTO. O dia em que fuzilaram o guarda-redes da minha equipa, p. 49.

⁶⁶ COUTO. O dia em que fuzilaram o guarda-redes da minha equipa, p. 49.

⁶⁷ COUTO. O dia em que fuzilaram o guarda-redes da minha equipa, p. 49.

inspirador?” Em sua resposta, Mia Couto apresenta uma visão crítica sobre a sociedade brasileira:

O Brasil foi um modelo pela via da mistificação. O Brasil nos enganou. Recordo-me quando os primeiros jogadores de futebol negros brasileiros se impuseram ao mundo. Nós, na África, vimos aquilo como nosso futuro, a realização de um sonho: Pelé, Garrincha. Mas não era claro para todos que aquilo era a parte visível de um mundo extremamente racista. A celebração da alegria do Carnaval, a celebração do corpo negro como paradigma da beleza, foi sempre valorizada por nós. Mas víamos um Brasil que não existia. Isso se mantém até hoje. Porque vemos o Brasil com o orgulho de quem vê um membro de nossa família estar à frente, como uma das potências econômicas mundiais. Mas não percebemos as contradições internas que esse sistema tem. Todos precisamos ter um parente rico.⁶⁸

Essa passagem da entrevista revela um modo de olhar para si (“Nós, na África”) e para o outro (o Brasil, seus craques de futebol e seu Carnaval). Não obstante a identificação histórica, linguística e cultural, aos olhos de Mia Couto, as imagens recepcionadas na África, no passado e em dias atuais, não dão a dimensão de “um mundo extremamente racista” de “um Brasil que não existia”.⁶⁹ Assim, o escritor moçambicano toca num tema central: “não percebemos as contradições internas que esse sistema tem”.⁷⁰

Cabe destacar também que, numa perspectiva transcultural, que envolve também questões identitárias, segundo Mia Couto, a ascensão brasileira à potência futebolística mundial, com jogadores como Garrincha e Pelé, fez com que similaridades entre a cultura brasileira e a cultura moçambicana fossem evocadas: “vimos aquilo como nosso futuro, a realização de um sonho”.⁷¹ Entretanto, um conhecimento maior da sociedade brasileira faria com que esse modelo e essa crença no futuro se esvaíssem: “a falsificação que criamos em torno do Brasil era uma forma positiva de pensar um modelo do que poderíamos ser”.⁷² Portanto, como meio de transformação para além das fronteiras geopolíticas, tal modelo não se efetivou.

⁶⁸ GIRON. Mia Couto: o Brasil nos enganou, s/p.

⁶⁹ GIRON. Mia Couto: o Brasil nos enganou, s/p.

⁷⁰ GIRON. Mia Couto: o Brasil nos enganou, s/p.

⁷¹ GIRON. Mia Couto: o Brasil nos enganou, s/p.

⁷² GIRON. Mia Couto: o Brasil nos enganou, s/p.

FUTEBOL E TRANSCULTURAÇÃO EM MIA COUTO: A GUIA DE CONCLUSÃO

A crônica, a entrevista e os contos de futebol de Mia Couto, analisados no âmbito deste estudo, nos permitem afirmar que a imagem do futebol, neles veiculada, apresenta traços de transculturação. Escritos em três momentos distintos – 1991, 2002 e, respectivamente, 2014 – tais textos nos permitiram vislumbrar o modo como o escritor moçambicano mobiliza o tema do futebol, seja para revesti-lo de um tom memorialista que remonta ao período da guerra de Independência, seja para situá-lo na era da franca globalização midiática e econômica, em que o futebol se tornou mais uma mercadoria na prateleira do capitalismo, seja para refletir sobre o racismo estrutural brasileiro em um momento crítico do país no contexto da Copa do Mundo de 2014, momento este que só se agravou e culminou com a crise aguda que o outrora “país do futebol”, como rotulou Nelson Rodrigues em meados da década de 1970, a “pátria em chuteiras”⁷³ (sobre)vive na atualidade.

Na entrevista concedida ao repórter da revista *Época*, percebemos que a visão de Mia Couto frente às duas principais manifestações culturais brasileiras – o futebol e o carnaval – se pauta por um movimento de admiração e, ao mesmo tempo, de decepção, gerando, assim, uma crítica incisiva à sociedade, que ainda guarda ranços de racismo e de desigualdade social, e cujas manifestações culturais acabariam por perder seu caráter modelar. Fundamental para se pensar, aqui, na transculturação, é justamente o movimento empreendido pelo escritor ao pensar as realidades brasileira e moçambicana, elegendo, para isso, as manifestações culturais que as aproximam.

Por sua vez, a crônica acerca do jogo de matraquilhos, da infância de Mia Couto, com elementos ficcionalizantes que se assemelham aos traços de um conto, também possibilitou uma reflexão semelhante sobre questões que envolvem colonialismo e racismo, que acabam por atingir também o âmbito do futebol, mesmo que este se apresente, em geral, como um âmbito que promove a superação de fronteiras e o rompimento de barreiras das mais variadas ordens. Aqui, podemos retomar as noções de “memória colonial” e de “popularização segregada”

⁷³ RODRIGUES. A pátria em chuteiras, p. 179.

do futebol, apontadas por Nuno Domingos,⁷⁴ e seus reflexos no período em que Moçambique esteve sob o jugo do colonialismo português e da guerra.

No caso específico dos dois contos analisados, o aspecto mais evidente da transculturação para além das fronteiras parece-nos ser a influência midiática do futebol espetacularizado. Tanto para Sexta-Feira quanto para Filipão Timóteo, guardadas as devidas proporções, tal influência se faz presente. Nesse sentido, de uma perspectiva antropológica voltada para o contexto africano, Bea Vidacs traça a seguinte conjectura, que consideramos apropriada para se pensar essa imagem do futebol como apresentada nos dois contos:

[...] Uma parte igualmente importante dessa padronização é a globalização que se dá pela cobertura televisiva, que expõe o público africano, assim como os esportistas africanos atuais e futuros, aos padrões, normas e estilos de jogo globais. O alcance que tal fenômeno deixa para a inovação cultural está aberto a debate [...].⁷⁵

Tal exposição do mendigo Sexta-Feira e do idoso aposentado Filipão Timóteo a imagens potencializadas da Copa do Mundo de 2002, presentes em seus delírios, do jogo imaginário e, respectivamente, do aparelho televisivo imaginário, o que Mendonça⁷⁶ designa acertadamente de “dupla ficção”, para além da tese da alienação, reflete a força que o futebol globalizado e espetacularizado possui no contexto moçambicano, não como uma via de mão única, mas também como modo próprio de expressão, em que, como certa vez afirmou Mia Couto, “o outro também está dentro de nós”.⁷⁷

* * *

⁷⁴ DOMINGOS. Desporto moderno e situações coloniais, p. 220.

⁷⁵ VIDACS. O esporte e os estudos africanos, p. 51.

⁷⁶ MENDONÇA. O espetáculo da Copa do Mundo de 2002 em dois contos de Mia Couto, p. 8.

⁷⁷ D'ANGELO; FUHRMANN. “O outro também está dentro de nós”, afirma o escritor Mia Couto, s/p.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Cia das Letras, 2008.
- CALDEIRA, Renato. **Maria de Lurdes Mutola**. Maputo: Plural Editores, 2015.
- CORNELSEN, Elcio Loureiro. O futebol e seus simulacros no reino da lúdicodeza – Subbuteo. **História(s) do Sport** (blog), 18 dez. 2018.
- COUTO, Mia. A carta de Ronaldinho. In: COUTO, Mia. **O fio das missangas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 99-102.
- COUTO, Mia. Fintado por um verso. In: _____. **Pensageiro frequente**. Lisboa: Ed. Caminho, 2010, p. 12-3.
- COUTO, Mia. O dia em que fuzilaram o guarda-redes da minha equipa. In: _____. **Cronicando**. Lisboa: Ed. Caminho, 1991, p. 47-9.
- COUTO, Mia. O mendigo Sexta-Feira jogando no Mundial. In: _____. **O fio das missangas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 81-4.
- D'ANGELO, Helô; FUHRMANN, Leonardo. “O outro também está dentro de nós”, afirma o escritor Mia Couto (entrevista). **Revista Fórum**, 19 nov. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3bTrGly>. Acesso em: 14 abr. 2020.
- DaMATTA, Roberto. Os milagres do futebol. In: _____. **Explorações**: ensaios de sociologia interpretativa. 2. ed., Rio de Janeiro: Rocco, 2011, p. 87-93.
- DOMINGOS, Nuno. Desporto moderno e situações coloniais: o caso do futebol em Lourenço Marques. In: MELO, Victor Andrade de; BITTENCOURT, Marcelo; NASCIMENTO, Augusto. (Orgs.). **Mais do que um jogo**: o esporte e o continente africano. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 211-42.
- DOMINGOS, Nuno. **Futebol e colonialismo**: corpo e cultura popular em Moçambique. Lisboa: ICS – Imprensa de Ciências Sociais, 2012.
- DOMINGOS, Nuno. O campo de desportivização imperial português. In: NASCIMENTO, Augusto; BITTENCOURT, Marcelo; DOMINGOS, Nuno; MELO, Victor Andrade de. (Orgs.). **Esporte e lazer na África**: novos olhares. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013, p. 81-107.
- DOMINGOS, Nuno. O futebol português em Moçambique como memória social. **Cadernos de Estudos Africanos**, v. 9/10, p. 1-14, 2006.
- GIRON, Luis Antônio. Mia Couto: o Brasil nos enganou (entrevista). **Época**, 25 abr. 2014. Disponível em: <https://glo.bo/3F1tEwJ>. Acesso em: 14 abr. 2020.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. 6. ed., São Paulo: Perspectiva, 2010.
- IANNI, Octávio. Globalização e transculturação. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 14, n. 20, p. 139-70, 1996.
- MENDONÇA, Elizabeth da Silva. O espetáculo da Copa do Mundo de 2002 em dois contos de Mia Couto. **Anais do SILEL** – Simpósio Internacional de Linguística e Literatura, v. 2, n. 2, Uberlândia, EDUFU, p. 1-11, 2011.

ROCHA, Aurélio. Desporto, sociedade e construções identitárias em Moçambique: uma abordagem perspectiva. In: NASCIMENTO, Augusto; BITTENCOURT, Marcelo; DOMINGOS, Nuno; MELO, Victor Andrade de. (Orgs.). **Esporte e lazer na África**: novos olhares. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013, p. 213-40.

RODRIGUES, Nelson. A pátria em chuteiras (*O Globo*, 02 jun. 1976). In: _____. **A pátria em chuteiras**: novas crônicas de futebol. Organização e seleção Ruy Castro: São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 179-81.

VIDACS, Bea. O esporte e os estudos africanos. In: MELO, Victor Andrade de; BITTENCOURT, Marcelo; NASCIMENTO, Augusto. (Orgs.). **Mais do que um jogo**: o esporte e o continente africano. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p. 37-69.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **As revoluções africanas**: Angola, Moçambique e Etiópia. São Paulo: Ed. UNESP, 2012. [revoluções do século XX].

* * *

Recebido para publicação em: 14 abr. 2020.
Aprovado em: 17 jun. 2021.

O canto do Moçambola: Campeonato Moçambicano de Futebol, campo fértil para investigações

The Song of the *Moçambola*:
Mozambican Football Championship, Fertile Ground for Investigations

Gustavo Cerqueira Guimarães

Leitorado Brasileiro/MRE

Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, Moçambique

Doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada, UFMG

gustavocguimaraes@hotmail.com

RESUMO: Este relato de pesquisa contextualiza a investigação sobre “Hinos e cânticos de futebol em Moçambique”, expõe como se deu a minha aproximação da torcida do Clube de Desportos da Costa do Sol, durante o campeonato nacional de 2019, em busca dos cantos de seus torcedores, e apresenta a história do Campeonato Moçambicano de Futebol (*Moçambola*), apontando traços singulares do Costa do Sol, fundado em 1955, além de abordar, através de portais de notícias, as paralisações dessa competição ao longo dos dois últimos anos pandêmicos. Mostram-se também registros dessa pesquisa de campo: cânticos, fotografias e um vídeo em dia de jogos. O texto, de apelo também ensaístico, revela bastidores dessa etnografia demonstrando ao mesmo tempo o *Moçambola* como um potente palco de investigações no campo das artes, da linguagem, identidade e memória.

PALAVRAS-CHAVE: Cânticos de futebol; Campeonato Moçambicano de Futebol; Futebol e memória; Clube de Desportos da Costa do Sol; Cultura popular.

ABSTRACT: This research contextualizes the investigation of “Anthems and Songs of Football in Mozambique”. Such work exposes how the fans of *Clube de Desportos da Costa do Sol* were approached, during the 2019 national championship. In addition to a study of such fans' songs, this work presents the history of the Mozambican Football Championship (*Moçambola*), characterizing unique traits of *Costa do Sol*, founded in 1955, and addressing via news portals, the stoppages of this competition over the last two pandemic years. Records of this research are also shown through songs, photographs, and a video on game day. The essayistic text reveals the backstage of this ethnography, while demonstrating *Moçambola* as a powerful stage for investigations in the field of arts, language, identity, and memory.

KEYWORDS: Songs of Football; Mozambican Football Championship; Football and Memory; Clube de Desportos da Costa do Sol; Popular Culture.

O CONTEXTO DESTE TEXTO

Escrever nada tem a ver com significar,
mas com cartografar.

Deleuze e Guattari.

Estudos mais recentes têm argumentado que, no continente africano, se de um lado a prática esportiva foi utilizada por regimes coloniais como ferramenta de diferenciação social e de disciplinarização dos nativos, de outro foi apreendida como alternativa para expressar discordâncias com o poder constituído, notadamente por sua visibilidade e capacidade de aglutinar.¹

Nesta passagem da apresentação de seu livro sobre o esporte na Guiné Portuguesa, Victor Andrade de Melo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), um dos pesquisadores centrais para se pensar a história e o desenvolvimento do esporte na África, sobretudo lusitana, aponta para um caminho que vai ao encontro do que parece ser um dos campos mais promissores de pesquisa sobre a linguagem relacionada ao futebol em Moçambique.

Trata-se dos cânticos compostos e entoados em línguas nativas pelos torcedores das equipes que disputam o Campeonato Moçambicano de Futebol, o Moçambola, que, além de incentivarem os jogadores, mantêm vivas suas línguas maternas, predominantemente usadas em espaços informais, embora, hoje, também “circulem” em espaços oficiais. Assim, é possível arriscar e dizer que a manifestação dos cânticos em língua nativa, sem dúvida, também contribuiu para a conservação das línguas, afinal, a prática esportiva “parecia menos suspeita por não pertencer ao grupo das óbvias atividades políticas”.²

Em Moçambique, segundo recentes estudos realizados por David Langa, da Universidade Eduardo Mondlane, apesar de a lusitana língua ser a oficial e usada em todo o país, ela é apenas a segunda mais falada. As principais línguas moçambicanas são macua, xichangana, mais falada na capital, e sena.³ Veja, abaixo, o quadro da situação linguística do país:

¹ MELO. *Jogos de contrastes: o esporte na Guiné Portuguesa*, 2020, p. 15.

² MELO. *Jogos de contrastes: o esporte na Guiné Portuguesa*, 2020, p. 15.

³ ATLAS linguístico de Moçambique, DRI/CEA/UFMG, 2022. Palestras de Carlos Manuel, David Langa, Paulo Covale.

Situação Linguística de Moçambique						
Nº	Língua	2007		2017		Provincias
		Falantes	%	Falantes	%	
01	Makhuwa	3.097.788	26.1	5.866.643	26.4	Cabo Delgado, Nampula, Niassa, Sofala, Zambézia
02	Português	1.693.024	10.8	3.709.868	16.7	Todas as províncias do país
03	Changana	1.660.319	10.5	1.926.879	8.7	Gaza, Maputo, Maputo Cidade, Inhambane, Niassa
04	Sena	1.218.337	7.8	1.586.703	7.1	Manica, Sofala, Tete, Zambézia
05	Lomwe	1.136.073	7.2	1.606.600	7.2	Nampula, Niassa, Zambézia
06	Nyanja	903.857	5.8	1.532.411	6.9	Niassa, tete, Zambézia
07	Chuwabo	716.169	4.8	1.060.852	4.8	Nampula, Sofala, Zambézia
08	Ndau	702.464	4.5	840.946	3.8	Manica, Sofala
09	Tshwa	693.386	4.4	841.643	3.8 daslanga	Gaza, Inhambane, Maputo, Sofala

Fonte: Atlas linguístico de Moçambique/David Langa.

Do ponto de vista geográfico e demográfico, a República de Moçambique é predominantemente rural e pouco industrializada. Possui cerca de 30 milhões de habitantes, distribuídos pelo extenso território ao sul oriental do continente africano, em sua grande maioria negros, e faz fronteira com Tanzânia, Zâmbia, Maláui, Zimbábue, Suazilândia e África do Sul. Nesses países, as línguas autóctones são consideradas oficiais pelo governo local, com exceção de Zâmbia e Moçambique que possuem, respectivamente, o inglês e o português como línguas do Estado. Embora cerca de 80% da população moçambicana fale alguma língua de origem *bantu*,⁴ é a língua de Camões a considerada pacificadora, a “língua da unidade nacional”.⁵

Moçambique ocupa a 35^a posição na escala dos maiores países do mundo, sendo distribuído em três extensas regiões, sul, centro e norte, que por sua vez se dividem em onze províncias: Maputo, Cidade de Maputo, Gaza e Inhambane (meridional); Sofala, Manica, Zambézia e Tete (central); e Nampula, Cabo Delgado e Niassa (setentrional).

⁴ “[...] o termo Bantu é usado para se referir a um grupo de cerca de 600 línguas faladas por perto de 220 milhões de pessoas numa vasta região da África contemporânea, que se estende a sul da linha que vai desde os montes Camarões, junto à costa atlântica, até à foz do rio Tana, no Quénia, abrangendo os seguintes países: África do Sul, Angola, Botswana, Burundi, Camarões, Congo, Gabão, Guiné Equatorial, Lesoto, Madagáscar, Malawi, Moçambique, Namíbia, Quénia, República Democrática do Congo, Ruanda, Swazilândia, Tanzânia, Uganda, Zâmbia e Zimbabué”. PATEL; MAJUISSE; TEMBE. *Manual de línguas moçambicanas*, p. 27.

⁵ PATEL; MAJUISSE; TEMBE. *Manual de línguas moçambicanas*, p. 31.

Para caminharmos lado a lado com o futebol, é relevante identificar como se dá a distribuição das equipes do Moçambique pelo mapa do país. A primeira divisão do último campeonato, por exemplo, contou com 14 clubes, sendo a metade deles, sete, do sul do país, Black Bulls (campeão), Costa do Sol, Ferroviário de Maputo, Liga Desportiva de Maputo, Incomáti de Xinavane, Desportivo Maputo e Textáfrica; quatro da região central, Ferroviário da Beira, UD Songo, AD Vilankulo, Matchedje de Mocuba; e três do norte, os Ferroviários de Lichinga, Nacala e Nampula. Interessante observar os nomes dos times, uns com referência às línguas europeias e outros às línguas moçambicanas. Como visto, apesar de termos representantes de todas as regiões, Maputo centraliza o mundo do Moçambique. E vale dizer, desde sua fundação.



Fonte: Atlas linguístico de Moçambique/David Langa.

A “Terra da Boa Gente”, assim apelidada pelo navegador português Vasco da Gama, possui próspera costa marítima, com movimentação portuária em Maputo, Beira, Nacala, Pemba e Quelimane, e imenso potencial turístico, com destaque para as extraordinárias praias e as personalidades dos nativos que atraíram a sensibilidade de ninguém menos que Bob Dylan, expressa na canção “Mozambique”, em parceria com Jacques Levy. Lançada no álbum *Desire*, de 1976, os versos

retratam o clima idílico e eufórico “numa terra mágica”⁶ que acabara de se emançipar: “[...] é tão único estar/ Entre as pessoas lindas que vivem livres/ Na praia do ensolarado Moçambique”.⁷

APROXIMAÇÃO DO OBJETO E DA METODOLOGIA DE PESQUISA

Com o objetivo de ensinar e pesquisar comparativamente literatura, arte e cultura brasileiras por quatro anos na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane e no Centro Cultural Brasil Moçambique, cheguei a Maputo em agosto de 2019.⁸ A proposta inicial de investigação, sem pormenorizar, consistia em recolher e analisar as letras dos hinos dos clubes do futebol moçambicano, considerando seus aspectos “épicos, líricos e dramáticos”, de acordo com os estudos de Elcio Cornelsen, sobretudo, o artigo “Hinos de futebol nas Gerais: dos hinos marciais aos populares” (2012). No entanto, como ainda costuma ocorrer em estudos dessa natureza, foi prevista a possibilidade de tais hinos não serem encontrados. Apesar de algumas pistas em buscas pela internet (sites dos clubes e de estudos acadêmicos, bibliotecas, *YouTube* etc.), não foi ainda possível saber ao certo sobre a existência ou não dos “hinos oficiais” dos clubes de futebol em Moçambique, compostos ao modo europeu como ocorrido no Brasil e em Angola, por exemplo. Segundo estudo anterior, “podemos aventar a hipótese de que se algum dia o hino do Costa do Sol foi criado igualmente foi deixado de lado, pois não faz parte da atual memória dos adeptos e do clube”.⁹

Este primeiro impasse mobilizou-me para uma pesquisa de caráter etnográfico e passei a frequentar o Campeonato Moçambicano de Futebol, especialmente o campo do Costa do Sol, à procura de registrar, por meio de gravações, os cânticos entoados pelos torcedores. Como base, utilizaria as instigantes contribuições da tese de Pedro Marra, em Comunicação, pela Universidade Federal Fluminense (UFF), inti-

⁶ DYLAN. *Bob Dylan: Letras (1975-2020)*. Trad. Caetano W. Galindo, 2021. Original: “[...] in a magical land”.

⁷ DYLAN. *Bob Dylan: Letras (1975-2020)*. Trad. Caetano W. Galindo, 2021. Original: “[...] it's so unique to be/ Among the lovely people living free/ Upon the beach of sunny Mozambique”.

⁸ Bolsa de Leitorado Brasileiro/Ministério das Relações Exteriores (2019-2023).

⁹ GUIMARÃES; CORNELSEN. Cânticos oficiais e populares do futebol de Angola e Moçambique, 2021, p. 313.

tulada *Vou ficar de arquibancada pra sentir mais emoção? Técnicas sônicas nas dinâmicas de produção de partidas de futebol do Clube Atlético Mineiro* (2017). Na edição de julho de 2021 do Ciclo de Palestras do FULIA – Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes, Pedro Marra, atualmente, professor da Universidade Federal do Espírito Santo, a convite do grupo, apresentou seu trabalho “*Eu acredito!*: performances de futebol e acustemologia torcedora”, promovendo um riquíssimo debate, conforme ata elaborada pelo líder do núcleo na ocasião. Nesse trabalho, os cânticos, versos e gritos manifestados em sonoridades variadas pela torcida são agregados dentro do espectro “expectatorial do futebol”, porque os elementos expressivos a exemplo da vibração e do tremular de bandeiras são compreendidos como *presença*, como *performance*, pensada aqui também a partir do incontornável Paul Zumthor (2010), referência quando o assunto é poética oral. Afinal,

É pelo corpo que nós somos tempo e lugar: a voz proclama emanação do nosso ser. A escrita também comporta, é verdade, medidas de tempo e espaço: mas seu objetivo último é delas se liberar. A voz aceita beatificamente sua servidão. A partir desse sim primordial, tudo se colore na língua, nada mais nela é neutro, as palavras escorrem, carregadas de intenções, de odores, elas cheiram ao homem e à terra (ou aquilo com que o homem os representa). A poesia não mais se liga às categorias do fazer, mas às do processo: o objeto a ser fabricado não basta mais, trata-se de suscitar um sujeito outro, externo, observando e julgando aquele que age aqui e agora. É por isso que a performance é também instância de simbolização: de integração de nossa relatividade corporal na harmonia cósmica significada pela voz; de integração da multiplicidade das trocas semânticas da unicidade de uma *presença*.¹⁰

Apesar de terem sido registrados cerca de 20 cânticos dos adeptos do Costa do Sol, dois deles em português, que serão ao final apresentados, a incorporação das ideias de Pedro Marra atreladas aos torcedores do futebol moçambicano ainda seria muito prematura, sobretudo por causa da incompreensão de minha parte do que se canta em língua(s) africana(s). Para contornar isso, provisoriamente, à época, contei com a colaboração de Clotilde Guirrugo, atriz e produtora cultural maputense, que transcreveu e traduziu alguns cânticos, além de ter ido ao jogo que conferiu o título nacional ao Costa do Sol em 2019. Mostrarei a fio algumas fotografias, dois áudios e um curtíssimo vídeo dessa campanha.

¹⁰ ZUMTHOR. A performance, p. 166.

O Moçambique de 2020 só foi disputado em 2021, mas com os portões fechados praticamente ao longo de toda a temporada, por causa da pandemia do coronavírus. Assim, à distância, só se pôde acompanhá-lo através da mídia, o que, obviamente, inviabilizou as gravações de cânticos e, por conseguinte, o andamento da pesquisa. Já os torcedores do surpreendente Black Bulls, estreantes na divisão principal, só puderam assistir ao time no estádio a pouquíssimas rodadas do final.

OS PRIMEIROS CLUBES E O 1º CAMPEONATO “NACIONAL” EM 1955

Para melhor compreender o contexto no qual a pesquisa se desenvolveria, foi necessário, antes, realizar uma digressão para conhecer parte da história do futebol africano e de sua dinâmica, hoje, em parte, semiprofissional, como em terras moçambicanas. O capítulo “Cânticos oficiais e populares do futebol de Angola e Moçambique”, publicado em parceria com Elcio Cornelsen, no volume “África”, da coleção *Desafios Globais* (2021), que visa a contemplar promissoras pesquisas sobre o continente que ocupa cerca de 20% da totalidade da Terra, procurou traçar pontos convergentes na formação e no desenvolvimento dos primeiros clubes desses países.¹¹ Em Moçambique, o futebol “foi adotado desde as primeiras décadas do século XX, difundindo-se progressivamente entre a população colona e entre os africanos” residentes na zona central, na baixa da cidade, e na zona periférica de Lourenço Marques.¹²

Posicionada ao sul do país, em 1898, essa cidade se tornou a capital, substituindo a Ilha de Moçambique, situada ao norte, e, logo, o centro de desenvolvimento do futebol. Em 1976, após a independência, a capital passou a se chamar Maputo, seguindo a política de rompimento com a memória colonial que imperava. Foram, inclusive, os portugueses que, em 1905, fundaram o primeiro clube do recente centro urbano moçambicano, o Sport Clube Português. Em seguida, foram cria-

¹¹ GUIMARÃES; CORNELSEN. Cânticos oficiais e populares do futebol de Angola e Moçambique, p. 287-321.

¹² DOMINGOS. *As linguagens do futebol em Moçambique: colonialismo e cultura popular*, 2015, p. 81.

dos o Grupo Lusitano (1910), o Grupo Desportivo Francisco Lázaro (1912), o Club Internacional de Futebol (1912) e o 1º de Maio (1917).¹³

Na década seguinte, surgiram três dos grandes clubes laurentinos em franca atividade até os dias de hoje: o Clube de Desportos do Maxaquene (1920), o Grupo Desportivo de Maputo (1921) e o Ferroviário de Maputo (1924). Esses clubes eram, respectivamente, denominados Sporting Clube de Lourenço Marques, filial do Sporting de Portugal (1906); Grupo Desportivo de Lourenço Marques, ligado ao Sport Lisboa e Benfica (1904); e Clube Ferroviário de Moçambique. Vale destacar que a alteração dos nomes das agremiações foi uma imposição do Estado, logo após a independência, proclamada em junho de 1975, especialmente aos clubes “que eram filiais ou tinham qualquer vínculo a clubes portugueses”.¹⁴

A expansão do futebol pelo país se daria também a partir das federações que organizaram os primeiros torneios: a União Portuguesa de Futebol, de 1923, rebatizada em 1926 com o nome de Associação de Futebol de Lourenço Marques (AFLM), que, conforme a *International Board*, prezava pela implementação, difusão e zelo das regras do jogo; e a Associação de Futebol Africana (AFA), fundada em 1924 pelos nativos influenciados pelo associativismo sul-africano, que contava com mais de dez agremiações, dentre elas a Luso-Africana, o Vasco da Gama, o João Albasini e o Beira-Mar.¹⁵

Às margens dessas instituições, a expansão do futebol também se dava por todo o país de maneira progressiva, pois o jogo passou a ser praticado em ruas e bairros, majoritariamente por homens, diga-se de passagem. Dentre outros fatores, segundo Nuno Domingos, o aumento de interesse pelo futebol ocorreu simultaneamente

com o aumento da cobertura por parte da imprensa. Os jornais vão alimentar a popularização do jogo, trazendo notoriedade a equipes e jogadores. Não sendo apropriado falar [ainda] de profissionalização, será correto afirmar que a popularização deu lugar a uma maior competitividade e a uma paulatina especialização funcional no interior das equipes.¹⁶

¹³ DOMINGOS. *As linguagens do futebol em Moçambique*, 2015, p. 81-2.

¹⁴ ROCHA. Desporto, sociedade e construções identitárias em Moçambique: uma abordagem prospectiva, p. 219.

¹⁵ DOMINGOS. *As linguagens do futebol em Moçambique*, 2015, p. 86.

¹⁶ DOMINGOS. *As linguagens do futebol em Moçambique*, 2015, p. 29.

A primeira competição nacional, organizada pela AFLM, foi o Campeonato Colonial de Moçambique, entre 1955 e 1974, mais próximo dos moldes de uma copa, e já com a participação de jogadores negros e brancos, também vale ressaltar. Totalizando 18 edições, o Ferroviário de Maputo foi o maior destaque deste período, vencendo oito vezes.¹⁷

Foi neste momento que surgiu o Costa do Sol, fundado no dia 15 de outubro de 1955, filiado ao Benfica de Portugal, à altura batizado Sport Lourenço Marques e Benfica, segundo dados de seu site oficial. No entanto, após a independência de Moçambique, o clube modificou sua alcunha para Sport Maputo e Benfica e, a partir de 1978, definitivamente, passou a se chamar Clube de Desporto da Costa do Sol.¹⁸

Com o advento da independência, foi criada a Federação Moçambicana de Futebol (FMF), que implementou o primeiro campeonato nacional após a independência. Com reformulações ocorridas a partir de 2002, essa competição, disputada em dois turnos no sistema de pontos corridos, desde então, vem sendo regulada pela Liga Moçambicana de Futebol (LMF), sediada em Maputo, com autonomia administrativa, patrimonial e financeira, e passou a se chamar Moçambola.

Moçambola, Pandemia e Eu, Coitado: 2020/2021 é do Black Bulls

Após sucessivas tentativas de arranque, a temporada de 2020 do Moçambola foi disputada por 14 equipes inteiramente em 2021, ao longo de 26 rodadas, por causa da crise sanitária derivada do surto de Covid-19. Moçambique, então, entrou em estado de alerta: “Moçambola-2020 [foi] adiado para uma data a anunciar”,¹⁹ conforme estampara a *Folha de Maputo* em sua capa do dia 18 de março de 2020. Em julho, depois de muita espera e negociação, afinal, o tempo de paralisação do campeonato era incomum até mesmo se comparado aos períodos de guerra, o periódico *O País* noticiou que o campeonato iniciaria em setembro, logo após nova pré-temporada das equipes.

¹⁷ Conf.: OGOL [Campeonato Colonial de Moçambique], 2021.

¹⁸ Conf.: SITE DO CLUBE, 2021.

¹⁹ FOLHA DE MAPUTO. Arranque do Moçambola adiado devido ao COVID-19, 18 mar. 2020;

A Secretaria do Estado do Desporto, a Federação Moçambicana de Futebol, a Liga Moçambicana de Futebol, os clubes e os agentes desportivos, como os médicos, patrocinadores e outros, estiveram reunidos na mesma sala para debater a retoma do futebol em Moçambique. A proposta saída desse encontro é um regresso aos treinos dentro de pouco tempo, e o início do Moçambola para daqui a dois meses, mas a proposta será enviada ao Conselho de Ministro para a sua aprovação e relaxamento das medidas para o desporto colectivo.²⁰

Contudo, ao longo de todo o segundo semestre de 2020, ainda sem a descoberta da vacina, as ameaças de novas mutações do coronavírus foram constantes e o início do Moçambola foi adiado para o final daquele ano – o “Moçambola 2020/21 vai arrancar, oficialmente, no dia 5 de dezembro próximo. A decisão saiu de uma reunião virtual que teve lugar nesta quinta-feira, entre a Liga Moçambicana de Futebol e os clubes”.²¹ Entretanto, nessa data, com o aumento considerável de infectados no país, o Moçambola foi novamente reagendado, mesmo Moçambique ocupando a excelente 178^a colocação mundial de mortes/1m pop., segundo dados do site *Worldometers*.²²

As preocupações do governo moçambicano não eram em vão, porque, naquele final de ano, milhares de trabalhadores moçambicanos retornariam ao país, sobretudo vindos da África do Sul, onde os índices de infecção e morte aumentavam espantosamente. Inclusive eu, *coitado*, um pesquisador cujo objeto de pesquisa “era” o cântico das aglomerações torcedoras, também contraíra o coronavírus em viagem à província de Inhambane, entre os dias 23 de dezembro e 3 de janeiro, quando, de regresso a casa, ao fim da tarde, manifestaram-se os primeiros sintomas febris, que, só eles, perduraram por onze dias. Um mal, de fato, assustador.

Quanto ao Moçambola, seu retorno só se deu mesmo em janeiro de 2021, conforme anunciado pela *Folha de Maputo* do dia 16 de janeiro: “Arranca na tarde deste sábado (hoje) na cidade de Vilankulo, no norte da província de Inhambane, o Moçambola-[2020-]2021”.²³ Esse jogo tão aguardado terminou com a goleada de quatro gols a favor do jovem clube de Vilankulo, fundado em 2014, contra um gol

²⁰ O PAÍS. Moçambola 2020 poderá arrancar dentro de dois meses, 6 jul. 2020.

²¹ TVM. Moçambola 2020/2021: Campeonato nacional arranca oficialmente a 5 de dezembro próximo, 6 dez. 2020.

²² Conf.: <https://www.worldometers.info/coronavirus>. (Atualizado em fev. 2022).

²³ FOLHA DE MAPUTO. Arranca esta tarde o Moçambola 2021, 16 jan. 2021.

do tradicional Ferroviário de Nacala, criado em 1973. A retomada do campeonato, no entanto, ocorreu sem público, conforme as precisas restrições de circulação de pessoas impostas pela política do atual governo moçambicano. À altura, o portal *DW/Moçambique*, em tom eufórico e de lamentação estampou a manchete: “Depois de uma paragem de um ano, por causa da Covid-19, o Moçambique está de volta. Adepts só lamentam uma coisa: que não haja público nas bancadas”.²⁴

Mas, novamente, do início de fevereiro até o princípio de maio e entre o final de junho e julho de 2021,²⁵ em virtude do coronavírus, o Moçambique foi novamente paralisado. Não sem motivos, pois esse insólito contexto pandêmico foi o foco das atenções do último par de anos, obrigando o Moçambique e toda a sociedade a se reformularem perante os desafios exigidos, sobretudo em relação às leis impostas pelo Estado que geraram novas situações jurídicas e administrativas que impactaram toda a organização. Afinal, existem muitos interesses em jogo, bem como muitas manobras *fora de campo* que não são percebidas das arquibancadas.

Enfim, a abertura de jogos para o público transcorreu apenas a seis rodadas do encerramento do campeonato, no segundo semestre de 2021, com a orientação de não “superar 25% da lotação dos campos, conforme anunciou o chefe de estado moçambicano, Filipe Jacinto Nyusi, na comunicação à nação proferida na noite desta quinta-feira, 23 de setembro”.²⁶ No entanto, já no fim da competição, a volta dos torcedores aos campos foi tímida. Nessa altura, independentemente de já ter sido vacinado duas vezes, decidi não me arriscar a contrair novamente a doença, adiando, assim, minhas novas pesquisas e recolha de material, possivelmente, para 2022.

Apesar dos maus tempos, o Moçambique-2020/2021 nos trouxe uma grata surpresa, já que o ganhador foi o estreante Black Bulls, fundado em 2008, em Maputo, embora esteja mandando seus jogos no Estádio da Matola, na região metropolitana da capital. Depois dos acessos consecutivos em 2018 e 2019, os “Touros da Matola”, como a equipe é conhecida, disputaram pela primeira vez a divisão de destaque do futebol nacional. No primeiro dia de novembro, *O País* informou a notícia, que poderia incentivar novos e mais investimentos no futebol moçambicano:

²⁴ DW. "É triste": bancadas vazias no regresso do Moçambique, 15 jan. 2021.

²⁵ OGOL [Liga Moçambique], 2021.

²⁶ OLHO CLÍNICO MOZ. Autorizada a retoma do público aos campos, Maputo, 23 set. 2021.

“A Black Bulls conquistou o título nacional de futebol, de forma inédita e virtual, quando falta por disputar uma jornada para o final da prova”.²⁷ O veículo de comunicação descreveu o caminho da equipe que vem investindo muito em seus aspirantes para alcançar o sucesso, visando a profissionalização de seus atletas:

[...] A trajectória fala por si. Em 2018 entra pela primeira vez na alta competição para disputar o Campeonato da Cidade de Maputo, prova que conquistou sem nenhuma derrota [...].

Chegou ao Campeonato da segunda divisão em representação da Cidade de Maputo, no seu segundo ano da alta competição. [...] A Black Bulls não se confinou no facto de ser estreante e “miúdo”, pelo contrário, agigantou-se, [...] e jogo a jogo [eles] foram conquistando pontos que os possibilitaram terminarem a prova em primeiro lugar [...], confirmando a presença no Moçambique-2020. [...]

Da equipa base que tinha conquistado a “segundona” da zona sul, os “touros” reforçaram apenas com cinco jogadores. [...]

Os restantes 19 jogadores eram todos da prata da casa, muitos deles da formação e outros que chegaram um ou dois anos antes.²⁸

O time também surpreendeu emplacando a artilharia do campeonato com o jovem nigeriano Ejaita Ifoni, de 21 anos. Seus 17 gols no Moçambique o levaram a ter uma chance no mercado europeu ao se transferir por empréstimo para o FC Porto, clube muito tradicional de Portugal. Nessa temporada pandêmica, o super-campeão Costa do Sol, que defendia o título, terminou apenas em quinto lugar.

VOVÔ DISSE E EU FUI LÁ OUVIR A TORCIDA CANARINHA CANTAR

Oooh
Hoje vai aquecer
Aproxima
Aproxima
Aproxima.

Cântico da torcida do Costa do Sol.²⁹

Costa do Sol é o nome do bairro em Maputo, à beira-mar, onde situam-se a sede do homônimo clube, um dos mais tradicionais de Moçambique, e o seu campo de jogo,

²⁷ O PAÍS. Black Bulls: um campeão regular e merecedor, 1º nov. 2021.

²⁸ O PAÍS. Black Bulls: um campeão regular e merecedor, 1º nov. 2021.

²⁹ “Ooooh Namutla kuta hisa/ Tsunekela/ Tsunekela/ Tsunekela”. Transcrição e tradução, do xichangana ao português: Clotilde Guirrugo.

com capacidade para 10 mil espectadores. Seu uniforme amarelo e azul é derivado do sol e do mar estilizados ao fundo de seu escudo, onde, em primeiro plano, destaca-se o pássaro, símbolo maior do Clube de Desportos da Costa do Sol, cuja alcunha é “Canarinhos”.



Escudos atual e inicial do Costa do Sol. Fonte: site do clube.

A grandeza do Costa do Sol no cenário moçambicano é atestada pelo elevado número de troféus, configurando-se como “o clube com mais títulos conquistados desde a independência nacional”.³⁰ Em 2019, com o primeiro lugar, o que não ocorria desde 2007, o clube superou seu maior jejum de títulos, igualando-se ao Ferroviário de Maputo com dez conquistas, e retomou a hegemonia do futebol nacional, pois possui ainda, mais do que seus adversários, 13 títulos da Taça de Moçambique e 11 da Supertaça, principais competições do país além do Moçambique.³¹ Outra conquista de relevância do Costa do Sol é o fato deles serem o único clube que possui pelo menos um título do Moçambique em todas as décadas – 1970, 80, 90, 2000 e 10 –, ratificando sua regularidade e fortíssima presença nessa competição.

³⁰ Conf.: SITE DO CLUBE, 2021.

³¹ O Costa do Sol conquistou os dez títulos do Moçambique nos anos de 1979, 1980, 1991, 92, 93, 94, 99, 01, 07 e 2019; os 13 títulos da Taça de Moçambique em 1980, 83, 88, 1992, 93, 95, 97, 99, 2000, 02, 07, 2017 e 18; e os dez títulos da Supertaça de Moçambique nos anos de 1993, 94, 96, 99, 00, 02, 03, 08, 2018, 19 e 2020.

Ao longo do segundo semestre de 2019, acompanhei de perto a única organizada torcida dos Canarinhos, a “Claque do Costa do Sol”, como os adeptos se autodenominam. Por sorte (ou intuição), escolhi acompanhar a torcida mais vibrante do Moçambola, a que viria a comemorar o título e a artilharia da competição, alcançada com os 24 gols do camaronês Eva Nga.

Em um primeiro momento, o comportamento dos torcedores se assemelhava ao dos brasileiros que conheço de perto por frequentar, desde a infância e adolescência nos anos 1980, as arquibancadas dos União Futebol Clube, de Lajinha/MG, e do Independente, de Ibatiba/ES, times amadores da região do Caparaó mineiro e capixaba. A partir da juventude, passei a frequentar jogos no Mineirão e no Independência, em Belo Horizonte, na arquibancada do Atlético Mineiro, time que também acompanhei em jogos fora do país pela Copa Libertadores da América, em 2016 e 17, conhecendo outros modos de torcedor – argentinos, bolivianos, chilenos, peruanos e paraguaios. Nesse sentido, como assegurado por Hilário Franco Júnior, em *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*, parece haver fatores psicossociais em comum entre os torcedores de todo o mundo. Afinal,

[...] seguir determinado clube é acreditar, mesmo contra as evidências racionais, que ele vá vencer. Como o futebol é jogo de muitos erros [...] e pouca pontuação [...], mantém o torcedor em constante expectativa. Impotente na arquibancada, o adepto de um clube crê que sua fé e seu estímulo possam colaborar para que seus ídolos levem a divindade comum à vitória.³²

Como no Brasil, a claque dos Canarinhos se organizava para ir aos jogos do seu time dentro e fora de casa. Nas pelejas em seus domínios, era curioso observar sua performance. Os torcedores, homens jovens em sua grande maioria, também vestiam a camisa do clube e se posicionavam juntos nas arquibancadas. Em pé, estrategicamente, quase todo o jogo, eles dançavam, cantavam e tocavam seus instrumentos, “[...] a xipalapala, mais conhecida no Brasil por vuvuzela, que ganhou forte exposição da mídia na Copa do Mundo de 2010 na África do Sul, e o atabaque, feito por eles mesmos em couro, tocado com varetas de madeira, algumas sem qualquer acabamento”.³³ A

³² FRANCO JÚNIOR. *A dança dos deuses*, p. 292.

³³ GUIMARÃES; CORNELSEN. Cânticos oficiais e populares do futebol de Angola e Moçambique, 2021, p. 315.

maioria dos cânticos era composta pelos membros da claque, com destaque para o Reginaldo, com quem conversei por duas vezes.



Jogo do Costa do Sol, 2019. Fonte: PeDRA LeTRA.

Sem dúvida, do meu ponto de vista (de um estrangeiro), o que mais chamou a atenção é o fato de os torcedores do Costa do Sol comporem e cantarem as músicas em língua materna. “Os cânticos em sua grande maioria são entoados em xichangana, principal língua de origem africana falada na parte sul de Moçambique, e que em Maputo está misturada com o xirhonga, o português e outras línguas”.³⁴ São raras as composições na “língua oficial” do país, pois é a nativa a mais compreendida também pela maioria dos jogadores. Esse fenômeno se expande ainda mais em decorrência das transmissões radiofônicas que oferecem invariavelmente aos torcedores a possibilidade de escutarem os jogos em língua materna, diferentemente das transmissões pela TV que narram as partidas apenas em português. Vale destacar que, “de uma forma geral, a Rádio Moçambique (RM) usa 20 línguas

³⁴ GUIMARÃES; CORNELSEN. Cânticos oficiais e populares do futebol de Angola e Moçambique, 2021, p. 315.

nas suas emissões (19 línguas + swahili) e, desde 2018, a TV Moçambique (TVM) emite [notícias] em 15 línguas".³⁵

Em recente entrevista de Paulina Chiziane concedida a Nazareth Fonseca e Rogério Tavares, pela Academia Mineira de Letras, a escritora moçambicana, assegura algo importante acerca dessa tensão entre as línguas africanas e europeias:

[...] a língua portuguesa não dialogou com os povos africanos, impôs-se. [...] A língua portuguesa não penetrou na cultura do povo bantu. [...] Portanto, os invasores, sejam eles de Portugal, da França, da Inglaterra, precisam de regressar à África para dialogar com as línguas, com a cultura e com o povo, se nós queremos ser uma humanidade mais equilibrada.

Escrev[o] em português, mas o meu português não alcança minha cultura, não é possível. Toda língua é um repositório de cultura. [...] As culturas de um e de outro lado precisam de dialogar e não viver nesse conflito. [...] É preciso descolonizar as línguas.³⁶

Paulina, em seu discurso no Ministério da Cultura e Turismo, em Maputo, pelo recebimento do Prêmio Camões, fez o seguinte apelo: "[...] a Luis de Camões, que me deu este prêmio, é este [o convite], tão simples: ele me ensinou a falar português, então, que venha aprender também cicopi, xichangana, shimakonde, todas as línguas da nossa terra".³⁷ Vale lembrar que a língua é um fenômeno psicossocial que confere sobretudo sentido de pertença.

Em 2019, de acordo com cerca de 20 registros gravados, foram entoados pelos auricelestes apenas dois cânticos em português. Um deles, tradicionalíssimo, somente evocava o nome do clube:

Yooo, yo yo yo yo yo
 É Costa do Sol
 Yooo, yo yo yo yo yo
 É Costa do Sol.
 (Conf.: <https://bit.ly/3AZ6LsU>).

O outro era entoado, circunstancialmente, com a intenção de não deixar o time do Costa do Sol se abater logo após sofrer um revés:

³⁵ ATLAS linguístico de Moçambique, DRI/CEA/UFMG, 2022. Palestras de Carlos Manuel, David Langa, Paulo Coveli.

³⁶ CHIZIANE. Entrevista com Paulina Chiziane. Academia Mineira de Letras, 2021.

³⁷ CHIZIANE. Ministério da Cultura e Turismo verga-se à dimensão literária de Paulina Chiziane. TVM, 2021.

Ganha moral, ganha moral
 Ganha moral, ganha moral.
 (Conf.: <https://bit.ly/3osf0sl>).

Algumas músicas são extraídas do cancioneiro popular, como “Salani/Adeus” – “Adeus, adeus/ Adeus, adeus/ Adeus, meus irmãos/ Voltaremos a nos ver/ Se o Senhor quiser –,³⁸ cantada tradicionalmente nas igrejas ou de forma alegra em despedidas familiares, geralmente, em noivados. Entretanto, deslocada para o campo de futebol, essa música e outras ganham sentidos variados, como se pode constatar ao final do vídeo.



Vídeo: <https://youtu.be/zsh7jyDaXCE>. Edição: PeDRa LeTRA.

Este audiovisual mostra parte da torcida pulando o alambrado, invadindo o campo e comemorando junto com os jogadores o título que não vinha há 12 anos. Ao apontar a lente para a multidão e ampliá-la, vê-se um dos gajos que eu vinha observando nas bancadas ao longo daquela temporada na Costa do Sol. Ele se destacava muito vestido com o seu paletó dourado e sua peruca loura. Eu ainda não tinha o visto naquela festiva e chuvosa tarde de 4 de dezembro de 2019 – em Moçambique, raramente ocorrem jogos à noite, porque a iluminação é dispendiosa. Eu já nem me lembro o nome dele, mas queria saudá-lo e dizer algo sobre aquela tem-

³⁸ “Salani, salani/ Salani, salani/ Salanini vha makwezu/ Hita tlela hi vhonana/ Kloko hosi yi svilavha”. Transcrição e tradução do xichangana ao português de Clotilde Guirrugo.

porada. Queria falar sobre o Isac, o Manucho, o Jorge ou o Eva Nga. Enfim, queria gravar um depoimento dele, um canto. Mas não o fiz, talvez por presumir que logo o encontraria ali, em março de 2020, no início do próximo certame. Mas, não, o estado de pandemia foi instalado em todo o mundo, quase todas as atividades ficaram suspensas, as outras em alerta.

Agora, que tudo passou, quem sabe no próximo Moçambique, programado para arrancar em maio de 2022, eu o reencontro. Tenho uma curiosidade genuína de saber onde esse sujeito mora, onde trabalha. Por que ele sempre comparece ao campo do Costa do Sol? Ele frequenta o clube ao longo da semana, ele joga futebol? Enfim, quais seriam suas motivações para compor, cantar, tocar e dançar? Assim, talvez seja a hora, mais uma vez, de o futebol, com o auxílio dos estudos culturais e da linguagem, prestar-se à função de chave de leitura para a sociedade, seja pela riqueza da arte de vibrar, seja pela potência de expressar identidades por meio dos cânticos dos torcedores.³⁹

Para terminar, reafirmo que pesquisar cânticos (e hinos) moçambicanos de futebol continua sendo um grande desafio, pois demanda procedimentos que auxiliem a falta de fontes, como a etnografia apresentada neste estudo e no referido capítulo “Cânticos oficiais e populares do futebol de Angola e Moçambique” – anotação, entrevista, gravação, transcrição, tradução, presença nas arquibancadas etc. Para continuar trilhando o caminho apresentado, seria mais produtivo poder contar com uma equipe de pelo menos três pesquisadores, além de desenvolver métodos comparativos que abarquem grupos de torcedores que cantem em outras línguas moçambicanas. Análises contrapontísticas entre cânticos certamente reforçariam alguns aspectos já apontados, bem como iluminariam outros, sobretudo os relacionados ao campo da linguagem e de seu papel *performático* durante os jogos. Na concepção de Zumthor, a “*Performance* implica *competência*. Além de um saber-fazer e de um saber-dizer, a performance manifesta um saber-ser no tempo e no espaço. O que quer que, por meios linguísticos, o texto dito ou cantado evoque, a performance lhe impõe um referente global que é da ordem do corpo”.⁴⁰

³⁹ GUIMARÃES; CORNELSEN. Cânticos oficiais e populares do futebol de Angola e Moçambique, 2021, p. 319.

⁴⁰ ZUMTHOR. A performance, p. 166 (grifos do autor).



Campo do Costa do Sol. Fonte: Site oficial do Costa do Sol.

E se um dia eu voltar a viver no Brasil, levarei o Moçambola marcado na lembrança, especialmente a temporada de 2019, quando me tornei um torcedor auriceleste. E quando for a hora de deixar Moçambique, um outro Moçambola igualmente irá comigo, o homônimo gato adotado aos três meses de idade, um dia antes do início da pandemia. Naquele março de 2020, o felino Moça, que pouco se importa com o futebol, mas igualmente tem muito a nos ensinar, apareceu para ficar, como o pássaro cantador estampado no lado esquerdo do peito da camisa do Costa do Sol. E, como canta o Bob Dylan,

[...] quando é hora de ir embora de Moçambique
Dizer adeus à areia e ao mar
Você vira e dá uma última espiada
E vê por que é tão único estar
Entre as pessoas lindas que vivem livres
Na praia do ensolarado Moçambique.⁴¹

* * *

⁴¹ MOZAMBIQUE. Bob Dylan (site). <https://www.bobdylan.com/songs/mozambique>. Original: “And when it’s time for leaving Mozambique/ To say goodbye to sand and sea/ You turn around to take a final peek/ And you see why it’s so unique to be/ Among the lovely people living free/ Upon the beach of sunny Mozambique”.

À Laís Volpe, a Marcus Lage e a Henrique Lee,
pelos estímulos e pela amizade – pelas cartografias.

* * *

REFERÊNCIAS

- ATLAS LINGUÍSTICO de Moçambique. Palestras de Carlos Manuel, David Langa, Paulo Covale. Mediação: Fábio Duarte. Diretoria de Relações Internacionais; Centro de Estudos Africanos, UFMG. Disponível em: <https://bit.ly/3spa88M>. Acesso em: 09 fev. 2022.
- CHIZIANE, Paulina. Entrevista com Paulina Chiziane, vencedora do Prêmio Camões, 2021. Maria Nazareth Soares Fonseca; Rogério Faria Tavares. Academia Mineira de Letras, 2022, Disponível em: <https://bit.ly/3uqJVrl>. Acesso em 09 fev. 2022.
- CHIZIANE, Paulina. Ministério da Cultura e Turismo verga-se à dimensão literária de Paulina Chiziane. TVM, 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3Kgzyx2>. Acesso em 28 jan. 2021.
- CORNELSEN, Elcio. Hinos de futebol nas Gerais: dos hinos marciais aos populares. **Aletria: revista de estudos de literatura**, v. 22, n. 2, p. 59-71, 2012.
- DW (Moçambique). "É triste": bancadas vazias no regresso do Moçambique, Bonn, 15 jan. 2021. Disponível em: <https://p.dw.com/p/3nzRQ>. Acesso: 02 dez. 2021.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: para uma literatura menor**. Trad. Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.
- DOMINGOS, Nuno. **As linguagens do futebol em Moçambique**: colonialismo e cultura popular. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.
- DYLAN, Bob. **Bob Dylan**: Letras (1975-2020). Trad.: Caetano W. Galindo. São Paulo: Companhia das Letras. Edição do Kindle, 2021.
- FOLHA DE MAPUTO. Arranque do Moçambique adiado devido ao COVID-19, Maputo, 18 mar. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3glX7HB>. Acesso em: 02 dez. 2021.
- FOLHA DE MAPUTO, Arranca esta tarde o Moçambique 2021, Maputo, 16 jan. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3sehrjG>. Acesso em: 02 dez. 2021.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GUIMARÃES, Gustavo Cerqueira; CORNELSEN, Elcio. Cânticos oficiais e populares do futebol de Angola e Moçambique. In: SALIBI, Aziz Tuffi; LOPES, Dawisson Belém; ALEXANDRE, Marcos Antônio. (Orgs.). **África: Coleção Desafios Globais**, v. 1. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2021, p. 287-321.
- MARRA, Pedro Silva. **Vou ficar de arquibancada pra sentir mais emoção?**: técnicas sônicas nas dinâmicas de produção de partidas de futebol do Clube Atlético Mineiro. Tese (Doutorado em Comunicação), UFF, Niterói, 2017.
- MELO, Victor Andrade de. **Jogos de contrastes**: o esporte na Guiné Portuguesa. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2020.

- MOZAMBIQUE. Bob Dylan. <https://www.bobdylan.com/songs/mozambique>.
- OGOL (portal digital sobre competições). Campeonato Moçambicano. Disponível em: https://www.ogol.com.br/edicao.php?id_edicao=149866.
- OLHO CLÍNICO MOZ. Autorizada a retoma do público aos campos, Maputo, 23 set. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3GuUcqr>. Acesso em: 02 dez. 2021.
- O PAÍS. Black Bulls: um campeão regular e merecedor, Maputo, 1º nov. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3Gx8qap>. Acesso em: 02 dez. 2021.
- O PAÍS. Moçambique 2020 poderá arrancar dentro de dois meses, Maputo, 06 jul. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3oo9vuM>. Acesso em: 02 dez. 2021.
- PATEL, Samima; MAJUISSE, Atanásio; TEMBE, Félix. **Manual de línguas moçambicanas**: formação de professores do ensino primário e educação de adultos. Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano. Maputo: Progresso, 2019.
- SITE DO CLUBE. Clube de Desportos da Costa do Sol (site oficial), 2020. Disponível em: www.costadosol.co.mz/. Acesso em: 28 jan. 2021.
- ROCHA, Aurélio. Desporto, sociedade e construções identitárias em Moçambique: uma abordagem prospectiva. In: NASCIMENTO, Augusto et al. (Orgs.). **Esporte e lazer na África: novos olhares**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013, p. 213-240.
- TVM. Moçambique 2020/2021: Campeonato nacional arranca oficialmente a 5 de Dezembro próximo, Maputo, 6 dez. 2020. Disponível: <https://bit.ly/3rpfhOT>. Acesso em: 02 dez. 2021.
- ZUMTHOR, Paul. A performance. **Introdução à poesia oral**. In: _____. Trad. Jerusa Pires; Maria Lúcia Pochat; Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p. 163-232.

* * *

Recebido em: 07 fev. 2022
Aprovado em: 14 abr. 2022

Um regresso à história do futebol na capital de Moçambique durante o período colonial

A Return to Football History in the Capital of Mozambique
during the Colonial Period

Nuno Domingos

Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal
Doutor em Antropologia Social, University of London

RESUMO: Este texto regressa brevemente a um conjunto de questões sobre a história do futebol em Lourenço Marques durante o período colonial, aprofundando algumas dimensões do trabalho de investigação publicado inicialmente em 2012 – *Futebol e colonialismo: corpo e cultura popular em Moçambique*. São estas, em primeiro lugar, a relação do futebol com a estratificação social, o novo mundo urbano e a formação de identidades sociais; em segundo lugar, a questão da masculinidade em contexto urbano e as transformações das estruturas de poder africanas; em terceiro, o debate sobre a modernidade colonial, expressa originalmente pelo jogo de futebol, e que tem no confronto entre a oralidade e a escrita um dos seus laboratórios mais profícuos; por fim, estas observações encerram com uma reflexão sobre de que modo a história do futebol em Moçambique constitui uma experiência social, performativa e estética útil para questionar o futebol contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Colonialismo; Moçambique; Lourenço Marques/Maputo; Estilo de jogo.

ABSTRACT: This text briefly returns to a set of questions about the history of football in Lourenço Marques during the colonial period, deepening some dimensions of the research work I initially published in 2012 – *Futebol e colonialismo: corpo e cultura popular em Moçambique*. These are, first, the relationship of football with the colonial social stratification, the new urban world and the formation of social identities; second, the question of masculinity in an urban context and the transformations of African power structures; third, the debate about colonial modernity, originally expressed through football's performances, which has in the confrontation between orality and writing one of its most fruitful laboratories; finally, these observations close with a reflection on how the history of football in Mozambique constitutes a social, performative and aesthetic experience useful to question contemporary football.

KEYWORDS: Football; Colonialism; Mozambique; Lourenço Marques/Maputo; Style of Play.

PODER, IDENTIDADE E RELAÇÃO

Como em todo o lado, uma bola em movimento é o princípio provável de uma relação humana. Assim, a biografia de uma bola transportada na mala de um marinheiro, de um missionário, de um professor, de um funcionário público ou de um trabalhador migrante – como os moçambicanos que voltavam regularmente das minas sul-africanas – é quase sempre uma manifestação de sociabilidade e de prazer. Num mundo em transformação, agitado pelas forças do colonialismo, o futebol promoveu o estabelecimento de interdependências. Mas o processo de estruturação da moderna Lourenço Marques – a atual Maputo – que ajudou também a sedentarizar a prática do futebol, alterou a dinâmica de organização da modalidade: os jogos deixaram de ser acontecimentos esporádicos, para se tornarem recorrentes, ocupando um tempo habitual nas vidas dos indivíduos e na modelação do espaço público.¹ Esta regularidade assumiu um padrão informal, composto por jogos entre amigos realizados em terrenos vagos, e outro mais estruturado, organizado por clubes de futebol ou associações, responsáveis pela transformação do futebol num lazer planificado e num espetáculo público.

Quando este processo de institucionalização ocorreu, o jogo deixou de ser tão flexível e espontâneo, no que às trocas humanas diz respeito; as equipas organizadas representam coletivos que quase sempre partilhavam uma condição e um conjunto de interesses. Esta circunstância não retirou ao futebol a capacidade de colocar as pessoas em relação; na realidade, sobretudo devido à estruturação e mediatização do jogo, essa capacidade até aumentou, com a progressiva inclusão de clubes em competições desportivas seguidas pela imprensa e mais tarde pela rádio; a universalidade das regras estimulava uma interação desportiva que podia ocorrer em qualquer escala, num incógnito jogo entre aldeias vizinhas, como numa grande competição internacional; para que essa performance ocorresse bastava apenas o conhecimento básico das regras e de alguns dos movimentos fundamentais do

¹ DOMINGOS. *Futebol e colonialismo*. Grande parte das referências a instituições, lugares, momentos e personagens a que aludo neste texto estão presentes neste livro e num conjunto de ensaios publicado noutra edição: *As linguagens do futebol em Moçambique: colonialismo e cultura popular*. Ao longo do texto vou escusar-me, a não ser quando se trata de algo muito específico, de citar recorrentemente estas obras.

futebol moderno.² E, apesar desta capacidade, a promoção destas interações desportivas parecia reificar os limites dos coletivos sociais que se identificavam com os clubes e que eram representados por estes.

Na Lourenço Marques colonial, o vínculo das equipas de futebol a coletivos sociais de vária ordem foi desde o início do processo de institucionalização bastante sensível. Numa sociedade colonial nova, onde as condições de sobrevivência e estabilidade dependiam muito da organização de grupos de interesses, os clubes de futebol converteram-se com naturalidade em mais um meio de reprodução desses coletivos urbanos. Num sistema político e social profundamente desigual, a organização do futebol reproduziu as linhas que definiam as hierarquias locais, nomeadamente as que separavam os europeus das populações africanas.³ Em Lourenço Marques, esta foi sempre a maior barreira colocada à capacidade de o jogo futebol promover contatos humanos. Durante muito tempo, foi apenas no âmbito dos jogos informais, nomeadamente entre crianças cujas famílias viviam nas zonas de transição entre o centro da cidade e o subúrbio, que brancos e negros jogaram em conjunto. E, apesar disto, o futebol, aliás, foi uma das atividades que mais frequentemente juntava europeus – quase sempre os filhos dos chamados brancos pobres – e africanos, sobretudo os jovens que conseguiam partilhar os recintos escolares com os filhos destas populações europeias menos privilegiadas.

No quadro da organização institucional, na capital de Moçambique estas trocas eram quase impossíveis, apesar de alguns filhos das velhas elites mestiças, muitas delas com um estatuto e condição material estabelecidos, jogarem nas chamadas “equipas da baixa” da cidade. Devido a esta política segregacionista foram fundadas na cidade duas associações de futebol, a Associação de Futebol de Lourenço Marques, em 1923, e a Associação de Futebol Africana, em 1924. Esta última associação foi extinta pela administração em 1959, em resultado das políticas de desracialização formal das instituições coloniais portuguesas. Estas procuravam aproximar o conjunto de leis, regras e práticas coloniais das teorias da troca cultural

² Processo exemplarmente descrito por ELIAS, *A busca da excitação*.

³ Sobre a história de Lourenço Marques no século XX ver RITA-FERREIRA, Os africanos de Lourenço Marques; ZAMPARONI, *Entre Narros e Mulungos*; PENVENNE, *African Workers and Colonial Racism*; ROCHA, *Associativismo e nativismo em Moçambique*; HARRIES, *Work, Culture, and Identity: Migrant Laborers in Mozambique and South Africa*; MORTON, *Age of Concrete*.

arrumadas à volta da proposta teórica lusotropicalista do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre. Durante décadas, esta dupla organização associativa comprovou a natureza racista e discriminatória do colonialismo português, característica que não desapareceu por decreto após 1959, nem dois anos mais tarde, depois do fim do regime de indigenato.

Um olhar mais detalhado sobre a organização destes dois campeonatos demonstra, porém, como os grupos de interesses que habitavam o terreno colonial em Lourenço Marques eram mais plurais do que o sugerido pela linha divisória entre colonizador e colonizado. Do lado colono, a estrutura do futebol denunciou as lógicas de estratificação entre os clubes das elites administrativas e empresariais, e os que possuíam uma base laboral ou regional, neste último caso vinculados ao local de origem dos seus membros no Portugal metropolitano. Nos subúrbios da cidade a diversidade era maior; nos campeonatos suburbanos competiam clubes muçulmanos de origem distinta, clubes das elites africanas católicas, clubes essencialmente mestiços, clubes fundados no âmbito do trabalho missionário, clubes que juntavam trabalhadores de fábricas, clubes predominantemente constituídos por habitantes de determinados bairros, clubes essencialmente formados por membros de uma etnia. Esta espécie de superestrutura desportiva enunciava que a estratificação social na capital de Moçambique excedia consideravelmente a divisão primacial entre europeus e africanos. Este sistema de diferenças decorria dos próprios efeitos do sistema colonial e das suas políticas de classificação. A organização do futebol em Lourenço Marques ofereceu consistência prática e simbólica a este sistema de diferenciação, contribuindo para a subsistência destas comunidades múltiplas e reforçando, assim, o mosaico identitário.

A força destas identidades no contexto colonial em Lourenço Marques foi realçada por diversos testemunhos orais a que acedi; é indiscutível que, para muitos indivíduos, a pertença a coletivos organizados como um clube de futebol garantiu meios de relação e subsistência, bem como uma segurança material, existencial, afetiva e simbólica. Assim, o futebol, promovendo redes unidas por uma partilha identitária, desempenhou um papel relevante na integração dos indivíduos no espaço urbano da cidade.

Em *Futebol e colonialismo*, o exame deste efeito identitário produzido pelo futebol foi relativamente marginalizado, quando comparado com a importância conferida à interpretação do papel do futebol na construção de uma comunidade suburbana que se ergueu para lá destas diferenças.⁴ Dito de outro modo, privilegiou-se nessa análise a investigação sobre como o futebol promoveu interdependências urbanas; como, à medida de outros contextos, forjou uma cultura comum,⁵ contribuindo assim para construir comunidades maiores. Se o futebol aparentava separar grupos urbanos, de modo menos manifesto mas muito efetivo, não apenas criou uma cultura popular partilhada e mediatizada, como estimulou as relações práticas quotidianas, ritualizando contactos entre indivíduos que partilhavam a cidade, independentemente da sua origem.

Reconhecendo a importância dos vínculos identitários na fundação de equipas e clubes, estes não eram, ainda assim, absolutamente estáveis; da mesma forma que os grupos sociais são volúveis, nomeadamente no decurso da sua evolução em ambiente urbano, as identificações iniciais, que justificaram a formação de diversos clubes, várias vezes se desvaneceram. Em Lourenço Marques, o futebol moderno não deixou de manter a capacidade, reconhecida pela teoria moderna, de estimular a transformação dessas mesmas relações sociais, alterando as relações entre grupos e, por vezes, contribuindo até para a sua diluição. Os contextos de mudança que empossaram o futebol como marcador de identidades num meio colonial foram os mesmo que simultaneamente o investiram na condição de idioma social de contacto, enquanto meio de coesão e integração social, e promotor de redes e interdependências e novas formas de imaginação do mundo.

Muitos testemunhos insistiram no efeito identitário do futebol na capital colonial de Moçambique, reclamando assim um vínculo enquanto membros de vários grupos; este é sem dúvida um elemento fundamental para o modo como concebem a sua identidade social e a convocam para efeitos de memória futura; e, no entanto, as suas vidas de todos os dias acabam por revelar como o futebol os ligou

⁴ Recordo-me que esta menor presença da questão das identidades neste livro foi-me referida pelo pesquisador moçambicano Aurélio Rocha.

⁵ De modo mais preciso um stock cultural de conhecimento comum, no sentido de BERGER; LUCKMANN, *The Social Construction of Reality*.

a universos sociais mais amplos, que incluíam outros indivíduos e grupos. Mas que comunidades eram estas na capital de Moçambique colonial?

Numa primeira escala, em que se declaravam as desigualdades fundamentais impostas pelo sistema colonial, as comunidades transmutadas na geografia dual de uma cidade como Lourenço Marques: o centro da cidade, por um lado, e os seus subúrbios, por outro, a exteriorização mais visível e rigorosa da situação colonial. No centro, destacava-se a comunidade colona, um universo social progressivamente mais diverso, formado por colonos com origens e condições sociais distintas, mas igualmente por populações de outras naturalidades, como as comunidades goesa – representadas pelo Clube Desportivo Indo-Português na AFLM; a partir da década de 1950, o futebol “da baixa” integrou equipas formadas pela elite mestiça, casos do Vasco da Gama e do Atlético de Lourenço Marques, o que se revelou uma primeira tentativa da administração colonial atenuar a barreira racial e cooptar estratos da população africana, promovendo divisões existentes. Por sua vez, nos subúrbios da cidade, emergiu um conjunto mais diversificado de condições identitárias, muitas vezes sobrepostas, num mosaico onde, na verdade, tornou-se progressivamente mais difícil vislumbrar qualquer coletivo com uma identidade perfeitamente estabilizada.

Num sentido bastante distinto, o futebol associou os habitantes da cidade de Lourenço Marques num outro tipo de comunidade, muito mais vasta, que incluía todos aqueles que, por uma razão ou outra, se sentiam representados pelas próprias redes criadas pelas competições de futebol: o futebol português, europeu, brasileiro e por aí adiante. Esta comunidade de pertença, mais vasta, moderna, e potencialmente global, ligava os indivíduos de Lourenço Marques ao mundo; foi isto que sucedeu a muitos habitantes dos bairros suburbanos. Neste sentido, esta rede era igualmente um meio de pertença e coesão.

Em suma, em linha com análises sobre o papel da cultura popular moderna em contextos urbanizados, em Lourenço Marques o futebol proporcionou uma plataforma de encontros regulares, um espetáculo público local, um repertório de interação que se constituiu como um cimento comunitário e uma imaginação que possuía uma capacidade integradora em várias escalas do quotidiano.

É importante insistir, assim, que o papel do futebol na construção de identidades coletivas em contexto urbano colonial, no quadro do que Max Gluckmann chamou de *multiplex ties*, não é contraditório com um processo de integração mais amplo, no qual o futebol ajudou a criar o que o sociólogo Mark Granovetter designou pela “força dos laços fracos”;⁶ estes laços, aparentemente mais frágeis, eram na verdade eixos práticos e simbólicos fundamentais para coexistência individual e coletiva na vida urbana moderna, tão relevantes para reforçar a coesão social num contexto colonial, precário e violento. A pertença identitária contribuiu para estimular a participação urbana, já que estas identidades ganhavam sentido no encontro com o outro; esta troca urbana desafia uma perspetiva identitária do espaço de Lourenço Marques sob domínio colonial português: quanto mais se exigiam trocas, mais as identidades surgiam como formas de apresentação do eu na vida quotidiana, para citar uma conhecida expressão do sociólogo americano Erving Goffman.⁷ E, no entanto, na ordem da interação em Lourenço Marques, estas identidades apoiavam a criação de uma rede de relações mais complexa, que juntava diariamente indivíduos de origem e condição distinta, obrigados a coexistir na cidade colonial.

Entretanto, a própria experiência urbana contribuiu por delapidar estas identidades: a força transformadora de mobilidades várias, a participação em espaços coletivos, das escolas aos locais de trabalho, passando pelos espaços de lazer, erodiram as fronteiras destes coletivos, como se verificou, por exemplo, na fisionomia das estratégias matrimoniais. É também verdade, porém, que o sistema colonial em Moçambique atrasou significativamente este processo, já que instrumentalizou politicamente as pertenças identitárias, moldando-as pela intervenção discricionária do Estado e pela organização do mercado de trabalho.

No âmbito mais restrito do universo do futebol, a progressiva tendência para a profissionalização, inerente à lógica do chamado processo de desportivização, tratou de criar uma mobilidade laboral que abalou alguns dos fundamentos identitários das equipas e dos clubes, bem como das suas massas adeptas.⁸ Para

⁶ GLUCKMAN. Custom and Conflict in Africa; GLUCKMAN, *Essays on the Ritual of Social Relations*, 1962; GRANOVETTER, The Strength of Weak Ties.

⁷ GOFFMAN. *Apresentação do eu na vida de todos os dias*.

⁸ ELIAS. *A busca da excitação*.

oferecer um exemplo ainda hoje muito saliente, a grande notoriedade dos clubes portugueses em Moçambique não é explicável sem se considerar como foram permeáveis ao talento dos africanos de Lourenço Marques. Ao proporcionarem um lugar a estes jogadores, os clubes tornaram-se objetos da representação de adeptos que, nas suas trajetórias diárias na cidade colonial, continuavam política e geograficamente limitados.⁹ De certa forma, no período do colonialismo tardio, os clubes de futebol foram mais abertos do que qualquer outra instituição que representava, tanto nas colónias como na metrópole, o poder português.¹⁰

MASCULINIDADE EM AÇÃO

Outra dimensão de análise insuficientemente trabalhada em *Futebol e colonialismo* é a relação entre futebol e masculinidade na renegociação dos estatutos sociais nos subúrbios da cidade colonial.¹¹ Nesta colónia portuguesa, como por todo o lado, o jogo afirmou-se como um espetáculo de celebração masculina. As mulheres foram afastadas de qualquer participação institucional no desenvolvimento do jogo – o clube de futebol rapidamente se constituiu como um dispositivo de afirmação da dominação masculina, dado que na sua organização, desde os órgãos diretivos às equipas propriamente ditas, os seus membros eram invariavelmente homens.

Neste contexto masculino, o futebol contribuiu para a reconfiguração das relações intergeracionais nos bairros suburbanos de Lourenço Marques.¹² Nos novos ambientes urbanos coloniais, que afrontaram a organização dos sistemas políticos e sociais africanos e os seus princípios hierárquicos, onde a senioridade prevalecia, o futebol estimulou a mudança. Este novo espetáculo moderno beneficiava os jovens atletas, aqueles com maior disponibilidade física para o jogo, os que eram celebrados pelo público entusiasmado. O seu talento representava

⁹ Esta tendência para a diluição identitária apenas não sucederá num contexto em que as lógicas conflituais se revelem tão fortes que o futebol apenas se torna uma linguagem simbólica da violência e da separação extrema.

¹⁰ DOMINGOS. *Football in Lusophone Africa*.

¹¹ Esta relação é reconhecida por diversos autores, exemplo de ARCHETTI, *Masculinities*, mas igualmente no contexto africano, ver, por exemplo, ALEGI; TIMBS, *The Izichwe Football Club: Youth, Sport and Masculinity in Pietermaritzburg, South Africa*.

¹² RITA-FERREIRA. Os africanos de Lourenço Marques.

comunidades e mais especificamente os adeptos pertencentes a grupos de interesses e coletivos sociais, o que enobreceu e responsabilizou uma performance desportiva cada vez mais mediatizada. Além disso, nomeadamente a partir dos anos de 1960, o jogo proporcionou a alguns atletas uma inédita estabilidade material – dando acesso a outros empregos – que libertou muitos jovens de amarras sociais e das deferências hierarquias que herdaram por tradição.¹³

Esta afirmação pública da masculinidade manifestou-se igualmente no desenvolvimento do estilo de jogo dominante nos campos dos subúrbios de Lourenço Marques. Em *Futebol e colonialismo* argumentei que este estilo de jogo, descrito pelo poeta e jornalista José Craveirinha¹⁴ como um espetáculo intenso, violento, composto por gestos intimidatórios e por movimentos habilidosos executados por celebrados malabaristas, era uma representação prática dos valores que envolveram o crescimento precário e contencioso da periferia colonial; a malícia deste jogo, palavra que Craveirinha usou para sintetizar as principais características deste espetáculo local, era então uma celebração prática das estratégias de sobrevivências prevalecentes nos bairros dos subúrbios, uma representação corporal do próprio subúrbio.

Este estilo de jogo era igualmente um meio para os jovens adultos se afirmarem nestes contextos, de reclamarem um lugar neste mundo social, o que implicava igualmente um conflito com a estruturação tradicional do poder constituída à volta das relações entre gerações. Os mais novos constituíam a maioria da força de trabalho e aquela mais relevante para as necessidades coloniais. A economia moderna do espetáculo, no entanto, iria conceder-lhes um outro estatuto. No campo, destacavam-se pela força física, pela intimidação, mas também pelo talento. Nas ruas dos bairros suburbanos, muitos jovens libertos dos vínculos

¹³ CRAVEIRINHA. Terminologia ronga no futebol, em conjugação oportuna e sua interpretação.

¹⁴ José João Craveirinha nasceu em Lourenço Marques, em 1922. Poeta consagrado, jornalista, colaborou em diversas publicações periódicas, nomeadamente em *O Brado Africano*, no *Itinerário*, no *Notícias* e no *Notícias da Tarde*, na *Mensagem*, no *Notícias do Bloqueio* e no *Caliban*. Nestas colaborações, o desporto foi um dos seus temas mais recorrentes. Foi funcionário da Imprensa Nacional de Lourenço Marques. Jogou futebol em clubes de Lourenço Marques. Foi preso pela PIDE e ficou encarcerado durante cinco anos. Após a independência de Moçambique foi membro da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) e presidiu à Associação Africana. Foi Prémio Camões em 1991. É um dos mais reconhecidos poetas da língua portuguesa e um dos maiores escritores africanos. A sua primeira obra, *Xibugo*, data de 1964.

tradicionais contavam sobretudo com o seu trabalho e capacidade para navegar a cidade colonial. Para estes jovens homens, muitas vezes organizados em gangues, a violência e a intimidação passaram a ser um capital de sobrevivência quotidiano. As forças da ordem colonial preocupavam-se em zelar pelo bem-estar dos europeus e por prevenir possíveis subversões políticas no subúrbio, e em especial depois do início da guerra colonial, em 1964. Mas mostravam-se bastante mais permissivas em relação aos problemas existentes entre os africanos. Assim, a necessidade de defesa constituía-se como uma das preocupações mais salientes para as populações das periferias. Estas eram as condições ideais para a imposição de uma masculinidade viril, publicamente desafiante, em parte liberta de deveres coletivos e, por isso, mais individualista. Um espetáculo muito apreciado localmente como o futebol serviu, de modo singular, a afirmação desta masculinidade. No teatro do jogo, este comportamento revelava-se no quadro prático e simbólico instituído pelas regras performativas locais e pela sua estética particular.

MODERNIDADE EM TENSÃO

A apropriação do futebol pelo subúrbio colonial foi um laboratório do choque entre modernidade e tradição. Em certa medida, o estilo de jogo desenvolvido no subúrbio de Lourenço Marques era o resultado singular desta tensão. Uma das suas características era a possibilidade de o futebol local beneficiar da flexibilidade na interpretação das leis do jogo. O futebol promovido pela Associação de Futebol Africana e pelos seus clubes nos subúrbios de Lourenço Marques seguia as leis universais supervisionadas pelo *International Board*. Esta era a condição de modernidade perfilhada pelas elites africanas que lideravam esta institucionalização. Inspirados pelos campeonatos africanos desenvolvidos na vizinha África do Sul,¹⁵ a AFA e os seus clubes desejavam praticar o jogo universal, inserindo-se, assim, na grande comunidade do futebol global, e revelando desta forma ao colonizador a humanidade que este lhes negava, ao remetê-lo para os mundos culturais pretensamente herméticos e atrasados a que pertenceriam.

¹⁵ Sobre a história do futebol na África do Sul ver ALEGI, *Laduma*.

Mas na prática, esta versão universal do *association* foi ajustada à economia moral suburbana. A fragilidade da lei e do indivíduo – o árbitro – com a função de a aplicar constituiu-se como um princípio da performance e da sua fisionomia estética, já que concedia espaço para os jogadores executarem movimentos – nomeadamente violentos – que violavam a lei. Estas condições tornavam o jogo perigoso, mas também um terreno para os chamados malabaristas revelarem a sua capacidade de ludibriarem este perigo.

O estilo de jogo que se desenvolveu nos subúrbios de Lourenço Marques é um objeto particular para pesquisar a relação entre escrita e oralidade no contexto do colonialismo; um exemplo da relação tensa entre o novo mundo da escrita, que definia pelo livro os limites regulamentares do *football association*, e a tradição oral que nas sociedades africanas se instituiu como meio de sociabilidade, mas igualmente como forma de regular o quotidiano e resolver conflitos e disputas.¹⁶ A aplicação das regras do futebol moderno não mudou por decreto as práticas assimiladas pelos jogadores do subúrbio e que inevitavelmente trouxeram para o jogo. Como as leis escritas no sentido mais amplo, a lei do futebol possuía poucas condições para refazer radicalmente as disposições e visões do mundo dos jogadores, embora na verdade tenha tido o poder suficiente para as desafiar e transformar.

Na conhecida análise de Jack Goody ao poder da escrita modificar a relação dos indivíduos com a sociedade envolvente, inicialmente publicada em *A lógica da escrita*, o antropólogo refere que a escrita conduz o domínio de qualquer discussão da boca para a mão, o que implicava a perda da autoridade verbal face a uma autoridade fixada pelo texto.¹⁷ No futebol dos subúrbios de Lourenço Marques foi visível o choque criativo entre estas duas rationalidades. A apropriação suburbana do futebol moderno, um jogo fundado pela intenção de cumprir com rigor a "letra da lei", criou uma soberania que expressava em primeiro lugar a lógica "do espírito da lei". Na realidade, o "espírito da lei" passou a definir contenciosamente a lei de facto que governava o jogo: o futebol dos subúrbios de Lourenço Marques criou a

¹⁶ Esta reflexão foi desenvolvida mais aprofundadamente em Domingos, Das relações entre escrita e performance (2014).

¹⁷ GOODY. *A lógica da escrita*.

sua própria lei que era negociada no imediato do jogo e com a participação intensa do público. A situação expressava a ideia sublinhada por Goody em relação às resoluções de disputas em sociedades predominantemente orais: “a argumentação e os debates fazem parte da sua essência”.¹⁸ Nos jogos de futebol suburbanos as discussões eram permanentes, conduzindo a paragens constantes, um dos aspectos da cadêncio do espetáculo local. A força da oralidade disputava a realidade dos acontecimentos dentro do campo, analisando o particular e não o abstrato, como era comum nas tradições orais, e ao contrário da lógica da escrita.

Mas como argumentou Goody, “falar contra (contra dicere) é uma coisa, escrever contra é outra. Pois não se trata simplesmente de uma questão de circulação e de pertinácia: a contradição adquire uma dimensão diferente quando um texto é utilizável como instrumento de comparação”.¹⁹ E é neste sentido que a contestação verbal à realidade definida pelas leis do futebol moderno e pelo juiz – o árbitro – que as interpretava se encontrava inevitavelmente limitada. No momento dos jogos, as tentativas de resolver disputas pela discussão oral reivindicavam sempre o modo mais correto de interpretar a lei. Dito de outra forma, à oralidade restava resistir, moldando uma ordem já dominante imposta pela escrita. Como notou Goody, a propósito das questões das disputas judiciais: “Isto passa-se porque as contradições se tornavam mais ‘óbvias’ e mais ‘exactas’ quando colocadas lado a lado; isso significa muitas vezes o serem retirados do contexto, que é, como qualquer autor sabe, uma falsificação”.²⁰

Desta tensão surgiu o estilo de jogo dos subúrbios de Lourenço Marques. Como os regulamentos do futebol moderno previam que as disputas típicas do jogo fossem solucionadas pela capacidade de abstração da lei, interpretada, já com alguma margem para interpretações, por um árbitro, o jogo de futebol desafiava significativamente o costume em que haviam crescido muitos dos jogadores. A estes restava o uso do seu poder de argumentação, por vezes de forma tão veemente, e suportada por um público que partilhava as mesmas práticas e mundividências, que a lei adquiria uma inusitada flexibilidade. Este contexto é também relevante para

¹⁸ GOODY. *A lógica da escrita*, p. 184.

¹⁹ GOODY. *A lógica da escrita*, p. 184.

²⁰ GOODY. *A lógica da escrita*, p. 184-5.

interpretar o recurso por parte dos jogadores, treinadores e dirigentes às tradições do curandeirismo e da feitiçaria para influenciar o rumo do jogo. Os diversos rituais realizados para determinar os acontecimentos dentro de campo, conduzidos por especialistas, curandeiros ou feiticeiros que no contexto do futebol suburbano eram designados por *vôvôs*, eram acompanhados por promessas verbais. Recorrendo mais uma vez a Goody, este refere que “o juramento, praga, feitiço e bênção são expressões para as quais a boca adquire uma significação especial”.²¹ Em vários testemunhos de antigos jogadores dos subúrbios de Lourenço Marques se relatou como a oralidade definia o poder da prática, “temos *vôvô* e vamos usá-lo”, ou de modo mais significativo, a frase que legitimava o poder destas crenças e sobretudo dos seus praticantes: “*vôvô* disse”.

Ainda noutro sentido, os gestos predominantes no futebol desta periferia colonial, coligidos pelo poeta e jornalista José Craveirinha em uma das suas crónicas em *O Brado Africano*, eram verbalmente assinalados por jogadores e pelo público.²² *beketela*, *pandya*, *tyimbela* ou *wandla* eram algumas das expressões, não escritas, que definiam os ritmos e os momentos do jogo local, um exemplo da resistência da oralidade face ao poder da escrita. Mais uma vez, no entanto, o mundo de significados e emoções criado pela partilha destes significados, era inevitavelmente vigiado pela realidade construída pela lei, motivo constante de comparação e de limitação à criatividade e flexibilidade próprias da oralidade.

²¹ GOODY. *A lógica da escrita*, p. 173.

²² CRAVEIRINHA. Terminologia ronga no futebol, em conjugação oportuna e sua interpretação. “Pandya: (Lê-se pandja) Enquanto em português não temos palavra que exprima o momento em que os pés dos jogadores ao disputar a bola, chutam nela simultaneamente, e causam um som característico pelo impacto, o desportista africano criou a palavra pandya a qual traduzida à letra quer dizer rachar, ou rebenta! Este termo entrou já na gíria portuguesa local; Beketela: O jogador que prevê a entrada de um adversário e apoia o seu pé na bola de maneira a provocar o choque que muitas vezes causa traumatismos graves a quem chuta e quase sempre a sua queda. A palavra traduzida significa: pôr. O beketela é usado com maldade colocando-se o pé um pouco acima da bola de modo a que a perna (região do tornozelo e canela) vá chocar-se no pé firmado na bola pelo calcanhar. Há o beketela henlha – pôr no ar – e o beketela hansi – pôr em baixo; Wandla: É o atrasar-se de propósito no lance de maneira que o adversário chute primeiro mas com o próprio impulso vá roçar fortemente a parte compreendida pela canela nas traves da bota aparentemente inofensiva no ar. Tradução: descascar”; Tyimbela: (tchimbela) O fazer de um adversário alvo da bola chutada com a máxima violência para sua intimidação em futuras jogadas em que se pode ganhar o lance só com a ameaça de chutar, o que quase sempre leva o visado a dar as costas à bola, sendo depois driblado com a maior da facilidade”.

A NATUREZA DO FUTEBOL

Ao analisar estes choques entre tradição e modernidade não se deseja promover uma perspetiva teleológica, como se este choque fosse apenas a antecâmara da vitória da escrita sobre a oralidade, ou, de outra perspetiva, da vitória de uma ideia de jogo europeu sobre o jogo africano dos subúrbios de Lourenço Marques. Não existe uma linha evidente de progresso entre um futebol contemporâneo e moderno e um estilo de jogo considerado ultrapassado e atrasado, que não seria mais do que uma relíquia cultural. Tal perspetiva anularia um conjunto de características do estilo suburbano que têm dimensões mais universais. Neste sentido, importa olhar para este estilo de jogo local não apenas como um registo de algo que passou, mas enquanto um exemplo histórico que se pode converter numa interrogação prática ao futebol moderno, sobre a qual fará sentido realçar alguns aspetos. Estes relacionam-se com os princípios que emergem da apropriação singular deste jogo no Moçambique colonial, mas que na realidade podem ser observados em inúmeros outros contextos.²³

Talvez a mais relevante seja a celebração de uma estética anti-utilitária, anti-económica no sentido inerente aos princípios de racionalização económica para quais os fins são soberanos. No caso do futebol, a vitória enquanto valor absoluto que governa os corpos e as suas intenções. Ora, o estilo de jogo dominante nos subúrbios de Lourenço Marques privilegiava gestos, momentos e ritmos relativamente autónomos deste objetivo final. Este sistema de valorização está muito presente nos testemunhos de antigos jogadores e adeptos locais. As suas memórias consistem na recordação da história de clubes, jogadores, jogos e momentos específicos, e são acompanhadas por juízos morais e estéticos. Nestes relatos as vitórias, a essência do jogo moderno e a base fundamental da sua racionalização, não adquirem um estatuto dominante, a não ser quando são acompanhadas pela celebração dos meios que as tornaram possíveis; dito de outra forma, de per si, a vitória não é um elemento fundamental nos processos de recordação da história deste futebol suburbano. Em alternativa, o que se destaca

²³ DAMO. Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política, 2019.

como elemento fundamental de apreciação é a performance, as componentes do estilo de jogo, consideradas pelos testemunhos como o que mais significativo há no futebol. Acumulam-se, antão, relatos sobre os intérpretes mais extraordinários (nem sempre os mais vitoriosos) e isolam-se momentos muito concretos de relação dos jogadores com a bola. Nesta economia afetiva da memória, ganhar não basta, e às vezes nem é estritamente necessário. É importante insistir que a valorização deste estilo de jogo não sugere que o futebol suburbano em Lourenço Marques se regia por lógicas distintas do futebol moderno, sobretudo quanto à importância da vitória, mas que apenas se constituía como uma declinação situada desta performance.

O estilo de jogo criado nos subúrbios de Lourenço Marques produziu uma estética própria, muito ligada às condições de crescimento do subúrbio colonial. Assim, a valorização dos processos do jogo tem uma dimensão histórica e contextual inscrita na história social dos bairros do subúrbio, já descrita sumariamente neste texto. Noutro sentido, porém, algumas das suas dimensões apresentam um caráter mais universal, nomeadamente no que à sua dimensão anti-utilitarista diz respeito, genericamente desvalorizada pelos sistemas de classificação dominantes no futebol moderno, no contexto dos quais o resultado é o valor predominante. Este modelo de avaliação do jogo presente nas memórias destes adeptos e jogadores moçambicanos não é certamente único, não representa também os sentidos últimos de uma performance atrasada e ultrapassada, dependente de circunstâncias únicas. Pelo contrário, este princípio e avaliação anti-utilitarista – ou talvez de forma mais exata, diversamente utilitarista – é passível de se constituir num elemento ativo nas lutas contemporâneas pela definição do futebol. Neste sentido, a ideologia inerente a este estilo de jogo é um meio para discutir a racionalização moderna do futebol, pressionando dirigentes, treinadores, jogadores, jornalistas e adeptos a pensarem distintamente a modernidade do jogo. Desta forma, o estilo de jogo dominante nos subúrbios de Lourenço Marques, mais do que um vestígio de uma cultura inevitavelmente condenada, é, à medida de outras experiências do futebol, o laboratório de uma outra troca prática e simbólica pela qual valerá a pena lutar.

O acesso a esta estética situada é mediada por descrições orais e escritas, certamente menos sugestivas que o poder das imagens. Mas o próprio futebol moderno, registado em imagens, possibilita, caso o olhar do espetador se concentre sobre alguns momentos do jogo, redefinir os padrões da sua avaliação. Isso é evidente quando, em canais de visualização de vídeos, podemos fragmentar momentos de jogo, alguns gestos – dribles, passes, receções, defesas – concedendo-lhes a autonomia estética e performativa que merecem, relativizando assim a soberania do resultado, e permitindo aproximar-nos, na realidade, da lógica dos processos de apreciação moral e estética como os presentes nos jogos dos subúrbios africanos de Lourenço Marques.

* * *

REFERÊNCIAS

- ALEGI, Peter. **Laduma**: Soccer, Politics and Society in South Africa. Natal: University of Kwazulu-Natal Press, 2004.
- ALEGI, Peter; TIMBS, Liz. The Izichwe Football Club: Youth, Sport and Masculinity in Pietermaritzburg, South Africa, **Journal of Southern African Studies**, 45:5, 2019, p. 963-80.
- ARCHETTI, Eduardo. **Masculinities**: Football, Polo and the Tango in Argentina, Oxford, Berg, 1999.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **The Social Construction of Reality**. New York: Anchor Books, 1967.
- CRAVEIRINHA, José. Terminologia ronga no futebol, em conjugação oportuna e sua interpretação. **O Brado Africano**, 12 fev. 1955, p. 8.
- DAMO, Arlei. Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política. **FuLiA/UFMG**, v. 3, n. 3, p. 37-66, 2019.
- DOMINGOS, Nuno. **Futebol e colonialismo**: corpo e cultura popular em Moçambique. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2012.
- DOMINGOS, Nuno. **As linguagens do futebol em Moçambique**: colonialismo e cultura popular. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.
- DOMINGOS, Nuno. **Football in Lusophone Africa, in Oxford Research Encyclopedia of African History**. Oxford University Press, 2020.

- DOMINGOS, Nuno. Das relações entre escrita e performance: o futebol em Moçambique colonial. **Projeto História**, n. 49, São Paulo, p. 1-31, 2014.
- ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa, Difel, 1992.
- GLUCKMAN, Max. **Essays on the Ritual of Social Relations**. Manchester: Manchester University Press, 1962.
- GLUCKMAN, Max. **Custom and Conflict in Africa**. Oxford: Blackwell, 1955.
- GOFFMAN, Erving. **A apresentação do eu na vida de todos os dias**. Lisboa: Relógio D'Água, 1999.
- GOODY, Jack. **A lógica da escrita e a organização da sociedade**. Lisboa: Ed. 70, 1987.
- GRANOVETTER, Mark. The Strength of Weak Ties. In: **American Journal of Sociology**, v. 78, Issue 6, (maio, 1972): 1360-1380, 1973.
- HARRIES, Patrick. **Work, Culture, and Identity**: Migrant Laborers in Mozambique and South Africa, c. 1860-1910. Portsmouth, NH: Heinemann, 1993.
- HEDGES, David. (Coord.) **História de Moçambique**, v. II. Maputo: Livraria Universitária de Maputo, 1999.
- MORTON, David. **Age of Concrete**: Housing and the Shape of Aspiration in the Capital of Mozambique. Athens: Ohio University Press, 2019.
- PENVENNE, Jeanne Marie. **African Workers and Colonial Racism**: Mozambican Strategies and Struggles in Lourenço Marques, 1877-1962. London: James Currey, 1995.
- RITA-FERREIRA, António. Os africanos de Lourenço Marques. In: **Memórias do Instituto de Investigação Científica de Moçambique/Instituto de Investigação Científica de Moçambique**, v. 9, série C (1967-1968), 95-491.
- ROCHA, Aurélio. **Associativismo e nativismo em Moçambique**: contribuição para o estudo das origens do nacionalismo moçambicano (1900-1940). Maputo: Promédia, 2002.
- ZAMPARONI, Valdemir. **Entre Narros e Mulungos**: colonialismo e paisagem social em Lourenço Marques, c. 1890, c 1940. (Tese). Doutorado em História Social junta da Faculdade de Filosofia. São Paulo: FFLCH/USP, 1998.

* * *

Recebido para publicação em: 01 set. 2020.

Aprovado em: 11 nov. 2021.

Futebol e identidade na Argélia: a história da seleção da Frente de Libertação Nacional (1958-1962)

Football and Identity in Algeria: The History of the Football Team of the National Liberation Front (1958-1962)

Renato Machado Saldanha

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Doutorando em Estudos do Lazer, UFMG

Verônica Toledo Ferreira de Carvalho

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Doutoranda em Estudos do Lazer, UFMG

RESUMO: Mais do que um simples divertimento popular, espetáculo, ou entretenimento banal que se encerra em si mesmo, o futebol pode ser entendido como um importante fenômeno sociocultural, capaz de representar conflitos e contradições do tempo e do espaço em que está inserido. Neste trabalho, procuramos destacar a participação do futebol na construção da identidade nacional. Mais especificamente, buscamos resgatar a trajetória do selecionado formado pela Frente de Libertação Nacional, da Argélia, e sua participação na luta pela independência daquele país. A análise nos sugere afastar da tese simplista do futebol, bem como do sentimento de nação, como ferramenta ideológica de alienação e manipulação, apontando a possibilidade de disputas em torno dos significados atribuídos a eles.

PALAVRAS-CHAVES: Futebol; Identidade Nacional; Revolução argelina.

ABSTRACT: More than a simple popular entertainment, show, or banal entertainment that ends in itself, football can be understood as an important socio-cultural factor, capable of representing conflicts and contradictions of the time and space in which it is inserted. In this work, we seek to highlight the participation of football in the construction of the national identity. More specifically, we seek to rescue the trajectory of the selected formed by the National Liberation Front of Algeria, and their participation in the struggle for the independence of that country. The analysis obliges us to this simplistic aspect of football, as well as the feeling of nation, as an ideological tool of alienation and manipulation, allowing the possibility of disputes over the meanings derived from them.

KEYWORDS: Football; National Identity; Algerian Revolution.

INTRODUÇÃO

As origens do futebol moderno remetem ao momento de consolidação do modo de produção capitalista na Inglaterra do período vitoriano. As indústrias modificavam profundamente a forma como os homens e mulheres trabalhavam, o que contribuiu para solapar os resquícios da velha organização social feudal. Um novo mundo surgia. A burguesia se consolidava enquanto classe *para si*, necessitando de novas práticas sociais e hábitos que a diferenciasse da nobreza e do proletariado. Ao mesmo tempo, surgia uma classe trabalhadora urbana, que buscava novos referenciais de vida, já que suas práticas anteriores de ócio, trabalho e celebração coletiva se tornaram impraticáveis ou sem sentido na dura vida entre os cortiços e a frieza do maquinário fabril.¹

Neste contexto, o futebol moderno foi forjado dentro das escolas inglesas, como atividade pedagógica dedicada a promover entre os jovens de elite (futuros dirigentes) valores e atitudes desejáveis em um modo de vida burguês e atrelados aos interesses do império britânico em expansão. Entretanto, isso não impediu que outros grupos e localidades se apropriassem dessa prática, imprimindo nela outros sentidos e significados.²

Primeiro, foram os trabalhadores e trabalhadoras nos países centrais do capitalismo que se apropriaram dele. A conquista da “semana inglesa”, que reservava parte do sábado e o domingo para o descanso, propiciou a prática do futebol entre o operariado europeu, favorecendo o aumento significativo da assistência aos jogos e a proliferação de clubes de origem popular. Essas equipes, de certa forma, expressavam as divisões e os laços de solidariedade presentes na classe. Da mesma forma, ao se expandir pelo mundo no rastro das relações comerciais e coloniais europeias, esse esporte passou a ser utilizado para comunicar formas particulares de identidade social e cultural presentes nos países periféricos.

A capacidade de galvanizar sentimentos abstratos como solidariedade, afinidade ou aversão, materializando-os em um clube ou em uma rivalidade, talvez

¹ HOBSBAWN. *A era do capital*, p. 297.

² GIULIANOTTI. *Sociologia do futebol*, p. 18-21.

seja um dos grandes segredos da popularidade do futebol. “Sem descartar a importância da beleza do jogo, cremos que o sucesso do futebol está associado, em boa medida, à capacidade que as disputas têm de representar adequadamente certas tensões que são experimentadas no aspecto mais amplo da sociedade”.³

Portanto, mais do que um simples divertimento popular, espetáculo, ou entretenimento banal que se encerra em si mesmo, o futebol pode ser entendido como um importante fenômeno sociocultural, capaz de representar conflitos e contradições do tempo e do espaço em que está inserido. Não por acaso, Franco Júnior (2007) sugere ser possível traçar, a partir da análise histórica do futebol, uma micro-história da sociedade.

Neste trabalho, procuramos abordar a biografia de uma equipe de futebol e destacar a sua participação em um processo político mais amplo. Mais especificamente, buscamos resgatar a trajetória do selecionado formado pela Frente de Libertação Nacional, da Argélia, e sua participação na luta pela independência daquele país. Ao lançar luz sobre esse episódio, procuramos contribuir para um olhar mais complexo e desmistificado sobre esse esporte, fugindo de “lugares-comuns”, como a ideia do futebol como algo necessariamente alienante, ópio do povo, ou como algo “essencialmente” neutro, apolítico.

FUTEBOL, POLÍTICA E IDENTIDADE NACIONAL

Richard Giulianotti afirma que “O futebol é uma das grandes instituições culturais, como a educação e os meios de comunicação de massa, que formam e consolidam identidades nacionais no mundo inteiro”.⁴ No mesmo sentido, Arlei Damo e Ruben Oliver afirmam que: “Ao mobilizar as referências nacionalistas em um confrontamento esportivo, o futebol reforça a nação enquanto categoria política e sentimental”.⁵ Édison Gastaldo (2017), pensando sobre a seleção brasileira, também destaca a sua capacidade de emblematizar, ritualizar, dramatizar e negociar significados caros à nossa identidade nacional, se transformando em um verdadeiro “símbolo informal da nacionalidade”.

³ DAMO; OLIVER. *Megaeventos esportivos no Brasil: um olhar antropológico*, p. 43-4.

⁴ GIULIANOTTI. *Sociologia do futebol*, p. 42.

⁵ DAMO; OLIVER. *Megaeventos esportivos no Brasil*, p. 42.

A tese dos autores é facilmente comprovada com fatos históricos. Ao analisar a trajetória dos primeiros anos do futebol no Rio de Janeiro, Leonardo Pereira (2000) mostra como as primeiras partidas de selecionados nacionais contra equipes estrangeiras se tornaram canais privilegiados de afirmação do orgulho nacional, merecendo destaque na imprensa e despertando a atenção das autoridades, zelosas que o prestígio do Brasil no exterior pudesse, de alguma forma, ser prejudicado pelo mau comportamento dos atletas e torcedores, ou mesmo pela simples presença de jogadores negros, que não correspondiam com a imagem “eugênica” que se desejava passar do brasileiro.⁶

Gilberto Agostino, em sua obra *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional* (2002), nos fornece fartos exemplos históricos de que o uso político do futebol não é uma exclusividade de governos brasileiros. Dos estados nazifascistas, de Mussolini e Hitler, a estados proletários do bloco soviético, passando por ditaduras e democracias em todos os continentes, diversos governos procuraram atrelar sua imagem ao desempenho de equipes ou à realização de eventos futebolísticos, geralmente com um duplo objetivo. Internamente, como instrumento de ritualização da fidelidade nacional e legitimação da ordem vigente, externamente, como ferramenta de diplomacia e propaganda.

Porém, menos conhecidos (e, suspeito, menos frequentes) são os episódios de utilização na “direção contrária”. Ou seja, os casos de uso do futebol como instrumento de mobilização popular, como símbolo de uma luta contra uma dominação ou ordem vigente. Podemos citar, por exemplo, a “Democracia Corinthiana”,⁷ como uma das expressões do movimento de reorganização da classe trabalhadora brasileira, que confluí para a queda do regime militar e a redemocratização do país. Ou as partidas disputadas durante a Segunda Guerra Mundial em territórios ocupados pelos nazistas, onde as equipes locais se

⁶ Nos referimos à “recomendação” que teria sido feita pelo Presidente da República Epitácio Pessoa de que, para o Sul-americano de 1922, só fossem escalados atletas de pele branca e cabelo liso, para evitar que a torcida e a mídia estrangeira os apelidasse de “macacos”.

⁷ “Democracia Corinthiana” foi como ficou conhecido um período de relativa autogestão do time do Corinthians, entre 1982 e 1984. Nesse período, questões como regras de concentração, contratações e horários de treinos eram decididas entre os próprios jogadores. Sócrates, Casagrande, Wladimir e Zenon, eram os principais líderes daquele grupo.

recusavam a perder para o invasor.⁸ Ou ainda, a história de diversos clubes operários pelo mundo, ou aqueles fortemente identificados com a luta por autonomia regional (caso do Barcelona, da Catalunha, e o Atlético de Bilbao, do País Basco).

Outros exemplos de utilização do futebol para manutenção ou confrontação do *status quo* poderiam ser citados para indicar que não é possível apontar no futebol nenhum direcionamento político específico, determinado *a priori*, seja ela alienante, reacionária ou revolucionária. As mesmas camisas amarelas que hoje estão fortemente associadas na política nacional a posições conservadoras e reacionárias, já foram símbolo da progressista luta pelas “Diretas já!”, nos anos 1980. Como nos indica Denaldo Souza, inspirado em Eric Hobsbawm, “o futebol, assim como a identidade nacional, é invenção e reinvenção de governantes e governados, dominantes e dominados. É espaço de integração e conflito”.⁹

Ou seja, as contradições sociais marcam o futebol, e as disputas presentes na sociedade se expressam através dele – muitas vezes de forma potencializada e mais “tangível”. Compreender os significados e valores que são atribuídos ao futebol requer, portanto, compreender o contexto mais amplo em que ele está inserido.

A COLONIZAÇÃO FRANCESA E A LUTA PELA INDEPENDÊNCIA DA ARGÉLIA

No início do século XIX, o modelo de desenvolvimento econômico das nações da Europa ocidental conduziria esses países à conquista colonial. O capitalismo em expansão exigia novas fontes de matérias-primas – principalmente minérios e produtos agrícolas–, ao mesmo tempo em que necessitava de mercados consumidores para escoar seus produtos e capitais excedentes. Inicia-se, assim, o período imperialista, com uma corrida entre as nações capitalistas pelo domínio de grandes extensões territoriais na Ásia e África.

⁸ Conf.: Dougan, *Futebol & Guerra*, 2004.

⁹ SOUZA. *O Brasil entra em campo! Construções e reconstruções de identidade nacional (1930-1947)*, p. 28.

O território da Argélia esteve por trezentos anos sob o domínio do Império Turco-Otomano. Em 1827, utilizando como pretexto um suposto desentendimento entre a representação diplomática francesa e uma autoridade local, a França estabelece um bloqueio marítimo à região e, três anos depois, inicia a ocupação militar do território.¹⁰

Sob o domínio francês, a população local foi, aos poucos, sendo expropriada das melhores terras, que eram destinadas a colonos franceses que substituíam a produção local, orientada ao atendimento do mercado interno, por trigo, frutas cítricas e uvas, voltados para a metrópole. Essa política desestruturou completamente a economia local, e condenou grande parte da população argelina à miséria. Esse estado de coisas foi se agravando paulatinamente por todo restante do século XIX, sem que as pequenas tentativas de resistência local pudessem alterar significativamente essa tendência geral.

No início do século XX, a Argélia viveria certo desenvolvimento econômico, ainda que sob a marca do colonialismo, com a intensificação da exploração de minérios, expansão da agricultura e a construção de uma infraestrutura de transportes. Isso ampliou (ainda que de forma bastante limitada) às possibilidades econômicas dos argelinos, e contribuiu para diversificar aquela sociedade.

A partir de então, a possibilidade, ainda que remota, de estudos na metrópole, favoreceu a articulação, entre estudantes originários do norte da África (Maghreb), das primeiras organizações pró-independência das colônias francesas. Surgem grupos como a Estrela Norte-Africana (ENA), de 1926, e a União dos Muçulmanos Norte-Africanos (UMNA), de 1935. A resposta rápida e dura da repressão do estado francês a estas organizações não impediu que a pauta nacionalista e anticolonialista crescesse na região.

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), soldados argelinos integraram as tropas francesas que combateram o nazismo. Muitos entre eles nutriam a expectativa de que, ao final do combate, a libertação da França significaria também a libertação da Argélia. Entretanto, não foi isso o que aconteceu. Derrotada a Alemanha, a França se dedicou a reafirmar seu domínio sobre as colônias, recrudescendo a repressão contra qualquer reivindicação de

¹⁰ YASBEK. *A revolução argelina*, 2010.

independência ou de igualdade de direitos entre argelinos e franceses. A violência do colonizador afastava do horizonte das organizações nacionalistas argelinas qualquer possibilidade de independência pela via institucional ou negociada.

O nacionalismo argelino se mostrava cada vez mais convencido de que a via legal de emancipação estava esgotada, ou melhor, nunca tivera espaço para se desenvolver por causa da violenta repressão francesa. A França, com sua tão propalada defesa dos ideais revolucionários do século XVIII, mostrou que, quando se tratava de colonialismo, a democracia tornava-se somente um discurso pouco consistente, um encobrimento dos mecanismos encarregados de manipular as relações entre colonizados e colonizadores. A Argélia pertencia à França, mas não lhe era permitido partilhar do sistema democrático e liberal francês.¹¹

Este contexto levou à fusão de diversos pequenos partidos nacionalistas, em 1954, na Frente de Libertação Nacional (FLN), organização revolucionária dedicada à conquista da independência argelina incondicional, pela via do confronto armado. Na madrugada de 1º de novembro de 1954, se iniciaria a insurreição armada, com ataques orquestrados de militantes da FLN a alvos militares e oficiais do poder colonial em diversas localidades da Argélia, no que ficou conhecido como “Toussaint rogue” (em referência ao dia de todos os santos, no calendário cristão). Se seguiu um confronto extremamente violento, com uma dura reação francesa e o uso frequente de atentados terroristas, torturas e massacres, que deixaram um saldo de mortos de centenas de milhares de argelinos e 30 mil franceses, em oito anos de combate.

Após um início bastante sangrento, entretanto, os resultados não eram os esperados pelos insurretos.

No campo militar, o Exército de Libertação Nacional era o braço armado da FLN, e encontrava sérias dificuldades. Sua guerra de guerrilhas se concentrava no campo e só chegou à capital, Argel, em 1957, onde foi brutalmente reprimida pelas tropas de elite do exército colonial francês, (...). Durante os oito anos de guerra e apesar dos esforços, a FLN não chegou a controlar nenhuma parte do território nem tampouco chegou a vitórias emblemáticas como a da Guerra da Indochina. Seus principais quadros foram obrigados a deixar o território e de Túnis, Rabat ou o Cairo, comandavam as tropas do ELN que agiam nas regiões desérticas fronteiriças com o Marrocos e a Tunísia.¹²

¹¹ YASBEK. *A revolução argelina*, p. 46-7.

¹² DELMAS. A Guerra de Libertação da Argélia e a circulação de ideias: revoluções na América Latina, p. 2.

A FLN passa a investir na estratégia de somar a pressão política internacional à força das armas. A guerra se tornou cada vez menos militar (embora sem abdicar nunca dessa via) e cada vez mais política. A intenção era sensibilizar a opinião pública estrangeira sobre a ilegitimidade da colonização, pressionando as Nações Unidas a reconhecerem o direito de autodeterminação do povo argelino, e a existência de uma Guerra entre França e Argélia, dois países diferentes.

O nacionalismo argelino articulava, em torno da luta anticolonial e anti-imperialista, a tradição islâmica e o socialismo internacional. Essa característica marca a estratégia de propaganda externa, centrada em conseguir aliados para a causa argelina na Assembleia da Organização das Nações Unidas principalmente entre os países islâmicos, entre os países socialistas, e entre aqueles chamados então de “terceiro mundo”.

Para essa tarefa, os argelinos instituíram unilateralmente um Governo Provisório da República da Argélia (com sede em Túnis), passaram a publicar uma versão francesa de seu jornal (*El Moudjahid*), e lançaram mão de jornalistas e emissários enviados pelo mundo, para organizar conferências e palestras.¹³ No bojo dessas ações de propaganda foi criado um time de futebol. Frantz Fanon, intelectual ligado à FLN e à luta pela independência argelina, aponta ainda para o papel educativo que os esportes poderiam cumprir internamente naquele contexto.

A concepção capitalista do desporto é fundamentalmente diferente da que deveria existir num país subdesenvolvido. O político africano não se deve preocupar em formar desportistas, mas homens conscientes que, aliás, sejam desportistas. Se o desporto não se integra na vida nacional, isto é, na construção nacional, se se formam desportistas nacionais e não homens conscientes, depressa se verificará a ambição do desporto pelo profissionalismo e pelo comércio. O desporto não deve ser um jogo, uma distração para brindar a burguesia das cidades. A tarefa mais importante é compreender a todo o momento aquilo que se passa no país. Não devemos cultivar o excepcional, procurar o herói, outra forma de “leader”. É necessário elevar o povo, conscientizá-lo, enriquecê-lo, distingui-lo, humanizá-lo.¹⁴

E é a história dessa equipe de futebol que procuramos resgatar a seguir.

¹³ ARAÚJO. A voz da Argélia: a propaganda revolucionária da Frente de Libertação nacional argelina no Brasil, 2017.

¹⁴ FANON. *Os condenados da terra*, p. 203.

O REVOLUCIONÁRIO XI ARGELINO

No campo militar, a correlação de força pendia desfavoravelmente aos anseios dos revolucionários argelinos. A repressão violenta isolou os membros da FLN, obrigando-os ao exílio, ou afastando-os do contato mais próximo com a população argelina. O desafio era conquistar apoio internacional e manter vivo o sentimento nacionalista entre os argelinos.

Mohamed Boumezrag, um ex-jogador argelino com passagem pelo futebol francês, é apontado como mentor da ideia. Ele tinha participado, um ano antes, do Festival Mundial da Juventude, em Moscou, onde uma equipe de jovens argelinos havia representado o esporte local no evento, sob uma bandeira verde e branca. Também serviu de inspiração a equipe do Norte da África, que enfrentou e venceu (3 a 0) a seleção francesa em uma partida benéfica após o terremoto que abalou Orlansville em 1954.

Com a ajuda do atacante Mokhtar Arribi, então jogador profissional na França, Boumezrag contatou um por um os jogadores, propondo a participação na equipe que se formava. Com a resposta positiva de 11 deles o plano foi colocado em prática. Nos dias 13 e 14 de abril de 1958, os jogadores, de diferentes partes da França, fugiram de seus times sem levantar suspeitas. O cuidado se justificava pelo fato de que, desde 1955, estava em vigência na França uma lei marcial, que punia severamente qualquer contribuição às insurreições das colônias. Além disso, alguns jogadores tinham *status* militar e poderiam ser punidos como desertores, de forma ainda mais dura.

Poucos dias depois, se reuniram em Túnis, na Tunísia, Rachid Mekhloufi (jogador do Saint-Etienne), Mustapha Zitouni, Abderrahmane Boubeker e Kaddour Bekloui (ligados ao AS Monaco), Abdelhamid Kermali (do Lyon), Amar Rouiai (SCO Angers) Said Brahimi, Abdelhamid Boutchouk (Toulouse FC) e Hocine Bouchache e Abderrahmane Soukhane (Le Harvre AC). Os dois primeiros da lista eram jogadores da seleção francesa, e estavam presentes na lista de pré-convocados para disputar a Copa do Mundo na Suécia, poucos meses depois. Logo na sequência, Abdelaziz Ben Tifour, jogador do AS Monaco, que havia disputado a Copa da Suíça, em 1954, pela seleção francesa, também se junta ao grupo, que iniciava sua preparação.

A presença de jogadores da elite do futebol francês na equipe tornou o fato ainda mais impactante, rompendo o silêncio midiático que predominava na França sobre a questão argelina. Segundo Rachid Mekhloufi, “Na França, nós, jogadores de futebol, não podíamos falar de política, portanto não fiz isso em público... Até ir embora, claro. Muitos franceses e pessoas ao redor do mundo ficaram sabendo o que acontecia na Argélia graças a nós”.¹⁵

A Federação Francesa de Futebol (FFF) protestou. A Federação Internacional de Futebol (FIFA) ameaçou punir severamente as seleções que enfrentassem essa equipe, inclusive com expulsão. Outros jogadores, que mais tarde teriam tentado se integrar ao grupo, seriam presos pelo governo francês.¹⁶ Ainda assim, estava formada a seleção da Frente de Libertação Nacional Argelina, o Revolucionário XI, ou Le Onze de l'Indépendance (O Onze da Independência).

A primeira partida oficial da equipe nacional da FLN foi contra a seleção da Tunísia, finalista dos Jogos Pan-Árabes em Beirute um ano antes. Vitória dos argelinos, por 8 a 0. Logo em seguida, a equipe participaria, junto com as seleções da Líbia, Marrocos e Tunísia, do Torneio Djamila Bouhired, em homenagem à militante da independência argelina que havia sido presa em 1957 e condenada à morte por atos terroristas pelo estado francês. Após vencer por 2 a 1 a equipe marroquina no primeiro jogo, os argelinos enfrentaram a Tunísia (que havia vencido a Líbia por 4 a 1) na final, se sagrando campeões com uma vitória por 5 a 1.¹⁷

Além da Tunísia, a equipe da FLN passou por mais 13 países: Bulgária, China, Tchecoslováquia, Hungria, Iraque, Jordânia, Líbia, Marrocos, Vietnã do Norte, Polônia, Romênia, União Soviética e Iugoslávia, algumas vezes sendo recebida pela autoridade máxima do país, caso do Vietnã, quando foi recepcionada pelo presidente Ho Chi Minh, e da China, onde se encontraram com o primeiro-ministro Chou En-Lai. Ao todo, em

¹⁵ PEINADO. *Futebol à esquerda*, p. 268.

¹⁶ O que não evitou que, nos próximos dois anos, pelo menos outros 20 jogadores viessem a se integrar ao grupo original.

¹⁷ A participação nesse torneio atrasou em dois anos o ingresso de Tunísia e Marrocos, então membros aspirantes, no quadro efetivo de membros da FIFA. A partir daí, se tornou comum que as equipes adversárias enfrentassem a seleção da FLN com nomes falsos, representando sindicatos locais ou a cidade de origem, em uma manobra para evitar as punições por parte da FIFA.

quatro anos, foram 92 jogos, com 65 vitórias, 13 empates e 14 derrotas, com 389 gols marcados e 135 gols sofridos.¹⁸

Em março de 1962, termina a guerra, e a independência argelina é declarada em 5 de julho de 1962. Com isso, a equipe é dissolvida, substituída oficialmente pela Seleção Argelina. Alguns jogadores, como Bouchouk, Bentifour, Kermali, Zitouni, Bekhloufi, Boubeker, retornaram ao futebol argelino, amador, como jogadores ou treinadores. Outros tentam retornar suas carreiras profissionais. Caso de Mohamed Soukhane, Said Amara e Ahmed Oudjani que voltaram para seus clubes na França.

Rachid Mekhloufi, estrela da equipe, teve uma curta passagem pelo Servette da Suíça antes de retornar ao Saint-Etienne. Pela equipe francesa, ele, que já havia contribuído para o primeiro título francês do clube, na temporada 1956-57, voltaria a ser campeão três vezes (1963-64, 1966-67, 1967-68), além de campeão da Copa da França na temporada 1967-68. Nesse último título, ironia do destino, ele receberia o troféu das mãos do Presidente francês Charles de Gaulle.¹⁹

REFLEXÕES FINAIS

Hoje, quando pensamos em multidões de camisa amarela, batendo a panela, como nos versos da música “Pelas tabelas”, de Chico Buarque, não imaginamos que algo progressista possa sair daí. Da mesma forma, a velha tese do futebol como “ópio do povo”, instrumento de alienação, ganhou força no senso comum, principalmente após a efervescência política que cercou a Copa do Mundo realizada no Brasil, em 2014. O “sentimento nacional” é, assim, normalmente pensado como uma construção ideológica destinada a apagar diferenças e contradições internas, em prol de um projeto de manutenção das relações de exploração e dominação dentro das fronteiras nacionais.

Da mesma forma, o futebol, como espaço privilegiado de expressão do sentimento de nação, é descartado por parte da intelectualidade de esquerda como ferramenta de mobilização. Ao resgatar a história da seleção formada pela Frente

¹⁸ Conf.: Lista completa de jogos e resultados.

¹⁹ PADILLA. Golpear al enemigo con un balón, 2013.

de Libertação Nacional da Argélia, e sua participação na luta pela independência, buscamos lembrar de que tais construções simbólicas, em torno do sentimento de nação, e do futebol, não são fixos, ou livres de mudanças e disputas.

O nacionalismo anticolonial e anti-imperialista da Argélia e tantos outros movimentos independentistas, principalmente nos países periféricos do capitalismo, se fundamenta na defesa da autodeterminação dos povos, uma pauta histórica da esquerda mundial. Na reflexão de Frantz Fanon, esse é uma luta que aproxima os povos, não se opondo, portanto, a aspirações internacionalistas.

Se o homem é aquilo que faz, afirmaremos que o mais urgente, neste momento, para o intelectual africano, é a formação da sua nação. Se essa construção é verdadeira, quer dizer, se traduz a vontade evidente do povo, se revela, na sua impaciência, os povos africanos, então a construção nacional vai acompanhada necessariamente do descobrimento e da promoção de valores universais. Longe de se afastar, pois, das outras nações, é a libertação nacional que a torna presente no cenário da História. É no coração da consciência nacional que se eleva e se aviva a consciência internacional.²⁰

Por fim, vale destacar o surgimento recente de torcidas organizadas antifascistas, ou manifestações de clubes, torcedores e jogadores em torno de pautas como o combate ao racismo, à homofobia ou a xenofobia, que nos indicam a possibilidade permanente de disputa dentro do campo esportivo.

* * *

REFERÊNCIAS

- AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer:** futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.
- AMARA, Mahfoud; HENRY, Ian. **Between Globalization and Local ‘Modernity’:** The Diffusion and Modernization of Football in Algeria, Soccer & Society, London, v. 5, n. 1. p. 1-26, 2004.
- ARAÚJO, Rodrigo. A voz da Argélia: a propaganda revolucionária da Frente de Libertação nacional argelina no Brasil. Independência Nacional e revolução socialista (1954-1962). **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 61, p. 401-24, 2017.

²⁰ FANON. *Os condenados da terra*, p. 260.

- DAMO, Arlei; OLIVEN, Ruben. **Megaeventos esportivos no Brasil**: um olhar antropológico. Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2014.
- DELMAS, Ana Carolina G. A Guerra de Libertação da Argélia e a circulação de ideias: revoluções na América Latina. In: X Semana de História Política/VII Seminário Nacional de História, 2015, Rio de Janeiro. **Anais da X Semana de História Política**. Rio de Janeiro, 2015, v. 1, p. 1-3323.
- DOUGAN, Andy. **Futebol & Guerra**: resistência, triunfo e tragédia do Dínamo na Kiev ocupada pelos nazistas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Lisboa, Ed. Ulisseia, 1961.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GASTALDO, Édison, As duas copas do mundo de 2014. In: _____. (Org.) **Copa do Mundo 2014**: futebol, mídia e identidades nacionais. Rio de Janeiro: Lamparina, Leme, 2017.
- GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.
- HOBSBAWN, Eric. **A era do capital, 1848-1875**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- JACQUET, Vincent. D'instrument de propagande à miroir de la guerre d'Algérie: l'équipe de football du Front de Libération Nationale, 1954-1962. **Bulletin de l'Institut Pierre Renouvin**, n. 47. p. 121-31, 2018.
- LISTA COMPLETA DE JOGOS e resultados. Disponível em: <http://www.rsssf.com/tablesa/alg-fln-intres.html>.
- PADILLA, Toni. Golpear al enemigo con un balón. **Revista Panenka**, n. 20, p. 78-82, jun. 2013.
- PEINADO, Quique. **Futebol à esquerda**. São Paulo: Madalena, 2017.
- PEREIRA, Leonardo. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- SOUZA, Denaldo. **O Brasil entra em campo!** Construções e reconstruções de identidade nacional (1930-1947). São Paulo: Annablume, 2008.
- YAZBEK, Mustafa. **A revolução argelina**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

* * *

Recebido para publicação em: 09 out. 2020.

Aprovado em: 10 nov. 2021.

À sombra das crônicas imortais: futebol, literatura e filosofia

In the Shadow of the Immortal Chronicles: Football, Literature and Philosophy

Bernardo Sansevero

Colégio Pedro II, Rio de Janeiro/RJ, Brasil
Doutor em Filosofia, PUC-Rio

RESUMO: Meu objetivo neste artigo é trazer as crônicas de Nelson Rodrigues sobre futebol para um lugar de destaque com a defesa de sua “imortalidade”, contrariando uma visão comum que as enxerga como um mero apêndice da consagrada obra rodrigueana. Faço isto com base na estética de Kant, para quem o belo é algo que dá muito a pensar, sempre suscitando novas reflexões, uma vez que nenhuma explicação consegue abarcar por completo a forma bela e a rica matéria da obra de arte. Defendo o caráter “imortal” da crônica esportiva de Nelson Rodrigues em duas etapas: primeiro mostro que a forma de escrita presente em toda a obra rodrigueana (sua crônica não-esportiva, os romances e teatro) atravessa também seus textos sobre futebol, fazendo com que possuam, além de uma matéria específica (o futebol), uma forma estética que por si só gera um encantamento com a obra; e na segunda etapa (2) defendo que o assunto de suas crônicas esportivas, o futebol, traz consigo uma rica matéria estética, uma vez que este passa a ser entendido a partir de seu traço fundamental, sua inexplicabilidade, decisiva para a sustentação do caráter “imortal” da crônica esportiva de Nelson Rodrigues.

PALAVRAS-CHAVE: Nelson Rodrigues; Kant; Estética; Futebol.

ABSTRACT: My purpose in this article is to bring for a place of proeminence Nelson Rodrigues' chronicles about football, with the defense of their “immortality” contrary to a common view that sees them (as crônicas) as mere appendix of the rodriguean renowned work. I do this based on Kant's aesthetics, for whom beauty is something that gives much to think about, always provoking new reflections, since no explanation can fully comprehend the beautiful form and the rich material of the work of art. In two stages I defend the “immortal” character of Nelson Rodrigues' sports chronicle: first I show that the form of writing present in all his work (his non-sports chronicle, the novels and the theater) also runs through his texts about football, making them have, besides a specific subject matter (football) an aesthetic form, that by itself generates enchantment with the work; and in the second stage (2), I state that the subject of his sports chronicles, football, brings with it a rich aesthetic material, since it comes to be understood from its fundamental trait, its inexplicability, decisive for sustaining the immortal character of Nelson Rodrigues' chronicle about football.

KEYWORDS: Nelson Rodrigues; Kant; Aesthetics; Football.

INTRODUÇÃO¹

Diante de cada jogada de Garrincha, eu experimentava
a alegria que as obras-primas despertam.

Nelson Rodrigues.

As crônicas de Nelson Rodrigues sobre futebol foram escritas nas décadas de 1950, 1960 e 1970. Várias compilações já saíram em forma de livro: *A pátria em chuteiras*, *Fla-Flu... e as multidões despertaram*, *O berro impresso das manchetes*, *O profeta tricolor*, *O Brasil em campo* e, talvez o mais famoso deles, *À sombra das chuteiras imortais*. A quantidade de coletâneas existentes, por si só, já é um indício do aspecto “imortal” das crônicas esportivas rodrigueanas. Soma-se a isso os inúmeros trabalhos acadêmicos que se debruçaram e ainda se debruçam sobre essa parte da obra rodrigueana e, como se não bastasse, expressões presentes na sua obra se alastraram pelo jornalismo esportivo, impresso e televisivo, junto com sua forma de enxergar o futebol. A famosa chamada de Galvão Bueno, “Bem amigos...”, que depois virou título de um programa sobre futebol, tem clara inspiração no texto rodrigueano.² A caracterização que Nelson Rodrigues faz do videotape como burro, aliada à clássica depreciação dos “idiotas da objetividade”, ainda permeia as discussões de hoje sobre o futebol e até mesmo de assuntos que o extrapolam. São muitos os indícios que apontam para a “imortalidade” de sua crônica esportiva e este artigo é, basicamente, uma forma de destacar e entender o caráter “imortal” desses textos. Assim como o autor defendeu as chuteiras imortais de nossos craques, pretendo defender a “imortalidade” de sua crônica esportiva.

Seria mais simples fazer esta defesa caso o foco do artigo fosse sua obra teatral, uma vez que essa já está no cânone do teatro no Brasil. Muitos atribuem a Nelson Rodrigues o status de fundador do teatro moderno brasileiro.³ Suas peças

¹ Agradeço ao Colégio Pedro II, que me concedeu um afastamento para estudos, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ e ao supervisor Flávio Carneiro, que me receberam para um Estágio de Pós-Doutorado, permitindo o aprofundamento de minha pesquisa sobre a relação entre futebol, literatura e filosofia.

² Cf. SOUZA. Epifanias rodrigueanas para sempre na estante, p. 538.

³ RISSARDO. *Nelson Rodrigues e a hipérbole do banal*, p. 15.

continuam sendo encenadas e reinterpretadas. Depois de seu teatro, em termos de importância concedida, vem os romances rodrigueanos e, por último, suas crônicas. Mesmo quando as crônicas são o foco do estudo, as que versam sobre futebol parecem ocupar um lugar secundário. Luís Augusto Fischer, que se debruça com afinco no aspecto cronista do autor, diz o seguinte em seu livro *Inteligência com dor*:

O caso, então, é estudar o Nelson Rodrigues cronista, mais especificamente o das Confissões, título geral que engloba cinco livros: *O óbvio ululante*; *A cabra vadia*; *O reacionário*; a nova ontologia organizada por Ruy Castro e não editada em volume pelo autor, *O remador de Ben-Hur*; e as *Memórias de A menina sem estrela*. Em plano secundário, entram as crônicas de futebol *À sombra das chuteiras imortais* e *A pátria em chuteiras*, além das frases escolhidas também por Ruy Castro e ditadas no volume *Flor de obsessão*.⁴

Contrariando uma visão comum que enxerga as crônicas de Nelson Rodrigues sobre futebol como um mero apêndice de sua consagrada obra, pretendo trazer as crônicas rodrigueanas sobre futebol para um lugar de destaque através da defesa da sua “imortalidade”.

Mas não se trata da primeira tentativa desse tipo. Daisi Vogel, em seu livro *Fábulas do gol: as crônicas esportivas de Nelson Rodrigues*, coloca a mesma pergunta-chave: “Histórias de futebol com partidas disputadas há 40 anos: o que há de sedutor na pilha com 156 crônicas passadas?”.⁵ Ou ainda: “Quais sentidos emergem das narrativas à revelia do tempo, mantendo ativa a empatia com o texto?”.⁶ Da mesma forma que o futebol brasileiro se apropriou da criação inglesa, desenvolvendo um estilo de jogo próprio a partir das regras e diretrizes oriundas da Inglaterra, Vogel se apropriou do arcabouço teórico de Mikhail Bakhtin para criar uma leitura peculiar das crônicas esportivas rodrigueanas. Ela explora profundamente seu cronotopo, isto é, o tempo (cronos) e o lugar (topos) destas crônicas. Não tanto no sentido de fazer um contexto histórico de seu surgimento, mas sobretudo na descrição do ritmo e recursos temporais da escrita de Nelson Rodrigues, da investigação dos lugares que a crônica habita: “a figura tempo-espacial do jogo-estádio opera como um fio central, desencadeador das narrativas, e como cronotopo

⁴ FISCHER. *Inteligência com dor: Nelson Rodrigues ensaísta*, p. 9.

⁵ VOGEL. *Fábulas do gol: as crônicas esportivas de Nelson Rodrigues*, p. 39.

⁶ VOGEL. *Fábulas do gol*, p. 39.

dominante...”.⁷ Passando por diversos aspectos da abordagem rodrigueana do futebol, Daise Vogel mostra como “... sua narrativa supera o imediatismo jornalístico e ingressa no plano de uma temporalidade maior, indubitavelmente artística”.⁸

Assim como Vogel, pretendo me apropriar de uma teoria estética consagrada para defender a imortalidade da crônica esportiva de Nelson Rodrigues. Mas ao invés de focar nos conceitos de tempo e espaço, tal como interpretados por Bakhtin, pretendo desenvolver a investigação através das noções de matéria e forma, investigadas por Immanuel Kant em sua *Crítica da faculdade do juízo*, especialmente quando fala da arte bela.⁹ Um produto da arte bela, diz Kant, é uma obra com espírito, uma criação dotada de algo que “... dá muito a pensar, sem que contudo qualquer pensamento determinado possa ser-lhe adequado”.¹⁰ O sentido de “imortalidade” em jogo aqui está apoiado neste ponto da estética kantiana: uma obra de arte sobrevive ao seu tempo por ter uma forma bela e, sobretudo, uma rica matéria estética, não podendo ser capturada, nem enclausurada por uma teoria ou interpretação específica, fazendo com que continue suscitando interpretações, debates e encantamentos. A vantagem de usar o arcabouço teórico da estética de Kant é que, para ele, embora a forma da obra bela seja importante, é sua matéria estética que a torna incapturável. Assim, a crônica esportiva de Nelson Rodrigues pode ser examinada na sua mais profunda peculiaridade. Muito embora a forma da escrita rodrigueana que atravessa toda sua obra tenha um papel importante na “imortalidade” de sua crônica esportiva, é a matéria estética destas crônicas, o futebol, que proporciona uma inexplicabilidade fundamental, garantindo assim seu caráter “imortal” de uma maneira bem específica e original. Trazer estas crônicas rodrigueanas para um lugar de destaque através da proposta estética de Kant envolve, necessariamente, um esforço para destacar a importância do próprio futebol no potencial estético da obra de Nelson Rodrigues.

⁷ VOGEL. *Fábulas do gol*, p. 65.

⁸ VOGEL. *Fábulas do gol*, p. 85.

⁹ A possibilidade de relacionar o futebol com a estética kantiana foi-me apresentada por Pedro Duarte, em seu artigo “O futebol como experiência estética”.

¹⁰ KANT. *Crítica da faculdade do juízo*, p. 159.

APONTAMENTOS SOBRE A ESTÉTICA KANTIANA

O projeto filosófico de Immanuel Kant tem como grande marco inicial sua *Crítica da razão pura*, cujo prefácio da segunda edição esclarece sua pretensão de promover uma revolução copernicana na filosofia.¹¹ Assim como Copérnico deslocou o centro do sistema solar da Terra para o Sol, Kant quer deslocar a atenção que sempre se deu às coisas para a forma como nós conhecemos as coisas. Em linhas gerais, a filosofia deve largar sua ambição de conhecer o mundo, as coisas em si mesmas, e voltar a atenção para a forma que essas coisas se apresentam para nós, enquanto sujeitos que conhecem o mundo de uma determinada maneira, de acordo com certas estruturas. Sua ideia é entender e destrinchar o mecanismo por trás da forma que conhecemos o mundo, inclusive para distinguir aquilo que é possível de ser conhecido daquele conhecimento que está fora de nosso alcance.

Por conta da proposta desta revolução copernicana na filosofia, a abordagem de Kant sobre a arte, presente principalmente na *Crítica da faculdade do juízo*,¹² concentra-se na forma que apreendemos a beleza de alguma coisa. Sendo mais preciso, nem se trataria tanto de apreender, mas de contemplar a beleza. Para Kant, quando dizemos ou pensamos “Isto é belo”, diante da beleza da natureza (uma paisagem, por exemplo) ou de uma obra de arte, algo muito peculiar está acontecendo conosco. Não se trata nem de um conhecimento sobre algo, nem de um sentimento de prazer momentâneo. Tampouco de uma avaliação moral da ação de alguém. Quando contemplamos a beleza de algo nos relacionamos com ela de uma forma parecida com o conhecimento das coisas, mas sem que conhecimento algum seja alcançado. Para Kant, nossa faculdade do entendimento, que lida com o universal, e nossa faculdade da imaginação, que lida com o particular, entram em um livre jogo¹³ quando estamos diante de algo belo, gerando um prazer muito peculiar: um “sentimento de vida”,¹⁴ nas palavras do filósofo.

¹¹ Cf. KANT. *Crítica da razão pura*, B XVII.

¹² A discussão sobre o belo aparece na primeira parte da terceira crítica kantiana, denominada “Crítica da faculdade de juízo estético”.

¹³ Para um maior aprofundamento na questão do jogo entre entendimento e imaginação no juízo de gosto, ver o artigo “A imaginação na crítica kantiana dos juízos estéticos”, de Hélio Lopes.

¹⁴ KANT. *Crítica da faculdade do juízo*, p. 48.

Talvez por se tratar de um tipo de juízo muito diferente, o juízo do belo faz Kant rever até mesmo os limites de sua revolução copernicana. A maior parte de sua investigação sobre o belo ainda foca na maneira como nós vemos e afirmamos a beleza de algo. Isso, obviamente, seguindo os princípios de sua revolução: deixar de investigar as coisas mesmas para investigar a estrutura a partir da qual estas coisas aparecem para o sujeito que as conhece. Mas a certa altura da obra, Kant enxerga a necessidade de falar da arte, da arte bela. Sua investigação se volta para o objeto criado pelo artista para responder à seguinte pergunta: o que este objeto criado por alguém possui de diferente dos outros objetos? Se este é capaz de nos despertar um “sentimento de vida”, um prazer estético, deve ter algo peculiar, que o distingue dos outros objetos produzidos pelo ser humano. Para Kant, este objeto possui uma forma bela e uma matéria rica,¹⁵ tão rica que não é capturada completamente por nenhum conceito ou interpretação específica, gerando diversas interpretações distintas, quiçá inesgotáveis. É por isso que a obra de arte “... dá muito a pensar, sem contudo qualquer pensamento determinado possa ser-lhe adequado...”¹⁶ A obra se perpetua, torna-se “imortal”, por seguir provocando um “sentimento de vida” nas pessoas.

É verdade que Kant encontra uma saída para não abrir mão totalmente de sua revolução copernicana.¹⁷ Na parte em que investiga a arte bela, o filósofo tenta decifrar aquilo que acontece com o artista na confecção desta obra, provocadora de reflexões. Ou seja, tenta encontrar a estrutura, por trás do sujeito, que está em ação quando uma obra bela é produzida. Mais precisamente, tenta descrever como o artista dá forma à uma rica matéria na produção de uma obra de arte.

A forma, diz Kant, o artista aprende com os exemplos de seus antecessores. Pela apreciação da natureza e das obras de arte que o antecederam, o artista exercita e aprimora seu gosto, tornando-se capaz, aos poucos, de encontrar uma maneira de dar forma à sua criação: “a elaboração da mesma e a forma requer um talento moldado pela escola...”¹⁸ Por escola, entende-se o estudo e contato com a obra de artistas que o antecederam. No entanto, a escola não é suficiente para criar uma obra

¹⁵ KANT. *Crítica da faculdade do juízo*, p. 156.

¹⁶ KANT. *Crítica da faculdade do juízo*, p. 159.

¹⁷ Para maiores detalhes sobre a dificuldade que Kant encontra ao tratar da arte bela, ver meu artigo “Kant e a figura do gênio: arte e natureza”, publicado na revista Kínesis.

¹⁸ KANT. *Crítica da faculdade do juízo*, p. 156.

com espírito, dotada de uma rica matéria. A matéria de um produto da arte bela vem da capacidade do artista criar uma ideia estética na sua obra. Para Kant, a ideia estética significa exatamente o oposto de uma ideia da razão. Enquanto esta última é basicamente uma ideia que não tem um correspondente no mundo sensível,¹⁹ a primeira é uma ideia tão rica, fornecida pela faculdade da imaginação, que não pode ser capturada por nenhum conceito fornecido pela faculdade do entendimento, isto é, uma ideia impossível de ser capturada por uma explicação cabal. No fundo, é a ideia estética que garante a originalidade e “imortalidade” da obra. É ela que faz o artista ir além das regras fornecidas pelas escolas, importantes para moldar a forma da obra de arte, mas insuficientes para criar algo que “dá muito a pensar”. As crônicas esportivas de Nelson Rodrigues sobre futebol, quero defender aqui, possuem uma forma bela, moldada por algumas escolas, mas sobretudo uma rica matéria. Para mostrar isso, analisarei o estilo rodrigueano de escrita, a saber, a forma destes textos e, posteriormente, farei a análise da temática central das crônicas, o futebol. Tomando-o como lugar privilegiado para se extrair ideias estéticas, propiciador de acontecimentos inefáveis, o futebol será investigado nesta parte final em seu traço mais marcante, seu caráter inexplicável, e, neste sentido, como um terreno fértil para se extraer o que Kant chama de ideias estéticas.

A FORMA DA ESCRITA RODRIGUEANA

As análises sobre o estilo da escrita de Nelson Rodrigues são muitas e variadas, dada a diversidade de seus textos: romances, teatro, crônicas, roteiros de minisséries e telenovelas. Vou me deter aqui em duas análise de sua obra. Uma delas, feita por Agnes Rissardo, tem a pretensão de abranger o todo da obra de rodrigueana, apostando em um traço fundamental que atravessa seus escritos. A outra, feita por Luís Augusto Fischer, concentra-se na crônica de Nelson, com o objetivo de destacar a originalidade de sua escrita. As duas abordagens, cada uma a seu modo, enxergam na forma da escrita rodrigueana aspectos que me interessam para a aproximação com a estética de Immanuel Kant.

¹⁹ Cf. CAYGILL. *Dicionário Kant*, p. 178.

Para Agnes Rissardo, o que caracteriza a escrita de Nelson Rodrigues como um todo é uma poética do excesso. Suas personagens vivem paixões avassaladoras, passam por situações trágicas, mortes violentas. Seu estilo destaca e enfatiza estes acontecimentos de excesso, de extração:

Legítimo herdeiro da tradição de excessos na literatura, Nelson Rodrigues (1912-1980) merece destaque entre os autores brasileiros que melhor souberam trabalhar a desmedida na ficção. A dimensão dionisíaca pode ser facilmente observada no conjunto da obra rodrigueana, que engloba a copiosa criação de textos jornalísticos, peças teatrais, romances, contos, crônicas esportivas, memórias e até correio sentimental.²⁰

A poética do excesso tem uma longa tradição, com raízes na tragédia grega e desdobramentos diversos ao longo dos séculos. Um deles é a ênfase na dimensão dionisíaca das coisas, destacado por Nietzsche em *O nascimento da tragédia* como uma das forças que compõem a tragédia grega. Esta dimensão, mencionada por Rissardo no trecho em destaque, aparece no texto rodrigueano até mesmo em referências diretas. Descrevendo a situação do ator Sérgio Brito num jogo do Fluminense, Nelson Rodrigues capta e relata a situação extrema na qual o ator se encontrava: "No Mário Filho, ele se incorporou à multidão e se tornou também multidão. Mas a multidão pó-de-arroz gritava e Sérgio Brito não conseguia gritar. E começa o jogo. O ator está em tensão dionisíaca, mas sem voz".²¹ A tensão dionisíaca que atravessava o ator nas arquibancadas do Maracanã também atravessa, segundo Rissardo, a escrita de Nelson Rodrigues como um todo.

Esta tensão está por trás de sua predileção pelos acontecimentos de excesso, de desmedida. Nos textos sobre futebol sobram exemplos: o mal caráter do juiz, um tapa na cara que mudou o rumo do jogo, a atuação exuberante de um craque ou o suicídio de um ex-jogador. Tudo aquilo que cruza o limite do aceitável, do normal, entra na abordagem rodrigueana. Sua crônica sobre Maneco, um ex-jogador que se suicidou por conta de uma dívida, começa assim:

Cada um de nós é um suicida frustrado. E se ainda não estouramos os miolos, ou não pendemos de uma forca, não tomamos formicida, é que nos salva, sempre, em cima da hora, a nossa incoercível pusilanimidade vital. Mas, se cancelamos o nosso suicídio, admiramos e, mais do que isso,

²⁰ RISSARDO. *Nelson Rodrigues e a hipérbole do banal*, p. 13.

²¹ RODRIGUES. *O profeta tricolor*, p. 203.

invejamos o alheio. O sujeito que se mata dá-nos a impressão de que se apropriou, indebitamente, de um ato, de um impulso, de um desespero, que deviam ser nossos.²²

Maneco não aparece na crônica pelo jogo mediano que fez. Por sua objetividade em campo ou mesmo por um gol importante. Ele se torna personagem central da crônica rodrigueana pelo seu suicídio. E isso não quer dizer que o jogo tenha ficado de lado. O anonimato repentino que um jogador de futebol pode sofrer, diz Nelson, é o maior anonimato possível: “houve um momento que aparecia todos os dias, no berro gráfico das manchetes”; “por fim, quando se falava nele, já faziam confusão: ‘– Maneca, do Vasco?’”.²³ Isso, somado à um débito irrisório, encaminhou o suicídio de Maneco. O tema da crônica é, no fundo, a condição trágica do jogador de futebol, suas desmedidas, seus exageros, carências e extrações. Ou melhor, o tema da crônica é sobretudo a nossa condição trágica de suicidas frustrados. E a forma que Nelson desenvolve sua abordagem não é sutil, comedida ou gradativa. A primeira frase da crônica já acusa o leitor, e a si mesmo, de ser um suicida frustrado: na sua forma de escrita não há qualquer pudor de ser excessivo, desmedido ou exagerado.

Nelson Rodrigues é um herdeiro claro da tragédia grega, que tinha a *hybris* (excesso, descomedimento) como centro das narrativas.²⁴ Isso combinado com um elemento muito improvável: a estética dos folhetins, uma escrita melodramática publicada capítulo por capítulo nos jornais, precursora da radio novela e, posteriormente, da telenovela. A escrita rodrigueana junta uma tradição erudita e clássica, como a da tragédia grega, com o que havia de mais moderno e popular, a técnica folhetinesca e melodramática. Nas palavras de Rissardo:

Nesse sentido, pode-se afirmar que a técnica folhetinesca e melodramática, provenientes da cultura popular europeia, bem como o aspecto trágico, tido como erudito, seriam brasileiramente “devorados” e incorporados por Nelson Rodrigues, que, em sua obra ficcional, consegue atualizar tais elementos estrangeiros de uma forma bem peculiar. A expressão máxima de sua brasiliade estaria, pois, justamente em suas obras que apresentam mais traços populares: os contos, os romances e as peças intituladas “tragédias cariocas” que, à maneira das Bachianas brasileiras de Villa-Lobos, alcançam a própria

²² RODRIGUES. *O berro impresso das manchetes*, p. 89.

²³ RODRIGUES. *O berro impresso das manchetes*, p. 90

²⁴ RISSARDO. *Nelson Rodrigues e a hipérbole do banal*, p. 15.

síntese da noção de brasiliade ao casarem o universal (tragédia) com o particular (carioca).²⁵

A produção artística de Nelson Rodrigues é a conjugação do erudito com o popular, do clássico com o moderno, de Shakespeare com a estética do folhetim. Portanto, sua forma de escrita absorve e combina tradições estéticas muito distintas, sob a forma da poética do excesso, nesta visão de Agnes Rissardo.

Luís Augusto Fischer, por sua vez, enxerga em Nelson Rodrigues o Montaigne brasileiro. Sua leitura é que o autor, mais que um cronista, é um dos grandes ensaístas brasileiros:

O importante mesmo é reconhecer, diante da obra maiúscula de Nelson, um patamar novo do ensaio no Brasil (e fora daqui, quando ele for traduzido), trabalho de um escritor de absoluto primeiro plano nas letras de língua portuguesa, ao lado dos maiores. Sim, seu ensaio, lido hoje, parece mesmo um depoimento de outra época: olhamos para as referências do tempo em que escrevia e notamos uma quase ingenuidade em muitas coisas; mas sua permanência está assegurada por sua agudeza, por sua densidade, por sua coragem, por sua maestria no trato com a linguagem.²⁶

Enquanto Agnes Rissardo enxerga a originalidade da obra rodrigueana na conjugação de tradições distintas, da tragédia grega ao folhetim, Luís Augusto Fischer justifica a “imortalidade” dos escritos de Nelson Rodrigues na sua escrita aguda, densa e corajosa, ancorada e continuadora da tradição do ensaio.

Não é difícil encontrar um trecho no qual as tradições estéticas mencionadas por Fischer e Rissardo aparecem. Por exemplo, na crônica sobre Otaviano, um jogador das peladas cariocas:

O mal do futebol menor é que não tem imprensa, não tem manchete. Por exemplo: - o caso de Otaviano teve tudo, menos um repórter, ou melhor dizendo, um Shakespeare que lhe desse títulos, subtítulos, legendas. Perguntarão vocês: «Mas que diabos fez esse Otaviano, que obras, que atos sublimes ou torpes perpetrhou o nosso homem.” Como já morreu, talvez lhe assentasse bem o seguinte epitáfio: “Não foi torpe, nem sublime.” Ou por outra: «já quero crer que talvez tenha sido torpe. Ou sublime, quem sabe? Vamos à história.

Explico, antes que me esqueça, que tudo o que estou contando se passou na minha adolescência. Otaviano jogava num clube de peladas. Mas quando há talento, não importa o clube pequeno, grande, tudo dá na

²⁵ RISSARDO. *Nelson Rodrigues e a hipérbole do banal*, p. 156.

²⁶ FISCHER. *Inteligência com dor*, p. 322.

mesma. Aos 16 anos, todo mundo o achava um assombro. Dera um treino no Fluminense e o pessoal, lá, ficou de queixo caído. Realmente, era tão bom de bola que esta, ao vê-lo entrar em campo, vinha lamber suas botas. Parecia certo que ia jogar no primeiro time do Fluminense.

Não vou prosseguir, porém, sem contar uma singularidade do Otaviano: - o medo da morte. Dirão os idiotas da objetividade que medo da morte não é privilégio de nenhum Otaviano; e que todos nós o temos. Não, assim como o Otaviano não era normal.²⁷

Esta crônica, publicada no jornal *O Globo*, no dia 3 de Maio de 1975, é da fase final de Nelson Rodrigues. Ele, um escritor consagrado, decide falar de Otaviano, um jogador das peladas do subúrbio carioca que nenhum de seus leitores talvez tivesse conhecimento. É possível ver aqui a mescla entre o clássico, o memorável, o grande acontecimento e o cotidiano mais banal, os jogos de pelada que quase todo mundo vai esquecer. O “futebol menor”, diz Nelson, carece de um Shakespeare para encontrar e descrever os grandes atos, os acontecimentos de excesso. Neste caso, o excesso aparece na forma do talento absurdo de Otaviano. Mas também no seu medo da morte fora do comum. O mote do texto é o destino de um grande craque que ninguém chegou a ver plenamente desenvolvido, que acabou seguindo a carreira de barbeiro de necrotério, como forma de se martirizar por ter batido no pai. Os temas do destino, morte, talento, relação com o pai, caros à tragédia grega, por exemplo, aparecem junto com elementos do “futebol menor”, com aquilo que ninguém considera digno de consideração, de escrever sobre, de “imortalizar”.

Também aparece neste trecho uma das expressões mais marcantes de sua obra, a conhecida menção aos “idiotas da objetividade”. São aqueles que não enxergam a peculiaridade do medo da morte de Otaviano, aqueles que não enxergam o “óbvio ululante”,²⁸ tampouco a grandiosidade do “futebol menor”. Para Luís Augusto Fischer, a agudeza de espírito do texto rodrigueano tem a capacidade de “... partir de uma banalidade qualquer e de, por caminhos peculiares, chegar a abismos inimagináveis”.²⁹ Com o objetivo de defender a ideia de um Nelson Rodrigues ensaísta, ele destaca esta habilidade do autor, que consegue partir de um ponto inexpressivo para alcançar as mais profundas reflexões.

²⁷ RODRIGUES. *O Brasil em campo*, p. 89.

²⁸ Outra expressão marcante presente nas obras rodrigueanas que inclusive intitula um de seus livros.

²⁹ FISCHER. *Inteligência com dor*, p. 164

Tanto na abordagem de Agnes Rissardo quanto na de Luís Augusto Fischer sobre a obra de Nelson Rodrigues aparece o encontro de opostos, do clássico com o moderno, do trivial com o profundo, de Shakespeare com Otaviano. Mesmo que um deles destaque a poética do excesso como traço predominante e o outro defenda o caráter ensaístico do texto rodrigueano, é possível dizer que ambos exaltam o jogo de opostos na forma de escrita de Nelson. Aparece aqui o ponto de encontro com a estética kantiana, que caracteriza o belo como um livre jogo entre entendimento (universal) e imaginação (particular), cujo resultado é um sentimento de vida, um encantamento experienciado por quem contempla a beleza de algo. A forma de escrita de Nelson Rodrigues, portanto, guarda em si um jogo de opostos e parece ter a capacidade de despertar o sentimento de vida quando lido, inclusive as suas crônicas esportivas sobre futebol. A “imortalidade” destes textos se deve, em parte, ao estilo da escrita rodrigueana, capaz de suscitar diversas interpretações sem que nenhuma delas a esgote, por abrigar um jogo entre tradições estéticas opostas e um caráter de oscilação entre o profundo e o raso.

Em uma de suas reflexões sobre este tema, Fischer cita Eduardo Grünner para defender sua hipótese de um Nelson Rodrigues ensaísta: “Ao contrário do que faz a ciência positiva ou o austero tratado filosófico, o ensaio (...) não parte das certezas e das categorias totalizadoras, mas do erro e do detalhe, para transformar o objeto no próprio processo de sua construção”.³⁰ Mais uma vez: no juízo kantiano do belo, não se parte de conceitos dados para encontrar um particular. Nesse caso, tratar-se-ia de um juízo de conhecimento, em que o particular é enquadrado no universal. O processo é o contrário, parte-se de um particular para encontrar um universal que, no caso, nunca é encontrado plenamente, dando início ao livre jogo entre entendimento e imaginação, que propicia o prazer e o sentimento de vida caro à contemplação da beleza, de acordo com a estética kantiana.

É preciso destacar que, para Kant, embora o estudo e contato com as obras passadas seja extremamente importante para o artista, isso é insuficiente para a criação de uma obra com “espírito”, que “dá muito a pensar”. Não por acaso, ele diz que o artista encontra a forma para a sua obra “depois de muitas tentativas

³⁰ Conf.: FISCHER. *Inteligência com dor*, p. 175.

frequentemente laboriosas”.³¹ Ainda que o contato com as obras passadas ajude na elaboração da forma, a relação que o artista tem com seus antecessores não está baseada naquilo que foi feito, mas no impulso criador que levou aquela obra a ser criada. Nas palavras do filósofo:

Não há absolutamente nenhum uso de nossas forças, por livre que ele possa ser, e mesmo da razão (...) que não incidiria em falsas tentativas se cada sujeito sempre devesse começar totalmente da disposição bruta de sua índole, se outros não tivessem precedido com suas tentativas, não para fazer de seus sucessores simples imitadores, mas para pôr outros a caminho pelo seu procedimento, a fim de procurarem em si os princípios e assim tomarem o seu caminho próprio e freqüentemente melhor”.³²

Dessa forma, colocando-se em seu caminho próprio através dos exemplos da arte bela, o artista inaugura uma forma própria de proceder, de criar. E isto só é possível, diz Kant, quando a obra de arte tem uma matéria rica, que “obriga” o artista a inaugurar essa forma peculiar de proceder, que não se deixa enquadrar por nenhuma regra já pré-estabelecida, por nenhuma escola estética consagrada. Caso o artista tenha definido a regra e os métodos antes da concepção da obra, para Kant, não se trataria de arte bela, mas de arte mecânica. Esta obra não geraria um sentimento de vida no espectador, não despertaria o livre jogo entre o entendimento e a imaginação, mas uma sensação de contemplar um produto bem feito, bem executado. A rica matéria da obra é fundamental para que os artistas encontrem seu caminho próprio na produção daquela obra, criando assim sua própria forma de manter vivo seus antecessores, de continuar uma tradição estética, sem repeti-la mecanicamente, mas repetindo-a artisticamente ou, nas palavras de Kant: “a fim de procurarem em si os princípios e assim tomarem o seu caminho próprio e frequentemente melhor”.³³

Neste sentido, mesmo que seja possível apontar para a “imortalidade” da crônica esportiva de Nelson Rodrigues dando ênfase na sua forma de escrita, numa poética do excesso ou no seu caráter ensaístico, seria um erro, do ponto de vista da estética kantiana, parar por aqui e desconsiderar a rica matéria destas crônicas. Para que uma obra desperte um sentimento de vida, oriundo do livre jogo entre entendimento e imaginação, é preciso ter uma bela forma e uma matéria rica. É a

³¹ KANT. *Crítica da faculdade do juízo*, p. 162.

³² KANT. *Crítica da faculdade do juízo*, p. 129.

³³ KANT. *Crítica da faculdade do juízo*, p. 129.

riqueza da matéria que auxilia na elaboração da forma bela. Assim, a defesa da “imortalidade” da crônica esportiva de Nelson Rodrigues ganha sustentação principalmente com a análise de sua rica matéria estética, o futebol, enquanto um terreno fértil para se extrair ideias estéticas, no sentido kantiano.

A MATÉRIA DAS CRÔNICAS “IMORTAIS”

Há muitas maneiras de abordar o futebol. O torcedor do Liverpool e filósofo Simon Critchley abre seu livro *What we think about when we think about football* com uma reflexão sobre o caráter multifacetário do jogo:

No que a gente pensa quando pensa sobre futebol? O futebol é sobre inúmeras coisas, muito complexas, contraditórias e conflitantes: memória, história, lugar, classe social, gênero, em todas as suas variações problemáticas (especialmente masculinidade, mas cada vez mais feminilidade), identidade familiar, identidade tribal, identidade nacional, a natureza dos grupos, tanto dos jogadores quanto dos torcedores e a relação quase sempre violenta, mas às vezes pacífica e contemplativa, entre nossos grupos e os dos outros.³⁴

Para Critchley, o futebol é atravessado por questões de diversas áreas, podendo ser analisado sob uma perspectiva sociológica, estética, metafísica, científica, política e outras mais. Com o propósito de entender a “imortalidade” das crônicas esportivas de Nelson Rodrigues através da estética kantiana, o futebol será discutido aqui a partir de um de seus traços fundamentais: sua inexplicabilidade. Primeiro, focando no interesse do autor pelo inexplicável e, depois, defendendo que o próprio futebol guarda um potencial estético ímpar, justamente por conta deste seu traço fundamental.

O fascínio pelo inexplicável no futebol aparece no texto de Nelson Rodrigues de diversas formas. Em uma das crônicas para a revista *Manchete Esportiva*, publicada no dia 3 de Março de 1956, ele diz:

[...] só acredito em milagre. A meu ver o fato normal, o fato lógico, o fato indiscutível merece apenas a nossa repulsa e o nosso descrédito. É preciso captar ou, melhor, extraír de cada acontecimento o que há, nele,

³⁴ CRITCHLEY. *What we think about when we think about football*, p. 8. Tradução minha.

de maravilhoso, de inverossímil e, numa palavra, de milagre. E não vejo como se possa viver e sobreviver sem milagre.³⁵

O milagre tem, aqui, uma conotação menos religiosa que estética e cognitiva. O acontecimento que se torna tema nas crônicas rodrigueanas carrega um quê de maravilhoso, de encantador, de admirável e de inverossímil. São acontecimentos que escapam da estrutura lógica, das causalidades já estruturadas, das explicações já feitas. Na linguagem kantiana, são dados da sensibilidade que não se encaixam em conceitos fornecidos pelo entendimento. A famosa expressão cunhada por Nelson Rodrigues, já citada neste artigo, “os idiotas da objetividade”, refere-se àqueles que negam a irrupção do maravilhoso no futebol ou, quando muito, fazem uso de chavões e argumentações batidas para supostamente explicá-lo: transformam-no em um fato normal, um fato indiscutível, em algo que não dá muito a pensar. O esforço de “extrair de cada acontecimento o que há, nele, de maravilhoso, de inverossímil” é a tentativa de dar forma a uma ideia estética, de falar sobre o inexplicável, sobre o inefável, a ponto de provocar um sentimento de vida na contemplação da obra criada e, justamente por isso, dar sobrevida a uma obra, preservar sua vivacidade, de “imortalizá-la”.

O interesse de Nelson Rodrigues pelo inexplicável no futebol é tão marcante que ele criou dois personagens para representá-lo: Gravatinha e Sobrenatural de Almeida. A explicação abaixo é feita por Armando Nogueira, no prefácio do livro *O profeta tricolor*:

Um dedinho invisível desvia a bola pela linha de fundo, salvando o gol certo. Milagre do Gravatinha, ditoso personagem que ele criou para explicar as inexplicáveis vitórias do Fluminense. Era o almofadinha. O pó-de-arroz nato e hereditário. O oposto do Sobrenatural de Almeida. Sobrenatural era o vago sinistro. Não torcia especialmente por ninguém. Tramava na pequena área, às vezes contra, às vezes, a favor. Quando o Fluminense perdia, Nelson já sabia: apareceu ali o dedo do Sobrenatural de Almeida.³⁶

A existência destes personagens na crônica rodrigueana acusa, por si só, a obsessão do cronista pelo caráter inexplicável do futebol. É importante destacar que este inexplicável, o milagre, o inverossímil, não está num âmbito distante, em algum outro plano, dimensão ou realidade suprassensível. Ele acontece no campo de jogo,

³⁵ RODRIGUES. *O berro impresso das manchetes*, p. 50

³⁶ NOGUEIRA. Prefácio, p. 14

sob os olhos de milhares de pessoas, praticamente todo fim de semana. A própria escolha do nome “Sobrenatural de Almeida” quer mostrar exatamente isto: trata-se do extraordinário (“Sobrenatural”) que é familiar, acessível e cotidiano (“de Almeida”), quase como um vizinho, alguém com quem se convive. Em certo sentido, este extraordinário familiar aproxima-se da conjugação entre matéria e forma que Kant enxerga na obra de arte. Uma ideia estética que não cabe em nenhum conceito por seu caráter extraordinário, restando ao artista dar forma à mesma ao produzir sua obra, tornando-a acessível, comunicável, minimamente familiar e fazendo com que esta desperte um encanto, um maravilhamento, sem que nenhuma explicação específica desvende este mistério. Daí a sua capacidade de despertar, sempre de novo, a reflexão, o debate e os comentários sobre ela. Mais uma vez: é esta conjugação entre o inexplicável e a forma dada a ele que sustenta a “imortalidade” da obra de arte. Segundo Nelson Rodrigues, o futebol é um terreno fértil para se extraír esse tipo de acontecimento, capaz de maravilhar, surpreender e encantar. O “esporte bretão”, como ele costumava chamá-lo, guarda um potencial estético ímpar, a ponto de dizer que faltava mais futebol aos teatrólogos brasileiros para que aprendessem o que é um verdadeiro drama.³⁷

O potencial estético do futebol também foi destacado por outros autores. O escritor francês Jean-Philippe Toussaint, em seu livro *Football*, faz uma análise do maravilhamento que o futebol causa. Ele associa a beleza do jogo com a pintura e destaca o papel da imaginação na contemplação do futebol: “O futebol, como a pintura para Leonardo da Vinci, é uma *cosa mentale*; ele é apreciado e analisado na imaginação”.³⁸ No vocabulário do futebol, um gol muito bonito, plástico, é chamado de “pintura”. Já o poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade, numa crônica em que homenageia Pelé, compara a beleza presente no futebol com uma “escultura que a todo instante se modela e desfaz e refaz, diferente, fluida”.³⁹ A potência estética do futebol é exaltada aqui a partir da movimentação do corpo do atleta, ou dos atletas, que sempre se refazem de maneira diferente, fluida, imprevisível e surpreendente. Armando Nogueira, em uma crônica para o Jornal do Brasil do dia 15 de Outubro de

³⁷ CAPRATO; SANTOS. Nelson Rodrigues, leitor e escritor: ‘diálogos’, criatividade e erudição explícita nas crônicas futebolísticas, p. 408.

³⁸ TOUSSAINT. Soccer, p. 2.

³⁹ ANDRADE. Quando é dia de futebol, p. 142.

2003, diz “que o Cruzeiro é um conjunto musical, jogando num andamento *Vivace*. A expressão italiana já diz tudo: Vivaz. O time é animado sem ser carnavalesco”.⁴⁰ Mais adiante no texto, compara o estilo de duas épocas marcantes da equipe celeste:

O que importa dizer é que o Cruzeiro de Alex é tão harmonioso e elegante quanto era o de Tostão. Pra não sair da linguagem musical, o de Tostão tocava em andamento, digamos, Piano forte, quer dizer: suave e, subitamente, forte. Era fruto das dissimuladas tramas entre Tostão e Dirceu Lopes: ambos trocavam passes ora curtos e incisivos, ora vertiginosos e profundos. Coisas próprias de solistas geniais.

O Cruzeiro de hoje prefere a cadência chamada Prestíssimo. Muito rápido. Tão rápido quanto possível.⁴¹

O autor enxerga (ou escuta?) no time de futebol uma orquestra, com seus ritmos, tempos e estilos. Vale lembrar, aqui, que quando uma equipe troca passes com maestria, criando suas jogadas de maneira fluida, contundente e encantadora, é comum dizer que o time parece estar jogando “por música”. Já o escritor uruguai Eduardo Galeano, falando sobre o atacante Arsenio Erico, toca na proximidade entre o futebol e a dança: “E fazia tudo com a elegância de um bailarino. ‘É Nijinski’, observou o escritor francês Paul Morand, quando o viu jogar”.⁴²

Mas a analogia do futebol com as belas artes que ganhou mais repercussão foi feita por Paolo Pasolini, cineasta e escritor italiano. No texto publicado em 3 de Janeiro de 1971,⁴³ no jornal *Il Giorno*, Pasolini defende que o futebol é uma linguagem, com seus fonemas (que ele chama de “podemas” - fonemas escritos com os pés), suas palavras, sua sintaxe e seus discursos. Associando gêneros de escrita com estilos de jogo, diz que a seleção brasileira de 1970 tinha um jogo mais próximo da poesia, enquanto a Itália jogava sobretudo em forma de prosa. Sem fazer um juízo de valor entre uma forma e outra, a principal preocupação de Pasolini era chamar a atenção para o potencial estético do futebol, sua proximidade com a arte da escrita e a capacidade que esse esporte tem de encantar e surpreender através de seus acontecimentos. Para ele, “cada gol é sempre uma invenção, uma subversão do código: cada gol é fatalidade, fulguração, espanto, irreversibilidade”.⁴⁴

⁴⁰ NOGUEIRA. As orquestras do Cruzeiro, C4.

⁴¹ NOGUEIRA. As orquestras do Cruzeiro, C4.

⁴² GALEANO. *Futebol ao sol e à sombra*, p. 79.

⁴³ Disponível em português em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0603200506.htm>.

⁴⁴ PASOLINI. O gol fatal, p. 4.

Todos estes autores, cada um a seu modo, destacam o caráter estético do futebol. E é possível ver nas suas reflexões que o inexplicável tem um papel central na sustentação desse potencial estético. Anna Hartmann, tecendo considerações sobre a poesia do futebol em Nelson Rodrigues, descreve bem este papel no próprio acontecimento do jogo:

No campo, as subidas e descidas dos jogadores formam um desenho que vai se reconfigurando permanentemente e que adquire, pela sua orientação tática, uma certa ordem e regularidade. Nesse desenho dinâmico, como vimos, que obedece a certa regularidade, irrompem subitamente passes, dribles, desarmes, que atualizam virtualidades secretamente contidas no jogo, imprimindo-lhe uma direção surpreendente. Trata-se de situações nas quais o atleta, num átimo, faz o que ninguém espera, inventando espaços lá onde eles pareceriam não existir, insistindo em jogadas que aos olhos de todos não teriam a menor possibilidade de êxito, e, assim, desfaz o ordenamento que imprime ao jogo certa margem de previsibilidade.⁴⁵

Seja no aspecto imaginativo do jogo, na fluidez e reconfiguração dos corpos dos atletas, na variação de andamento no ritmo de jogo do time que “joga por música”, nos movimentos súbitos da dança, na subversão do código da linguagem através do gesto poético de fazer um gol ou na invenção de espaços, é o inexplicável que parece sustentar o potencial estético do futebol. Mas qual é a raiz desta inexplicabilidade? Por que ela parece atravessar o futebol mais do que os outros esportes? Ou ainda: por que o futebol seria um terreno fértil em ideias estéticas?

Dentre as explicações possíveis, uma delas encontra eco nas reflexões já desenvolvidas aqui. Tendo como ponto de partida a etimologia da palavra football, que é a junção dos termos foot (pé) e ball (bola), pode-se dizer que esse esporte abriga uma conjunção muito peculiar de elementos: o pé e a bola. Uma parte do corpo humano associada a um objeto de forma esférica, com textura macia e preenchido de ar. A presença do inexplicável no futebol está enraizada no gesto extraordinário de manusear uma bola com os pés. Trata-se do encontro de um objeto pouco previsível, fugidio, com uma parte do corpo humano que possui, em geral, muito pouca habilidade de "manuseio" das coisas. João Cabral de Melo Neto, em seu poema “O futebol brasileiro evocado da Europa”, diz que a bola é um

⁴⁵ HARTMANN. O futebol como teatro trágico: uma visão das torcidas a partir de Nelson Rodrigues, p. 101.

“utensílio semivivo” e que é preciso a “usar com malícia e atenção/dando aos pés astúcia de mão”.⁴⁶ Por mais que o futebol tenha se tornado, ao longo das décadas, um fenômeno cada vez mais presente, visto e comentado, seu caráter extraordinário parece se sustentar, uma vez que seus fundamentos básicos continuam os mesmos. Ainda se trata de um jogo de bola em que se usa, majoritariamente, os pés. Ou seja, por mais que tenha se alastrado pelo mundo e pelas casas, o futebol continua sendo um acontecimento extraordinário, uma espécie de “mundo às avessas”, no qual se “mete os pés pelas mãos”⁴⁷ com êxito e maestria. O domínio de bola feito por Neymar, de letra, depois de uma virada de jogo que cruza o campo inteiro, seguido do suspiro coletivo de um Camp Nou lotado, é um bom exemplo da insistente presença deste caráter extraordinário no futebol.⁴⁸

Carlos Byington diz que o futebol sempre foi, por várias razões, um jogo revolucionário. Uma delas, ele diz, é “por ser jogado com os pés, símbolos do irracional numa cultura que se tornava cada vez mais racionalmente organizada e planejada...”⁴⁹ A ideia aqui é que os pés são parte fundamental do caráter inexplicável do futebol não tanto por uma suposta ligação com o irracional, como afirma Byington, mas sobretudo pelo uso nada convencional que eles adquirem no jogo, ocupando um raro lugar de prestígio, fascínio e encantamento. Isso, claro, na conjugação com o outro elemento fundamental do foot-ball: a bola. Em um dos livros mais contundentes sobre o futebol já escritos, José Miguel Wisnik detecta a peculiaridade deste objeto do jogo e faz uma descrição precisa de seus traços fundamentais:

O poder de irradiação do futebol é impensável sem uma fenomenologia da bola: este objeto distinto de todos os outros – sem quinas, pontas, dorso ou face, igual a si mesmo em todas as direções de sua superfície –, que rola e quica como se animado por uma força interna, projetável e abraçável como nenhum. A bola é redonda – não há como recuar diante da mais rotunda das obviedades.⁵⁰

⁴⁶ NETO. *Obra completa*, p. 407.

⁴⁷ Aproveito para agradecer aqui a Leonardo Mendonça pelas discussões em torno deste tema, cruciais para o desenvolvimento do artigo.

⁴⁸ Vídeo disponível em: <https://youtu.be/BWqDDpGPzeg>.

⁴⁹ BYINGTON. Futebol: a grande paixão do povo brasileiro – um estudo da psicologia simbólica junguiana, p. 235.

⁵⁰ WISNICK. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*, p. 57.

Tanto o caráter fugidio da bola, “como se animado por uma força interna”, quanto seu aspecto perfeito, “igual a si mesmo em todas as direções de sua superfície”, compõem o que Wisnik chama de uma fenomenologia da bola. Este misto de perfeição e imprevisibilidade, sem nunca se definir como uma coisa ou outra, faz da bola um objeto propício para se extrair ideias estéticas. Uma ideia tão rica que não se enquadra em nenhum conceito, pois fugidia, semi-viva, mas que a todo momento parece se encaixar em algum tipo de perfeição, como se fosse uma forma pronta, acabada, “projetável e abraçável”. Tal potencial estético é alavancado na sua conjugação com uso dos pés, que possuem pouca habilidade de agarrar e controlar objetos, mas que no futebol são usados como se fossem mãos, muitas vezes superando-as em habilidade, delicadeza e força. É justo na combinação destes dois elementos, o pé e a bola, que se enraíza o potencial estético do futebol. O pé-na-bola cria um terreno fértil em ideias estéticas, que Nelson Rodrigues aproveitou substancialmente em suas crônicas esportivas.

Por mais que o autor muitas vezes pareça usar o futebol como pretexto para falar de outras questões, isso não quer dizer que o jogo tenha sido um mero trampolim para dissertar sobre coisas alheias. Pelo contrário, por seu caráter inexplicável, surpreendente e encantador, o futebol é a ignição de diversas reflexões que extrapolam o campo de jogo. No fundo, cada crônica rodrigueana sobre futebol é uma exaltação de seu caráter reflexivo, ou melhor, da capacidade inesgotável que este jogo tem de nos encantar e fazer pensar sobre ele, sobretudo pela sua riqueza estética: “Pergunto: ☰ por que o futebol é tão amado? A meu ver o que nós procuramos nos clássicos e nas peladas é a poesia. [...] As coisas só nos atraem pela sua possibilidade poética”.⁵¹

A matéria da crônica esportiva rodrigueana é, em última instância, a possibilidade poética do futebol, que foi explicitada aqui a partir da inexplicabilidade fundamental deste jogo. É esta matéria que, inclusive, molda o próprio texto de Nelson. Como afirma Kant, a forma da arte bela é encontrada “depois de muitas tentativas frequentemente laboriosas”,⁵² pois sua matéria é de uma riqueza estética tão grande que nenhum conceito ou estrutura consegue

⁵¹ RODRIGUES. Fla-Flu... e as multidões despertaram!, p. 99.

⁵² KANT. Crítica da faculdade do juízo, p. 162.

capturá-la por completo. O artista, nesse sentido, é aquele capaz de reinventar as formas de capturar a matéria, criando assim suas próprias regras na confecção da obra. As crônicas de Nelson Rodrigues sobre futebol não podem ser tratadas como um mero apêndice da obra rodrigueana. Elas possuem uma singularidade e potencialidade próprias, pois tem origem nas ideias estéticas presentes no próprio jogo de futebol. Não se trata de um escritor consagrado que decidiu aplicar sua forma de escrita desenvolvida em outras áreas (teatro, romance, crônicas não-futebolísticas) ao assunto futebol. Seria o caso se estivesse em questão uma arte mecânica, que se vale de regras estabelecidas para criar seus produtos. Mas a crônica esportiva de Nelson Rodrigues deve ser tratada como arte bela em toda a sua singularidade. Apesar da influência de outros autores na elaboração de sua forma, a obra bela deve sempre inaugurar novas maneiras de criar por conta da riqueza da matéria estética em questão. Marcelino Rodrigues da Silva, em seu artigo “O mundo do futebol em Nelson Rodrigues”, chega à mesma conclusão, ainda que a partir de outras referências teóricas:

Podemos dizer então que o processo de produção de sentidos operado pelo cronista a partir do futebol não é uma operação automática, em que os mesmos significados são repetidos e reiterados. Ao contrário, é uma operação dinâmica em que novos sentidos, articulados às circunstâncias esportivas e extra-esportivas, são produzidos e colocados em circulação.⁵³

Ao invés de uma operação automática, que apenas aplicaria as conquistas estilísticas da sua escrita ao futebol, as crônicas esportivas rodrigueanas partiram de uma nova forma de ver o jogo, em toda sua inexplicabilidade e possibilidade poéticas, para desenvolver uma maneira própria de escrever o futebol. Segundo Kant, somente este tipo de obra, com uma forma bela e uma rica matéria, é capaz de continuar proporcionando encantamento e reflexão além de seu próprio tempo. Por despertar o jogo entre entendimento e imaginação, tendo em vista seu caráter inexplicável e ao mesmo tempo familiar, a obra rodriguiana dedicada ao futebol segue provocando um “sentimento de vida” nas pessoas.

Em uma de suas incansáveis crônicas sobre Garrincha, Nelson descreve este sentimento de vida que o jogador provocava no público com sua “jogada mágica”,

⁵³ SILVA. O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues, p. 111.

perturbando os lugares comuns na cabeça dos espectadores e transformando o jeito de se enxergar o jogo:

O futebol era, nesta terra, um esporte passional, sombrio, cruel. O torcedor já entrava em campo vociferando: « “Mata! Esfola!”. Ontem, porém, no Botafogo x Fluminense, sentiu-se uma curiosa reação: Garrincha trazia para o futebol uma alegria inédita. Quando ele apanhava a bola, e dava o seu baile, a multidão ria, simplesmente isso: ria e com uma saúde, uma felicidade sem igual. O jornalista Mário Filho observou, e com razão, que, diante de Garrincha, ninguém era torcedor de A ou de B. O público passava a ver e a sentir apenas a jogada mágica. Era, digamos assim, um deleite puramente estético da torcida.⁵⁴

Todo tipo de operação automática, no que diz respeito ao entendimento do jogo, era quebrada por Garrincha. Ao invés de se torcer contra ou a favor de um time, torcia-se pela “jogada mágica”. O próprio cronista, torcedor do Fluminense e assumidamente parcial em seus textos, revê seus conceitos: “Eu estava lá, como ‘pó-de-arroz’ nato e hereditário, para torcer pela vitória do Fluminense e contra a vitória do Botafogo; súbito começo a exultar também. Diante de cada jogada de Garrincha, eu experimentava a alegria que as obras primas despertam”.⁵⁵

Assim como Garrincha fez o torcedor Nelson Rodrigues rever seus conceitos, o futebol fez com que ele revisse sua escrita. Não no sentido de se corrigir ou melhorar seu estilo, mas de incorporar a própria dinâmica poética do jogo na sua crônica esportiva. É por isso que a “imortalidade” da crônica esportiva de Nelson Rodrigues caminha junto com a “imortalidade” do futebol. Enquanto terreno fértil em ideias estéticas, este jogo feito basicamente com os pés e uma bola, cheio de possibilidades poéticas, potencializa o caráter “imortal” desta parte tão marcante da obra rodrigueana. Tanto pelo caráter perfeito e fugidio da bola quanto pelo uso dos pés como se fossem mãos, muitas vezes numa conjugação inexplicável, o futebol “... dá muito a pensar, sem que contudo qualquer pensamento determinado possa ser-lhe adequado”.⁵⁶

Nelson Rodrigues foi capaz de extrair do jogo toda a sua riqueza estética e transformá-la em crônica esportiva. Ao ler suas crônicas temos a impressão de que o jogo acabou de acontecer, na nossa frente. E um jogo de fato aconteceu, em sentido

⁵⁴ RODRIGUES. *O berro impresso das manchetes*, p. 412.

⁵⁵ RODRIGUES. *O berro impresso das manchetes*, p. 412.

⁵⁶ KANT. *Crítica da faculdade do juízo*, p. 159.

kantiano: o jogo entre o entendimento e a imaginação, aquilo que se sente ao contemplar uma obra de arte, seja ela o próprio drible do Garrincha ou a crônica sobre ele. A “imortalidade” dos textos rodrigueanos sobre futebol se fundamenta no próprio jogo. Não me parece ser outro o sentido do título de uma de suas colunas: “À sombra das chuteiras imortais”.

* * *

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond. **Quando é dia de futebol**. São Paulo: Companhia das letras, 2014.
- BYINGTON, Carlos Amadeu Botelho. Futebol: a grande paixão do povo brasileiro. Um estudo da psicologia simbólica junguiana. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, SBPA, São Paulo, v. 37, n. 1, 2019, p. 232-237.
- CAYGILL, Howard. **Dicionário Kant**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- CAPRARO, André Mendes; SANTOS, Natasha. Nelson Rodrigues, leitor e escritor: “diálogos”, criatividade e erudição explícita nas crônicas futebolísticas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, USP, São Paulo, v. 28, n. 3, 2014, p. 405-13.
- CASTRO, Ruy. **O Anjo Pornográfico**: a vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CRITCHLEY, Simon. **What We Think about when We Think about Football**. Londres: Profile Books, 2018.
- DUARTE, Pedro. Futebol como experiência estética. **Analógos**, Departamento de Filosofia da PUC-Rio, Rio de Janeiro, v. 9, 2009, p. 210-8.
- FISCHER, Luís Augusto. **Inteligência com dor**: Nelson Rodrigues ensaísta. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2009.
- GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. Tradução de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- HARTMANN, Anna. O futebol como teatro trágico: uma visão das torcidas a partir de Nelson Rodrigues. **Revista Prometeus**, Cátedra Unesco Archai e Viva Vox, v. 9, n. 20, 2016, p. 85-109.
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Tradução de Manuela Pinto Dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Coimbra: Fundação Calouste, 2001.
- KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade do juízo**. Tradução de Valério Rohden e António Marques. Rio de Janeiro: Forense, 2005.

- LOPES, Hélio. A imaginação na crítica kantiana dos juízos estéticos. **Artefilosofia**, UFOP, Ouro Preto, v. 1, n. 1, jul. 2006, p. 45-55.
- NETO, João Cabral de Melo. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.
- NOGUEIRA, Armando. As orquestras do Cruzeiro. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 15 out. 2003, Esportes, p. 4.
- PASOLINI, Pier Paolo. O gol fatal. **Folha de São Paulo**, 6 mar. 2005, Caderno Mais!, p. 4-5. [Trad. de Maurício Santana Dias].
- RISSARDO, Agnes Danielle. **Nelson Rodrigues e a hipérbole do banal**. Tese (Doutorado em Letras), UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.
- RODRIGUES, Nelson. **Fla-Flu... e as multidões despertaram!**. Rio de Janeiro: Europa, 1987.
- RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- RODRIGUES, Nelson. **O profeta tricolor**: cem anos de Fluminense. Org. Nelson Rodrigues Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- RODRIGUES, Nelson. **O berro impresso das manchetes**. Rio de Janeiro: Agir, 2007.
- RODRIGUES, Nelson. **Brasil em campo**. Org. Sônia Rodrigues. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- SANSEVERO, Bernardo. Kant e a figura do gênio: arte e natureza. **Revista Kínesis**. Departamento de Filosofia da Unesp, Marília, v. 4, n. 7, 2012, p. 273-285.
- SILVA, Luciano de Andrade. **Beijo no campo**: futebol e literatura a partir de Nelson Rodrigues. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários), UFES, 2009.
- SILVA, Marcelino Rodrigues. O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues. **Revista Em Tese**. Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, Belo Horizonte, v. 2, 1998, p. 105-113.
- SOUZA, Marcos Pedrosa. Posfácio. In: RODRIGUES, Nelson. **O berro impresso das manchetes**. Rio de Janeiro: Agir, 2007.
- TOUSSAINT, Jean-Philippe. Soccer. **Translated by Shaun Whiteside**. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 2019.
- VOGEL, Daise Irmgard. **Fábulas do gol**: as crônicas esportivas de Nelson Rodrigues em Manchete Esportiva. Florianópolis: Insular, 2012.
- WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

* * *

Recebido para publicação em: 15 jul. 2021.
Aprovado em: 17 nov. 2021.

A locução esportiva na TV, o infotainment e o uso dos bordões: os casos de Silvio Luiz e Rômulo Mendonça

Sports Narrations on TV, the Infotainment Concept, and the Use of
Catchphrases: The Cases of Silvio Luiz and Rômulo Mendonça

Renata de Paula dos Santos

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru/SP, Brasil
Doutoranda em Comunicação, Unesp
renata.p.santos@unesp.br

Zeca Marques

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru/SP, Brasil
Doutor em Ciências da Comunicação, USP

RESUMO: As narrações esportivas televisivas no Brasil caracterizam-se por aproveitar diversas influências do rádio. Este artigo analisa o trabalho de Silvio Luiz e Rômulo Mendonça, narradores esportivos que começaram no rádio e que chegaram à TV e que se notabilizaram pelo uso de bordões para descrever o que acontece em campo e em quadra. Por meio de uma pesquisa exploratória, de revisão bibliográfica, nosso objetivo é analisar como estes dois narradores recorrem ao humor e às referências externas ao campo do futebol para descrever ao público os detalhes da partida; para isso recorremos ao conceito de infotainment. Outros referenciais teóricos com que trabalhamos incluem os gêneros jornalísticos, a cobertura esportiva na televisão e o próprio infotainment.

PALAVRAS-CHAVE: Narração esportiva; Gêneros jornalísticos; Infotainment; Silvio Luiz; Rômulo Mendonça.

ABSTRACT: Television sports narrations in Brazil are characterized by taking advantage of various influences from the radio. This article analyzes the work of Silvio Luiz and Rômulo Mendonça, sports narrators who started on the radio and arrived on TV and who were notable for the use of catchphrases to describe what happens on the field and on the court. Through exploratory research, bibliographic review, our goal is analyzing how these two narrators resort to humor and to external references to the soccer field to describe the details of the match to the public, for that we resort to the concept of infotainment. Other theoretical references we work with include journalistic genres, sports coverage on television and infotainment itself.

KEYWORDS: Sports Narration; Journalistic Genres; Infotainment; Silvio Luiz; Rômulo Mendonça.

Nas últimas duas décadas, a cobertura do esporte pela televisão brasileira tem suscitado o debate em torno da oposição entre jornalismo x entretenimento, ou, ainda, em torno do conceito do infoentretenimento (ou simplesmente infotainment): trata-se de formatos que adotam um tom menos sisudo nos debates e na apresentação dos temas, com a valorização das vitórias, a ironia com os adversários, a apresentação do lado ‘humano’ dos jogadores etc. Tal estratégia pode representar uma saída para não se entrar em conflitos tão expressivos assim, mas ao mesmo tempo para cativar as audiências. Não é exagero é destacar que, por vezes, este tom mais informal transforma a transmissão esportiva ou os programas esportivos em uma grande discussão de bar, sem argumentos tão consolidados assim.

O infotainment, por definição, é híbrido e tem impactado o modo de fazer jornalismo no Brasil, na Europa e nos Estados Unidos. Os anos de 1990, com a formação dos grandes conglomerados de mídia, inauguram uma nova forma de fazer televisão, onde seja possível divertir, informar e lucrar simultaneamente. O neologismo parece estranho, mas é bem conhecido por quem acompanha o esporte na telinha da TV. O quadro dos Cavalinhos do Fantástico apresentado por Tadeu Schmidt na TV Globo, as piadas do ex-jogador Denílson no Jogo Aberto da Band ou mesmo as narrações de Sílvio Luiz e Rômulo Mendonça são exemplos de um tratamento menos sério para o esporte. As competições de skate e surfe nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020¹ narradas por Everaldo Marques, ou simplesmente Evê, popularizaram para o telespectador da TV Globo a expressão “Você é ridículo”. O bordão já era utilizado por ele anteriormente nos canais a cabo ESPN e tem um significado convencionado que se opõe integralmente ao literal: o comunicador enaltece as qualidades do competidor em questão ao valorizar os seus méritos, afastando-se da acepção mais conhecida do termo “ridículo” relacionada a alguém que provoca riso ou escárnio.

A partir de um processo de revisão bibliográfica, com o destaque para os conceitos de gêneros jornalísticos, entretenimento, infotainment, telejornalismo e narrações esportivas, o objetivo geral desta pesquisa exploratória foi responder ao seguinte questionamento: “como Sílvio Luiz e Rômulo Mendonça, em suas narrações esportivas, utilizam e valorizam elementos do infotainment, como o uso do humor

¹ Em virtude da pandemia de Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus, a competição olímpica foi realizada em 2021.

em meio à narração de uma competição esportiva?” O universo esportivo considerado neste texto é o de alto rendimento, aquele que é apresentado pelos profissionais de imprensa com o “sentido do espetáculo, o que leva a uma identificação integrada com o show, o profissionalismo e o negócio”.² Por limitações de espaço e do escopo deste trabalho, não atentaremos aqui a questões relacionadas ao timbre e à tonalidade de voz destes dois profissionais.

Sílvio Luiz é um veterano no esporte televisivo, com mais de seis décadas de profissão. Já Rômulo Mendonça, mais jovem, ganhou notoriedade nas transmissões dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016. A escolha por estes dois profissionais considerou exatamente estes aspectos: o início da carreira de um e a consagração profissional do outro, depois de ter narrado nove Copas do Mundo. A especialidade de Sílvio Luiz é o futebol. As metáforas e os bordões marcam o estilo do veterano ao narrar o que acontece dentro das quatro linhas, território que ele conhece bem, pois já foi árbitro. O profissional é reconhecido por ter integrado a importante equipe esportiva da TV Record, no final dos anos de 1970, comandada por Raul Tabajara, mas o auge veio na década seguinte, na TV Bandeirantes (atual Band), ao lado de Luciano do Valle. Silvio Luiz, dono de uma voz inconfundível, começou como repórter de campo e depois se tornou narrador. Entre os seus bordões mais populares, estão:

- “Balançou o capim no fundo do gol” – para indicar a alteração no placar;
- “Pelas barbas do profeta” ou “o que é que eu vou dizer lá em casa?”, diante de jogadas improváveis;
- “Agora é fechar o caixão e beijar a viúva”, para indicar que a vitória está consolidada.

Rômulo Mendonça é o rei da internet. Esta definição, até mesmo excessiva, parece apropriada para definir o jornalista que em 2019 foi considerado o melhor narrador esportivo, ganhando o Prêmio Comunique-se, considerado o Oscar da TV brasileira. Em 2011, o mineiro foi contratado pelos canais ESPN Brasil. Por mais que tenha começado no rádio, o lugar de Rômulo é mesmo a televisão, mas é na internet que as narrações dele repercutem e tornam-se notícia. Em 2016, Rômulo Mendonça

² TUBINO; GARRIDO; TUBINO. *Dicionário Encyclopédico Tubino do Esporte*, p. 719.

fez sucesso ao narrar o vôlei, mas a sua atuação mais frequente é em partidas das ligas norte-americanas de basquete (NBA) e futebol americano (NFL). Seus bordões que mais repercutem na internet (e que, inclusive, estão disponíveis para download) são:

- “Quem é o seu Deus?” ou “Ele está possuído pelo ritmo ragatanga” – para assinalar quando um atleta faz uma jogada considerada fantástica;
- “Aqui não, queridinha”, “Aqui não, lambisgoia” ou “Aqui não, neném” – indicando que um jogador foi desarmado;
- “LeBrão, ladrão, roubou meu coração” – após grande jogada do jogador de basquete LeBron James.

A breve discussão se efetiva a partir de contribuições de José Marques de Melo, Manuel Carlos Chaparro e José Carlos Aronchi de Souza no debate quanto aos gêneros jornalísticos. A problematização sobre o entretenimento e o infotainment, mais precisamente no universo esportivo, foi possível a partir de Fábia Angélica Dejavite, Itânia Maria Mota Gomes, Ana Carolina Temer e Manuel Tubino. As considerações encontradas aqui são preliminares, mas avaliam que o entretenimento é uma busca constante da sociedade atual, bem como das empresas de comunicação, e que as “notícias *lights*” e as abordagens mais leves terão território fértil por muito tempo, principalmente quando o assunto é esporte.

NOVA LINGUAGEM, NOVAS FORMAS, NOVOS MEIOS

Com a popularização da internet, as empresas de comunicação têm procurado novas formas de impactar o público e de ampliar a audiência e o faturamento. Quando o assunto é esporte, as redes não estão mais restritas às transmissões das principais competições ou da cobertura jornalística do dia a dia dos times mais populares, mas procuram envolver o torcedor a partir de outros canais. Para Fábia Dejavite (2006) é de fundamental importância que a mídia considere a opinião do público quando o assunto é conteúdo informativo.

O receptor (com os seus novos princípios de receber a informação) exige que a notícia na atualidade – independentemente do meio em que estiver

inserida – informe, distraia e também lhe traga uma formação sobre o assunto publicado. Este tipo de conteúdo deve ser denominado notícias *lights*. Se as informações jornalísticas não tiverem essas características, não vão chamar a atenção da audiência. Por isso, mais do que um mero produto, tornaram-se um importante serviço.³

A busca por um conteúdo mais leve e menos formal é uma realidade na prática jornalística e passou a ser estudada na academia no final do século XX. Atualmente, os âncoras caminham pelo estúdio, desprenderam-se da bancada e rendem-se à participação do público a partir das mídias digitais. Já os programas esportivos, além destas ‘novas’ características, consideram, frequentemente, a conduta dos jogadores nas redes sociais, as relações que estabelecem com a torcida, bem como aspectos pessoais, considerando até mesmo envolvimentos amorosos. Se esta análise se voltar para o conteúdo dos formatos *hard news*, também apontará uma mudança no posicionamento, a presença de assuntos mais leves entre as últimas atualizações políticas e econômicas. Os telejornais propõem uma quebra na seriedade ou a segmentação para outros meios, como a sugestão de conteúdos exclusivos na internet, entre eles podcasts. Esta procura por outra opção de conteúdo, que informe e divirta, “não é necessariamente uma tendência, mas se entende que ele pode ratificar um exercício corrente na práxis jornalística atual”.⁴

Por mais que este fenômeno descrito pelo neologismo infotainment (*infotainment*, em língua inglesa) tenha começado a ganhar destaque entre 1980 e 1990, no Brasil ele parece estar ligado à transmissão esportiva desde muito antes. A história do rádio esportivo nacional é composta por importantes nomes, como Fiori Gigliotti, que na década de 1950, disposto a enfrentar a concorrência imposta pela televisão, que se destacava como um novo meio de comunicação – permeado pela imagem, como a principal vantagem –, optou por uma narração radiofônica que unia a informação e a emoção. Enquanto Gigliotti se destacava por um tom mais poético, Sílvio Luiz e Osmar Santos alcançaram notoriedade entre o público, anos mais tarde, pelo humor, com uso de bordões. “Pelo amor dos meus filhinhos” e “ripa na chulipa

³ DEJAVITE. *INFOtenimento: informação + entretenimento no jornalismo*, p. 68.

⁴ DEJAVITE. Mais do que economia e negócios: o jornalismo de infotainment no jornal Gazeta Mercantil, p. 64.

e pimba na gorduchinha” são expressões que marcaram gerações de brasileiros apaixonados pelo esporte, principalmente pelo futebol.

Historicamente, o conteúdo ligado ao esporte caracteriza-se por uma linguagem mais informal se comparada à empregada em matérias de política e economia, por exemplo. Na década de 1970, a Zebrinha da Sorte tornou-se uma das principais atrações do *Fantástico* da TV Globo na apresentação dos resultados da Loteria Esportiva. A animação, criada por Mauro Borja Lopes, o Borjalo, “anunciava” os resultados das partidas do final de semana, a partir da dublagem de Maralisi. Segundo o criador, o personagem surgiu depois de conversas com o técnico de futebol Gentil Cardoso. Em uma entrevista concedida ao projeto *Memória Globo*, Borjalo explica que Cardoso usava a expressão “deu zebra” quando um time de menor expressão vencia uma equipe considerada tradicional.

Sem a pretensão de estabelecer uma comparação entre os dois quadros, atualmente, a rodada esportiva é apresentada, no mesmo *Fantástico*, pelo jornalista Tadeu Schmidt acompanhado por cavalinhos que representam os times da Série A. Em 2019, houve um protagonismo do personagem do Flamengo, com a mascote ganhando destaque em vários momentos. No mês de fevereiro, com a morte de dez jogadores da categoria de base do clube, após um incêndio no centro de treinamento do Ninho do Urubu, todos os demais cavalinhos usaram o escudo rubro-negro em solidariedade ao time carioca. Ao longo do ano, com a liderança no campeonato nacional e a classificação para a final da Copa Libertadores da América, o cavalinho foi assumindo mais espaço nas edições dominicais. Em 24 de novembro de 2019, a mascote participou ativamente da maior parte dos quase 17 minutos daquela edição que destacaram os resultados da rodada. Naquele final de semana, a equipe rubro-negra conquistou o bicampeonato da Libertadores no sábado e o título brasileiro no domingo, mesmo sem entrar em campo. O cavalinho, inclusive, saiu dos estúdios e participou de matérias nas ruas durante a comemoração da torcida. Jornalismo de infotainment.

Mais do que uma nova linguagem, o público está procurando outras plataformas e novas possibilidades de interagir. Segundo o estudo *Sports Rights Forecast to 2025* desenvolvido pela Rethink TV, as plataformas de *streaming* devem se consolidar, em curto prazo, como um novo meio atraente para a ampliação da receita dos clubes. Para os mais otimistas, estes serviços já são classificados como o futuro das

transmissões esportivas. O levantamento aponta que o faturamento da transmissão global deve alcançar a cifra de US\$ 85 bilhões até o final de 2024. Atualmente, a arrecadação está em US\$ 48,6 bilhões, o que representa um crescimento de 75%.

Ainda segundo a Rethink TV, o futebol deve se estabelecer como a principal modalidade nas plataformas de *streaming*. A projeção de receita deve passar de US\$ 12,8 bilhões para US\$ 31,9 bilhões. No Brasil, por exemplo, o público já tem à disposição as plataformas DAZN (com direito de transmissão de lutas, eventos de tênis e jogos dos campeonatos italiano, francês e inglês, além da Copa Sul-Americana); PREMIERE F.C. (o maior canal de pay-per-view do país também conta uma plataforma de *streaming*; os direitos de transmissão incluem as séries A e B do Campeonato Brasileiro e os estaduais); o UOL firmou uma parceria com os canais Esporte Interativo e ESPN; a partir do UOL Esportes, os assinantes têm acesso a vários torneios, como Premier League, La Liga, Liga MX, Ascenso MX, Champions League, Nations League, campeonatos holandês, português, belga, segunda divisão do inglês, Copa del Rey e série A do Brasileirão) e Fox Play (La Liga, Copa Libertadores, Euroliga, Primera División Argentina e Bundesliga).

Quando o assunto é participação do público, a Rede Globo, por exemplo, detentora dos direitos de transmissão dos principais torneios nacionais de futebol e das partidas amistosas e oficiais da Seleção Brasileira, conta com estratégias que pretendem possibilitar esta transição do público entre a televisão e a internet. Após as transmissões esportivas televisivas, o público pode eleger o “Craque do jogo”, além de acompanhar uma segunda etapa da transmissão com conteúdo exclusivo, o pós-jogo, com a participação de narradores, comentaristas e repórteres no site do *Globo Esporte*.

Outro recurso da marca que estimula a participação do público é o Cartola FC. O *fantasy game* de futebol permite que o jogador administre o seu próprio time. Os critérios para a soma ou a perda de pontos levam em consideração o desempenho dos atletas nas rodadas do Brasileirão. No início de cada campeonato, são considerados o histórico dos técnicos e o dos jogadores. O Cartola FC deixou de ser simplesmente um game e passou a ser responsável por um amplo conteúdo na internet e também na televisão.

A QUAL GÊNERO PERTENCE O JORNALISMO SOBRE ESPORTE?

Considera-se que a busca por novas possibilidades comunicativas para a transmissão esportiva seja uma necessidade das empresas e um anseio do público. Mas algo pouco discutido nos fóruns que debatem o jornalismo sobre esporte tem a ver com a qual gênero pertenceria as transmissões esportivas no rádio e na televisão.

Classificar gêneros jornalísticos é o maior desafio do jornalismo, como campo do conhecimento, é, sem dúvida, a configuração da sua identidade enquanto objeto científico e o alcance da autonomia jornalística que passa inevitavelmente pela sistematização dos processos sociais inerentes à captação, registro e difusão da informação da atualidade, ou seja, do seu discurso manifesto. Dos escritos, sons e imagens que representam e reproduzem a atualidade, tornando-se indiretamente perceptível.⁵

José Marques de Melo classifica que duas características são fundamentais para a determinação de um gênero jornalístico: a aptidão para agrupar diferentes formatos e a sua função social. Na definição proposta pelo autor, elaborada a partir de trabalhos de Luiz Beltrão, a prática jornalística divide-se em cinco gêneros: *informativo* com função de vigilância social (nota, notícia, entrevista e reportagem); *opinativo*, que se consolida como um fórum de ideias (artigo, comentário, coluna, caricatura, carta, crônica, editorial e resenha); *interpretativo*, que assume uma função educativa (análise, enquete, cronologia, dossiê e perfil); *diversional*, que objetiva o lazer (história de interesse humano e história colorida) e *utilitário*, que auxilia o leitor na tomada de decisões cotidianas (indicador, cotação, roteiro e serviço). O autor parte dos pressupostos teóricos de Harold Lasswell, de Charles Wright e de Raymond Nixon.

Marques de Melo e Assis (2015) consideram que existe um processo de evolução dos gêneros jornalísticos, já que eles refletem o que público quer saber e o que busca quando acessa os meios de comunicação. Desta forma, a prática profissional começou a se desenvolver a partir do gênero informativo, que surgiu no século XVII; no século seguinte houve o surgimento do gênero opinativo. Os dois são apontados como hegemônicos e fundamentais para o surgimento dos demais (interpretativo,

⁵ MARQUES DE MELO. *A opinião no jornalismo brasileiro*, p. 96.

diversional e utilitário), definidos como complementares. Os autores defendem que o surgimento ou a consolidação dos gêneros jornalísticos são uma resposta às demandas da sociedade, já que o “jornalismo e sociedade passam por processos evolutivos concomitantes”.⁶

Outro autor de extrema importância na tradição brasileira é o português Manuel Carlos Chaparro, a partir da divisão em dois gêneros jornalísticos: *relato* e *comentário*. Esta definição toma como elemento central a teoria da linguagem, a partir de reflexões de Tzvetan Todorov e Teun A. Van Dijk. Destaca-se que a principal contribuição desta perspectiva teórica é a superação da divisão do jornalismo entre os gêneros informativo e opinativo. Em *Sotaques d'aquém e d'além mar: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos*, Chaparro pontua:

As chamadas categorias da Opinião e da Informação deixaram, pois, de ter eficácia como produtoras de critérios para a tipificação de formas discursivas, do que resultam inconsistências e contradições entre o que aflora na leitura dos jornais e que as classificações acadêmicas de gêneros propõem. Fora as razões de entendimento sobre o conceito de Opinião (há opinião em todas as decisões e em cada momento de atribuição de valor aos fatos e às coisas), a observação da práxis tornou evidente a superação do paradigma segundo o qual o jornalismo se divide e se organiza em textos opinativos e informativos. Existe clara incompatibilidade entre a rigidez do paradigma e a essencialidade da função valorativa que a cultura e a sociedade atribuem à ação jornalística.⁷

Para Chaparro (2008)⁸ o fazer jornalístico se efetiva a partir de dois processos básicos: “relatar a atualidade; comentar a atualidade. Com Opinião e Informação, Informação e Opinião” (grifos nossos). Para o autor, o discurso jornalístico se efetiva a partir de duas grandes classes de texto, o relato e o comentário, que são o resultado de formatos híbridos. Desta forma, o gênero *comentário* se estabelece a partir de duas subdivisões: as *espécies argumentativas* (artigo, carta e coluna) e as *espécies gráfico-artísticas* (caricatura e charge). O gênero *relato* também se divide em duas frentes: *espécies narrativas* (coluna, entrevista, notícia e reportagem) e *espécies práticas* (agendamentos, consultas, indicadores econômicos, orientações úteis, previsão do tempo e roteiros).

⁶ MARQUES DE MELO; ASSIS. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório, p. 50.

⁷ CHAPARRO. *Sotaques d'aquém e d'além mar: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos*, p. 166.

⁸ CHAPARRO. *Sotaques d'aquém e d'além mar*, p. 177.

As definições de Marques de Melo e Chaparro, entretanto, não contemplam especificamente o jornalismo sobre esporte ou mesmo a narração esportiva, que é o objeto de estudo deste artigo. A reflexão sobre os gêneros jornalísticos se faz necessária, já que a hipótese formulada para esta pesquisa exploratória aponta que o tom de pessoalidade impresso pelos narradores esportivos Sílvio Luiz (Rede TV!/Transamérica Pop) e Rômulo Mendonça (ESPN Brasil) é uma marca do infotainment. Daí a relevância da contribuição de José Carlos Aronchi de Souza (2004), que ao tratar especificamente de gêneros e formatos na televisão brasileira considera que os programas esportivos poderiam ser classificados em três vertentes: informação, entretenimento ou educação. Este é o primeiro autor aqui citado que trabalha, em sua classificação, diretamente com o objeto de estudo aqui escolhido. No que diz respeito diretamente às narrações esportivas, considerando a transmissão de eventos esportivos, Aronchi de Souza classifica-as como *entretenimento*.

Ana Carolina Temer (2012) também pontua que a narração esportiva integra o universo do *entretenimento*. A autora justifica que o jornalismo esportivo possui muita facilidade em atingir grandes massas, por isso apresenta-se de forma diferenciada e peculiar. Na visão de Temer (2012) existe, até certo ponto, uma contradição, entre o tom que é aplicado no jornalismo esportivo e aquele empregado na transmissão esportiva, em que:

Cada jogada é decisiva, cada decisão é fundamental, cada erro pode ser fatal. Ou seja, quando o assunto é o esporte, o material exibido na televisão torna-se o seu contrário: o jornalismo (cujo fundamento é a veracidade e o compromisso com a qualidade da informação) busca recursos – ou se transforma – no entretenimento, enquanto o entretenimento (cuja máxima é o lazer e a evasão) se ancora na seriedade e na linguagem formal.⁹

A visão de que o conteúdo esportivo é construído a partir do entretenimento também integra as reflexões de Manoel Tubino. De maneira recorrente, mas com destaque para a cobertura dos grandes eventos, como Copa do Mundo e Olimpíadas, há a valorização de recordes, desempenho e performance dos atletas, além da glorificação de figuras míticas:

⁹ TEMER. 'O time está dando o melhor de si': aspectos do esporte na programação da televisão brasileira, p. 301.

O jornalismo esportivo, cada vez mais, tem buscado o sentido do espetáculo, o que leva a uma identificação integrada com o show, o profissionalismo e o negócio. A criação, a difusão e o reconhecimento de ídolos e mitos no Esporte têm sido algumas das iniciativas do Jornalismo Esportivo na construção do espetáculo.¹⁰

O narrador Rômulo Mendonça conta com bordões específicos para destacar a atuação dos jogadores da NBA, como “que homem!” (para a valorização de determinado atleta); “jararaca” (em destaque a uma jogada rápida e perspicaz) ou “é um selvagem porteiro do Enem” (valorizando o toco, quando um atleta impede no basquete o arremesso do time adversário). Para além disso, a rotina da cobertura esportiva se efetiva em paralelos entre o passado e o presente e a valorização dos grandes feitos. O esporte de alto rendimento é transformado em espetáculo nos meios de comunicação.

A recorrência a um discurso espetacular, mais ligado ao sensacional, curioso ou divertido, não é uma característica exclusiva da televisão, esta preferência também se efetiva no jornalismo impresso. Dejavite (2006) pontua que o público anseia pelas “notícias lights” e que o tom mais leve no conteúdo não representa perda na qualidade, mas as características deste momento histórico. Ary Rocco Junior e Wagner Belmonte analisaram a trajetória da *Revista Placar*, uma tradicional publicação esportiva da editora Abril. A conclusão, de uma maneira muito resumida, é que, em virtude de questões econômicas, a revista precisou adotar um tom mais espetacular em suas páginas.

O conteúdo e a qualidade da informação esportiva, características da primeira fase da revista, cedem espaço ao espetáculo, ao show e ao entretenimento, à arte editorial de não tocar nas feridas, nas mazelas e no submundo do futebol. O espetáculo, apoiado pelo consumo e pelas imagens, substitui o diálogo que deveria existir nas relações sociais. Com isso, a seleção das pautas jornalísticas passou a ser regulada pelos interesses do “leitor-cliente” e não mais pelas demandas de cidadania. Modificaram-se os critérios de viabilidade. A crescente concorrência entre as empresas de comunicação fez com que o jornalismo passasse a privilegiar assuntos que englobam temas pessoais de interesse do público e não mais temas de grande relevância social. O hiato entre interesse público e interesse do público parece ruir.¹¹

¹⁰ TUBINO; GARRIDO; TUBINO. *Dicionário Encyclopédico Tubino do Esporte*, p. 719.

¹¹ ROCCO JUNIOR; BELMONTE. Da informação ao entretenimento: análise do jornalismo esportivo brasileiro pela trajetória histórica da Revista Placar, p. 14.

Mas, de fato, o que é entretenimento? Desta forma, por quais motivos, há uma resistência, um verdadeiro “mal-estar que o embaralhamento de fronteiras [entre informação e entretenimento] provoca”¹² no ambiente acadêmico?

INFOTENIMENTO: O HIBRIDISMO ENTRE GÊNEROS

O infotainment não é propriamente uma novidade na prática jornalística, nem mesmo na academia. A classificação majoritariamente negativa leva muito em consideração a trajetória do conceito de entretenimento, que ocupa historicamente um viés negativo. Platão, Hegel, Heidegger, Gadamer, Adorno e Hannah Arendt estão entre aqueles que definem o entretenimento como uma distração. Neste sentido, o público receberia conteúdo menos relevante enquanto discussões de mais importância seriam deixadas de lado. Em Adorno e Horkheimer, a partir do conceito de Indústria Cultural e de um olhar negativo para os meios de comunicação de massa, o entretenimento pode ser concebido como uma estratégia para evitar a reflexão crítica do público. Em Itânia Maria Mota Gomes (2008), o entretenimento é apresentado como um valor das sociedades ocidentais contemporânea. Para esta análise, é interesse adotar a perspectiva de que “entretenimento é um valor das sociedades ocidentais contemporâneas que se organiza como indústria e se traduz por um conjunto de estratégias para atrair a atenção dos seus consumidores”.¹³

Gomes (2008) avança nesta discussão definindo a televisão como um meio de comunicação alicerçado na lógica do entretenimento. Já Eugênio Bucci é enfático ao determinar que o avanço do infotainment pode ser explicado a partir da formação de grandes conglomerados de comunicação que passaram a produzir tanto jornalismo quanto entretenimento. Historicamente, este processo é materializado com a transmissão da Guerra do Golfo, no início dos anos 1990.

À medida que o entretenimento passou a englobar o negócio do jornalismo, a configuração do negócio se alterou. A partir dos anos 1990, grupos econômicos que antes exploravam apenas o entretenimento começaram a fundir-se com outros antes dedicados ao jornalismo. Um marco dessa tendência foi a fusão da Time (empresa jornalística) com a Warner

¹² GOMES. O embaralhamento de fronteiras entre informação e entretenimento e a consideração do jornalismo como processo cultural e histórico, p. 106.

¹³ GOMES. O embaralhamento de fronteiras entre informação e entretenimento [...], p. 99.

(entretenimento). [...] Com isso, o velho desafio do jornalismo, o de ser independente do anunciante ou do governo, também mudou de lugar [...]. Agora, no entanto, é preciso que a atividade dos jornalistas de um conglomerado da mídia não seja constrangida pela pressão, velada ou explícita, dos braços desse mesmo conglomerado que se dedicam ao entretenimento. Esse é o desafio para os que querem preservar a reportagem de tudo o que seja estranho ao direito à informação.¹⁴

Gomes (2008) e Dejavite (2006) classificam a cobertura esportiva realizada pela imprensa como infotainment. As autoras também debatem que a valorização do divertimento é uma característica deste momento histórico. Em uma leitura bem resumida, o infotainment se apresenta ao público a partir de textos mais leves e atraentes; com um maior grau de pessoalidade, a partir do uso de advérbios e adjetivos; com destaque a aspectos curiosos e à dramatização de conflitos. No século XXI, não é exagero afirmar que o entretenimento se tornou um valor importante na sociedade. Para Dejavite (2006):

[...] torna-se inconcebível uma visão preconceituosa e restrita sobre tal assunto. A diversão deve ser tomada como algo positivo, pois ora serve como ruptura com a vida real (por meio da evasão, da distração e do escapismo), ora como algo que promove o indivíduo, fazendo com que ele caminhe seguramente em seu processo de autoformação: informando-se e, ao mesmo tempo, divertindo-se. Neste sentido, o entretenimento se apresenta nos dias atuais como um fator diferenciado da pauta jornalística, especialmente para o jornal diário impresso, na medida em que este meio busca interagir e satisfazer as necessidades e interesses do leitor contemporâneo.¹⁵

O infotainment é uma prática carregada de hibridismos, já que se estabelece na intersecção entre gêneros. Este formato entrega ao público, simultaneamente, informação, entretenimento e prestação de serviço. Este neologismo divide opiniões, “já que há uma tradição bem consolidada em determinar que as notícias são informativas, enquanto o divertimento não o é”.¹⁶ Para José Carlos Marques,¹⁷ por uma influência do rádio, que iniciou as transmissões esportivas no início da década de 1930, o jornalismo esportivo brasileiro, independentemente da plataforma, destaca-

¹⁴ BUCCI. *Sobre ética e imprensa*, p. 118-9.

¹⁵ DEJAVITE. *INFOtenimento*, p. 55.

¹⁶ DEJAVITE. *INFOtenimento*, p. 72.

¹⁷ MARQUES. Os desafios da TV brasileira na cobertura esportiva: informação versus entretenimento, p. 217.

se por um tom mais exagerado. “Haja coração” e “É teste pra cardíaco”, na voz de Galvão Bueno; “Tá lá um corpo estendido no chão”, com Januário de Oliveira; “Abrem-se as cortinas e começa o espetáculo”, de Fiori Gigliotti; “Que golaço! Exclamação!”, de Roberto Avallone; “Pelo amor dos meus filhinhos, o que é que eu vou dizer lá em casa?” ou “Pode fechar o caixão e beijar a viúva”, com Silvio Luiz e, mais recentemente, “Com licença para matar” e “Um déspota ditando suas próprias leis”, com Rômulo Mendonça, confirmam isso.

PASSADO E PRESENTE

Silvio Luiz é um narrador que faz parte da história do jornalismo esportivo brasileiro. Reconhecido por integrar a equipe da TV Record, no final dos anos 1970, comandada por Raul Tabajara, enquanto narrador, e Paulo Planet Buarque na função de comentarista. Ele começou como repórter de campo e depois se tornou narrador. Com uma trajetória profissional que, até a conclusão do presente artigo, passava dos 65 anos e nove Copas do Mundo no currículo, Silvio Luiz conseguiu fazer a transição do rádio para a televisão. Ele alcançou sucesso enquanto narrador em uma realidade menos “diversional” que esta. Por mais que ainda permaneça na ativa, ele atua em uma emissora que não se destaca na transmissão esportiva e também apresenta certa desatualização em alguns momentos da transmissão. O veterano narrador alcançou o auge profissional na década de 1980 quando foi contratado pela Rede Bandeirantes, que se identificava como o canal do esporte. Silvio Luiz passou pelas principais emissoras de televisão é dono de um jeito próprio de narrar.

Sabe uma coisa que eu detesto na transmissão de televisão? Grito e óbvio! Se você tem uma imagem, eu não preciso dizer o que você está vendo. Eu não digo que eu sou um narrador de televisão, eu digo que eu sou um legendador de imagem. Então, se você perceber, eu nunca digo que ele pegou com o pé direito, eu nunca digo onde é que ele ‘tá’, eu nunca digo que ele subiu, eu nunca digo que ele desceu...¹⁸

Silvio Luiz é reconhecido por uma narração que exige a atenção do público. A partir de bordões e metáforas, ele não vai descrever o que está sendo transmitido

¹⁸ LUIZ apud FREITAS; VANDERLEI. Olho (incansável) no lance.

pela imagem. O texto construído por ele assume mais características conativas do que denotativas. Enquanto os demais narradores gritam gol, ele prefere dizer que a bola “balançou o capim no fundo do gol”. Ou em uma partida que em que há uma diferença elástica no placar ou mesmo no desempenho de uma equipe em comparação à outra, o veterano opta por sentenciar: “agora é fechar o caixão e beijar a viúva”.

Rômulo Mendonça é propriamente um integrante da cultura pop. Com um estilo que se aproxima dos memes, o narrador, que ganhou popularidade com a transmissão dos jogos de vôlei na Rio-2016 é fruto da internet. A relação dele com o público, possivelmente o mais jovem, a partir das mídias sociais digitais são perceptíveis nas transmissões da ESPN Brasil. Em 2019, o jornalista mineiro ganhou o Prêmio Comunique-se na categoria narrador esportivo. O estilo de Rômulo Mendonça, assim como o de Silvio Luiz, é marcado pelo humor, mas apresenta um grau de temporalidade maior. O narrador faz referências a fatos do cotidiano nas transmissões, bem como usa as expressões que fazem sucesso na internet e cita gêneros musicais populares, como pagode e pop. É como se o acervo humorístico do mineiro estivesse em constante atualização.

Em maio de 2018, a narração do brasileiro ganhou destaque na versão americana do Sportscenter, noticiário da ESPN, por “se render” à atuação de LeBron James. O vídeo chegou a ser legendado em inglês. A série entre Boston Celtics e Cleveland Cavaliers, pela NBA, terminou com vitória por 4 a 3 para o time de LeBron. Este foi o último ano do ala em Cleveland antes dele migrar para Los Angeles, para defender os Lakers. A série melhor de sete partidas decidiu o campeão da conferência leste e o classificado para a final da NBA. Paralelamente, nesta época o Brasil enfrentava a greve dos caminhoneiros, com grandes filas de motoristas em postos de combustíveis. A paralisação da categoria trouxe impactos significativos para a economia nacional. Para o exterior, a narração de Rômulo ganhou destaque pela declaração de amor ao jogador norte-americano, mas vale ressaltar a piada com o contexto nacional também. O lance se estabelece em uma jogada em que LeBron James faz uma cesta de três pontos. A citação abaixo apresenta o texto do narrador, que foi emitido no volume máximo, ou seja, aos gritos:

Este é o LeBron James de novo, este facínora, este vândalo... Vai para o arremesso e é fatal! É fatal! Papai LeBron! LeBron, ladrão, roubou o meu

coração! LeBron, ladrão, roubou o meu coração! LeBron James, the king! Em dois arremessos consecutivos, todos nós somos testemunhas de um jogo sete, que vem no domingo! Ô, é muita gasolina aditivada! Ele encontrou um frentista!¹⁹

Por mais que o objetivo desta pesquisa de revisão de literatura não seja estabelecer uma comparação entre os dois narradores, percebe-se em Rômulo Mendonça uma busca maior pela informação do que em Silvio Luiz. Talvez, este dado possa ser o resultado das modalidades esportivas narradas por eles. O basquete e o futebol norte-americano são modalidades acompanhadas por públicos que valorizam estatísticas, desta forma, elas são apresentadas a todo o momento. Silvio Luiz utiliza o seu repertório próprio para ‘legendar’, para utilizar um termo próprio dele, as ações do jogo, Rômulo Mendonça consegue ampliar este leque. O jornalista destacou, em uma entrevista ao UOL, que não busca simplesmente o humor: “A base de narração é informação. Tá bom, eu faço humor. No vôlei, se eu não tivesse demonstrado para quem acompanha o vôlei, e que não me conhecia, de que eu estava por dentro do que estava acontecendo, o impacto do meu humor teria uma duração mínima. A preparação de informação é fundamental até para sustentar meu próprio estilo”.²⁰ Além disso, é preciso destacar o fato de Silvio Luiz atuar na TV aberta, ao passo que Rômulo Mendonça atua num canal de TV fechado, o que também determina públicos diferentes na audiência.

A ‘QUEBRA’ DA FUNÇÃO FÁTICA DA LINGUAGEM

Rômulo Mendonça destaca o ex-narrador Osmar Santos como a sua principal inspiração profissional. Dono de uma voz inconfundível e de poderosos bordões, Osmar sofreu um grave acidente automobilístico em dezembro de 1994. O carro que ele conduzia colidiu contra um caminhão dirigido por um motorista possivelmente embriagado e que fazia uma manobra indevida num local de pouca visibilidade. Osmar Santos sofreu afundamento de crânio e ficou com sequelas na fala. O ex-narrador também poderia integrar o corpus de análise deste artigo, já que imortalizou

¹⁹ MENDONÇA. Transcrição da narração do jogo de basquete entre Boston Celtics e Cleveland Cavaliers. Temporada 2017/2018 da NBA.

²⁰ MENDONÇA *apud* UOL. Entrevista do narrador concedida ao portal de notícias.

bordões, como: “ripa na chulipa, pimba na gorduchinha” “é fogo no boné do guarda”, “animal!”, entre outros.

A linguagem é a matéria prima para a narração esportiva. No rádio, esta condição é percebida ainda mais facilmente pela ausência da imagem. Por isso, as construções narrativas assumem um tom mais emotivo, por vezes, passionais. Em outubro de 2017, o Londrina Esporte Clube conquistou o principal título de sua história, a Copa da Primeira Liga. O título foi decidido nos pênaltis contra o Atlético-MG. Possivelmente, a Zebrinha da Loteria Esportiva diria que “deu zebra” nesta decisão. O time do interior do Paraná ficou com a taça após empatar o jogo no tempo normal por 0 a 0 e vencer nas penalidades por 4 a 2. A disputa ocorreu no Estadio do Café, em Londrina/PR. Este exemplo se efetiva em virtude do tom emotivo que foi empregado pelo narrador Vanderlei Rodrigues, da rádio Paiquerê AM, emissora londrinense, diante do último pênalti defendido pelo goleiro alviceleste. Por mais que o profissional não diga claramente que houve a defesa, a vitória do Tubarão pode ser percebida rapidamente:

Atenção, meus amigos! Correu... César! Para a história, fazer história! Estremece o Estadio do Café, Cesar! Um monstro! Iluminado goleiro! É campeão da Copa da Primeira Liga! O meu coração, o meu coração bate forte na noite desta quarta-feira! Um peito é pouco para aguentar a emoção! Eu vejo gente se abraçando, eu vejo gente chorando! O futebol é esta paixão, capaz de unir corações! Abrace a sua namorada se você brigou com ela, se você brigou com a sua esposa, abrace ela também porque o futebol une corações e este Londrina é gigante! Gigante! Gigante! Gigante!²¹

Ainda que as narrações de Rômulo Mendonça e de Silvio Luiz sejam emotivas, elas não chegam ao exemplo acima. O contratado da ESPN Brasil é lembrado frequentemente pela torcida particular pelo ala LeBron James. Em entrevista ao UOL, ele declarou considerar o atleta o segundo maior da história, atrás apenas de Michael Jordan. Além desta valorização do próprio emissor, as narrações dos profissionais escolhidos para este artigo exigem que o público tenha um conhecimento prévio do estilo adotado por cada um deles para não evitá-lo estranhamento e compreender plenamente a mensagem. É como se eles quebrassem a função conativa da

²¹ RODRIGUES. Transcrição da narração da final da Copa da Primeira Liga entre Atlético-MG e Londrina. Narração de Vanderlei Rodrigues, em outubro de 2017.

linguagem. Segundo Roman Jakobson, a linguagem possui seis funções. A teoria se estabelece a partir dos fatores do sistema comunicativo. De acordo com o linguista, a ênfase no fator determina a função da linguagem. Em Samira Chalhub (1999), comprehende-se a existência das funções referencial (ênfase no referente), emotiva (ênfase no emissor), conativa (ênfase no receptor), fática (ênfase no canal), poética (ênfase na mensagem) e metalinguística (ênfase no código):

Numa mesma mensagem, porém, várias funções podem ocorrer, uma vez que, atualizando concretamente possibilidades de uso do código, entrecruzam-se diferentes níveis de linguagem. A emissão, que organiza os sinais físicos em forma de mensagem, colocará ênfase em uma das funções – e as demais dialogarão em subsídio. Assim, um dos fatores prevalecerá, certamente – digamos, o código e a função que desenha a forma de mensagem compreende a metalinguística: mas essa mensagem assim qualificada como determinantemente metalinguística, porque viabiliza concretamente o uso do código, produzirá também, na cena da linguagem, a entrada, em diálogo, de outras funções e, no conjunto, teremos as funções de linguagem hierarquizadas.²²

Por exemplo, na narração de 2018, quando Rômulo Mendonça ganhou destaque na televisão norte-americana, ele não diz ao espectador que LeBron James marcou uma cesta de três pontos. Para facilitar a compreensão deste argumento, segue novamente a transcrição do texto do jornalista:

Este é o LeBron James de novo, este facínora, este vândalo... Vai para o arremesso e é fatal! É fatal! Papai LeBron! LeBron, ladrão, roubou o meu coração! LeBron, ladrão, roubou o meu coração! LeBron James, the king! Em dois arremessos consecutivos, todos nós somos testemunhas de um jogo sete, que vem no domingo! Ô, é muita gasolina aditivada! Ele encontrou um frentista!²³

Desta forma, considera-se que a narração só pode se estabelecer em um meio de comunicação em que haja o predomínio da imagem, como a televisão, a internet ou os canais de *streaming*. A narração dele, com as características atuais, não se efetivaria no rádio, já que ele não diz literalmente o que aconteceu. Rômulo Mendonça quebra a função fática da linguagem, não há uma valorização do canal. Chalhub (1999) explica que a função fática está centrada no contato, no canal. O objetivo dela

²² CHALHUB. *Funções da linguagem*, p. 8.

²³ MENDONÇA. Transcrição da narração do jogo de basquete entre Boston Celtics e Cleveland Cavaliers. Temporada 2017/2018 da NBA.

é testar o canal. Por mais que o narrador diga de maneira recorrente que o público está sintonizado na ESPN, o que é uma reafirmação do canal, ele não informou, por exemplo, que após a cesta o placar estava em 107 a 96 para o time de James, faltando 1'40" para o término da partida. A função fática destaca-se em várias frentes, mas principalmente na linguagem própria de cada meio de comunicação, ou seja:

O emissor, ao codificar signos que serão o instrumento de seu trabalho, o faz no suporte físico — o canal — tendo em vista que a mensagem, assim organizada, será recebida e decodificada pelo receptor. Dessa forma, estão estruturados os elementos mínimos de um processo comunicacional, onde emissor, mensagem, receptor, canal e referente compõem um conjunto — uma linguagem. Se for pintura, os elementos estruturados, os signos organizados no suporte tela compõem uma mensagem onde os traços dessa linguagem se fazem presentes — o pincel, a tela, cores, composição em figuras, composição icônica. Entre uma pintura a guache e uma pintura a óleo a percepção do destinatário observa diferenças de sentido. É preciso lembrar que em *Understanding media* McLuhan lança um dos pilares de sua teoria sobre os meios de comunicação, *the medium is the message* — “o meio é a mensagem” —, observando que é na natureza mesma do meio de comunicação que reside o funcionamento da mensagem e que esta é determinada, no seu sentido e na percepção do receptor, pelas características do meio, ou por outra, do canal, na qual está organizada. Assim, uma pintura a guache surpreende um sentido diverso de uma pintura a óleo, apesar de ambas terem o mesmo referente. A mesma notícia veiculada pela televisão produz efeitos diferentes se informada pelo rádio.²⁴

A narração de Rômulo, bem como a de Silvio Luiz, em menor grau, complementam a imagem. Em tempo, o veterano se autodenomina um legendador de imagens. O objetivo aqui não é de desqualificar as narrações, mas de apontar quais são as suas principais características. O trecho em que o brasileiro valoriza LeBron James traz características referenciais, já que ele fala do jogador, da partida, da final da conferência, mas pela quebra de algumas redundâncias que aparecem na imagem (placar, tempo de jogo, tempo limite para o término do ataque) e não no áudio, a predominância é da função emotiva. O narrador tenta imprimir no público a empolgação que ele sente. Já em Silvio Luiz, esta quebra é menos acentuada, ela exige do público a compreensão do vocabulário que ele utiliza para definir as ações de jogo. O que, por muito tempo, se apresentou como uma das principais características de Silvio Luiz, na verdade, é um recurso, diante das insuficiências da imagem:

²⁴ CHALHUB. *Funções da linguagem*, p. 30.

Como, de há muito tempo eu não vou ao campo de futebol, para ver o jogo de lá, eu faço aqui do tubo, nem sempre a transmissão dá detalhes para você que você deveria saber. Aquilo, nada mais é, do que a muleta que eu uso. Foi, foi, foi, enquanto a câmera não me mostra quem foi, eu fico falando. Quando eu não consigo ver ou quando a imagem não me mostra, aí eu pergunto: e aí, quem é que foi? Pronto! O cara que 'tá' lá embaixo fala: foi fulano de tal!²⁵

A alteração no placar pode ser simplesmente um gol, mas pode ser também “balançou o capim no fundo do gol”. Um erro crasso pode ser criticado, ironizado ou mesmo debochado com expressões, como “pelas barbas do profeta” ou “o que é que eu vou dizer lá em casa?”.

PRIMEIROS RESULTADOS

Se partirmos da premissa de que as transmissões esportivas estão originalmente atreladas à categoria do entretenimento, podemos entender que o trabalho de locutores como Sílvio Luiz e Rômulo Mendonça, entre muitos outros, seguem o mesmo pressuposto. Estas narrações estão estruturadas no conceito de infotainment, em função do uso acentuado do humor aliado a formas inusuais de se transmitir a informação. A proximidade entre a informação e o entretenimento tem se dado em várias frentes do fazer jornalístico. Talvez, a percepção tenha se efetivado de maneira mais rápida em conteúdos esportivos, mas ela já ultrapassou esta condição. Por mais que as narrações possam contar com mais piadas, mais informalidade e mais bordões, há também mais informação. Com o desenvolvimento da tecnologia, há uma constante avaliação do que ocorre no jogo. Os comentaristas avaliam se a decisão da equipe de arbitragem foi correta ou não, o *replay* permite um domínio melhor da situação anterior. Essas condições trazem mais informação às transmissões esportivas. Elas podem estar mais divertidas, mas, em certa medida, também estão mais informativas. A partir da transmissão televisiva, o telespectador consegue acompanhar o desenvolvimento das jogadas, o que permite ao comunicador uma narração que não seja literal, o que valoriza esta carga que mescla humor com informação.

²⁵ LUIZ apud FREITAS; VANDERLEI. Olho (incansável) no lance.

Outro ponto a se considerar é que os narradores escolhidos não são os únicos a conferirem às transmissões esportivas um alto de grau de identidade, de aproximação com o público ou de personalização. Vários profissionais, alguns deles citados nesta breve reflexão, também recorriam ao uso de bordões nas transmissões. Mais uma vez, em caráter especulativo, o destaque de Silvio Luiz e de Rômulo Mendonça pode ser explicado por algumas características simples: o veterano está há mais de seis décadas na profissão, conseguiu fazer a transição do rádio para a televisão e tornou-se figura presente na publicidade e em games. Quanto ao contratado da ESPN Brasil, ele se apresenta como um profissional bem-informado e que é apaixonado pelos esportes que narra. Rômulo Mendonça é engraçado, mas é bem-informado. Ele sabe construir as piadas de maneira rápida, valorizando o que acontece na quadra. Em tempos de internet, agilidade é fundamental. As referências a jogos dos anos 1990 ou o pop dos anos 2000 fazem sentido também para a geração que consome memes. Novamente, é uma especulação, mas as possibilidades são fortes.

Considera-se, desta forma, que o infotainment é um gênero que se identifica bem ao telejornalismo esportivo e também às transmissões esportivas televisivas. Rômulo Mendonça não é apenas narrador, ele também é apresentador de programas da ESPN Brasil, valorizando sempre a dupla humor e informação. Esta prática não esvazia o conteúdo jornalístico, mas permite que ele seja mais divertido, mais atrativo. Principalmente quando o assunto é esporte, e o jornalismo lida diretamente com torcedores, uma conduta estritamente objetiva pode afastar o público. O excesso de comentário, por vezes, é cansativo. Na busca de manter a audiência e de aumentar os lucros, o presente é (e o futuro será) marcado por bordões, mascotes, entretenimento, personalização, sensacionalismo, piadas e segmentação no rádio, na televisão, na internet, nos formatos impressos, nos canais de *streaming*.

* * *

REFERÊNCIAS

- BRASIL NÃO É MAIS O DEUS soberano do futebol, afirma Silvio Luiz. Agência Brasil. Disponível em: <https://bit.ly/3kNhobD>. Acesso em: maio 2021.
- BUCCI, Eugenio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- CASTILHO, Luca. Bordões eternizam os grandes locutores esportivos do rádio. Disponível em: <https://bit.ly/3DpVjHr>. Acesso em: maio 2021.
- CHALHUB, Samira. **Funções da linguagem**. São Paulo: Ática, 1999.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar**: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos. São Paulo: Summus, 2008.
- DEJAVITE, Fabia Angélica. **INFOtenimento**: informação + entretenimento no jornalismo. São Paulo: Paulinas, 2006.
- DEJAVITE, Fabia Angélica. Mais do que economia e negócios: o jornalismo de infotainment no jornal Gazeta Mercantil. **Comunicação & Inovação**. São Caetano do Sul, v. 3, n. 6, p. 64-72, 2003.
- FUTEBOL DITARÁ CRESCIMENTO do *streaming* para os próximos anos. Site Marketing Esportivo. Disponível em: <https://bit.ly/3CoOBjE>. Acesso em: maio 2021.
- GOMES, Itânia. O embaralhamento de fronteiras entre informação e entretenimento e a consideração do jornalismo como processo cultural e histórico. In: DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de. (Orgs). **Em torno das mídias**: práticas e ambientes. Porto Alegre, Sulina, 2008.
- GOMES, Mayra Rodrigues. **Jornalismo e ciências da linguagem**. São Paulo: Hacker Editores/Edusp, 2000.
- LUCCHESI, Gustavo. Em entrevista exclusiva, narrador Rômulo Mendonça fala sobre sucesso e bordões. **Folha de Pernambuco**, 07 fev. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3cllJhv>. Acesso em: maio 2021.
- MACHADO, Marcia Benetti. Jornalismo e perspectivas de enunciação: uma abordagem metodológica. **Intexto**, Porto Alegre, v. 1, n. 14, p. 1-11, 2006.
- MALAVOLTA, Luiz; LEAL, Luís Eduardo; TAGLIAFERRI, Mauro. Locutor Osmar Santos sofre acidente no interior de SP. **Folha de São Paulo**, 24 dez. 1994. Disponível em: <https://bit.ly/3Fn0Q1V>. Acesso em: maio 2021.
- MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom**: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v. 39, n. 1, 2016.
- MARQUES, José Carlos. Os desafios da TV brasileira na cobertura esportiva: informação versus entretenimento. In: PESSÔA TEMER, Ana Carolina Rocha; SANTOS, Marli. **Fronteiras híbridas do jornalismo**. Curitiba: Appris: 2015.

MESQUITA, Patrick. Rômulo é aclamado na web após narrar finais e vibra com crescimento da NBA. Disponível em: <https://bit.ly/3nmhjNK>. maio 2021.

O QUE A SELEÇÃO BRASILEIRA de vôlei e a banda Rouge têm em comum? Rômulo Mendonça! **Revista Veja**. Disponível em: <https://bit.ly/30yLjgs>. Acesso em: maio 2021.

FREITAS, Bruno; LIMA, Vanderlei. Olho (incansável) no lance. **Portal UOL**. Disponível em: <https://bit.ly/2YVgfXL>. Acesso em: maio 2021.

ROCCO JUNIOR, Ary José; BELMONTE, Wagner Barge. Da informação ao entretenimento: análise do jornalismo esportivo brasileiro pela trajetória histórica da *Revista Placar*. **Anais do Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**, 2014, Vila Velha. Disponível em: <https://bit.ly/3Ds8yqS>. Acesso em: maio 2021.

RÔMULO MENDONÇA VAI NARRAR FINAL DA NBA após repercutir em programa nos EUA. **UOL Esporte**. Disponível em: <https://bit.ly/3wUGbz7>. Acesso em: maio 2021.

SILVIO LUIZ CONTA ORIGEM dos bordões e dispara: “tem muito babaca aí que é metido a gênio, eu vi Pelé”. **Lance**. Disponível em: <https://bit.ly/30sphvl>. Acesso em: maio 2021.

SILVIO LUIZ. **Terceiro Tempo** [verbete]. Disponível em: <https://bit.ly/3qNxjKK>. Acesso em: maio 2021.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. ‘O time está dando o melhor de si’: aspectos do esporte na programação da televisão brasileira. In: MARQUES, José Carlos; MORAIS, Osvando J. de (Orgs.). **Esportes na Idade Mídia**: diversão, informação e educação. São Paulo: Intercom, 2012. p. 285-312.

TUBINO, Manoel José Gomes; GARRIDO, Fernando Antonio Cardoso; TUBINO, Fábio Mazeron. **Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte**. Rio de Janeiro: SENAC, 2007.

VOLPATO, Leonardo. Narrador da ESPN, Rômulo Mendonça dá apelido até para bola e vira destaque nos EUA. **Folha de São Paulo**, 21 jul. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3owm8TY>. Acesso em: maio 2021.

WARKEN, Júlia. Marta já tem mais gols em Copas do que Romário, Garrincha e Neymar juntos. **Cláudia**, 23 jun. 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3HsCuFP>. Acesso em: maio 2021.

* * *

Recebido para publicação em: 31 jan. 2021.
Aprovado em: 17 nov. 2021.

Spectator Violence in Stadiums: Why do the Hooligans Fight? An Essay in Honor of Eric Dunning

Violência torcedora nos estádios: por que os hooligans brigam?
Um ensaio em homenagem a Eric Dunning

Bernardo Borges Buarque de Hollanda

Escola de Ciências Sociais/FGV-CPDOC

Doutor em História, PUC-Rio

bernardo.hollanda@fgv.br

ABSTRACT: The study revisits the work of the Leicester School, highlighting the prominent figure of Eric Dunning, disciple of Norbert Elias and systematizer of the ideas of the German sociologist in England, leader in the process of constituting a sociology of modern sports in that country. In the poorly drawn lines that the freedom of the essayistic genre entails, we suggest that Dunning's position as Elias' apprentice soon becomes even and turns into a fruitful partnership. More: as a partner, he rises to the status of master himself, able to train new scholars and organize a series of collections together with his disciples. The broad theme provided by the focus of sports studies is restricted here to a specific agenda for analysis, namely the so-called phenomenon of hooliganism, to which Eric Dunning and his team devoted much of the analytical efforts of interpretation, reviewing assumptions of the first authors dedicated to the theme and carrying out a range of institutional collective research. These, in turn, led to the creation of theoretical and empirical references throughout the 1970s to 2000, with international repercussions among researchers focused on understanding not only British hooligans, but European *ultras*, Latin American *barras*, and Brazilian *torcidas organizadas*. If Dunning's theory and empiricism are not immune to criticism – as in the limit no scientific paradigm is –, in this text, the sociological, anthropological and historiographic contributions made by this admirable English intellectual are reiterated.

KEYWORDS: Stadiums; Football Hooliganism; Violence; Great Britain.

RESUMO: O ensaio revisita a obra da Escola de Leicester, com destaque à figura proeminente de Eric Dunning, discípulo de Norbert Elias e sistematizador das ideias do sociólogo alemão na Inglaterra, líder no processo de constituição de uma sociologia dos esportes modernos naquele país. Nas mal traçadas linhas que a liberdade do gênero ensaístico enseja, sugerimos que a posição de Dunning na condição de aprendiz de Elias logo se nivelá e converte-se em profícua parceria. Mais: de parceiro, aquele ascende à condição ele próprio de mestre, apto a formar novos estudiosos no meio e a organizar uma série de coletâneas em conjunto com seus discípulos. O amplo temário propiciado pelo enfoque dos estudos dos esportes restringe-se aqui a uma pauta específica para análise, qual seja, o assim chamado fenômeno do hooliganismo, para o qual Eric Dunning e sua equipe dedicaram boa parte dos esforços analíticos de interpretação, revendo pressupostos dos primeiros autores dedicados ao tema e realizando uma gama de pesquisas coletivas institucionais. Estas, por sua vez, ensejaram a criação de referenciais teóricos e empíricos ao longo dos anos 1970 a 2000, com repercussões internacionais entre pesquisadores voltados à compreensão não só dos *hooligans* britânicos, mas dos *ultras* europeus, das *barras* latino-americanas e das *torcidas organizadas* brasileiras. Se a teoria e a empiria de Dunning não são imunes a críticas – como no limite nenhum paradigma científico o é – reiteram-se neste texto as contribuições sociológicas, antropológicas e historiográficas aportadas por este admirável intelectual inglês.

PALAVRAS-CHAVE: Estadios; Hooliganismo; Violência; Grã-Bretanha.

The sociologist Eric Geoffrey Dunning (1935-2019) passed away two years ago.¹ Inspired by his brilliant work, this essay is an assessment of the bibliography related to football hooliganism studies, developed not only by him, but also by Norbert Elias and his sociology school at Leicester from 1950 onward. As a way of celebration of Dunning's memory, I will here highlight the currents and interpreters who have sought to examine the phenomenon of inter-club and intergroup violence in the United Kingdom over the last decades, particularly from the cycle beginning in the 1960s.

One might say that following the 1966 World Cup in England, the phenomenon of hooliganism came to be recognized as a serious social problem by British authorities, with significant consequences in the 1970s and 1980s. The visibility gained by hooligans in football at that time – remembering that this figure already featured in the British collective imagination outside sports since the late 19th century, as shown by Geoffrey Pearson – would prove to be a factor of national concern, with growing fights and disturbances in the stands, in the environs of stadiums, in pitch invasions, in pubs or in public transport, especially in the trains that cross the country.

If initially confined to national competitions, in the 1970s and 1980s the incidents would also be seen at matches in continental Europe, worsening the situation and generating far-reaching consequences.

The first official report on the subject of hooligans and safety conditions in British stadiums was the Harrington report, published in the city of Bristol, titled *Soccer Hooliganism*, in 1968. This would be the first of a series of nine reports over the following decades. The ninth and final assessment – the Taylor report – was released in the wake of the Hillsborough stadium tragedy in April 1989, when ninety-five fans were crushed to death due to overcrowding in an FA Cup semi-final match. This report, drawn up by Lord Peter Taylor on the causes of the tragedy and provisions for English stadiums, would have an impact on sports facilities in Great Britain in the 1990s.

¹ The following article is the result of a postdoctoral internship held at the *University of Birmingham*, in 2018, under the auspices of the Ernest Rutherford Fellowship and under the supervision of the historian Courtney Campbell.

The stadiums would undergo profound structural renovations, corresponding in turn to the expectations of a new type of audience, resulting in the complete architectural overhaul of arenas. This was not only due to the work of architects and engineers or the proposals by members of parliament and judges responsible for inquiries. The recruitment of scholars from the fields of Humanities and Social Sciences to propose preventive policies would spread throughout the continent, often with the financial support of the European Union and UEFA.

Prominent in the United Kingdom was the so-called Leicester School, which, under the sociological guidance of the German theorist Norbert Elias, an intellectual based in England, received institutional and government support for a series of studies on the history, anthropology and sociology of British hooliganism. The research team responsible for delving into the subject was led by the sociologist Eric Dunning, the first student supervised by Elias at Leicester, reader of *Über den Prozess der Zivilisation*, in a rare original copy in German, since the book would only be translated into English in 1978. This student had proposed to his supervisor, as early as the 1950s, a historical and social study of sport and leisure in light of the civilizing process theory.

Dunning, himself a cricket and football player in university, was by then the well-respected director of the Centre for Football Research of the University of Leicester, and had started on his own intellectual journey with the organization and publication of his books in the 1970s: *The sociology of sport: a selection of readings* (1971) and *Barbarians, gentlemen and players: a sociological study of the development of rugby football* (1979), the latter in partnership with Kenneth Sheard.

In response to the challenge of deciphering the apparent failure in controlling the emotions of British fans, Dunning co-wrote with John Williams and Patrick Murphy, also Elias' disciples, a paper summarizing the arguments presented more extensively throughout the 1980s in the form of a triptych: *Hooligans abroad - the behaviour and control of English fans in continental Europe* (1984); *The roots of football hooliganism – an historical and sociological study* (1988); and *Football on trial: spectator violence and development in the football world* (1989).

The trilogy written by Dunning, Williams, and Murphy, which would be successively reissued in the 1990s, was actually the result of extended research,

including fieldwork, developed between 1979 and 1982, and contained important specificities. Officially commissioned, it consisted of reports submitted to the MP Norman Cherster, charged by the British Parliament and the English League to find and identify solutions to the disturbances involving hooligans throughout Europe. Under the auspices of the Social Science Research Council, of the Department of the Environment, and the Football Trust, the information was intended to provide the basis for understanding the phenomenon and supporting the development of an action programme by the public and sports authorities.

In addition to the trilogy, Eric Dunning would also edit a fourth book on the subject in the early 21st century, entitled *Fighting fans: football hooliganism as a world phenomenon* (2002). Arguing that the issue of hooliganism is not exclusive to Britain, it features a contemporary chart of football fans in different parts of the world, from the *barra-bravas* of Argentina to the *hinchadas* of Peru, from the *kutten fans* of Germany to the *tifosi* of Italy, from the *ultras* of Spain to the *siders* of Belgium, not to mention supporters' groups from Eastern Europe, Greece and Turkey.

It should be noted, however, that the Leicester researchers did not pioneer the study of violence among fans in England and my postdoctoral research has allowed me to explore this more deeply.

Throughout the 1970s, as the issue gained prominence in public opinion, investigations were carried out by other British schools, such as those of Birmingham and Oxford. Therefore, before addressing what they considered to be the deeper roots of hooliganism – the pleasure derived from fighting, the encouraging model for such behaviour found in the social environment of origin, and football as a privileged environment for the manifestation of these expressions of aggression – Elias' students began their essay by describing what they viewed as the more superficial explanations of the phenomenon, among which were the consumption of alcohol and violence emanating from the game's intrinsic dynamics.

Then, to assert their arguments, the authors reviewed the pre-existing theories about hooligans in university circles. Next they highlighted the differences between them and exposed the deficiencies and theoretical inconsistencies underlying each one.

The first current, of a Marxist bent, was personified by three authors: Ian Taylor, John Clarke and Stuart Hall. Taylor, author of the paper *Soccer consciousness and soccer hooliganism* (1971), explained the violence of football fans as a kind of working-class revolt against the progressive bourgeois and international character assumed by the game in the late 1960s. It was a movement of resistance to changes taking place in football and, more specifically, a reaction to the de-characterization of the sense of community of English clubs.

Clarke, author of *Football and working-class fans: tradition and change* (1978), also viewed hooliganism as resulting from the transformations brought about by professionalism and its process of 'spectacularisation', which contributed to the breakdown of local community ties among English workers. Following the outbreak of World War II, different generations of workers ceased to frequent stadiums together as before, which promoted a cultural divide within working-class families, separating youngsters and adults, parents and children.

Hall, author of the essay *The treatment of 'football hooliganism' in the press* (1978), an exponent of the so-called Cultural Studies at the University of Birmingham, correlated the role of the media in creating a situation of 'moral panic' in stadiums with the increasing national unrest due to the economic deterioration experienced by Great Britain. While the press could not obviously be blamed for creating the phenomenon, the way it portrayed the issue had unexpected effects, often leading to its misrepresentation.

The second current, in turn, influenced by ethology and especially by Desmond Morris, author of *The soccer tribe* (1981) and for whom the sport meant nothing more than a 'ritual hunt', was represented by Peter Marsh, E. Rosser and R. Harré, editors of the book *The rules of disorder* (1978). Unlike the first current that addressed hooliganism in a very general way and as a clash between classes only, the Oxford group aimed to understand the meaning of the conflicts in their intergroup dimensions. The impression of anarchy and disorder conveyed by the media regarding the behaviour of fans was untrue and ended up being a kind of sounding board that amplified the disturbances in stadiums.

Apart from the relationship with the other social actors involved, it was a matter of knowing why the fans created their own set of rules of confrontation,

resorting to this end to rites in which violence was a symbol, a metonymy. The shortcomings pointed out by the Leicester scholars in the Oxford authors' model included this latter consideration, which tended to underestimate the concrete possibility of direct physical confrontations due to ritualization procedures. Rather than poles apart, violence and ritual were understood by Dunning, Murphy and Williams as manifestations separated by a fine line.

The main issue for Elias' followers was to understand the reasons why young men and adolescents belonging to the lower socioeconomic strata of society, especially those from working-class families who frequented stadiums on weekends, took pleasure in physical confrontation. Likewise, it was important to know to what extent the development of a lifestyle in this environment depended on the respective encouragement to aggressive behaviour in the original environment. Finally, it was necessary to elucidate the meaning of football as the space chosen for the exhibition of such behaviour.

To answer these key questions, Dunning and his colleagues turned to a sociologist from the Chicago school, Gerald Suttles, author of *The social order of the slum* (1968) and *The social construction of communities* (1972), whose works addressed the specificities of the lower strata of the working class, from which emerged the young members of violent subcultures whose values were based on virile patterns of masculinity.

The Leicester scholars drew on an expression by Gerald Suttles, 'ordered segmentation', which in many ways resembles the 'lineage system' described by British social anthropologists such as Evans-Pritchard. In his study of Chicago communities, Suttles emphasized how territorial units expressed their particular identities, with considerable weight given to age, gender and ethnicity. These in turn overlapped with the larger structure of society and with the construction of intercommunal contrasting identities.

This scheme of sociability could follow variations at local, regional or national level, with the trend to establish bilateral associations between groups that were alternately opposed and allied. Such a dividing-complementary model of residents of an adjoining neighbourhood, which could extend to even larger orders of magnitude, with polarizations between cities, regions and countries, gave rise to

vicinal groups of young men socialized in public spaces such as the street. Thus, neighbourhood ties acquired meaning and cohesion when opposed to other groups and the threat posed by external rivals.

Alongside the rivalries created in the coexistence with peers in public spaces such as the street, the household was also a prominent place for the construction of a role model among young adolescents, based on the arbitrary and violent behaviour of their fathers. The stereotype of the lower working-class head of the family – rather akin to Adorno's authoritarian personality – is that of someone who exercises stern control over his kin using violence and the clear-cut separation of male and female roles.

This type is evoked here to explain, in Eliasian terms, the social origin of 'aggressive masculinity'. Unlike social circles, including those of workers who enjoy better economic conditions, where violence causes revulsion and is condemned, these young proletarians found pleasure in intimidation and confrontation with their enemies, with no ensuing sense of guilt.

The upshot was that those who stood out in fights became respected and gained prestige with their peers and status in their environment of origin. This reputation grew in importance as it became the main form of social visibility. By a mechanism of stigmatization at work and school, workers of lower classes feel severed from society in general and see no possibility of educational or professional improvement.

Thus, the frequency of riots and fights in football stadiums partly depended on the degree of incorporation of the working class into British social life. This did not imply that poverty, unemployment and lack of economic prospects were immediately reflected in the production and reproduction of violence, for in the sociological world of Norbert Elias, cause and effect always vary according to the settings, which are complex and never automatic interactions. In addition, the variable relationship between hooligans and the degree of social insertion of fractions of the working class in the civilizing process could be verified by the authors in research in the archives of the Football Association and English newspapers.

Besides the observation that the figure of the hooligan was hardly new historically, the information gathered in publications and official archives showed the oscillation of violent behaviour in stadiums throughout the development of

sport professionalism in England. Based on this statistical record gathered in press reports involving incidents between groups of fans, and in the light of the interdependence between society and football, a hypothetical explanation was proposed for the cycles of violence in stadiums.

The reflection on the researched material revealed the existence of a U-shaped movement during the three main periods investigated over the long time frame of English football. Roughly, violence – measured by the authors as disorder, confusion and fights in stadiums – showed high levels in early professional football. This was followed by decline and stabilization at low levels, considered tolerable. Eventually, the upward trend returned. Far from being random, the line on the graph corresponded to the level of social integration and the stage of the civilizing process which, as Elias stressed, was a technical rather than a hierarchical-judging measure.

The first period was the last quarter of the 19th century and the early 20th century up to World War I. At that time, the newspapers frequently reported fights, disturbances and charivaris. According to the authors, with the emergence of professional football in the 1880s and the ensuing presence of the working class in the stands, the emotional atmosphere in stadiums became more vibrant, open and unruly compared to the hitherto restrained behaviour of aristocratic audiences.

The Scottish scholar Herbert Moorhouse revealed the ancestry of disorderly fans, based on attendance in Scottish stadiums such as Celtic Park or Hampden Park, which in the late 19th century already received over fifty thousand spectators. Like Dunning, he drew on newspapers of the 1890s like the respected *The Times*. Investigating the origins of the term, he found the word 'houlihan', which referred to the unsocial traits of an Irish family who had lived in Victorian London in the 19th century, later used to describe youth group activities, which gave its origin a mythical air.

On 30 October 1890, the following passage could be found in the London newspaper, according to the scrupulous research of Professor Geoffrey Pearson, published in the book *Hooligan: a history of respectable fears* in the early 1980s:

'What are we to do with the "Hooligan"? Who or what is responsible for his growth? Every week some incident shows that certain parts of London are more perilous for the peaceful wayfarer than the remote districts of Calabria, Sicily, or Greece, once the classic haunts of brigands. Every day in some police court are narrated details of acts of brutality of which the sufferers are unoffending men and women. So long as the "Hooligan" maltreated only the "Hooligan", so long as we heard chiefly of attacks and counter-attacks of bands, even if armed sometimes with deadly weapons, the matter was far less important than it has become . . . There is no looking calmly, however, on the frequently occurring outbursts of ruffianism, the systematic lawlessness of groups of lads and young men who are the terror of the neighbourhood in which they dwell. Our "Hooligans" go from bad to worse. They are an ugly growth on the body politic, and the worst circumstance is that they multiply and that the education boards and prisons, police magistrates and philanthropists, do not seem to ameliorate them. Other great cities may throw off elements more perilous to the State. Nevertheless, the "Hooligan" is an odious excrescence on our civilization.'²

The second period corresponded to the interwar and post-World War II years. At that moment there is a significant drop in the record of physical clashes at matches, resulting from a series of transformations in social relations, with a large part of the English population benefiting from the post-1945 Welfare State policy. It was a time of 'inclusion' of the working class thanks to the organization of trade unions, which obtained various improvements in working conditions, and thanks to government actions which, in turn, ensured labour rights and extended various civil rights to women. This phase, also referred to by the press as the 'golden age', began in the 1920s and marked the creation of the myth of the English gentleman fan, when the aristocratic ethos became the national ethos.

The civilized supporter, prototype of English phlegm and sobriety, is forged in contrast to the Southern Europe supporter of Latin origin, known for his spontaneous and effusive manner. In this sense, thanks to football, a distinction is made both between this English ideal type and the passion typical of continental Europe Latins and between the civilized English and the supposedly British barbarians: Scots, Celts and Irish.

² PEARSON. *Hooligan*, p. 7-8.

The transition from the second to the third setting, in the late 1950s and early 1960s, corresponds to the change in the configuration of sports audiences. At this moment there is a resurgence – at times sharp – of violent incidents in stadiums. The kops, ends or terraces, as the cheaper and more passionate areas of the stadiums were called, located behind the goals, became the target of ‘topophilia’, to use the term coined by the English geographer John Bale, among young London fans, who created there supporters’ groups, called firms or crews, such as the Inter City Firm of West Ham United, or the Headhunters of Chelsea, both of them London-based clubs.

Alongside this gestating youth culture, previously existing urban subgroups such as mods, rockers, teddy boys and skinheads transfer their rivalry logics to football throughout the 1970s and 1980s. Political sectors linked to the far right also attempt to approach some of the football groups to recruit young supporters to their cause and use stadiums as channels of ideological expression, as in the link between the National Front and radical groups like the stigmatized Millwall supporters.

Besides ‘ordered segmentation’, the authors’ explanation for the growing violence included unequal rates of social inclusion, as measured by education and the labour market. Thus, the number of supporters from the lower strata of society starts growing again, causing riots. In the mid-1960s, the hard core of the working classes starts using stadiums not only for socialization, but also to clash with rival peers and express their discontent to society as a whole.

The controversy surrounding the stereotypes ascribed to hooliganism, including fanaticism, irrationality and savagery, was not confined to the most predictable sociological explanations and the most immediate links with the country’s political and economic spheres, whether the falling employment rates or the deleterious effects on the working class of the Thatcher government’s liberal measures in the 1980s. The penalties imposed on English clubs, barred from international tournaments for five years because of their fans’ fighting in continental Europe, would also rekindle a broad spectrum of ethical issues regarding human collective behaviour. Thanks to football, great universal themes of 20th-century Western civilization would be revived, namely crowd psychology, Western decadence, the clash between civilization and barbarism, xenophobia and intolerance of the other.

Therefore, the interpretation proposed by the Leicester School in the 1980s contains a set of indications leading to a more comprehensive understanding of our object. The authors' approach towards the press is not limited to sourcing information. The assumption of transparency in reported facts is discarded and the media is questioned for its role in constructing the image of the hooligan and fabricating the problem, as pointed out by Stuart Hall in 1978.

First of all, the examples of conflicts described in the press from the early 20th century clearly show that the issue was not new. Next, a retrospective survey of the approach of sports journalists to hooliganism reveals to what extent the treatment afforded by the press helped boost the phenomenon's national repercussion. Specific analysis of popular sports tabloids such as *The Sun*, known for its sensationalism, was the basis to support this argument.

In the 1960s, when English journalism in general underwent editorial and structural changes, tabloid competition for growing sales intensified and sensationalism was, in many cases, part of a commercial strategy to boost circulation. The perception that hooligan clashes appealed to the readers of these sports dailies led newspapers to broaden coverage of the subject. On the eve of the 1966 World Cup, journalists expressed their fears about the behaviour of English fans, further increasing their visibility.

The generalization of a 'moral panic' in football and society, to retrieve an expression coined in the late 1970s by Stuart Hall, stimulated a feeling of decadence of values which was attributed to a disease of football fans. As reported by Dunning, Murphy and Williams, on 8 November 1965 *The Sun* referred to the situation as follows: 'Soccer is sick at the moment. Or better, its crowds seem to have contracted some disease that causes them to break out in fury.'

The hitherto restrained issue was blown out of proportion on a national scale and beyond the sports scene. Mobilized to prevent confrontations, the police came up with the palliative measure of separating fans inside stadiums. Such territorial division had no effect and, in the authors' view, merely contributed to fuel the conflict. The crisis also spread outside the country and the image of the English fan was established abroad according to the hooligan stereotype: poor young male, social misfit, delinquent in daily life and excessive consumer of alcohol.

In defence of the argument, the Leicester authors conclude that although sports journalism was not the decisive factor for the emergence of the phenomenon, media coverage played an active role in building the hooligan image and spreading it in sensationalist terms. The researchers' work, with its diachronic approach to media coverage of fan violence, contributed to relativize a series of prejudices their contemporaries harboured on the issue.

The proposal of a temporal scale and variation of its configurations over the 20th century afforded a new perspective and a more appropriate knowledge of the theme. Reconstructing the issue led to the use of newspapers as a source of information on the behaviour of sports audiences. On the one hand this resource revealed the potential of researching in newspapers, and, on the other, evidenced its limitations, which derived from the selective, biased and moralizing nature of many of the news stories.

Exposed to the phenomenon's diachrony, the Leicester School would also focus on an important aspect of the extrapolation of fans' behaviour: away matches. In their narratives, the journalists in charge of reporting on the circumstances of matches abroad would be authorized to transpose to society's collective imagination the environment of the supporters' trips. The licentiousness and extravagance of hooligans in away matches would be one of the aspects most emphasized by sports journalists, who ventured on the trips to witness the savagery of their unsporting behaviour in modes of transport and travels outside Great Britain.

The Leicester School scholars would find in the writings of sports journalists a few keys to understanding the travel logic established among football fans in the 1970s. Dunning, Murphy, and Williams relied on excerpts from the interview given by a Cardiff City hooligan to the journalist Paul Harrison, published in 1974 in the article *Soccer's tribe war* for *New Society* magazine. The Eliasians appropriated an expression coined by the interviewer to capture how rival groups of fans related to one another in these encounters.

The *Bedouin syndrome* was the tribal principle behind the syllogistic scheme of alliances and associations, shifting the issue from the domains of sociology to the terrain of anthropology. The friendships and enmities between visiting and home fans in Europe were based on an equation that seems crude: the friend of a friend is

a friend; the enemy of an enemy is a friend; the friend of an enemy is an enemy; and the enemy of a friend is an enemy.

The first book published by these three authors, *Hooligans abroad* (1984), disregarded journalistic reports and aimed to deepen the direct experience of travelling with fans. John Williams would be responsible for the fieldwork throughout the whole year of 1982, when he accompanied hooligans on at least three occasions: the European Cup final between Aston Villa and Bayern Munich in the Dutch city of Rotterdam; the decisive European Championship match between Denmark and England in Copenhagen; and the English team's matches during the World Cup in Spain.

By then the hooligans' track record had already spread their fame across the continent, comprising a sort of compilation of disturbances and 'horrors' abroad from at least 1965, when Manchester United played in West Germany, through the mid-1970's, when Manchester United played at Feyenoord's stadium in the Netherlands, to the early 1980s, when successive incidents were recorded in Luxembourg, Copenhagen, Turin and Oslo.

Thus, the residents of the cities where the matches were held experienced an atmosphere of anticipation and apprehension, waiting for the arrival of the 'mindless English thugs', so that Williams had to deal with this prior, adamant condemnation of the fans with whom he was involved. *Moral panic* – expression coined by the sociologist Stanley Cohen in the late 1960's, meaning the tendency to hold a social group accountable for problems affecting the whole of society – seemed to summarize well the situation.

The researcher Paul Jones reconstitutes the sociological roots of the expression "moral panic" during the 1960's and 1970's:

...the legacy of Stan Cohen's moral panic thesis in the context of its debt to the discipline of sociology and its appropriation and transformation by Stuart Hall, especially in the relatively neglected major work *Policing the crises* (1978). This is shown to be a significant, if flawed, legacy for contemporary media and cultural studies where Hall's influence in particular remains remarkably strong.

The research paradigm of the moral panic is undoubtedly attributable to Stan Cohen. The obvious initial point of entry is thus Cohen's classic 1972 text, *Folk devils and moral panics: the creation of the mods and rockers*. And yet as soon as that book is opened, the reader is

struck by the considerable care Cohen takes to acknowledge his debt to a vast research literature from the sociology of 'deviance' and 'social control'. The 'moral' is taken fairly directly from Becker's 'moral entrepreneurs' (1966) and the panic from Smelser's *Theory of collective behaviour* (1962).³

John Williams' participant observation involved disguising himself as common supporter of the Birmingham club Aston Villa and traveling to the Netherlands for a first-hand experience, aiming to better understand the real intentions of those hooligans beyond their prior stigmatisation. Informal conversations also allowed him to obtain information regarding the age, occupation and political orientation of those fans. The latter was the key issue at the time, for suspicions were raised in the early 1980s of the involvement of football fans with far-right parties in England. According to the sociologist's observation, many of the travellers were unemployed, belonged to the lower strata of society and some had criminal records.

John Williams's ethnography was part of a sociological study aimed at helping the police design a prevention program in the short and long term. The Leicester Eliasians were looking for an alternative to the impasse between the initiatives of the police authorities, whose sole answer to fighting the disturbances was repression, and representatives of university circles, who tended to minimize the violence among fans as a secondary issue. Therefore, on buses and especially on trains, the researcher would investigate the motivations of fans to attend away matches abroad, ponder the manifestations of hostility to foreigners and learn about the importance of the recollection of past trips.

The latter was a key point: reminiscing about past trips, a kind of rite of passage and trial on these excursions, allowed them to share a common memory, with accounts of stories that made up the collective imagination and tested the standards of 'aggressive masculinity'. Besides the trips, the researcher described incidents witnessed outside stadiums during the 1982 World Cup, with clashes between English fans, the police and hostile Spanish hosts. Such occasions stimulated nationalist fervour and xenophobia, a discourse that could easily result in fans being injured, hospitalized and arrested.

³ JONES. *Moral panic*, p. 6.

John Williams's method of infiltrating the hooligans would inspire several journalists, who used the same strategy to unravel that semi-secret world of confrontation, transgression and traveling across Europe. The most famous account of the genre, which would become a worldwide bestseller thanks to its translation in several languages, is the book *Among the thugs*, by Bill Buford.

Published in 1990, it describes the impressions of a journalist of American origin who socialized with Manchester United fans for six years, accompanying them in pubs, trains, stadiums and trips to European cities such as Cardiff, Cambridge, Sunderland, Turin, Düsseldorf and Sardinia. The journalist would report, with literary flourishes, the refinements of cruelty and acts of savagery those individuals were capable of in the name of their supposed passion for a football club.

The reception, curiosity and interest the book aroused in the general public can be evaluated by its international impact. As early as 1991 the book was translated into Italian, with the title *I furiosi della domenica: viaggio al centro della violenza ultra*. In 1992 the book is also released in Portuguese with the title *Entre os vândalos – a multidão e a sedução da violência*, published by Companhia das Letras. Two years later it would come out in French with the title of *Parmi les hooligans*, besides a Spanish edition to which I did not have access.

The exponent of this modality of ethnographic journalism was actually no expert in sports. Born in 1954 in Louisiana, USA, Bill Buford had lived in Los Angeles before settling in England in 1977 thanks to a research grant that allowed him to do literary research in Cambridge, write for English newspapers and become editor of the literary magazine *Granta*. According his account, as a typical American, football was alien to him and he had never set foot inside a stadium before 1983.

His first contact with the hooligan phenomenon happened casually in a train station of a small town outside Cardiff, when he was returning home from Wales. On that occasion, Buford was impressed by the arrival of a train packed with noisy fans. As soon as the train stopped, the fans perpetrated a series of depredations and atrocities that made a deep impression on him. The incident was a decisive and from then on he decided to follow and infiltrate the 'fanatical' supporters. In the spring of 1984 the author travelled to Turin to watch the Cup Winners' Cup semi-final between Juventus and Manchester United.

Already on that first opportunity the author would share a flight with the fans and describe the atmosphere of the tour by coining the term ‘scum tourist’ to describe those football aficionados:

“Two hundred and fifty-seven Manchester United fans arrived on Wednesday morning, thanks to the efforts of Bobby Boss, to fly to Turin for a game to which they were forbidden to attend. Most of the fans of the plane knew each other; it was a club tour. No one knew where we were staying; no one had tickets to the game. But everyone was in a holiday mood; all proud to be part of a group of scum tourists. There were a lot of pictures to take. There was a pre-departure photo to register the moment, the half empty bottle bought in the *free shop*. And although I admit it seemed a little strange to see so many people consuming bottles of a pint of vodka at 10 a.m., our flight to Turin was quite quiet – noisy, humorous, but, after all, without diverging the slightest from what I imagined other English excursions should be. The group, on the whole, seemed harmless and amused, and I found that all that – my effort to get up early, the discomfort of travelling from London to Manchester with a boy who couldn't afford to buy a scarf, the sudden exposure to so many extravagant people – were beginning to end. Honestly, I was having fun. The fact, however, was as follows: the tourist-scum was on its way to devastate the country they would visit. For now, they landed in Turin”.⁴

The collection of stories ranges from 1984 to 1988, when Buford watched the European Championship in Germany alongside the quarrelsome fans who travelled to Dusseldorf, despite being forbidden to attend international competitions following the Heysel tragedy. Doubling as an ethnographer and writing in a fictional style, Buford would have his last experience with hooligans in 1990, when he travelled to the Italian city of Cagliari to watch the World Cup.

The detailed account structured in three parts and narrated in first person, with shocking touches focused on those human types subject to relentless value judgment – extravagant, disgusting, and coarse – seemed nevertheless to reveal more about the intimate feelings and personal anxieties of that journalist than the actual subject of his investigation. If the initial motivation revealed by the author was to satisfy his curiosity about those ‘abominable fanatics’ – ‘I wanted to learn more about it’, ‘to be one of them’ – ultimately the thrill experienced by the author overshadowed the knowledge of the vandals’ persona. Buford’s pleasure in describing details of fights and numerous risky situations led one to believe that

⁴ BUFORD. *Among the thugs*, p. 143-144.

his ultimate goal was to hypostatise the scenes, shocking readers with the moments of danger and fear he had heroically experienced.

Nonetheless, the book enjoyed academic credibility in England since it was written by journalist with a literary and intellectual background who had read extensively on the subject, whether the abovementioned book by Geoffrey Pearson – *Hooligans: a history of respectable fears* (1983) – the work by Eric Dunning, John Williams and Patrick Murphy – *The roots of football hooliganism: an historical and sociological study* (1988) – or the classic by Georges Rudé – *The crowd in history*. Moreover, as evidenced by the book's acknowledgments, the sociologist John Williams had read the manuscript prior to publication and made suggestions, which afforded the book academic legitimacy. In addition, Buford seemed to have carried out solid research, showing unquestionable comprehensive knowledge of the great theorists of *crowd psychology*, before including football fans in the paradigmatic roster of destructive drives.

Such data led the author to enhance the ethological and pathological explanations endorsed by *crowd psychologists* to understand the split identity of those individuals. Despite their integration into normal English society, in group the football fans were capable of giving vent to hatred and frustration, with racist, nationalist and xenophobic manifestations based on a mythology of virility. In describing in the second part of the book the National Front parties frequented by hooligans, Buford personally attested the close ideological links of football fans with the political guidelines of far-right movements, known at the time for their undeniable neo-Nazi traits.

The success of Buford's sports voyeurism and sensationalism resulted in a publishing boom in the English market of various kinds of similar accounts, from memoirs and autobiographies to fiction and film. The contemporary novelist John King wrote the novel *Football factory*, a book of almost four hundred pages about the world of a young Chelsea supporter and his group of peers, a work of fiction which would also enjoy a film adaptation.

Nick Hornby, screenwriter of *High fidelity* and Arsenal fan, published *Fever pitch*, internationally acclaimed and also adapted to film. Written like a journal, the book narrated his memories as an adolescent and young man in English

stadiums, divided into three periods: 1968-1975; 1976-1986; 1986-1992. The genre gained popularity as soon as hooliganism came under greater control in England, giving rise on the other hand to controversy regarding the glamorisation of fights in those autobiographical, literary and cinematographic works. They therefore contributed to the consolidation of a collective imagination about hooligans in Europe and in much of the world.

In the following decades, stimulated by the successful sales of books on football by scholars and journalists, as well as accounts of the experiences of supporters, football fans with links to hooliganism, many of them banned from stadiums, started writing their memoirs and publishing their experiences in stadiums. Such books, many of them drawing on sensationalism to impact readers with their raw narrative, generated a literary subgenre called 'hooli-lit', occupying entire bookshelves of English bookstores.

Returning to the academy, the upsurge of hooliganism in football in the second half of the 20th century challenged and put to the test the theory of the German sociologist Norbert Elias, adopted by the Leicester School in the area of sports. The manifestation of destructive and aggressive acts in stadiums ran counter to the evolutionary sense of containment of physical power and enhancement of self-discipline required of individuals in civilized life.

If Norbert Elias had broached the framework of his sociology of sport in the 1950s and 1960s, when the problem was only beginning to emerge, his epigones Eric Dunning, John Williams, and Patrick Murphy would address the apparent contradiction between the civilizing principles of sport and the unsportsmanlike behaviour of the radical minorities among British football fans. The initial considerations pondered the non-linearity of the direction taken by the course of civilization, itself subject to moments of *uncivilization*, in which the mechanisms of control over different segments of society reveal their managerial inefficiency or unequal incidence.

A different line of thought considered hooliganism as a social phenomenon that expressed tensions outside sport, only superficially intrinsic to it, using football to gain social visibility. The authors' diagnosis, based on historical survey, literature review and personal observations, identified the hard core of

hooligans as juvenile segments from the most deprived layers of the English working class.

The recurrence of the division between insiders and outsiders was noted in such excluded segments, who nurtured an aggressive and coarse style in which the prototype of manliness and virility was imposed both in fights and in offensive and often xenophobic and racist chants, aimed at denigrating rivals. The pleasure of attending a match was shifted by channelling energies into exciting strategies to evade police surveillance around stadiums and confront opponents, generally young people from the same social class.

One might say that thanks to institutional support and systematic studies, the interpretation endorsed by the Leicester School became hegemonic in between 1980 and 1990. However, in the face of the new reality of British football following the Taylor Report and the dissemination of studies on hooliganism, criticism of this school has also lately emerged, especially of the interpretative bias based on Elias's civilizing process theory.

Lack of space prevents this essay from advancing further in this direction. However, it should be noted that a new generation of researchers, such as Richard Giulianotti, Garry Armstrong and Geoff Pearson, has questioned Dunning and the application of this theoretical framework to explain the phenomenon of hooliganism. Rather than configurational sociology, they favour anthropological approaches derived from field work to capture nuances that escape sociological generalizations and concepts considered as problematic, such as that of 'civilization'.

Let us this issue for another opportunity...

* * *

BIBLIOGRAPHY

- ARMSTRONG, Gary. **Football hooligans**: knowing the score. London: Berg Publishers, 1998.
- BALE, John. **Sport, space and the city**. London: Routledge, 1993.
- BUFORD, Bill. **Among the thugs**. London: Harvill Secker, 1990.
- BUFORD, Bill. **Entre os vândalos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- COHEN, Stanley. **Folk devils and moral panic**. London: Routledge, 2002.
- DUNNING, Eric (Ed.). **The sociology of sport**: a selection of readings. London: Frank Cass, 1971.
- DUNNING, Eric; WILLIAMS, John; MURPHY, Patrick. **Hooligans abroad**: the behaviour and control of English fans in continental Europe. London: Routledge & Kegan Paul, 1984.
- DUNNING, Eric; WILLIAMS, John; MURPHY, Patrick. **The roots of football hooliganism**: an historical and sociological study. London: Routledge & Kegan Paul, 1988.
- DUNNING, Eric; WILLIAMS, John; MURPHY, Patrick. **Football on trial**: spectator, violence and development in the football world. London: Routledge, 1990.
- DUNNING, Eric. **Sport matters**: sociological studies of sport, violence and civilization. London: Routledge, 1999.
- DUNNING, Eric; MURPHY, Patrick; WADDINGTON, Ivan; ASTRINAKIS, Antonios E. **Fighting fans**: football hooliganism as a world phenomenon. Dublin: University College Dublin Press, 2002.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric (Eds.). **Quest for excitement**: sport and leisure in the civilizing process. London: Basil Blackwell, 1986.
- FROSDICK, Steve; MARSH, Peter. **Football hooliganism**. Portland: Willian Publishing, 2005.
- GIULIANOTTI, Richard; WILLIAMS, John (Eds). **Game without frontiers**: football, identity and modernity. Cornwall: Arena, 1994.
- GIULIANOTTI, Richard; BONNEY, Norman; HEPWORTH, Mike (Eds.). **Football, violence and social identity**. London: Routledge, 1994.
- GIULIANOTTI, Richard. **Sport and modern social theorists**. London: Palgrave, 2004.
- HORNBY, Nick. **Fever pitch**. London: Victor Gollancz, 1992.
- JONES, Paul. "Moral panic: the legacy of Stan Cohen and Stuart Hall". In: **Media International Australia**. Volume 85, issue 1, 1997, p. 6-16.
- KING, Anthony. **The end of the terraces**: the transformation of the English football in the 1990s. Leicester: University Press, 2002.
- KING, John. **The football factory**. London: Johnatan Cape, 1996.

- MALCOM, Dominic; WADDINGTON, Ivan (Eds). **Matters of sport**: essays in honour of Eric Dunning. London: Routledge, 2008.
- MARSH, Peter; ROSSER, Elizabeth; HARRÉ, Rom. **The rules of disorder**. London: Routledge & Kegan Paul, 1978.
- MORRIS, Desmond. **The soccer tribe**. London: Jonathan Cape, 1981.
- PEARSON, Geoff. **An ethnography of English football fans**: cans, cops and carnivals. Manchester: University Press, 2012.
- PEARSON, Geoff; SCOTT, Clifford. **Football hooliganism**: policing and the war on the English disease. London: Pennant Books, 2007.
- PEARSON, Geoffrey. **Hooligan**: a history of respectable fears. London: Macmillan, 1983.
- RUDÉ, Georges. **The crowd in history**: a study of popular disturbances in France and England, 1730-1848. London: Serif, 2005.
- TAYLOR, Ian. "Football mad: a speculative sociology of football hooliganism". In: DUNNING, Eric (Ed.). **The sociology of sport**. London: Frank Cass, 1971.

* * *

Recebido para publicação em: 23 abr. 2020.
Aprovado em: 08 jul. 2021.

Duas canções de futebol em Moçambique

Two Football Songs in Mozambique

Elídio Nhamona

Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, Moçambique
Doutor em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, USP
elidionhamona@yahoo.com.br

RESUMO: O texto traduz e analisa duas canções que abordam o futebol em Moçambique. Uma das letras, “Prefiro ir ao futebol”, de Alexandre Langa, embora possua o título em português, foi composta em xichangana. E a outra, “Matateu”, de Gonzana, o texto é em xirhonga, ambas línguas africanas de origem bantu.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Canção de futebol; Cultura popular.

ABSTRACT: The text translates and analyzes two songs that approach football in Mozambique. One of the lyrics, “Prefiro ir ao futebol”, by Alexandre Langa, although it has the title in Portuguese, was composed in Xichangana. And the other, “Matateu”, by Gonzana, the text is in Xirhonga, both African languages of Bantu origin.

KEYWORDS: Football; Football Song; Popular Culture.

A seguir, apresentam-se duas canções, “Prefiro ir ao futebol” e “Matateu”, de Alexandre Langa e Gonzana, respectivamente, que relatam as destrezas das equipas e dos jogadores de futebol moçambicanos em suas letras. Essas músicas abordam certa fascinação pelo jogo e pelos jogadores por parte do público, criando mitos sobre os poderes sobrenaturais que estes supostamente possuíam.

Em *Prefiro ir ao futebol* (1984),¹ álbum de Alexandre Langa (1943-2003), nascido em Chibuto, província de Gaza, aborda-se o contagiante ambiente do jogo. O período destacado pelo cantor é entre 1975 e 1984, ano no qual o disco foi lançado, momento de euforia em relação à recente independência política, porque as equipas eram nacionais e compostas por compatriotas. Nesse período, o desporto esteve em alta, quer nas escolas, através da chamada "ginástica massiva" e do desporto escolar, quer no desporto profissional.

¹ O vinil possui dez faixas: A1. Prefiro ir ao futebol A2. Catarina A3. Ndzitsikeni A4. Nwamuheze A5. Tihuku ta kokwana B1. Utatissola B2. Salanine B3. Instrumental B4. Mpufuga B5. Ngoma ya malolo.

Embora o título seja em português, a música “Prefiro ir ao futebol” é interpretada em xichangana,² falada no sul de Moçambique, nas províncias de Maputo e Gaza, por 1.660.319 de moçambicanos. Tem como variantes o xihlangu, xidzonga, xin'walingu, xibila e xihlengwe.³ Langa usa termos consagrados em xichangana para o desporto, assim como alguns idiofones que refletem o som da bola ao ser encaixada ou chutada pelos jogadores.

Avandzela va psali va mina...
 Vakhu utayikoka ya kutsaya
 Vanidyelile vapsali va minooo!
 Vaku tayi koka ya kutsaya
 Ndzhietile malembe yaku taloooo
 Nanifunda aku tsaya ka viyola
 Ndzhietili nkama waku talooo!
 Ndzifundela aku tsaya ka viyola
 Autsayi la mina la maviyola
 Lini ndzulute ntsiga konhe
 Autsayi la mina la maviyola
 Lini ndzulute ni tsitsi
 Autsayi la mina lama viyola lini ndzulute ndzundoooo!
 Svayampska akuhela ka viki ndziyabukela avakavi va bola (2x)
 Nitayabukela Precioso loko atitlanguela bola la yena
 Nitayabukela Joaquim João loko akuli biiii! a bola la yena
 Nitayabukela Maxaqueñe loko atitlanguela bola la yena
 Nitayabukela Nuro Americano loko akuli katla a bola la yena
 Nitayabukela Textáfrica loko atitlanguela bola la yena
 Nitayabukela José Luís loko akuli katla a bola la yena
 Nitayab'ukela Costa do Sol loko atitlanguela bola la yena
 Nitayab'ukela Mwatopi loko va ku li biiii! bola lavona
 Namuntla
 Ta kunpfanooo! (6x)
 Amunkuku leyi
 Yaguabanoood! (4x)
 Swayampska akuhela ka vhiki niyabukela avakave va bola! (3x)
 Yaguabanoood! (2x)
 Amunkuku leyi
 Yaguabanoood! (2x)

Em tradução livre, diz:

Disseram os meus pais
 Que eu ia padecer por causa de tocar
 Fiquei muitos anos a aprender a tocar viola
 Estou a passar mal, diferente dos jogadores

² Música “Prefiro ir ao futebol” disponível em: <https://bit.ly/3EI7WyK>.

³ NGUNGA; FAQUIR. *Padronização da ortografia de línguas moçambicanas*, 2011, p. 225.

Vale a pena no final de semana ir ver os mestres da bola
 Vou aplaudir Precioso quando joga a bola
 Vou aplaudir Joaquim João quando chuta aquela bola
 Vou aplaudir o Maxaqueune quando joga a bola
 Vou aplaudir o Nuro Americano quando encaixa a bola
 Vou aplaudir o Textáfrica quando joga a bola
 Vou aplaudir o José Luís quando encaixa a bola
 Vou aplaudir o Costa do Sol quando joga a bola
 Vou aplaudir Mwatopi quando bate na bola.
 Hoje vai o jogo será sério
 Os galos vão lutar duro.

Alexandre Langa comenta que seus pais já tinham o alertado para que não dedicasse muito tempo à música, particularmente à viola. E, hoje, reconhece que eles tinham razão, porque está a passar maus bocados. O conselho foi dado pelos pais no período colonial. O cantor, por pertencer à uma sociedade na qual as pessoas se comunicam oralmente, ouve os conselhos dos pais como argumento de autoridade, devendo obedecer, pois eles são os representantes fiéis dos seus ancestrais. Por não os ter obedecido, as consequências vieram. Deste modo, lamenta não ter seguido os conselhos de seus pais e a consequente desgraça actual.



Capa do disco *Prefiro ir ao futebol*, de Alexandre Langa.

Por outro lado, inveja a fama, o talento e o bem-estar dos jogadores. Deste modo, compara o jogo renhido de futebol com a luta entre galos, na qual somente os mais fortes vencem. Apesar do forte nacionalismo na época, nem todas as artes foram valorizadas. A marrabenta e os seus cultores foram "marginalizados" porque eram considerados "burgueses". Para piorar a situação, havia falta de material de

trabalho e uma profunda crise económica, decorrente da luta contras tensões da guerra fria, da luta contra o Apartheid, falta de alimentos e início de uma guerra civil. A situação de penúria de Alexandre Langa, por conseguinte, também afectava outros músicos, como Fany Mpumo (1929-1987).⁴

Para Alexandre Langa, valia a pena ir assistir ao futebol para ver os exímios jogadores em plena atuação. Por isso, o cantor relata o ritmo contagiente das partidas de futebol, as brilhantes jogadas, os jogadores da época, como Joaquim João e Nuro Americano. Canta também as suas equipas preferidas: Maxaquene, Tex-táfrica e Costa do Sol.

“Matateu” (1998)⁵ é o título da música cantada em xirhonga por Gonzana, nome artístico de Hassíade Múmino (1932-2006), presente no álbum *Massoriana* (1998).⁶ Gonzana foi membro do famoso grupo João Domingos. O tema da canção é o jogador do Belenenses, Sebastião da Fonseca Lucas, conhecido como Matateu (1927-2000). Gonzana narra que um dia uma bola veio saltitando ao seu encontro, a pedir que o cantor a escondesse, pois tinha medo do potente remate do jogador. Aqui, as bolas ganham vida, falam e pedem ajuda ao cantor para fugirem de Matateu. No dito popular, dizia-se que o remate do jogador do Belenenses era capaz de matar o adversário. A canção é entoada em xirhonga, língua falada nas províncias de Maputo, Gaza e Inhambane por 239.309 falantes.⁷

Na íntegra, a letra da canção é a seguinte:

Solo: Nivhoni a bola nadzitlulatluleka. (2x)
 Dzitedzoni vhona dzibuya ku mini.
 Dziku ni tumbete ndzitsava Matateu.
 Coro: Ndzhivoni abola nadzitlulatluleka. (2x)

Dzitedzoni vhona dzibuya ku mini.
 Dziku ni tumbete ni tsava Matateu.
 Solo: Mabola hinkwawooo! ya le Portugal... (2x)
 Loko makhumbuka nengue wa Matateu
 Svalhamalisa ka matiko hinkwawu.
 Loko va dzimuka vito dza Matateu ahidzidzuniseni vito dza nwayana lweyi.
 Coro: Nivoni abola na dzitlulatluleka.
 Nivoni abola nadzitlulatluleka.

⁴ LARANJEIRA. *Marrabentas*, p. 129-34.

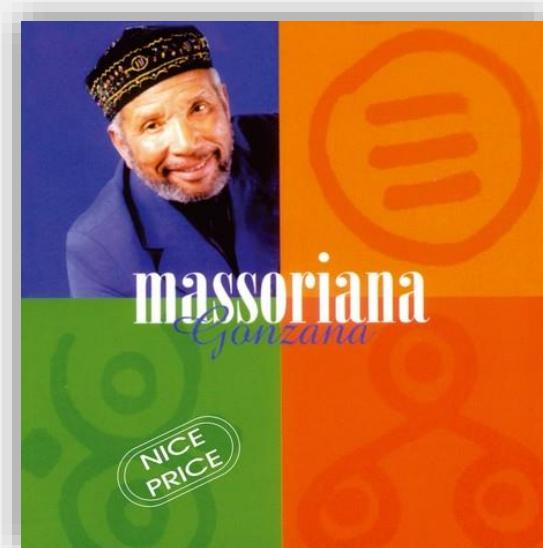
⁵ Música “Matateu” disponível em: <https://bit.ly/3rOKeMe>.

⁶ O CD possui dez faixas: 1. Massoriana 2. Elisa Mavai 3. Bibiba 4. Mogudine 5. As garotas 6. Loconianguila 7. Nioni Iní 8. Telefone 9. Matateu 10. Diga a ela.

⁷ SOPA. *A alegria é uma coisa rara*, p. 128-132.

Dzite dzinivhona dzibuya ku mini
Dziku ndzitumbete nitsava Matateu.
Solo: Mabola ya Benfica ni mabola ya Sporting.
Loko makhumbuka vito dza Matateu.
Mabuya kumini na mazvu zvumela
Maku hitumbete hitsava Matateu.
Coro: Ndzi vhoni a bola na dzitlulatluleka. (2x)
Dzitedzoni vhona dzi buya ku mini
Dziku ndzitumbete ndzitsava Matateu.
Solo: Ndzivoni abola nadzitlulatluleka. (2x)
Dzitedzoni vhona dzibuya ku mini.
Dziku ndritumbete ndzitsava Matateu.
Coro: Ndzivoni abola nadzitlulatluleka. (2x)
Dzitedzoni vhona dzibuya ku mini.
Dziku ndzitumbete nitsava Matateu.
Muhami muka djini.
Mutsali wa "Nkentxe Nkentxe".
Ungadrighaduli mamana wanga wa munwe.
Hiya ka ti nhenga tabola. Wa liyo ha nidu!
Coro: Va nghana va Matateu.
Solo: Nwa Xiphana Narcina Abdul
Coro: Va nghana va Matateu
Solo: Issufo Pesado
Coro: Va nghana va Matateu
Ronil
Coro: Va nghana va Matateu
Nakil Cesar Simões
Coro: Va nghana va Matateu
Va nghana va Matateu
Solo: Naskin
Fruela
Coro: Va nghana va Matateu
Solo: Rafael Banze
Afonso Bonguana
Coro: Va nghana va Matateu
Rosário Kanfun
Coro: Va nghana va Matateu
Ibrahim
Mwa xi ghanga
Coro: Va nghana va Matateu
Solo: Abdul Gafur Mutsini
Va nghana va Matateu
Solo: Carlos Ximovhana
Usumani Sabu
Coro: Va nghana va Matateu
Mario Simoēs Mama tak Osan
Coro: Va nghana va Matateu
Solo: Bai Hamina Domingos Arouca
Coro: Va nghana va Matateu

Solo: Bebe Albazini
Herinque Brandão
Coro: Va nghana va Matateu
Vicente Gangara Zezé Craveirinha
Coro: Va nghana va Matateu
Romeu Germano Massimbi
Coro: Va nghana va Matateu
Solo: Fica Issufo Thunbwa Tano
Va nghana va Matateu
Solo: Aluar Ismael Saida Amina
Coro: Va nghana va Matateu
Solo: Abdul Casil Skandar
Coro: Va nghana va Matateu
Solo: Niva nwana Niva nwana Niva nwayani lava vanga sala
Coro: Va nghana va Matateu
Va nghana va Matateu.⁸



Capa do disco *Massoriana*, de Gonzana.

A tradução da letra, sem transcrever suas repetições, é a seguinte:

Vi a bola a saltitar e essa bola vinha na minha direcção
A pedir que lhe esconda porque tinha medo de Matateu
Todas as bolas que lembram do pé de Matateu
O mundo todo fica admirado
As bolas do Benfica e as bolas do Sporting de Portugal
Vem ter com o cantor para que lhes possa esconder

⁸ Agradeço a Albino Fernando Macuacua pelo precioso apoio na tradução e interpretação das canções de Alexandre Langa e Gonzana.

Quando as pessoas lembrarem seu nome deve ser louvado
Escritor de "Nkentxe Nkentxe", não me enganes, a minha mãe é única
Aqueles amigos da bola
Os amigos de Matateu
Nwa Xiphana
Narcina Abdul
Os amigos de Matateu
[...]



Grupo João Domingos. fonte: sopa, 2014, p. 286.

Os versos da canção falam do excelente Matateu, goleador que causou admiração em todo mundo pela espetacular forma de jogar a bola, sobretudo em Portugal, quer seja contra o Benfica ou o Sporting, melhores equipas da época. Para além de falar de Matateu, seu amigo recorda outros 32 nomes da Associação de Futebol Africana (AFA), considerados colegas de Matateu, dentre os quais Iassine Abdul, Isufo Pesado, Massiquinha, Abdul Gafur, Henrique Brandão, Abdul Kadir Skandar e José Craveirinha. É preciso lembrar que Matateu pertenceu ao Clube Desportivo João Albasini, afiliado da AFA.

Gonzana recorda numa entrevista que nesse período os jogadores atuavam por amor ao desporto. Quando Matateu tornou-se famoso, escutava frequentemente suas atuações pelos relatos da Emissora Nacional. A canção “Matateu” era muito popular nas décadas de 1950 e 1960, seus feitos eram cantados nos recreios, enquanto

as crianças jogavam a corda. A canção faz referência ao letrista da canção "Nkentxe Nkentxe", que foi regravada pelo cantor Wazimbo no álbum *Makwero* (1998). O ambiente do período e os nomes citados mostram que a cultura física, ligada aos desportos, estava associada à cultura intelectual. Muitos dos referidos na listagem do cantor são artistas e profissionais liberais em diversos sectores da sociedade colonial e, por isso, compunham uma elite culta da época.⁹

* * *

REFERÊNCIAS

- GONZANA. Matateu. In: **Massoriana**. Vidisco Moçambique, 1998 (CD). Disponível em: <https://bit.ly/3rOKeMe>.
- LANGA, Alexandre. **Prefiro ir ao Futebol**. Ngoma, 1984 (vinil). Disponível em: <https://bit.ly/3EI7WyK>.
- LARANJEIRA, Rui. **Marrabenta**: evolução e estilização (1950-2002). Maputo: Minerva print, 2014.
- MIGUEL, Amâncio. **Marrabentar**: vozes de Moçambique. Maputo: Marambique, 2005.
- NGUNGA, Armindo; FAQUIR, Osvaldo. **Padronização da ortografia de línguas moçambicanas**: relatório do II seminário. Maputo: Centro de Estudos Africanos-UEM, 2011.
- SOPA, Antonio. **A Alegria é uma coisa rara**: subsídios para a história da música popular urbana em Lourenço Marques (1920-1975). Maputo: Marimbique, 2014.

* * *

Recebido para publicação em: 29 mar. 2022.
Aprovado em: 07 abr. 2023.

⁹ Informação dada por Sara Miguel Saranga em entrevista em 23 set. 2021.

Futebol de mulheres na Alemanha: entrevista com Ana Kazz

Women's Football in Germany:
Interview with Ana Kazz

Elcio Loureiro Cornelsen

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Doutor em Germanística, Freie Universität Berlin
emcor@uol.com.br

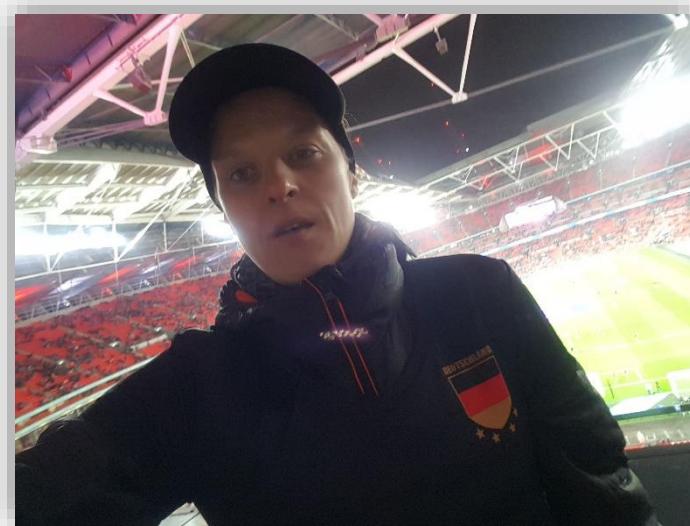
RESUMO: Entrevista com Ana Kazz, jornalista, atleta, estrategista digital e esportiva, Mestre em Desenvolvimento Esportivo, abordando o futebol de mulheres na Alemanha. Ana Kazz avalia o interesse do público alemão pelo futebol de mulheres, apresenta similaridades na história e no desenvolvimento da modalidade em comparação com o Brasil, nos conta também sobre sua vivência como torcedora nas arquibancadas, e nos fala sobre a relação da mídia e do marketing com o futebol de mulheres na atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol; Mulheres; Alemanha; Gênero; Memória.

ABSTRACT: Interview with Ana Kazz, journalist, athlete, digital and sports strategist, Master in Sport Development, addressing women's football in Germany. Ana Kazz assesses the interest of the German public in women's football, presents similarities in the history and development of the sport compared to Brazil, also tells us about her experience as a supporter in the stands, and tells us about the relationship between media and marketing with women's football today.

KEYWORDS: Football; Women; Germany; Genre; Memory.

Ana Kazz é jornalista com graduação e MBA em Marketing, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e mestra internacional de desenvolvimento esportivo pela Universidade Alemã do Esporte, em Colônia, Alemanha. Acumula ampla experiência na área esportiva, na gestão de mídias digitais e planejamento estratégico, com passagens pelo Tour do Rio, GFNY Brasil, Comitê Olímpico Brasileiro (COB), World Rowing e UCI Gran Fondo Rio. Pesquisa desenvolvimento de marca pessoal de atletas, especialmente de jogadoras de elite de futebol. O seu estudo comparativo entre jogadoras das seleções brasileira e alemã foi apresentado em seminários de universidades na Suíça, Bélgica e Inglaterra. Atualmente usa a estrutura da pesquisa para ampliar conhecimento sobre o processo de marca pessoal de jogadoras brasileiras com realização de *workshop* em parceria com a Federação Paulista de Futebol (FPF) em 2020. Também é editora do livro *Women's Football in Latin America/Brazil* juntamente com Jorge Dorfman Knijnik, da editora Springer/Palgrave Macmillan, a ser lançado em 2022: um dos pioneiros sobre futebol feminino em língua inglesa e o primeiro desta grande editora.



Preparada para torcer pela seleção alemã em amistoso contra a Inglaterra no estádio de Wembley em 9 de novembro de 2019.

Elcio Cornelsen: Ana, primeiramente, gostaria de agradecer a você pela disponibilidade em conceder esta entrevista. Sem dúvida, será uma contribuição significativa em termos de divulgação da prática do futebol de mulheres na Alemanha. Para iniciar esta conversa, eu gostaria que você falasse sobre a tua paixão pelo futebol de mulheres e, em especial, sobre a tua paixão pela equipe feminina do VfL Wolfsburg.

Ana Kazz: Elcio, fico muito honrada pelo convite. É com prazer que participo desta entrevista. Sou fã de atletas mais do que de times. Sendo assim, fui atraída pelo VfL Wolfsburg principalmente pela admiração que tenho não somente pela Alexandra Popp mas também por outras jogadoras talentosas do clube. Além disso, gosto da forma como o clube lida com o futebol jogado por mulheres com uma estrutura de primeira linha em diversas dimensões, incluindo a comunicação com o público. Durante minha pesquisa de mestrado, não me decepcionei com o VfL Wolfsburg que, apesar de ser o time no. 1 da Bundesliga e reunir naquela época grande parte das melhores jogadoras alemãs, me deu todo o suporte para que duas jogadoras do time (também da seleção alemã) participassem do meu estudo sobre construção de marca pessoal de jogadoras.

Como você avaliaria a paixão do alemão pelo futebol? Essa paixão se estenderia também ao futebol de mulheres?

A paixão pelo futebol praticado por homens tem uma intensidade semelhante à que existe no Brasil, porém minha opinião pessoal é de que, quando se trata do futebol de mulheres, o

fanatismo é menor. É inevitável a comparação com o Brasil, onde, depois de décadas de esquecimento, o futebol de mulheres é acompanhado por uma gigante e fanática torcida com crescentes recordes de público (enquanto isto era permitido) e uma audiência engajada e apaixonada. Na Alemanha, um país com a seleção há longa data entre as top 3 FIFA que sediou uma Copa do Mundo FIFA de Futebol Feminino (2011), a média de público é decrescente (às vezes estável) e os fãs menos intensos e apaixonados. Em suma, a paixão do alemão pelo futebol praticado por homens me parece ser mais intensa e institucionalmente fomentada do que pelo futebol praticado por mulheres.

Conte um pouco sobre a história do futebol de mulheres na Alemanha. Você veria similaridades com a história do futebol de mulheres no Brasil?

O início da história do futebol lá é semelhante a de outros países europeus industrializados. As mulheres – principalmente de classes populares geralmente aquelas que trabalhavam em fábricas – começam a jogar futebol atraindo visibilidade, público e a reação da sociedade patriarcal conservadora que as

afasta dos campos ora de forma hostil (ridicularizando-as), ora usando argumentos benevolentes (onde o belo e frágil ‘corpo’ feminino tem sua saúde ameaçada por esportes brutos e de combate). O mesmo aconteceu no Brasil entre 1930 e 1940. Com a ascensão de regimes totalitaristas, os dois países proíbem a presença delas nos campos de futebol. Uma peculiaridade da Alemanha que não pode ser aplicada ao Brasil é o *boom* do futebol de mulheres no período de guerras mundiais: quando homens saiam para lutar, as mulheres literalmente entram em campo. Depois das guerras, a Alemanha foi dividida com histórias distintas no lado ocidental e oriental. Enquanto os ‘capitalistas’ proibiam o futebol por meio da Confederação Alemã de Futebol (DFB), os ‘comunistas’ não proibiram, mas também não incentivaram. O argumento do ocidente provavelmente se embasava na defesa da posição protagonista do homem (e da sociedade patriarcal) no futebol enquanto do oriente era que não valia à pena investir em algo que renderia somente uma medalha olímpica. Mesmo com proibições, tanto no Brasil quanto na Alemanha Ocidental, as mulheres seguiram jogando e não deixaram (a muito custo) a chama se apagar. A

proibição da Alemanha Ocidental caiu antes da brasileira. Enquanto a primeira era aplicada por órgão esportivo, a outra era pelo Estado criminalizando a prática de futebol por mulheres. O retorno das alemãs ocidentais foi intenso e com suporte do DFB que estruturou competições de elite (em diferentes níveis) e fomenta a base além de atrair grandes torneios para o país. No Brasil, somente há pouco tempo (literalmente há meses) que a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) me pareceu ‘levar o futebol de mulheres à sério’. As histórias se cruzam e existe oportunidade de aprender com os impasses e progressos de cada lado. Não acredito que existe um ‘futebol mais desenvolvido’ na Europa e outro ‘menos desenvolvido’ na América do Sul. Nossa crescente no Brasil me parece ser muito mais apaixonada e intensa. A visibilidade da modalidade por aqui tem sido massiva. Nosso Museu do Futebol há anos retrabalhou o arco narrativo de sua exposição principal para incluir a mulher em todas as fases da história do futebol enquanto o Museu Alemão do Futebol ainda fala do futebol praticado por mulheres em pequeno espaço secundário. Por outro lado, o DFB e toda a pirâmide do sistema esportivo alemão acolhe a mulher

da base à elite com acesso e possibilidades de evolução da atleta muito melhor estruturados do que aqui. Nessa discussão, Brasil e Alemanha oferecem insights interessantes de como promover um crescimento sustentável da modalidade em diferentes dimensões.



Final da Bundesliga em 19 de maio de 2018: um clássico entre VfL Wolfsburg e Bayern München no estádio RheinEnergie em Colônia.

Que atleta alemã do futebol de mulheres em atividade na Alemanha você destacaria?

Popp! Claro. Uma atacante de talento e personalidade ímpares. Destaco não só pela atuação em campo mas fora dele lutando contra preconceitos e discutindo assuntos importantíssimos para quebrar barreiras e fomentar o fortalecimento do futebol praticado por mulheres. Além disso, é a capitã da seleção e uma líder admirável.

Você, que viveu longos anos na Alemanha, teve oportunidade de acompanhar partidas de clubes de futebol de mulheres no Vale do Ruhr?

Claro! Ia a todas que podia. Pegava o trem e visitava desde cidades muito pequenas até maiores para ver as 'lobas' em ação. Todas as vezes em estádios secundários e com público que não passava das mil pessoas. Ficava pensando sobre como estas ídolas ficam próximas do público. A gente acompanhava as meninas de muito perto. Foram experiências interessantes! Pela cultura alemã do futebol regional com cervejas e sanduíches de salsicha com tempero local e pelos fãs do futebol onde, assim como no Brasil, homens sabichões e apaixonados pela modalidade, criticam o jogo como se fossem os donos da sabedoria futebolística.



Encontro com a craque Alexandra Popp no jogo da Bundesliga entre Bayer Leverkusen e VfL Wolfsburg em 29 de novembro de 2019 no campo secundário do anfitrião em Leverkusen

As rivalidades clubísticas presentes no futebol praticado por homens se estabelecem de modo similar no âmbito do futebol de mulheres? E há especificidades no modo de torcer?

Não. No futebol feminino no geral, e por experiência própria, as rivalidades são mais brandas se é que sequer existem. Isso vale para Santos e Palmeiras, Flamengo e Fluminense, Alemanha e Inglaterra e também para times da Bundesliga Alemã. Existe um senso de solidariedade e de

amizade (características bastante associadas ao gênero feminino) entre torcedores e jogadoras. É único e por isto adoro o clima do futebol feminino e nada gosto do que tem sido o *default* no masculino. Tive a honra de assistir ao amistoso Alemanha e Inglaterra em Wembley num estádio lotado onde o recorde de público europeu foi batido. Estava no meio dos milhares de ingleses torcendo para a Alemanha quando a Popp fez um gol em seu primeiro jogo após se recuperar de uma grave lesão. Gritei de alegria e depois me dei conta do ambiente que me cercava. Pedi desculpas e tudo seguiu tranquilamente. Se fosse uma partida jogada por homens poderia ter apanhado muito numa situação semelhante.

Você vê potencial na Kreisliga com a integração de novos clubes de futebol de mulheres, como o Borussia Dortmund e o Schalke 04?

Eu acho que pode dar uma inflada com estes grandes nomes, mas não estou convencida de que fará bem à liga. Afinal, são clubes enormes com marcas mundialmente

conhecidas entrando num contexto regional. E, independente disso, é uma pena que tenham começado tão tarde.



As 'lionesses' recebem a seleção alemã em amistoso no dia 9 de novembro de 2019 no estádio de Wembley onde o novo recorde de público europeu foi estabelecido com 77.768 espectadores

Como você avalia a relação da mídia com o futebol de mulheres na Alemanha?

Os canais mais populares de TV aberta na Alemanha são estatais e oferecem janelas regulares para mostrar o futebol praticado por mulheres (seleção e partidas decisivas da Bundesliga). Então tem uma visibilidade nestes canais para uma certa

categoria de jogo. Mas no geral é o mesmo problema de outros países com cobertura mínima para esportes praticados por mulheres e, além disso, com um tom que não raramente tira o talento esportivo e a performance das jogadoras do centro do palco enquanto outros temas como família, corpo sensual entre outros protagonizam. Na verdade, tanto lá quanto aqui a mídia está aprendendo a lidar com a presença massiva das mulheres no esporte e isto quer dizer muita coisa. Desde dar a visibilidade merecida até rever honestamente preconceitos e encontrar formas de não perpetuá-los.

Fale um pouco sobre o boom para o futebol de mulheres após o Campeonato Mundial de 2019.

Sabe fazer a coisa certa, na hora certa? Foi isto que a FIFA fez na forma que promoveu e organizou este campeonato de alto nível. Foi um belo show para uma população mundial ávida pela emancipação feminina (e isto inclui políticos e empresários igualmente ávidos para ganhar poder e criar mercados apoiando esta causa). Então juntou tudo, estourou e, em alguns países como o Brasil, seguimos numa entusiasmada crescente.

A FIFA WWC 2019 mostrou para todos que vale à pena criar um belo palco para mostrar o talento do futebol de mulheres e cabe a cada indivíduo ou coletivo expandir oportunidades geradas por este evento. O esporte é um meio para atingir objetivos maiores do que o próprio esporte. Por meio do futebol de mulheres temos a oportunidade de discutir e criar uma sociedade mais justa para todos.



A ‘grande família’ de brasileiros e italianos em pleno esquenta para o jogo da Copa do Mundo FIFA de Futebol Feminino no dia 18 de junho de 2019 em Valenciennes.

Em que medida o futebol de mulheres demanda um novo modelo de negócios e representa um potencial de inserção da mulher no contexto do futebol de maneira ativa?

O futebol de mulheres tem diferenciais que o de homens não tem. O futebol de mulheres é mais colaborativo, mais autêntico, menos pasteurizado, menos violento, com ídolos acessíveis, um lugar muito mais seguro para toda a família, que pode ser patrocinado por valores menos astronômicos, com fãs engajados e apaixonados e com diversas oportunidades de se experimentar futebol de forma única. É diferente e acredito ser um desperdício não investir nesta singularidade. Um exemplo é o fã: já convencido de que não pode contar com meios de comunicação de massa para se manter informado é altamente ativo em sites, redes sociais entre outros. São perfis e atitudes diferentes. Precisamos de pesquisa de mercado e acadêmica que revele estas singularidades para fomentarmos uma postura diferente de gestores e investidores da modalidade. Na minha opinião, é fundamental que a presença feminina vá além do campo e esteja na equipe técnica, em cargos de liderança de organizações esportivas, na mídia, entre patrocinadores e

pesquisadores. O potencial é enorme e as mulheres podem e devem se apropriar deste espaço.

Ana, agradeço imensamente pela concessão da entrevista.

Foi um prazer. Obrigada pela oportunidade!



Em jogo da Copa do Mundo de Futebol Feminino, 2019, com Érika Cristiano e Tamires de Britto, craques do Corinthians e da seleção brasileira que inspiraram Ana Kazz a pesquisar o mundo do futebol feminino.

Recebido para publicação em: 11 ago. 2021.
Aprovado em: 17 out. 2021.

* * *

Pelé, Moçambique e a densidade simbólica dos selos postais¹

Pelé, Mozambique and the Symbolic Density of Postage Stamps

Diano Albernaz Massarani

Doutor em Antropologia, UFF, Niterói/RJ
diano_am@yahoo.com.br

RESUMO: As emissões postais de Moçambique merecem atenção destacada por parte dos filatelistas especializados em selos do Pelé, não apenas pelo volume de itens, mas, principalmente, pela diversidade estética e temática, demonstrando a riqueza simbólica do Rei Pelé.

PALAVRAS-CHAVE: Pelé; Selos postais; Moçambique; Futebol e linguagem.

ABSTRACT: Mozambique's postal issues deserve special attention from philatelists specializing in Pelé stamps, not only because of the volume of items, but mainly because of the aesthetic and thematic diversity, demonstrating the symbolic richness of King Pelé.

KEYWORDS: Pelé; Post Stamps; Mozambique; Football and Language.

- Você coleciona selos?
- Sim, selos de esportes.
- Já tem o selo do Pelé?

Talvez não seja exagero insinuar que todo filatlista da temática de esportes no Brasil já experimentou o diálogo acima. O “selo do Pelé” se refere à emissão postal de 28 de novembro de 1969 em comemoração ao milésimo gol de sua carreira. Não é raro que a sequência da conversa venha com a afirmação de que o selo em questão comete um equívoco ao retratar Pelé com o uniforme da seleção brasileira, visto que o feito foi alcançado em uma partida que terminou com a vitória do Santos Futebol Clube, em que Pelé atuava, sobre o Clube de Regatas Vasco da Gama, pelo placar de 2 a 1, no dia 19 de novembro de 1969. Ocorre que os selos postais são produtos oficiais e, naquele então, tinham os processos de seleção dos temas e elaboração dos *designs* estritamente controlados por agentes e instituições atreladas ao governo nacional. Por si só, esse caráter oficial é um fator que suscita o questionamento sobre se a incorporação do uniforme da seleção brasileira no selo comemorativo ao gol 1000 de Pelé não teria se apresentado como uma escolha consciente e motivada.

¹ Fonte: <http://mozambique.post-stamps.com>.

Os questionamentos desta ordem ganham contornos mais delimitados diante da observação de que os investimentos materiais e simbólicos no futebol visando a estimular o sentimento de integração nacional se multiplicaram durante o governo do presidente Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), através de estratégias como o financiamento para a construção de estádios nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste; o desenvolvimento de infraestrutura de telecomunicações para possibilitar a transmissão televisiva de partidas da seleção brasileira para todas as regiões do país; a instituição da Loteria Esportiva Federal; a organização de torneios como Campeonato Brasileiro de clubes e a Taça Independência de 1972 de selecionados representando nações. Neste cenário, longe de ser um equívoco histórico ou uma aleatoriedade, a escolha por incluir o uniforme da seleção brasileira no selo em comemoração ao milésimo gol de Pelé envolve alguns temas que já ocupam espaços significativos nas Ciências Sociais há décadas, como os aspectos simbólicos da nação e os valores compartilhados no contexto do Governo Médici, e outros que passaram a ganhar mais atenção recentemente, como o potencial comunicativo dos selos postais e a produção de representações sobre Pelé.

Se uma mistura de curiosidade filatélica e intuição antropológica permite vislumbrar tamanha densidade simbólica em um único selo do Pelé, o vislumbre se eleva a novas potências

quando se vai descobrindo, paulatinamente, que o universo de emissões postais que representam Pelé se estende pelo mapa-múndi e pelas décadas. Se estende a tal ponto que se torna desafiador para um filatelista ser especializado em selos do Pelé. Não menos desafiadora é a possibilidade de se abordar os selos encontrados como objetos de estudo para discutir a complexa e conflituosa circulação de representações sobre Pelé, pois para cada questão polêmica específica que atravessa a sua imagem parece haver uma emissão postal a aguçar o pensamento.

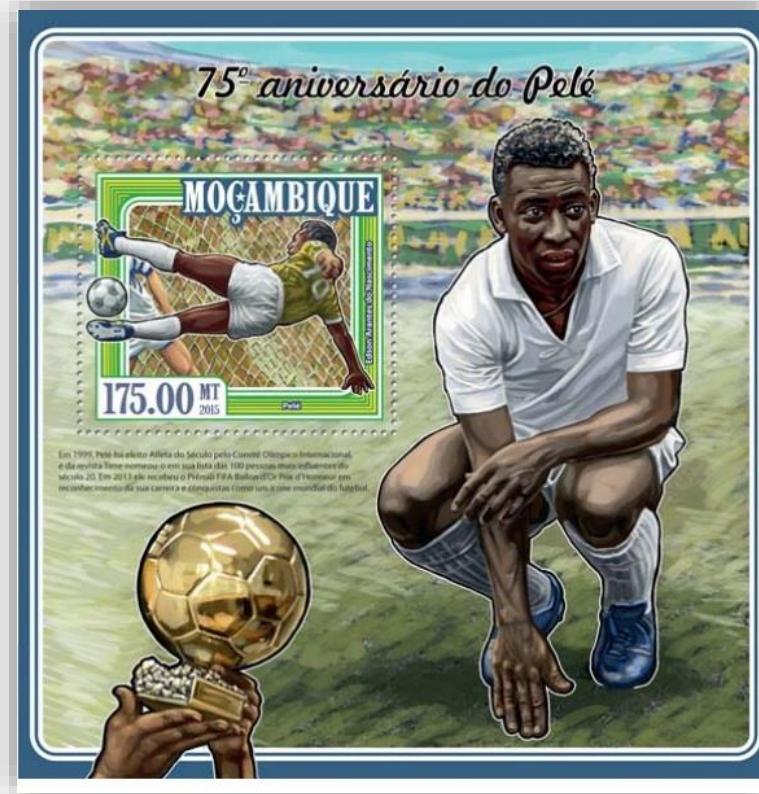
Para pensar a questão das representações sobre Pelé como inimigo das crianças, devido a empresas com o seu nome terem sido acusadas, nos anos 1990, de desviar recursos que seriam destinados a um evento do UNICEF em prol de crianças carentes, há uma peça filatélica de Pelé emitida por Djibouti, em 1979, em comemoração ao Ano Internacional da Criança. Para pensar a questão das representações sobre Pelé como símbolo de repressão, devido a suas ações que em certos contextos são classificadas como subservientes ao regime civil-militar nas décadas de 1960 e 1970, há uma peça filatélica de Pelé emitida por Guiné, em 2008, como parte de uma série dedicada aos nomes honrados com o Prêmio Internacional da Paz. Para pensar a questão das representações sobre Pelé como omissão em relação à segregação racial, devido aos seus posicionamentos sobre o tema que são criticados

por porção numerosa de ativistas dos movimentos negros, há uma peça filatélica de Pelé emitida por São Tomé e Príncipe, em 2020, celebrando o 30º aniversário da libertação de Nelson Mandela da prisão, um dos episódios mais relevantes dentro do contexto do fim do apartheid.

As emissões postais de Moçambique merecem atenção destacada por parte dos filatelistas especializados em selos do Pelé, não apenas pelo volume de itens, mas, principalmente, pela diversidade estética e temática. Pelé aparece em selos e blocos filatélicos moçambicanos emitidos por ocasião de seu aniversário, pela aproximação de uma edição da Copa do Mundo, em homenagem aos grandes esportistas do século XX, e em memória do futebolista Eusébio. Nestes itens, Pelé surge em ação com a bola, celebrando gols, vestindo uniforme do Santos, do New York Cosmos e da seleção brasileira, de terno e gravata, com a fisionomia mais jovem ou mais idosa. Por essa diversidade, confia-se que, assim como os filatelistas, os pesquisadores interessados nos dilemas em torno de Pelé também deveriam reservar um lugar especial para as emissões moçambicanas, pois o estudo destes objetos parece ter muito a contribuir para a compreensão de conflitos

marcantes que atravessam a imagem de Pelé, tais como os que opõem as representações que o exaltam como “símbolo nacional”, “fonte de prestígio” e “cosmopolita” àquelas que o depreciam como “indigno de falar em nome dos brasileiros”, “fonte de poluição” e “ganancioso”.

Em 2014, o selo conhecido como *British Guiana one-cent magenta* se estabeleceu como o mais caro de todos os tempos ao ser leiloado e adquirido por um anônimo pelo valor de 9 milhões e 480 mil dólares. Mais do que isso, dada a sua leveza, o *British Guiana one-cent magenta* teria possivelmente se consolidado como o material com o maior valor financeiro por peso em gramas já fabricado pelo ser humano. De certa maneira, a sensação, em se tratando de estudar as representações sobre Pelé, é a de que os selos postais apresentam uma concentração simbólica da mesma ordem de grandeza que a concentração financeira condensada no *British Guiana one-cent magenta*. Uma demonstração dessa riqueza simbólica se encontra nas emissões postais de Moçambique expostas a seguir.

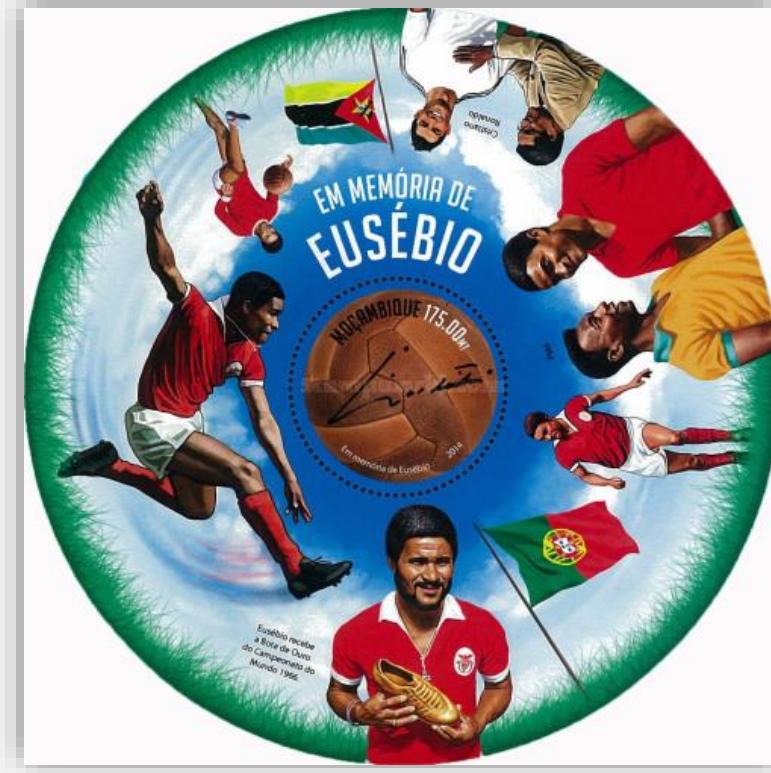


75º aniversário de Pelé

Emissão: 15 abr. 2015



75º aniversário de Pelé
Emissão: 15 abr. 2015



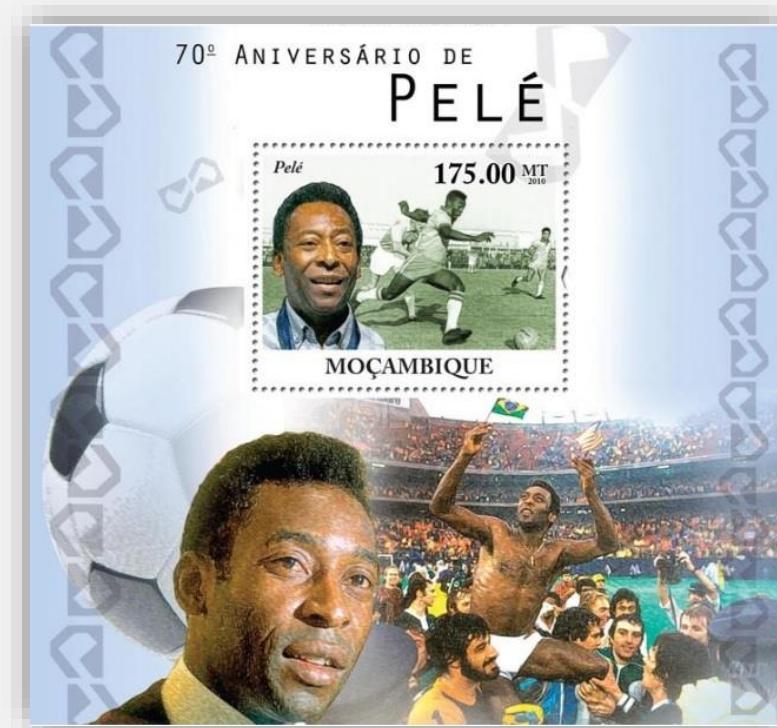
Em memória de Eusébio

Emissão: 25 fev. 2014



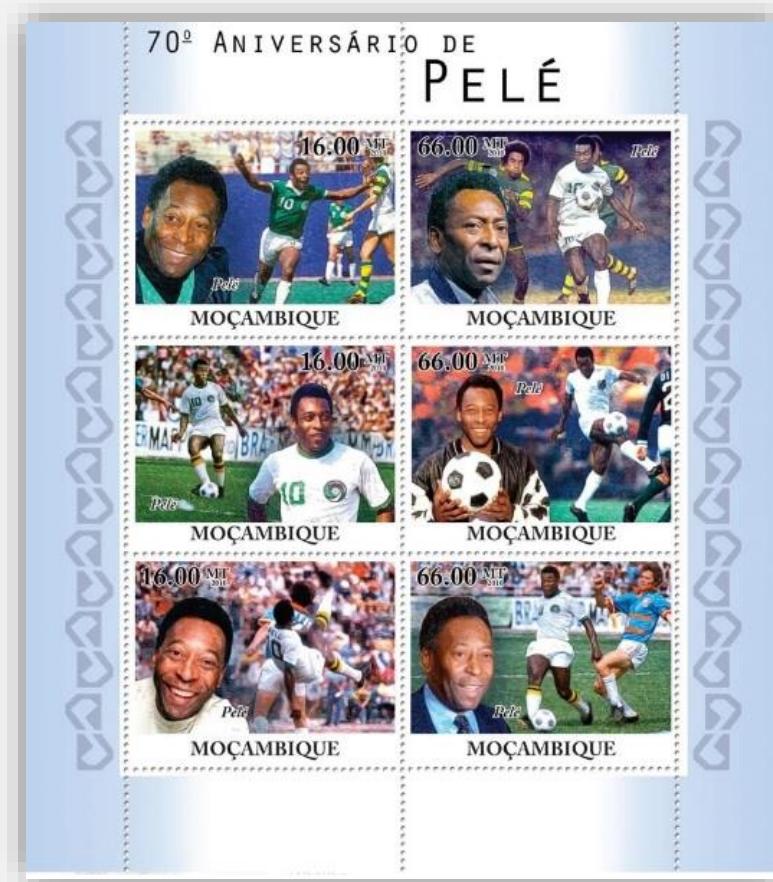
Ícones desportivos do século XX

Emissão: 30 jun. 2011



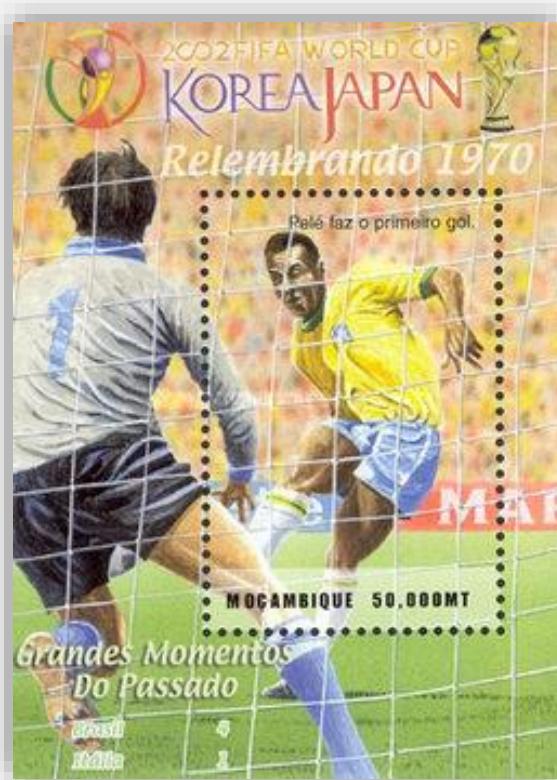
70º aniversário de Pelé

Emissão: 30 nov. 2010

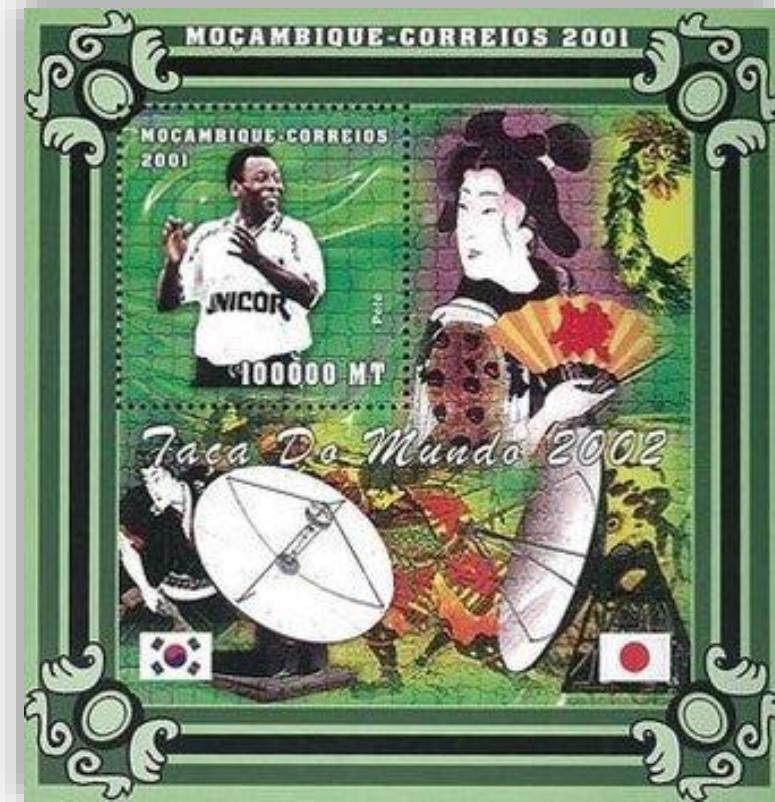


70º aniversário de Pelé

Emissão: 30 nov. 2010



Copa do Mundo da Coreia do Sul e do Japão
Emissão: 6 maio 2002



Copa do Mundo da Coreia do Sul e do Japão
Emissão: 15 nov. 2001

M u t o l a

Paulina Chiziane¹

O Chivambo gostava de contar histórias, mas esta era a sua preferida. Contava-a tantas vezes quantas podia. Uns ouviram-no quando pregava na Igreja Presbiteriana de Chamanculo, lá para os anos 1960. Os colegas ouviram-no no quarto do colégio da missão. Outros ainda ouviram-no de armas nos ombros, na marcha de libertação.

1

Era uma vez...

Um homem apanhou uma águia pequenina. Levou-a para casa e pô-la na capoeira. Educada como uma galinha, a águia até comia a comida dos patos. Comportava-se como uma verdadeira galinha.

Um biólogo passou por ali e exclamou:

— Uma águia na capoeira de galinhas?

— Era uma águia, mas transformei-a em galinha apesar de todo o seu tamanho — respondeu o dono da capoeira, muito vaidoso.

— Não, responde o biólogo. Uma águia é uma águia.

Nasceu para governar o mais alto dos céus.

— Esta? Nunca mais voará!

¹ Paulina Chiziane, nascida em Manjacaze, em 1955, na província de Gaza, Moçambique, vem se destacando como uma das mais renomadas escritoras contemporâneas de Língua Portuguesa, congratulada com Prêmio Camões em 2021. Estreou, em 1990, com a publicação de *Balada de amor ao vento*. Em seguida, publicou, entre outros, *Ventos do apocalipse*, O sétimo

juramento, Niketche: uma história de poligamia, O alegre canto da perdiz, As andorinhas, de onde extraímos esta narrativa, cedida pela autora através da editora brasileira Nandyala, *O canto dos escravizados e Ngoma Yethu: o curandeiro e o Novo Testamento*.

Discutiram. O dono da capoeira teimava e por isso, fizeram a aposta. O biólogo, erguendo a pesada ave, disse:

— Águia, águia, abre as tuas asas e voa.

A ave olhou para todos os lados. Viu o farelo e as galinhas a debicar. Voltou para o chão e continuou a sua vida de galinha. O dono afirmou, contente:

— Viu?

O biólogo teimou.

Fizeram a experiência mais três vezes e nada! A águia era mesmo galinha. Na quinta tentativa, o biólogo obrigou a ave a confrontar o sol enquanto implorava:

— Águia, águia, abre as tuas asas e voa!

A ave real abriu as asas e lançou-se no voo. Subiu, subiu até desaparecer no horizonte.

As águias, como as andorinhas, são filhas da liberdade.

2

— És completamente maluca, Lurdes – diziam as amigas lá do bairro. Tu não és mulher!

— Por quê? O que significa ser mulher? – questionava, incrédula.

— Ah! Mas que pergunta! – diziam com ar de gozo. Será que nunca viste nas revistas, nas novelas?

— Não tenho vontade nenhuma de perder o meu tempo a entrançar cabelos de boneca respondia, zangada.

— Devias, sim, preocupar-te com coisas de mulher. Por exemplo, ser mais sensual. Fazer enxoval. Concluir um curso de cozinha e outro de boas maneiras enquanto esperas um noivo, para casar e fazer filhos. Não é para isso que as mulheres servem?

— Farei tudo isso um dia!...

— Um dia? Vais perder essa juventude toda à espera do tal dia?

Manifesta-se a cegueira humana diante dos seres eleitos. Contemplando os gênios, nós, os vulgares, achamos diferentes, estranhos, curiosos e dignos das mais severas críticas. Diante deles, nos sentimos perfeitos e, vezes sem conta, ferimo-los com os sabres venenosos que residem nas nossas línguas...

— Conheço uma boa estilista, Queres vir?

Não tenho tempo, vou treinar.

Ah, só faltava essa. Não nos venha dizer Sentu sessou seu não tens namorado!...

— As andorinhas, correndo às voltas no céu, me inspiram. Atrás de uma bola no relvado, sinto-me a voar na conquista do mundo. Vou inscrever-me num clube de futebol. Que mal há nisso?

Vais estragar o corpo, Lurdes! Vais ficar com os músculos rijos. Os homens gostam de mulheres de peles lisas como caju. Gostam de músculos suaves como carne de frango. Vais jogar futebol? Enlouqueceste de vez.

— Pode ser que esteja louca, sim. Mas a bola me atrai. Depois dos treinos e da competição, poderemos ir?

Essa é boa! As duas coisas não casam. Ou escolhes uma, ou escolhes outra.

— Tudo bem, vou pensar. Mas, por favor, deixem-me realizar os meus sonhos e seguir a minha estrada.

Ninguém conseguia entender muito bem como é que ela conseguiu entrar num clube de futebol masculino. Devem tê-la aceite por curiosidade ou para experimentar. Ou para perseguir com fidelidade o postulado constitucional no que toca à igualdade entre homens e mulheres. Talvez porque,

nas leis do futebol, se esqueceram de escrever que este desporto era o santuário exclusivo dos homens. Ou simplesmente por lapso, nunca ninguém imaginara tal embaraço!...

No dia da partida, ela jogou futebol com mestria e marcou golos na equipa de homens. E ela jogou com elegância e sem a menor inquietação, para o assombro do mundo.

— Golôôôô!

Mas quem marcou o golo?

Depois do golo tão desejado, o embaraço da equipa. Como podiam eles celebrar a golada com abraços efusivos, abraços, saltos mortais, carregadas nas costas, tal como cabritos felizes rebolando nos prados, se ela era uma mulher? Como podiam abraçá-la, amassá-la, carregá-la, com toda aquela loucura e liberdade, se o corpo de mulher só pode ser tocado apenas pelo seu homem?

Os comentaristas da rádio relatam o fato com vozes sincopadas. Não sabem o que dizer ao certo, não foi ainda desenvolvido o vocabulário jornalístico para golos de mulher. Para remediar a situação, o locutor da rádio diz muitas asneiras.

Ah, que estranho. Nesta vitória, os golos foram de mulher, de homem não – gritava o locutor da rádio. As mulheres, normalmente, não jogam futebol.

O desconforto não tardou a vir dentro da equipa. Porque os homens começavam já a sentir-se menos homens e ela, uma mulher acima dos homens.

— Isto é nefasto para o estado psicológico da equipa, diziam os treinadores. Esta mulher não pode continuar aqui.

O treinador da equipa adversária grita, esbaforido, para os seus jogadores.

Gastei o meu melhor tempo, a minha melhor energia, a treinar uma equipa cacarejante. Se ao menos fossem galinhas poedeiras, poderiam, pelo menos, pôr um golo. Como homens, deviam ser superiores a ela. Ela, sim, tem muito valor. E uma águia numa capoeira de galinhas macho. Não posso suportar semelhante humilhação, demito-me!

O caso desta menina abalou o país inteiro. Os homens defenderam o seu espaço por decreto. Já não pode jogar — disseram. Era o regulamento. Cumpra-se. E assim a Lurdes foi legalmente afastada do santuário dos homens.

As mulheres celebraram o afastamento. Porque ser mulher de verdade é ser a beldade. Maquilhada. Uma miss escovada e lisa como uma boa montada. Os homens celebraram. Porque é mesmo incômodo ter um rival no feminino. Na vitória das mulheres, reside a desonra dos homens.

Pobre Lurdes. Sofreu a pressão das mulheres. Suportou, com dureza, a exclusão dos homens que, elegantemente, a afastaram em nome da lei. Foi discutida em reuniões magnas, onde só entravam os homens de fato e gravata. Discutida nos encontros dos bares, pelas mulheres dos mercados, por jornalistas, comentaristas, desportistas que só falavam do seu caso. Deve ter sido ainda mais difícil ouvir o caso propagado, aos quatro ventos, pelo jornal, rádio, televisão.

Um dia, passou um homem que viu, no meio da equipa, uma jogadora de estatura fenomenal. Aproximou-se dela e disse:

— Menina, tu és um monumento. O teu lugar é entre os deuses.

Na altura, ela não percebeu nada.

Então, o homem a levou para longe da equipa e disse:

— Menina, tu és uma águia! Tu pertences ao céu e não à terra. Abre as tuas asas e voa!

Ela olhou para todos os lados e estremeceu, invadida pelo medo das alturas. E não voou.

Voltou a experimentar, com o olhar fixo no dourado solar. Concentrou-se e lançou-se no voo. Subiu, subiu e se colocou num ponto invisível além do horizonte.

Ela era, afinal, uma águia de ouro.

Águia d’Ouro era também o nome do clube de onde foi afastada por decreto. Os olhos cegos deste mundo não enxergaram a verdade. No clube, afastaram a águia e ficaram com as galinhas macho, por não perceberem que a verdadeira águia de ouro era ela!

3

Na escola, lhe chamam Maria de Lurdes. Outros a tratam simplesmente por Maria. De sobrenome Mutola, porque os ancestrais untavam o corpo com óleo sagrado da mafurra. Eles tolam, untam-se. Por isso, lhes chamaram Mutola, os ungidos pelos deuses!

Depois de deixar o futebol, abraçou outra arte. Tornou-se atleta. No mundo das corridas, chamaram-lhe apenas Maria Mutola.

Mutola coloca os olhos no céu em cada passo e corre, de alma leve e limpa, lubrificada pelo m’tona, o mágico óleo de mafurra. Em cada gesto, elevando a bandeira da nação, na síntese de todos os sonhos de todas as gerações, de toda a gente da nossa terra.

Águia real, ela vai ao encontro dos deuses. De lá, nos traz os cálidos raios de sol que confortam as nossas almas e iluminam as noites das nossas vidas. Vitória aqui, medalha acolá, a nossa bandeira flutuou vitoriosa até alcançar o trono dourado do Zulwine, o Olimpo!

Por isso, cada vez que passa uma águia, as andorinhas bailam no céu e a terra inteira levanta os olhos para o alto em êxtase e delírio:

Obrigada Mutola, que encarnaste o espírito de Mondlane e te lançaste no voo da águia!

Que transformou o próprio corpo em Chivambo.

Filha dos espíritos dos N’wanati, de Kambana, de Dzovo, de Maundlane, de Maxele, de Ngomati, de Nyathe – o grande Zambeze!

Das tuas asas de águia, teceste o Chitlango que nos elevou ao mais alto do Zulwine, onde a morte não existe.

Ungiste o corpo e a alma do nosso povo com o m’tona, óleo sagrado do Olimpo.

Obrigada Mutola, águia dos deuses!



FuLiA/UFMG - revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes

Núcleo de Estudos sobre Futebol Linguagem e Artes da
Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais



Colaboração



Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
Abril de 2022